SCRIPTA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor Especial da

Reitoria:

José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do

Reitor:

Paulo Roberto de Souza

Extensão – Wanderley Chieppe Felippe; Gestão Financeira – Paulo Sérgio Gontijo do Carmo; Graduação – Maria Inês Martins; Logística e Infraestrutura – Rômulo Albertini Rigueira; Pesquisa e Pós-Graduação – Sérgio do Marris Hapriot, Paguraga Haprana, Sérgio Silvaira

de Morais Hanriot; Recursos Humanos – Sérgio Silveira

Martins; Arcos – Jorge Sundermann; Barreiro – Renato Moreira Hadad; Betim – Eugênio Batista Leite; Contagem – Robson dos Santos Marques; Poços de Caldas – Iran Calixto Abrão; São Gabriel – Miguel Alonso de Gouvêa

Valle; Guanhães e Serro - Ronaldo Rajão Santiago

Secretário de Comunicação:

Pró-Reitores:

Mozahir Salomão Bruck

Secretário-Geral:

Ronaldo Rajão Santiago

Secretária de

Cultura e Assuntos

Maria Beatriz Rocha Cardoso

Comunitários:

Secretário de

Planejamento e

Carlos Barreto Ribas

Desenvolvimento

Institucional:

Diretora do Instituto de Ciências Humanas:

Carla Santiago Ferretti

Chefe do

Departamento de

Juliana Alves Assis

Letras:

Coordenadora do

Programa de Pós- Juliana Alves Assis

Graduação em Letras:

Coordenadora do

Centro de Estudos Raquel Beatriz Junqueira Guimarães

Luso-afro-brasileiros:

EDITORA PUC MINAS

Conselho Editorial: Edil Carvalho Guedes Filho; Eliane Scheid Gazire;

> Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros; Flávio de Jesus Resende; Javier Alberto Vadell; Jean Richard Lopes; Leonardo César Souza Ramos; Lucas de Alvarenga Gontijo; Luciana Lemos de Azevedo; Márcia Stengel; Mariana Teixeira de Carvalho

Moura

Meire Chucre Tannure Martins; Mozahir Salomão Bruck; Pedro Paiva Brito; Sérgio de Morais Hanriot

Núcleo de apoio aos periódicos (NAP) Alda Verônica G. de Miranda; Javier Alberto Vadell; Rodrigo Baroni de Carvalho; Terezinha

Taborda Moreira; Raquel Beatriz Junqueira

Guimarães.

Diretora: Mariana Teixeira de Carvalho Moura

Jefferson Ubiratan de Araújo Medeiros

ESTUDOS

LUSO-AFRO-BRASILEI-

30535-901

Revisão/preparação dos

Dom

CESPUC

Imagem da capa:

Eduardo Assis Martins originais:

Capa e diagramação: Jefferson Ubiratan de Araújo Medeiros

DE

500,

Gaspar, Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil • Tel.: (31) 3319-4368 • E-mail: cespuc@pucminas.br

CENTRO

losé

EDITORA PUC MINAS — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais • Rua Dom Lúcio Antunes, 180, Coração Eucarístico • 30535-490 • Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil • Tel.: (31) 3319-9904 Fax: (31) 3319-9907 • E-mail: editora@pucminas.br.

SCRIPTA

LITERATURA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas

ANTONIO CANDIDO Professor, crítico e político

Organizada por Márcia Marques de Morais Colaboração de Adelia Bezerra de Menezes









Scripta é uma publicação quadrimestral do Departamento de Letras da PUC Minas, do Programa de

Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros - Cespuc -MG. A revista

publica números alternados com matéria de Literatura ou de Linguística, o que se indica

no subtítulo: I – Literatura; II – Linguística.

Comissão de publicações:

Presidente: Ivete Lara Camargos Walty

Editora geral da revista **Scripta**: Raquel Beatriz Junqueira Guimarães

Editora da revista **Scripta** de Linguística: Juliana Alves Assis

Editora da revista **Scripta** de Literatura: Terezinha Taborda Moreira

Secretárias: Ev' Angela Batista Rodrigues de Barros

Sandra Maria S. Cavalcante

Conselho Editorial:

Dra. Adriana Fischer (FURB)

Dra. Adriane Teresinha Sartori (UFMG)

Dra Adelia Toledo Bezerra de Menezes

Dr. Adilson Ribeiro de Oliveira (IFMG)

Dra. Ana Elisa Ribeiro (CEFET-MG)

Dra. Ana Maria e Mattos Guimarães (UNI-

SINOS)

Dra. Ana Maria Nápoles Villela (CEFET-MG) Dra. Anna Christina Bentes da Silva (UNI-

CAMP)

Dr. Benjamin Abdala Junior (USP)

Dra. Delaine Cafiero Bicalho (UFMG)

Dra. Dora Riestra (UNRN)

Dra. Dorotea Frank Kersch (UNISINOS)

Dr. Edimilson de Almeida Pereira (UFJF)

Dra. Elzira Divina Perpétua (UFOP)

Dra. Eneida Rego Monteiro Bonfim (PUC-

-RJ)

Dra. Enilce do Carmo Albergaria Rocha (UFJF)

Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin

(UFC) Dra. Ev'Angela B. R. de Barros (PUC Minas)

Dra Fabiana Cristina Komesu (UNESP)

Dr. Francisco Noa (UEM)

Dr. Gilcinei Teodoro Carvalho (UFMG)

Dr. Hugo Mari (PUC Minas)

Dra. Ida Maria Santos Ferreira Alves (UFF)

Dra. Jane Fraga Tutikian (UFRGS)

Dra. Jane Quintiliano Guimarães Silva (PUC

Minas)

Dra. Laura Cavalcante Padilha (UFF)

Dra. Lília Santos Abreu-Tardelli (UNESP)

Dra. Lilian Aparecida Arão (CEFET-MG)

Dr. Luis Maffei (UFF)

Dr. Luiz Carlos Travaglia (UFU)

Dra. Luzia Bueno (USF)

Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP)

Dr. Marco A. de Oliveira (PUC Minas)

Dra. Maria Angela P. T. Lopes (PUC Minas)

Dra. Maria Beatriz N. Decat (UFMG)

Dra. Maria das Graças R. Paulino (UFMG)

Dra. Maria Helena de Moura Neves (UNESP)

Dra. Maria Teresa Salgado (UFRJ)

Dra. Maria Theresa Abelha Alves (UFRJ)

Dra. Maria Zilda Ferreira Cury (UFMG)

Dra. Marta Passos Pinheiro (CEFET-MG)

Dra. Patrícia R. T. Baptista (CEFET-MG)

Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes (UFOP)

Dra. Prisca A. de Almeida Pereira (UFJF)

Dra. Regina Zilberman (UFRGS)

Dra. Renata Flavia Silva (UFF)

Dra. Renata Soares Junqueira (UNESP)

Dr. Renato Caixeta da Silva (CEFET-MG)

Dr. Rogério Barbosa da Silva (CEFET-MG)

Dra. Rosane de Andrade Berlinck (UNESP)

Dra. Sandra M. S. Cavalcante (PUC Minas)

Mais...

Indexadores: Latindex, Ulrichs, Clase, MLA, LLBA, Icap, Dialnet, Redib, DOAJ, Diadorim, WorldCat, EZB, CIRC, Erihplus, MIAR.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

S434

Scripta – v. 1, n. 1, 1997 – Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2019.

e-ISSN 2358-3428

Quadrimestral

- 1. Literaturas de língua portuguesa Periódicos. 2. Língua portuguesa Periódicos.
- I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Letras. II. Centro de Estudos Luso-afrobrasileiros.

CDU: 82.03(05)

Sumário

Editorial

Antonio Candido, no tempo da delicadeza Márcia Marques de Morais	10
De leituras e críticas	
Comentários a "Martírio e Redenção" de Antonio Candido Adelia Bezerra de Meneses	29
Antonio Candido ou direito à poesia Waltencir Alves de Oliveira	42
Candido e Freud: fragmentos do vivido em Boitempo I Cleusa Rios P. Passos	69
Recortando Antonio Candido Letícia Malard	. 90
Antonio Candido e Mário de Andrade (anotações preliminar Edu Teruki Otsuka	
Formação da literatura nacional: balizas histórico-culturais Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto	141
O diálogo crítico de Ángel Rama e Antonio Candido na perspectiva da hermenêutica de Gadamer Ney A. G. Canani	167

e"Lıções do mestre": da tradução como viagem e	
da literatura como direito	
Marcel Vejmelka	200
Uma comparação entre as análises de	
Antonio Candido e Roberto Schwarz	
sobre José de Alencar	
Ana Karla Canarinos	219
Os menores na leitura e os pormenores na escrita de	
Antonio Candido	
Simone Guimarães Matheus	244
Do afeto	
Um mestre inesquecível	
Antonio Arnoni Prado	260
Duas lembranças bem guardadas	
Roberto Gambini	268
Antonio Candido militante	
Frei Betto	284
Antonio Candido, uma amizade	
Antonio Carlos Fester	291
Ao mestre, com saudade	
Ligia Chiappini	319

Notas sobre a "Ocupação Antonio Candido"	
Walnice Nogueira Galvão	346
De entrevistas	
Antonio Candido por ele mesmo:	
a entrevista como momento de mediação	
Marcos Rogério Cordeiro e	
Ivanete Bernardino Soares	. 354
Entrevista de Antonio Candido sobre Jurandir Ferreira	
Ludmila Menezes Zwick	389
Antonio Candido. Entrevista concedida a Joana Tavares	
"O socialismo é uma doutrina triunfante"	
Jornal Brasil de Fato	402

Editorial

Antonio Candido, no tempo da delicadeza

Márcia Marques de Morais*

Resumo

Este texto, à guisa de Editorial, tem três objetivos. No primeiro momento, pretende historiar, com brevidade, o surgimento do projeto de organizar esta edição 49 da Revista SCRIPTA, em homenagem a Antonio Candido, com textos que privilegiassem três eixos do trabalho do intelectual: o Professor, o Crítico, o Político, e constata o imbricamento dessas três vertentes na vida e produção intelectual do homenageado. Para além dessa constatação, registra enfaticamente o afeto que permeia suas experiências, seus testemunhos, sua convivência e sua escrita. Em um segundo momento, apresenta, muito sucintamente, os artigos selecionados para a publicação, bem como as entrevistas e textos a que se chamou "Do afeto". Em seguida, vale-se da oportunidade de relatar duas experiências pessoais com Antonio Candido que evidenciam a "reversibilidade" entre literatura e vida. Para tanto, vale-se de ensaio do autor sobre jagunços mineiros ("Jagunços mineiros: de Cláudio a Guimarães Rosa"), cuja exposição – escrita a partir de aulas e palestras em curso ministrado na USP –, enlaça, afetuosamente, vida e literatura

Palavras-chave: Antonio Candido: vida e obra. Humanismo. Testemunho.

^{*} Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo – USP.

Antonio candido, in the time of delicateness

ABSTRACT

This text, by way of Editorial, has three goals. In the first moment, it intends to briefly contextualize the project of organizing this 49th issue of SCRIPTA, in honour of Antonio Candido, with texts that favoured three axes of his intellectual work: The Teacher, The Critic, The Political, pointing to the interweaving of these three aspects into his life and intellectual production. Beyond this evidence, it emphatically records the affect that permeates his experiences, testimonies, conviviality and writing. In a second moment, it presents, very succinctly, the papers that were selected for publication, as well as interviews and texts organized under a section called "Of Affection". Next, it gives an account of two personal experiences with Antonio Candido that highlight the "reversibility" between life and literature. For this purpose, it draws on the Candido's essay about the jagunços of Minas ("Jagunços Mineiros: De Cláudio a Guimarães Rosa"), whose writing - took from classes and lectures given at USP -, affectionately intertwines life and literature.

Keywords: Antonio Candido: life and work. Huminsm.

Esta nossa SCRIPTA, edição 49, nasce da ideia e do coração da PUC Minas, especialmente do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros (CESPUC), de homenagear, com um número de sua Revista, Antonio Candido, que nos deixou em 2017, permanecendo indelevelmente entre nós, com suas lições de "sala de aula", sua crítica e, mais ainda, com suas lições de vida. Cientes de que homenagens como esta já foram e o são constantes e múltiplas nos meios universitário e jornalístico, ainda assim, estamos convencidos de que sempre haverá motivos para "matéria de memória" e matéria de divulgação da trajetória de um sujeito exemplar, tanto em relação ao trabalho que realizou quanto em relação às ideias que defendeu e sobre as quais nos faz refletir.

Para dar corpo a este trabalho, a Editoria da SCRIPTA convidou como colaboradora a professora Adélia Bezerra de Meneses (USP/UNICAMP) e a mim, para trabalharmos juntas em função da publicação deste número da Revista.

Passamos, assim, ao planejamento inicial dela, pensando em solicitar artigos que se organizassem em torno de três eixos de abordagem – Antonio Candido: o Professor; o Crítico; o Político –, sabendo, de antemão, que a própria vida em sua inteireza e integridade se incumbe de entretecer essas direções.

O convite à Professora Adélia, prontamente aceito como amiga, discípula e ex-orientanda do professor Antonio Candido, foi imprescindível a esta edição que agora vem a público. Sua história com e ao lado de Candido, bem como seus contatos e convívio com pessoas do meio universitário e extramuros universitários, deram à Revista uma outra e nova feição, relativamente à homenagem desejada pelo Programa de Pósgraduação em Letras da PUC Minas e pelo CESPUC. O afeto,

inerente às manifestações sobre Antonio Candido e/ou sua obra, passou, ele mesmo, a figurar ou como um quarto eixo, ou, mais ainda, como amálgama entre textos.

Adélia, a partir de agora, referida sem as formalidades convencionais, por ser, ela mesma, parte desse afeto, não assina comigo este editorial, meio torto como gênero, pois preferiu assinar o texto que abre esta SCRIPTA, texto que garimpou, obteve permissão quanto aos direitos autorais para torná-lo público e comentou, contextualizando-o neste momento político grave por que passa o Brasil, já dando, de início, um dos tons – talvez o mais grave! –, solicitados ao leitor desta SCRIPTA.

Esse texto conversará com outros no interior da Revista, enlaçando-os e evidenciando o eixo Antonio Candido, Político: nessa vertente se poderá ler a entrevista de Antonio Candido ao jornal Brasil de Fato, cuja licença para republicação foi obtida também pela incansável colaboradora, que conseguiu sua liberação para publicação em revista. Como se não bastasse, é ainda da lavra de Adélia a pesquisa por imagens que viessem a dar ainda mais visibilidade às questões políticas tratadas pelos textos de Candido (perceba-se, na ilustração do artigo, foto liberada por Sebastião Salgado) bem como as fotos de seu arquivo pessoal que dão mais luz, mais brilho - ilustram - as matérias a que chamamos "Do Afeto": depoimentos, memórias, gratidão de Antonio Arnoni Prado (UNICAMP); Roberto Gambini (psicanalista); Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo); Antonio Carlos Fester (Comissão de Justiça e Paz/ Educador em Direitos Humanos); Ligia Chiappini (USP/Freie Universität Berlin) e Walnice Nogueira Galvão (USP).

Voltando ao eixo político, ao lado da matéria do **Jornal Brasil de Fato**, vamos encontrar artigo sobre o gênero entrevista

como possibilidade de leitura do perfil do entrevistado, no caso, um Antonio Candido em sua própria enunciação; ainda se poderá ler outra entrevista em que Candido é o entrevistado sobre um escritor de Poços de Caldas, uma das cidades do coração, para onde se mudou aos dez anos e meio de idade.

Assim, percebidas essas duas vertentes dos textos desta Revista – a política e a afetiva, organizadas em dois eixos ("De entrevistas" e "Do afeto") que se imbricam, misturam-se, como é próprio da vida real –, passamos à seção que nos apresentará artigos sobre leituras de ficção e crítica literária de autoria de Antonio Candido, ou nelas inspiradas. A essa seção intitulou-se "De leituras e críticas", inaugurada com o texto inédito do Mestre, "Martírio e Redenção", comentado por Adélia, como já se adiantou.

O texto seguinte privilegia Antonio Candido, professor que se "escuta" (realço) em **Na sala de aula** e militante, a pregar, propagar **O direito à literatura**. Essa ordenação teve um propósito, bem institucional e político – é também o da luta da PUC Minas quanto ao direito à sala de aula e, nela, a leitura transformadora da literatura, da poesia.

Seguem-se textos que, dialogando com a crítica de Candido, têm cada um deles sua inclinação: a leitura em uma vertente psicanalítica, de poemas de Drummond (Cleusa Rios P. Passos); uma leitura "recortando" a obra **Recortes** (CANDIDO, 1993), que reúne ensaios do Crítico (Letícia Malard); o diálogo entre Mário de Andrade e Antonio Candido quanto a aspectos críticos (Edu Teruki Otsuka); uma leitura "historiográfica" apoiada no marco fundador com que Candido nos brindou em **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos** (Maria Célia Leonel e José A. Segatto); um diálogo crítico entre Angel Rama

e Antonio Candido (Ney A. G. Canani); a apresentação de lições do mestre, evidenciando questões de tradução de textos de Antonio Candido (Marcel Vejmelkma); uma "conversa" entre A. Candido e Roberto Schwarz sobre leituras de Alencar (Ana Karla Canarinos), e uma leitura de novela de Guimarães Rosa, inspirada no trabalho crítico de Antonio Candido (Simone Guimarães Matheus).

Esta é a nossa SCRIPTA, homenagem a Antonio Candido que ora é oferecida à leitura do público leitor de ficção, de crítica literária, comprometido com a função transformadora da literatura, um dos direitos fundamentais do ser humano.

No entanto, este texto pretende ser mais que uma apresentação da Revista SCRIPTA.

Valho-me deste "editorial", para, também, em depoimento, narrar dois momentos, curtos, mas intensamente vividos com Antonio Candido (um primeiro, a distância, por cartas, e um segundo, em uma visita), que me proporcionaram, respectivamente, amigo que assina um dos textos em "Do Afeto" e Adélia, colaboradora imprescindível a esta Edição.

Minha intenção é, em suma, reafirmar literatura como vida que costura reflexão e ação; leituras e escrita; sujeito e sociedade; crítica literária e sociológica; catarse e empenho, "grandezas" sempre reversíveis, no afã de dizer do dialético, do dialógico, como posturas inerentes à transformação do homem humano, sempre em travessia.

Nesse sentido, volto-me ao texto crítico de Candido "Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa" (CANDIDO, 2004), que, ainda uma vez, privilegia a dicção do professor, referenciando o ensaio como parte de um curso: "A violência habitual, como forma de comportamento ou meio de vida,

ocorre no Brasil através de diversos tipos sociais, de que o mais conhecido é o cangaceiro da região nordestina, devido a circunstâncias já apontadas **neste curso**." (CANDIDO, 2004, p. 99. Destaque meu).

Já, de início, percebe-se a reiterada posição política do Crítico, ao considerar, ao lado de "forma de comportamento", a violência, no Brasil, como " meio de vida". Entretecem-se, portanto, nesse breve parágrafo introdutório do capítulo, o crítico, o político e o professor, sublinhando uma "escrita de vida", no trabalho do autor.

O texto em questão não será objeto aqui de outras considerações importantes que sua leitura solicitaria. Ele, como se verá, seria quase pretexto para, "trabalhando a terra", poder sorver o vinho entornado, em uma metáfora bebida no poemacanção "Fantasia", de Chico Buarque, uma das composições de Chico no CD **Terra** (FANTASIA, 1997), ilustrado por fotografia de Sebastião Salgado. Na referida produção de Chico, a fantasia é lugar de consolar-se de um estado de coisas, de fingir que a dor não existe, "ao som de uma canção/Então, eu te convidaria/ pra uma fantasia/ Do meu violão".

É assim que, trilhando o texto, em que se alude às mazelas de um Brasil, em percurso que leva em conta jagunços mineiros desde o século XVIII, para culminar com os jagunços rosianos, o Crítico trata da (des)ordem da lei; da co(n)fusão entre poder público e ordem privada; de (des)mandos do coronelismo. Percebe-se, no modo de ser jagunço, a realidade socio-histórica mediada e estetizada na/pela ficção, e é como se lêssemos, ainda, o Brasil da contemporaneidade.

Ao destacar o jagunço rosiano no romance, referese, então, pela segunda vez, em sua Crítica, ao princípio da reversibilidade, já o tendo feito no texto de 1957, "O sertão e o mundo", republicado depois, como "O homem dos avessos", textos críticos seminais para a leitura de **Grande sertão: veredas**. Aliás, essa reversibilidade, categoria tão cara ao crítico, lida, em um primeiríssimo momento da recepção de **Grande sertão: veredas**, aponta traço importante das leituras literárias de Candido: seus *insights* críticos originais e antecipatórios.

No ensaio crítico em questão, tendo contextualizado "os valentões" da literatura em obras cuja visão do jaguncismo reveste-se de cunho realista e pitoresco, Candido decreta um outro modo de ver a realidade jagunça, a partir de **Grande sertão:** veredas. O romance se nos apresenta carregado de "valores simbólicos", cujo ponto de partida é, sim, a realidade física e social, não significando, no entanto, que seja obra realista.

Encontra, então, no princípio da reversibilidade que, segundo ele, parece reger a estrutura do livro, um/o ponto de partida para o deslocamento, deslizamento, do que seria precisão e realismo para o mistério e o símbolo. Argumenta com o jagunço fluido e ambíguo, cavaleiro e bandido. Desenha o jagunço no sertão como dotado de um comportamento guerreiro e aventureiro em função do meio em que vive, batalha, mas que se caracteriza também com atributos que negam essa "barbárie". Há neles uma espécie de dignidade, muitas vezes não encontrada nos cidadãos ditos civilizados, faz-nos refletir Antonio Candido.

Conclui afirmando que "há em Guimarães Rosa um ser jagunço como forma de existência, como realização ontológica no mundo do sertão" (CANDIDO, 2004, p. 113-114), acentuando que esse jagunço encarna as contradições do mundo-sertão, o que não significa, de modo algum, deformação. No jagunço apenas se atualizariam possibilidades atrofiadas do ser, porque

o sertão o exigiria. O comportamento do jagunço rosiano é uma forma de ser no mundo; por ele, a realidade social se contamina com preocupações também metafísicas.

Nessa pauta, Candido leva seu leitor a refletir sobre o quanto cada um de nós se identifica com Riobaldo, diferentemente de outros jagunços da literatura que antecedeu à produção rosiana, e afirma: "[...] todos nós somos Riobaldo, que transcende o cunho particular do documento, para encarnar os problemas comuns da nossa humanidade, num sertão que é também o nosso espaço de vida." (CANDIDO, 2004, p. 115).

Sobre as identidades especulares – jagunços e nós mesmos –, para reiterá-las, recorre à afirmativa de Riobaldo: "Se 'o sertão é o mundo', como diz ele a certa altura do livro, não é menos certo que o jagunço somos nós." (CANDIDO, 2004, p. 115).

Terminada a leitura do ensaio, o texto continua a provocar no seu leitor inúmeras reflexões sobre consciência e humanismo, apontando um jagunço, Riobaldo, e, por projeção, cada um de nós, homem humano" construindo-se/nos na operação dialética que confronta a ciência do bem e do mal, para enfrentar o dilaceramento do eu que faz par com o dilaceramento do mundo.

Até aqui, intentou-se breve e "pedestre" paráfrase (como já nos alertara o Crítico quanto a esse gênero discursivo) do ensaio sobre os jagunços mineiros. De um lado, objetivou-se reiterar o humanismo como operador privilegiado das leituras de Candido, de outro, o intento foi pedir "carona", no final do referido ensaio e, por associação, chegar ao primeiro depoimento prometido no início deste texto.

Ao final de seu texto, escrito a partir de curso que lecionou, Antonio Candido, no intuito certamente de aproximar tempo e espaço dos estudantes aos tempos e espaços dos textos literários sobre jagunços mineiros e, mais que isso, para avivar as aulas com o afeto que lhes era peculiar, conta alguns casos sobre jagunços mineiros, bebidos em experiências de sua infância.

Conta que, no sudoeste de Minas, ainda viu pelo menos um bando de jagunços, comandado por um coronel facínora, mandante de muitas mortes, fazendeiro de fazenda fortificada e cheia de subterrâneos secretos e chefe político da vila próxima. Viu ainda o corpo baleado de um adolescente, passar ensanguentado, coberto por um lençol, em cima de uma escada na horizontal à guisa de maca, e que procedia como jagunço a mando do padrinho, um coronel.

E tempera a narrativa, literariamente, ao escrever que não chegou a alcançar os tiroteios de há vinte anos:

Mas ainda vi jagunços de renome, empreiteiros de morte ou simples valentões guarda-costas, nas suas bestas arreadas, na flama dos seus pelegos de cor, dos seus bastos prateados e dos seus dentes de ouro. E que, no entanto, sorriam com bondade aos meninos e até os passeavam no santo-antônio, para depois morrerem com o corpo crivado de balas, nas tocaias da polícia ou dos adversários. (CANDIDO, 2004, p. 123).

Como não pensar no jagunço Riobaldo? E mesmo no Damásio, de " Famigerado"? Como não pensar em cada um de nós, homem humano, em sua travessia pelo eu e mundo dilacerados? Como não exercitar o humanismo em nós, parte que somos, todos incluídos, dessa gente?

Em uma outra cidade, mais ao sul (como referido por ele), Candido se põe como contemporâneo de atrocidades cometidas por bandos armados para ajuste de contas entre políticos, aproveitando baderna de uma revolução: esperou durante pelo menos uma noite o assalto iminente prometido para sua cidade, enquanto seu pai, desarmado e calmo, resistia incólume, apesar de ameaçado, tendo ido buscar, a cem quilômetros, carabinas para a defesa do município, cedidas por um oficial, "cujo nome vem referido por Riobaldo", em sua narrativa. Quem seria? Quem será?

Esse tom familiar com que encerra seu texto para enfatizar o jagunço em sua humanidade – o que soa estranho, à primeira vista, a quem já se acostumou com a "megera cartesiana" a categorizar "o mundo misturado", em "bons" e "maus" – nos faz aprender com o Professor a leitura de vida que permeou todo seu trabalho crítico, que, não perdendo de vista a estética, contemplou o empenho da literatura e foi, também, nisso político.

É com ele também que pretendo encerrar este "editorial", com os dois prometidos depoimentos. Vamos a eles.

Em 2007, fico sabendo dos elogios que Candido fizera à goiabada com queijo, a que o mineiro chama "romeu e julieta", sobremesa enviada por mim aos anfitriões (Arnoni e Malu) de um almoço de confraternização. Fiquei feliz por, ainda que indiretamente, ter feito chegar até o Professor, o reconhecimento pelo prazer, pelo "gosto" que sempre me proporcionou com suas lições como Crítico. Com muita vontade de repetir essa experiência, arrisquei-me a perguntar ao Arnoni se seria excessivo ou invasivo, enviar a Candido outra sobremesa, tendo sido reforçada pelo amigo quanto a meu intento.

Da intenção ao gesto, fui rápida. Enviei-lhe, pelos amigos, a goiabada com queijo e uma "cartinha", digitada assim, em 18 de abril de 2007:

Caríssimo Professor Antonio Candido

Esta amiga do Arnoni e da Malu foi tomada de alegria muito grande, quando soube que, no almoço de confraternização com o senhor, o casal e outros professores do seu "gadinho" (lembra-se dessa sua carinhosa referência a seus ex-orientandos, num encontro na UNICAMP?; fiquei sabendo disso por intermédio de outra nossa grande amiga — Adélia...), o senhor gostou muito da goiabada com queijo que, a pedido da Malu, garimpei aqui nestas terras de Minas...

Assim, tendo achado uma outra goiabada, quem sabe, similar àquela, pelo menos quanto à fama, quis fazê-la chegar a suas mãos.

Titubeei na minha ousadia, mas, confessando-a ao Arnoni, fui reforçada nesse capricho pelo querido amigo.

Do desejo ao ato foi um átimo..., para não recuar.

Portanto, aí vai um romeu-e-julieta gustativo, na esperança de que, com açúcar e com afeto, possa manifestar-lhe minha admiração – grande! – e meu agradecimento – especial – pelas lições de literatura e, mais que isso, de vida que me/nos tem legado.

Receba, pois, a amizade da

Márcia

P.S – Um lembrete: quando, numa certa noite de agosto de 2005, o senhor telefonou para a casa da Malu, para ter notícias da saúde do Arnoni, fui eu quem atendi o telefonema, e o senhor, como lhe é próprio, modestamente se apresentou: " – Aqui é o Antonio Candido". Impactada, dei-me a conhecer, eu mesma, como ex-orientanda do João Lafetá e do Davi, ao que ouvi: "– Então, você é minha neta!".

Ganhei o dia ...e a noite! (MORAIS, 2007, p. 1).

A resposta de Candido a esse meu gesto chegou-me em carta, cuja foto ilumina (Figura 1), ilustra este texto e cuja transcrição aqui está:

São Paulo, 4 de junho de 2007

Cara colega Márcia Moraes:

A sra. me deu grande prazer enviando exemplares de alta qualidade do par que mereceu ser transposto em termos de ninguém menos que Skakespeare. Muito e muito obrigado. Prazer ainda maior me deu a sua carta encantadora, cheia de afetuosa naturalidade. De novo, muito e muito obrigado.

Para mim, os doces tradicionais têm um significado que vai além da fruição gustativa, porque lembram os rituais da sua fabricação sulmineira, com o dono e a dona da casa, mais os filhos, os empregados, as visitas que chegassem na hora sentados em roda para raspar os figos, "cascar" as laranjas, as goiabas, os pêcegos, os marmelos que, depois de passarem pelos batismos do tacho, acabariam nas latas soldadas, datadas, numeradas, armazenadas para o correr do ano. Hoje tudo isso deve ter acabado, mas para os quase nonagentários, como eu, a degustação se sublima em recapitulação afetiva do tempo perdido.

Vivi até dez anos e meio na pequena cidade de Santa Rita de Cássia, hoje apenas Cássia, que se desprendeu de Passos, no fim do século XIX em parte por obra de meu bisavô. Lá havia uma técnica de "dar o ponto" da goiabada que vinha de longe e na qual havia especialistas exigentes, como meu tio e padrinho Antonio Candido de Mello Carvalho, que na hora certa era chamado para esta delicada operação. As mulheres se afastavam e ele, concentrado, efetuava a operação decisiva... Depois fomos morar em Poços de Caldas, onde participei com parentes de lá das mesmas sessões de preparo das frutas, mas onde o ponto era dado pelas senhoras (aliás, irmãs de meu padrinho).

Mas não quero cansá-la com estas reminiscências de um mundo perdido. Quero apenas terminar pedindo-lhe que aceite um exemplar de meu último livro e outro de minha falecida mulher",1 que em solteira tinha parte de seu sobrenome: Gilda de Moraes Rocha.

Muito afetuosamente,

Antonio Candido (CANDIDO, 2007, p. 1).

Os livros referidos são, respectivamente, O albatroz e o chinês (2004) e O tupi e o alaúde (2003).

Figura 1

São Paulo, 4 de junho de 2007

Cara colega Márcia Moraes:

A sra, me deu grande prazer enviando exemplares de alta qualidade do par que mereceu ser transposto em termos de ninguém menos que Shakespeare. Muito e muito obrigado. Prazer ainda maior me deu a sua carta encantadora, cheia de afetuosa naturalidade. De novo, muito e muito obrigado.

Para mim, os doces tradicionais têm um significado que vail além da fruição gustativa, porque lembram os rituais da sua fabricação sul-mineira, com o dono e a dona da casa, mais os filhos, os empregados, as visitas que chegassem na hora sentados em roda para rasper os figos, "cascar" as laranjas, as goiabast, os pêcegos, os marmelos que, depois de passarem pelos batiemos do tacho, acubriam nas latas soldadas, datadas, numeradas, armazenadas pará o correr do ano. Hoje tudo isso deve ter acabado, mas para os quase nonagenários, como eu, a degustação as sublima em recapitulação afetiva do tempo perdido.

Vivi até dez anos e meio na pequena cidade de Santa Rita de Cássia, hoje apenas Cássia, que se desprendeu de Passos, no fim do século XIX, em parte por obra de meu bisavô. Iá havia uma técnica de "dar o ponto" da goiabada que vinha de longe e na qual havia especialistas exigentes, como meu tio e padrinho ântonio Candido de Mello Carvalho, que na hora certa era chamado para esta delicada operação. As mulheres se afastavam e ele, concentrado, efetuava a operação decisiva... Depois fomos morar ma sessões de preparo das frutas, mas onde o ponto era dado pelas senhoras (altás, irmãs de meu padrinho).

Mas não quero ca**n**sá-la com estas reminiscências de um mundo perdido. Quero apenas terminar pedindo-lhe que aceite um exemplar de meu último livro e outro de minha falecida mulher, que em solteira tinha parte do seu sonrenome: Gilda de Moraes Rocha.

Muito afcheoramente,

Antonio Candido

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Assim, pela memória, revisita-se a mesma cidade em que Cândido viveu sua infância até os dez anos e meio (Santa Rita de Cássia, ou simplesmente, Cássia, como ele prefere) e para onde se mudou da cidade natal, o Rio de Janeiro, aos oito meses. Reencontra-se também com Poços de Caldas (para onde se transferira seu pai), quando ele tinha dez anos e meio.

As duas cidades referidas, no fecho do ensaio "Jagunços mineiros: de Cláudio a Guimarães Rosa", localizadas, respectivamente, no sudoeste de Minas e em outro ponto mais ao sul (CANDIDO, 2004), são, agora, nessa afetuosa carta-resposta, cenários também das reminiscências. Se, no ensaio, a narrativa tendia ao épico, na carta, é o lírico que encontra seu lugar. Um lirismo de contaminação proustiana em busca do tempo perdido, deslocando-se pelo sentido do gosto — o trincar a *madeleine* agora desliza da alusão à goiabada, motivo da carta-agradecimento, para a memória de doces em calda e do ponto de outra goiabada de doce lembrança, a dizer de um tempo de afeto. Afeto, marca das incursões de Candido como Professor, Crítico e Político.

O segundo depoimento prometido vai narrar uma visita ao Professor, presente que devo à amiga comum e rara, Adélia, que colabora generosamente com esta edição e que a inaugurou com comentários ao texto inédito de Candido, "Martírio e Redenção".

Convidada por ela, não saberia precisar o ano, entre 2008 e 2010, fomos visitar o Professor, em sua residência, na Alameda Joaquim Eugênio de Lima, em São Paulo.

Depois de ouvi-los sobre momentos afetuosos passados no grupo do orientador e seus ex-orientandos, sobre política – a propósito da qual Candido nos mostrava, em um misto de admiração e orgulho, em uma pilha de jornais estrangeiros, a repercussão positiva do Brasil no exterior por conta do então Presidente da República – e sobre Literatura, acentuando seu gosto e hábito de reler livros que o marcaram, fomos ao chá.

A mesa já posta nos esperava, e ele dirigiu-se à cozinha para preparar o chá "de açúcar e afeto", sorvido com sequilhos, *madeleines* para viagens a um tempo que viria a nos deixar tantas saudades...

Terminado o chá, chamou-me a uma janela onde apontou, através da vidraça, para um açougue, no térreo de um prediozinho em frente, e, no andar de cima, para uma máquina de costurar. Disse-me que ali trabalhava uma senhora que, costurando até bem tarde, às noites, sustentava o filho e seus estudos. Voltandose para mim, no mesmo tratamento respeitoso da carta-resposta com que me brindou, perguntou-me: "– A senhora não acha isso edificante?".

Edificante, talvez seja essa a palavra, para terminar este texto à guisa de editorial, com base em três referências que abonam, no Houaiss, o verbete: o que conduz à virtude; o que instrui, esclarece, informa; o que constrói uma obra, individual ou coletiva, de grande importância ou alento. (EDIFICANTE, 2001).

"Alento" toma o lugar de "edificante", agora, para dizer do estado de ânimo, de coragem, necessário à travessia de um momento político desfigurado – Martírio – e que precisa viver a experiência da leitura crítica da ficção e da luta como caminhos de Redenção.

Referências

CANDIDO, Antonio. [Correspondência]. Destinatário: Márcia Marques de Morais. São Paulo, 4 jun. 2007. 1 carta datilografada. 2 f.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. **Momentos decisivos.** 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro Sobre azul, 2004, p. 99-124.

EDIFICANTE. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1099.

FANTASIA. Intérprete: Chico Buarque de Holanda. Compositor: Chico Buarque de Holanda. In: TERRA. Intérpretes: Magro, Miltinho, Ruy, Maurício Maestro, Lourenço Baeta, Fernando Gama, Choco Adnet, Lu Medeiros, Nina Pancveski, Olivia Hime, Sueli Costa, Miltom Nascimento e Chico Buarque. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. 1 CD. Faixa 4.

MORAIS, Márcia Marques de. [Correspondência]. Destinatário: Antonio Candido de Mello e Souza. Belo Horizonte, 18 abr. 2007. 1 carta digitada. 2 f.

SALGADO, S.; BUARQUE, C.; SARAMAGO, J. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

De leituras e críticas

MARTÍRIO E REDENÇÃO

As vezes penso de que maneira pode ser lido hoje, cem anos depois, o clássico final da la. Parte d'Os sertões, de Euclides da Cunha:

"O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida.

Nasce do martírio secular da Terra".

Em nossos dias o martírio da terra não é apenas a sêca do Nordeste. É a devastação predatória de todo o país e é a subordinação da posse do solo à sêde imoderada de lucro. Se aquela agride a integridade da
Natureza, fonte de vida, esta impede que o trabalhador rural tenha condições de manter com dignidade a sua família e de produzir de maneira
compensadora para o mercado. Hoje, o martírio do homem rural é a espoliação que o sufoca.

Como consequência, tanto o martírio da terra (ecológico e econômico), quanto o martírio do homem (econômico e social) só podem ser remidos por meio de uma redefinição das relações do homem com a terra, objetivo real do MST. Por isso, ele é iniciativa de redenção humana e promessa de uma era nova, na qual o homem do campo possa desempenhar com plenitude e eficiência o grande papel que lhe cabe na vida social e econômica, porque as lides da lavoura são componente essencial de toda economia saudável em nosso país. Por se ter empenhado nessa grande luta com
desprendimento, bravura e êxito o MST merece todo o apoio e a gratidão
de todos. Nele palpita o coração do Brasil.

Antonio Candido



Comentários a "Martírio e Redenção" de Antonio Candido

Adelia Bezerra de Meneses*

Comento aqui, sucintamente, "Martírio e Redenção", lesse texto comovente de Antonio Candido, encontrado datilografado, "assinado" à máquina de escrever, e com a data escrita manualmente, no seu talhe inconfundível: abril 2001.

Como Professor, historiador da Literatura, crítico literário e pensador do Brasil, esse sociólogo-literato reverente à Literatura, nessa pequena obra-prima inédita que trata das relações do Homem com a Terra, enceta seu assunto remontando a Euclides da Cunha.

De fato, em **Os Sertões** de Euclides, como todos sabemos, há uma tripartição da obra em "A Terra", "O Homem", "A Luta". E é na primeira parte, "A Terra", cujo "clássico final" ele cita, que se entronca o texto de Antonio Candido. Ele começa por sugerir, passado mais de um século, uma atualização da leitura das últimas linhas desse capítulo, que cita textualmente:

"O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da terra...". (CUNHA, 2004, p. 63).

^{*} Universidade de São Paulo (ex-docente e atual professora colaboradora voluntária junto ao DTLLC) e Universidade Estadual de Campinas (Aposentada). Fez Mestrado e Doutorado na USP orientada por Antonio Candido.

Como se trata de um texto inédito e que será aqui objeto de uma como que "análise de texto", cada vez que eu o citar, ele será assinalado por meio de grifo.

É esse, efetivamente, o fecho da primeira parte, na sequência de todo um desdobramento em que Euclides da Cunha, numa modernidade instigante, refere-se à terra como um "organismo" e fala que aos cataclismas naturais (da seca abrasadora às torrentes catastróficas) se agrega

[...] um agente geológico notável – o homem. Este, de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da História, o papel de um terrível fazedor de desertos." (CUNHA, 2004, p. 57).

Pois bem, antes de destrinchar o texto de Antonio Candido, é o caso de apresentar as ideias precedentes de Euclides nesse mesmo capítulo, e que virão culminar na frase que Antonio Candido cita, e que, de uma certa maneira, as sintetiza. Urge comentar o que do pensamento de Euclides está figurado em "tortura" e "martírio" –tanto do Homem como da Terra.

O autor de **Os Sertões**, preocupado com a seca e com a desertificação, apontará reiteradamente a ação humana nesse processo, em passagens nas quais a antropomorfização da Natureza (apontada, aliás, por Walnice Nogueira Galvão no seu prefácio à edição crítica de **Os Sertões** por ela organizada)² aparece de forma candente. Efetivamente, ele utiliza verbos fortes para a ação do homem sobre a terra: [...] dilacerou-a golpeando-a de chamas, para desafogar os horizontes [...]; atacou a fundo a terra, escarificando-a nas explorações [...]; esterelizou-a com os lastros das grupiaras [...]; feriu-a a pontaços de alvião [...]; degradou-a corroendo-a com as águas selvagens das torrentes [...]; e deixou, aqui, ali, em toda a parte, para sempre estéreis [...]. (CUNHA, 2004, p. 58).

 $^{^2\,}$ "Os seres da natureza, antropomorfizados, são dotados de sentimentos ou mesmo de desígnios." (CUNHA, 2004, p. 3).

E conclui, uma página adiante:

Colaborando com os elementos meteorológicos, com o nordeste, com a sucção dos estratos, com as canículas, com a erosão eólia, com as tempestades subitâneas — o homem fez-se uma componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor. (CUNHA, 2004, p. 59).

Como um ecologista avant la lettre, ele vai traçar um panorama histórico dessa ação humana deletéria no Brasil: começa com a coivara dos indígenas (que utilizavam o fogo para abrir campo para suas plantações), continua pela intervenção dos colonizadores, que copiam o mesmo proceder, agravando-o "com o adotar, exclusivo no centro do País, fora da estreita faixa litorânea dos canaviais da costa, o regime francamente pastoril." (CUNHA, 2004, p. 58).3 Na sequência virão o "sertanista ganancioso e bravo, em busca do selvícola e do ouro, abridores de caminho com o fogo, "balizando as marchas das bandeiras", e os que genericamente são chamados de exploradores – todos, adeptos das queimadas e do desmatamento. Euclides cita um "juiz conservador das matas", que em 1799 decreta "que se coíba a indiscreta e desordenada ambição dos habitantes [da Bahia e de Pernambuco] que têm assolado a ferro e fogo preciosas matas [...]". (CUNHA, 2004, p. 59). E no rastro dos "sertanistas do Norte" e dos "bandeirantes do Sul", virão os mineradores (de ouro e prata e pedras), até chegar à atualidade (atualidade de 1898, quando ele começa a escrever **Os Sertões**, publicado em 1902). E, como já referi, sintetiza tudo na imagem de grande força que é a da "tortura" e do "martírio": tortura do homem, inserida na tortura mais ampla da terra, "abrangendo a economia geral da vida.".

Importa que nos demos conta de que isso foi escrito há mais de um século; o livro foi publicado em 1902, muito antes do agronegócio e da bancada do boi.

Antonio Candido utiliza em seu pequeno texto essa imagem contundente, que lhe servirá de mote e título, endossa (ao menos no início) a visão trágica das relações do indivíduo com o meio (tanto físico como social), mas avançará em relação ao pensamento de Euclides. É de se observar que a preocupação ecológica está presente em ambos: Antonio Candido, falando do "martírio ecológico e econômico da terra" aponta para a questão da ecologia, nomeando-a explicitamente; Euclides da Cunha utilizará a expressão "economia geral da Vida", que lhe corresponde.

E aqui cabe um parêntese. "Ecologia" é uma palavra concebida pelo biólogo alemão Ernst Haeckel em 1866 (aliás, ano em que nasceu Euclides) e que ganhou voga na década de 70 do século passado em diante. Com a "Conferência de Estocolmo", em 1972, oficializou-se o surgimento da percepção ecológica em dimensão planetária. De fato, Euclides da Cunha antecipou entre nós essa discussão: ele não usa o termo "ecologia", mas opera com a ideia, e utiliza, como já referi, a expressão "economia geral da Vida" – que é quase que um sinônimo. Aliás, **Eco**logia e **Eco**nomia contêm ambas, embutido na sua estrutura vocabular, o termo grego *oikos*. *Eco*logia, de *oikos* (= morada, casa) + *logos* (= estudo, ciência), é o estudo, a ciência da moradia humana; *Eco*nomia, de *oikos* (morada) + *nomos* (regra, lei, uso), é a administração de uma casa, a gestão de assuntos de uma casa.

É extremamente interessante ver como Antonio Candido como que mimetiza o polo do qual partira e tinge o seu estilo de cores fortes, à maneira de Euclides. Não apenas as imagens contundentes da "tortura" e do "martírio", mas, como se verá a seguir, o próprio estilo, no trecho final do texto, adquire uma vibração euclidiana. Ele se põe a comentar, expandindo-as,

aquelas poucas frases com que culmina a parte de "A Terra" e, como Euclides, embarca na antropomorfização da Natureza, desdobrando a imagem de uma terra martirizada porque arrasada predatoriamente: "Em nossos dias, o martírio da terra não é apenas a seca do Nordeste. É a devastação predatória por todo o país e é a subordinação da posse do solo à sede imoderada do lucro". "Subordinação da posse à sede imoderada do lucro" – incrusta-se aqui, nessa frase enxuta, uma alusão crítica ao uso não social da propriedade. Mas a reflexão se adensa:

Se aquela (a seca) agride a integridade da Natureza, fonte de vida, esta (a sede do lucro) impede que o trabalhador rural tenha condições de manter com dignidade a sua família e de produzir de maneira compensadora para o mercado. Hoje, o martírio do homem rural é a espoliação que o sufoca.

Aqui se encontra um eco poderoso de Os parceiros do Rio Bonito – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, (CANDIDO, 2010) texto publicado em livro em 1964, mas escrito de 1948 a 1954, como tese de Doutoramento em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia. Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Defendida em 1954, focada nos "meios de vida" do caipira paulista, essa tese implicou num trabalho de campo na zona rural de Bofete, cidade do interior de São Paulo. Tratando do Cururu, dança cantada do interior paulista, a pesquisa teria como título "Poesia Popular e mudança social", mas, conforme o testemunho do Autor numa entrevista, ele acabou percebendo que sem conhecer música não seria possível estudar uma manifestação primordialmente musical (CANDIDO, 2001). Então aproveitou em outro rumo o material coletado em trabalho de campo e transformou o que seria a parte inicial da tese – o estudo sobre a cultura caipira – na

própria tese. Conta ainda Antonio Candido que a Editora José Olympio queria publicá-la de imediato, na Coleção Documentos Brasileiros, mas o autor achou que era fraca e precisava ser melhorada. E, assim, ela foi deixada inédita até 1964, quando, mesmo sem retoques foi publicada, "quando a sociologia já tinha avançado muito aqui e ela deixara de ter o impacto que poderia ter tido em 1954 ou 1955". (CANDIDO, 2001). Mas, como sabemos, o impacto foi extremamente significativo e continua em curso, tanto nos estudos de Sociologia quanto nos de Teoria Literária e Literatura Comparada, uma vez que Os Parceiros do Rio Bonito nasceu de uma proposta de estudar as relações entre literatura e sociedade, partindo de uma pesquisa sobre o cururu. No entanto, ao longo do trabalho, como o autor relata nas páginas iniciais do livro, patentearam-se ao pesquisador o "senso dos problemas que afligem o caipira" e suas condições de subsistência, e aguçou-se a percepção dos inescapáveis fundamentos econômicos de sua situação:

E assim foi que, tendo partido da teoria literária e do folclore, o trabalho lançou uma derivante para o lado da sociologia dos meios de vida; e, quando esta chegou ao fim, terminou pelo desejo de assumir uma posição em face das condições descritas. (CANDIDO, 2010, p. 11-12).

Reitero, grifando: "terminou pelo desejo de **assumir uma posição** em face das condições descritas". Efetivamente, nas páginas finais desse texto, essa posição é assumida:

Aqui chegando, o sociólogo, que analisou a realidade com os recursos metódicos de quem visa resultados objetivos, cede forçosamente a palavra ao político, ao administrador, e mesmo ao reformador social que jaz latente em todo verdadeiro estudioso das sociedades modernas — voltando-se para **soluções** que limpem o horizonte carregado do homem rústico. [...]

Conclui-se de tudo que, passando do plano propriamente sociológico para o da política e da administração (que o prolongam pelo vínculo da sociologia aplicada), a situação estudada neste livro leva a cogitar no problema da Reforma Agrária. (CANDIDO, 2010, p. 257, grifo meu).

Esse percurso que leva do estudo teórico à necessidade da práxis deve ser pontuado. Foi na Reforma Agrária - bandeira primordial da década de 1960, uma das mais fundamentais "reformas de base" reivindicadas – que desembocou esse estudo. E efetivamente, aqui, o sociólogo deve ceder a palavra ao político. Trata-se de um caso oposto ao do homem de gabinete, da torre de marfim. Efetivamente, o escritor da "torre de marfim" é aquele que se dedica a pensar e teorizar, de longe e do alto, intocado e intocável: mas Antonio Candido esse intelectual de extraordinário fôlego teórico, rigorosíssimo e sofisticado, mas gramscianamente orgânico, desce ao nível do concreto, rente à subjetividade do outro, ao rés do chão dos seus níveis de subsistência, dos seus meios de vida, como reza o título completo de Os Parceiros. E aí, como vimos nos trechos acima citados, ele fala na necessidade de voltar-se "para soluções que limpem o horizonte carregado do homem rústico", e, nas páginas finais, conclui que a situação estudada nesse livro "leva a cogitar no problema da Reforma Agrária".

Voltemos ao texto de 2001, "Martírio e Redenção", de onde parti. Aí Antonio Candido propõe uma possibilidade de **solução** para o "martírio" que ele já nomeara com seu real nome de espoliação, mas que poderá ser "remido": seria uma "redefinição das relações do homem com a terra.". Vamos ao texto sem paráfrase: "[...] tanto o martírio da terra (ecológico e econômico), quanto o sacrifício do homem (econômico e

social) só podem ser remidos por meio de uma redefinição das relações do homem com a terra, objetivo real do MST.".

E assim ele avança em relação a Euclides da Cunha. A partir daí Antonio Candido adquire um tom épico, num texto de crescente emoção, imantado pela utopia:

Por isso, ele (o MST) é iniciativa de redenção humana e promessa de uma era nova, na qual o homem do campo possa desempenhar com plenitude e eficiência o grande papel que lhe cabe na vida social e econômica, porque as lides da lavoura são componente essencial de toda economia saudável em nosso país.

A linguagem, desde a escolha vocabular, quase que resvala para uma esfera religiosa: na sequência de "martírio" (que foi buscado em Euclides), virá "redenção" e "promessa de uma era nova".

E termina assim esse texto, em que "redenção" seria fruto de uma ação humana militante: "Por se ter empenhado nessa grande luta com desprendimento, bravura e êxito, o MST merece todo o apoio e a gratidão de todos. Nele palpita o coração do Brasil.".

Assinado: Antonio Candido.

Apêndice

Cabem aqui algumas observações de cunho episódico e biográfico, ligados a esse assunto. Antonio Candido doou livros à biblioteca da Escola do MST em Guararema, a "Escola Nacional Florestan Fernandes" (ENFF), o seu maior centro de formação. (Efetivamente, a questão da Educação é extremamente cuidada

pelo MST, que se considera um lugar de formação do sujeito social.) A Biblioteca foi inaugurada em 2006, contando com um acervo de 17 mil livros, com a presença de Antonio Candido, que discursou na ocasião, elogiando o MST, declarando que a leitura de livros nos liberta de muitas servidões, e ressaltando seu poder humanizador. Recentemente, mais precisamente em junho de 2017, logo após sua morte, quando o acervo cresceu para 40 mil livros, foi dado o nome de Antonio Candido a essa biblioteca.⁴ Tudo a ver com o autor do texto **O Direito à Literatura**.

Realmente – como dizem os versos de uma estrofe popular,⁵ retomados por Chico Buarque como epígrafe de uma de suas canções que tematizam os Sem-Terra, e que ele intitulou "Assentamento" – Antonio Candido é um desses homens que nos fazem "crescidos de coração".

Referências

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito** – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

⁴ A ligação de Antonio Candido e Florestan Fernandes, esses dois grandes intelectuais amigos e irmanados em seus ideais socialistas, é iconizada quase que topologicamente. Além dessa vizinhança em Guararema, há mais: em 2005, quando as bibliotecas da FFLCH da USP foram unificadas e transformadas numa biblioteca central, a ela foi dado o nome de "Biblioteca Florestan Fernandes". Pois bem, depois da morte de Antonio Candido, o prédio de Letras da FFLCH da USP, que abriga essa Biblioteca, recebeu o nome do seu maior Professor, e atualmente se chama "Edificio Professor Antonio Candido de Mello e Souza".

Esse versos foram utilizados por Guimarães Rosa numa de suas epígrafes: "Quando eu morrer, que me enterrem/ na beira do chapadão/ contente com minha terra / cansado de tanta guerra / crescido de coração". (Tôo).

^{6 &}quot;Assentamento". In Sebastião Salgado: Terra. (Introdução de José Saramago, Versos de Chico Buarque). São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. [Entrevista cedida a] Heloisa Pontes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 16, n. 47, out. 2001. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092001000300001>. Acesso em: 28 nov. 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O Preço da Modernização, Prefácio a Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Antonio Candido ou direito à poesia

Waltencir Alves de Oliveira*

RESUMO

O artigo analisa o livro Na sala de aula: caderno de análise literária, de Antonio Candido, situando-o no contexto amplo da obra crítica, teórica e historiográfica do autor. "O caderno", como o denomina o próprio Candido, foi apresentado em sua primeira edição como uma coletânea de exercícios críticos de análise de poesia. É transcrição quase fiel de um conjunto de seis ensaios analíticos apresentados em um curso de pósgraduação, ministrado pelo professor. A alusão à sala de aula, desde o título da obra, explicita o vínculo estreito entre o professor e o crítico. O que se pretende discutir é como o modelo analítico empregado e como a própria seleção e ordenação dos poemas analisados desvelam, ainda que de forma implícita, a vinculação estreita entre a atividade crítica e todo o conjunto da obra teórico-historiográfica de Antonio Candido. A hipótese que se pretende verificar é como na análise de poesia, Antonio Candido deixa antever os mesmos pressupostos que nortearam todo o conjunto de sua obra.

Palavras-chave: Antonio Candido. Crítica literária brasileira. Historiografia literária. Estudo analítico do poema. Literatura e sociedade.

^{*} Professor adjunto de Teoria Literária e Literatura Brasileira do Departamento de Linguística e Literatura (DELLIN), da Universidade Federal do Paraná. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pelo DTLLC/ USP.

Antonio Candido ou du droit à la poésie

ABSTRACT

Cet article fait l'anályse du livre Na sala de aula: caderno de análise literária, par Antonio Candido, le situer dans le contexte large de sa oeuvre critique, théorique et historiographiquel. Le cahier, comme le nom de Candide lui-même, a été présenté dans sa première édition comme une collection d'exercices critiques de l'analyse de la poésie. Transcription presque fidèle d'un ensemble de six essais analytiques présentés dans un cours de troisième cycle, enseigné par le professeur. L'allusion à la salle de classe, du titre de l'œuvre, explique le lien étroit entre l'enseignant et le critique. Ce qui est destiné à être discuté, c'est comment le modèle analytique employé et la sélection et l'ordination des poèmes analysés ont dévoilé, quoique implicitément, le lien étroit entre l'activité critique et l'ensemble du travail théorique-historiographique d'Antonio Candido. L'hypothèse qui est censée être vérifiée est comme dans l'analyse de la poésie, Antonio Candido les mêmes hypothèses qui ont guidé l'ensemble de son travail ont été anticipées.

Mots-clés: Antonio Candido. Critique littéraire brésilienne. Historiographie littéraire. Etude analytique du poème. La littérature et la société

Antonio Candido inicia sua atuação como crítico literário na Revista Clima, fundada e mantida durante os anos de 1941 e 1942, por ele, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes entre outros; logo em seguida, dá início à publicação de ensaios críticos na forma então usual da crítica sistemática de rodapé, 1 em jornais como Folha da Manhã (1943-1945) e Diário de São Paulo (1945-1947), sem contar a participação em outros jornais e revistas da época. É interessante mencionar que, apesar do caráter da crítica jornalística da época (predominantemente dirigida a discutir e avaliar textos literários), Vinícius Dantas, em sua seleção nos jornais da época para integrar os Textos de Intervenção (CANDIDO, 2002), reúne alguns artigos nos quais Candido discute a função do crítico e a natureza da atividade, apresentando o que poderíamos denominar uma "metacrítica". Textos datados do início dos anos 40, mas que antecipam muitos pressupostos depois explicitados pelo autor na definição de um método analítico-interpretativo, sobre o qual se assentará a obra historiográfica-teórica-crítica que Candido produzirá no decorrer das décadas seguintes, já no exercício de sua atividade acadêmica na universidade. É o caso, por exemplo, de um artigo publicado em 9 de novembro de 1944, no jornal Folha da manhã, no qual Candido expõe a perspectiva que lhe parece adequada ao trabalho do crítico com o texto literário:

> Tenho sobretudo a alegria de achar que vou mais ou menos cumprindo o meu intento de chamar a atenção do leitor para aspectos pouco lembrados pela nossa crítica

Deve-se lembrar que, por essa época, Antonio Candido escreveu importantes textos de crítica literária, como a análise inaugural sobre a prosa de Clarice Lispector, **Perto do Coração Selvagem**, em 16 de julho de 1944, na **Folha da Manhã**; a primeira crítica sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto, "Poesia ao Norte", no mesmo jornal, em 16 de junho de 1943 e vários outros artigos em que inaugura e orienta a crítica sobre os mais importantes autores brasileiros.

literária, quais sejam o sentido e o condicionamento histórico-social da criação e da obra de arte (CANDIDO, 2002, p. 32).

Pode-se dizer que, apesar do caráter ainda incipiente que suas primeiras intervenções críticas poderiam ter, elas já se apresentavam fundadas sobre um programa que afirmava o caráter estético da literatura e sua dimensão social e histórica. Deve-se ressaltar o termo empregado para tratar da relação entre o texto e o seu contexto: segundo o autor, há um "condicionamento", divergindo da ideia de que a literatura e a arte seriam como reflexos do social e do histórico, conforme a nota dominante de uma certa crítica de inspiração sociológica da época. Antonio Candido já aponta que há uma relação entre literatura e sociedade que seria melhor caracterizada como condicionamento de um pelo outro. Isso evidencia a originalidade de seu trabalho crítico em um cenário que, ou bem encarava o literário como espaço de espelhamento e reflexo, sem atenuantes, do social e histórico, ou, em posição diametralmente antagônica, afirmava a autonomia do literário e a completa dissociação entre análise estético-linguística e perspectiva social e histórica. Ou bem um reducionismo sociologizante, ou um "descritivismo formalista" que não atentava para as implicações do sujeito e da História no corpo do texto. Sem contar, obviamente, a sobrevivência, talvez até mesmo nos dias atuais, de certa crítica impressionista assentada na valoração pura e simplesmente guiada pelos critérios do "gosto", portanto desprovidas de qualquer rigor técnico ou metodológico.

Sabe-se que a atuação universitária de Antonio Candido, durante a década de 40, concentrou-se em sua área de formação, as Ciências Sociais. Por esse período, atuou como professor

assistente de Fernando Azevedo, na cadeira de Sociologia I, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A primeira tentativa de ingresso na área de Letras se dá em 1957, ao participar de um concurso para o departamento de Literatura Brasileira da mesma faculdade. Embora não tenha obtido a vaga, resultou dela a tese defendida para sua obtenção, que lhe garantiu o título de livre-docente. Surge então sua primeira obra dedicada especificamente à área de Letras: O método crítico de Sílvio Romero. O ingresso na carreira de professor de Literatura Brasileira se dá em 1958, ano em que começa a atuar na Faculdade de Filosofia e Letras de Assis. No ano seguinte, já ocorre a publicação do livro **Formação** da literatura brasileira: momentos decisivos, em que se postula a existência de uma vinculação estreita e indissociável entre as várias áreas em que, tradicionalmente, são divididos os estudos literários. O livro apresenta sobre cada texto literário e sobre cada autor estudado uma análise crítica rigorosa e detida, norteada por um método original para a época. A atividade crítica não exclui a formulação de um método teórico e historiográfico que, ao mesmo tempo, regula as análises críticas ali contidas, constituindo uma teoria não só da literatura, como da literatura brasileira especificamente, estabelecendo parâmetros não só para os modelos teóricos, para a atividade crítica, mas, sobretudo, para os modelos que a historiografia literária brasileira conhecia até então

Alfredo Bosi aponta que a historiografia literária brasileira pode se dizer inaugurada pela concepção nacionalista de Sílvio Romero e Araripe Jr. e pela visão estetizante de José Veríssimo. Desse ponto, passou pelo ecletismo da crítica modernista de Mário de Andrade e de Tristão de Athayde até que chega às

sínteses explicativas de Antonio Candido e de Otto Maria Carpeaux. Na visão de Bosi, Carpeaux e Candido lançam as bases de um novo modelo historiográfico, que aponta as grandes tendências existenciais e culturais configuradas na concepção de estilo de época, mas que também confronta cada obra específica, constatando que cada uma delas é espaço tenso e particular em que o estilo poderá sofrer redimensionamentos e até mesmo o apagamento de muitos de seus parâmetros. Alfredo Bosi adverte que a "procura de esquemas uniformes de método no discurso crítico de Antonio Candido nem sempre é o melhor caminho para avaliar a riqueza surpreendente de sua obra" (BOSI, 2000, p. 40), contudo admite que a noção de historiografia, entendida como a complexa relação de reconstruir o particular no geral, e vice-versa, sempre se faz presente em toda a produção de Antonio Candido, embora seja variável e diversa a matéria sobre a qual ele se debruça, e variável o modo como o método se aplica e se ajusta ao objeto.

A multiplicidade de canais de veiculação da crítica, a definitiva incorporação da leitura crítica de textos literários pela instituição universitária, a delimitação teórica de um método próprio de leitura, análise e interpretação da Literatura constituem algumas das contribuições significativas de Antonio Candido para o cenário dos Estudos Literários no Brasil. Com **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos, o autor dá mais um passo decisivo para a maturidade do cenário crítico e teórico. Nela se fixa um modelo de historiografia literária cujos parâmetros de historicização e análise da produção cultural nacional são remodelados. Com isso, refuta-se o historicismo positivista e fundam-se novos modelos de análise e interpretação. O elenco de obras e autores dispostos em uma linha evolutiva e linear é

substituído pela leitura pontual e efetiva dos textos literários em sua singularidade e especificidade, concebendo entre particular (obra e autor) e geral (período literário) uma circularidade.

O método de análise crítica-historiográfica empregado em Formação da Literatura Brasileira sofreu algumas sutis e importantes redefinições na produção posterior de Antonio Candido. É o que se pode afirmar, consultando alguns livros e textos seus, tais como: Literatura e sociedade (1965); "Literatura de dois gumes" (1966/1969); "Dialética da malandragem" (1970) e "Literatura e subdesenvolvimento" (1972/1973). Nesses textos posteriores, pode-se compreender que a compreensão de nossa "lei de evolução espiritual e cultural", qual seja "a síntese, mais ou menos tensa, entre localismo e universalismo" (CANDIDO, 1965, p. 45), sofre alterações significativas que, embora o escopo deste artigo não permita detalhar, é preciso pontuar, para efeito de compreender a complexidade de uma obra que nunca deveria ser avaliada em função de uma única obra, ou de um só "galho da árvore".

A importância que **Formação da literatura brasileira** possui para o estabelecimento de um novo modelo historiográfico já constitui matéria bastante discutida, e por vezes, controversa. Neste artigo, o que se pretende é abordar de que modo o método crítico-analítico formulado nesse livro, assume feição paradigmática, modulando a atividade crítica exercida por Antonio Candido no decorrer das décadas seguintes à publicação do livro de 1959. Com base nisso, é que pretendo refletir sobre o livro **Na sala de aula**: caderno de análises literárias, visando a observar como se articulam nele, ainda que de modo não explícito, alguns pressupostos teóricos-historiográficos, anteriormente formulados. Esses pressupostos, ao que me parece,

converteram-se em princípio ordenador das leituras dos poemas, deixando antever que as análises, aparentemente isoladas entre si, estão agrupadas em torno de uma concepção específica de poesia e de crítica de poesia que jamais as apartaria da visada historiográfica – muitas vezes não claramente explicitada, mas, ainda assim, verificável.

O método teórico-historiográfico esboçado em Formação da literatura brasileira foi explicitado no livro Literatura e sociedade, de 1965, no qual se pode encontrar a sua clássica formulação de que a crítica do texto literário corresponderia, entre outras coisas, a estabelecer a correlação entre "elementos externos que se tornam internos e estruturadores da obra literária, portanto estéticos". (CANDIDO, 1965, p. 8). No que se refere, especificamente, à leitura de poesia, o método analítico de Antonio Candido aparece definido em seu O Estudo Analítico do Poema, cuja primeira edição data de 1987. Na apresentação desse livro, é o próprio Candido que adverte que ele é resultado de um material escrito para uma disciplina sobre leitura de poesia ministrada por ele, em 1964, no programa de pós-graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, da FFLCH- USP. Ou seja, o livro é publicado na década de 80, mas é possível afirmar que as análises literárias de poesia que o crítico fez, ao menos as do período posterior à disciplina ministrada na década de 60, foram calcadas sobre o método analítico detalhado nesse livro. Dois anos antes, 1985, já havia sido publicado o livro Na sala de aula: caderno de análises literárias, oriundo dessa mesma matriz, a mesma disciplina ministrada em "sala de aula" pelo professor Antonio Candido. Sendo assim, há entre os dois volumes uma mesma origem, mas, mais que isso, há uma complementaridade entre eles. Em um, explicita-se e discute-se

um método e, em outro, há como que a instrumentalização e emprego efetivo dele. Os vários modos como se dá a aplicação desse método na leitura analítica de seis poemas não é passível de simplificações. Aqui, contudo, o que se pretende é enfatizar como, no exercício de análise de poesia e na fixação do método que regula essa prática (ambas, práticas em seu sentido pleno, já que exercitadas em aulas efetivas de um curso), também desponta o modelo historiográfico-teórico aplicado em Formação... e explicitado em Literatura e sociedade. Isso me parece reiterar a principal característica que marca a ação e o trabalho de Antonio Candido como crítico, como professor, e que também transparece na dimensão política com que ele exerce essas duas atividades, que seria a extrema coerência entre toda atividade crítica e a presença de um mecanismo integrador que torna todas as obras e ações partes integrantes de uma mesma atuação empenhada, militante e coesa.

Isso é o que se pretende demonstrar ao tratar do livro **Na sala** de aula, apontando nele a presença de pressupostos analíticos oriundos do método historiográfico que ordena **Formação da literatura brasileira**, de 1959. É interessante observar, aliás, o que é indicado no prefácio do próprio livro **Na sala de aula**:

Este caderno contém seis análises de poemas, que procuram sugerir ao professor e ao estudante maneiras possíveis de trabalhar o texto, partindo da noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base em pressupostos teóricos comuns. Um destes pressupostos é que os significados são complexos e oscilantes. Outro, que o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente ou inconscientemente elementos de vário tipo. Por isso, na medida em que se estrutura, isto é são reelaborados numa síntese própria, estes elementos só podem ser considerados externos ou internos para facilidade de expressão. (CANDIDO, 1987, p. 7-8).

É esclarecedora a fórmula sintetizada do seu método analítico no prefácio desse livro – "pequeno" diante das feições hercúleas de outros como **Formação...**. A combinação, síntese ou tensão intermitente, entre procedimentos e métodos, até então díspares, é clara e demonstra o caminho singular de Antonio Candido como leitor crítico da literatura brasileira. Isso parece bem explicado na síntese que Davi Arrigucci Jr. propõe ao tratar do método de leitura de Antonio Candido:

Evitando tanto o velho método histórico que fazia das obras documentos da realidade social, tratando a literatura como mero índice para a investigação sobre a sociedade, assim como o formalismo, com sua redução da literatura aos elementos de fatura, absolutizando a autonomia da obra como universo auto-suficiente, o crítico busca um enfoque o mais significativo e amplo possível do fenômeno literário. [...] uma vez que o texto é o resultado relativamente autônomo da integração entre elementos externos e internos, cujo valor reside na unidade superior que plasmou ao integrar elementos expressivos e elementos não-literários numa "fórmula" (ou numa "forma orgânica" ou "estrutura", como dirá mais tarde), que se exprime pela coerência. (ARRIGUCCI JR., 1992, p. 19).

Davi Arrigucci Jr., ao analisar os movimentos desse "leitor", explicita alguns mecanismos de leitura aludidos pelo próprio Antonio Candido no prefácio de **Na sala de aula**. Nessa introdução, o livro é descrito pelo autor como exemplificador de um método, um material essencialmente prático de uso instrumental de uma teoria, aplicada exclusivamente sobre textos poéticos. Ainda que a leitura se restrinja somente ao prefácio, já é possível constatar a presença de pressupostos teóricos heterogêneos, que aqui se dispõem a operar em conjunto a favor de um esforço de totalização, ainda que momentânea, de um

objeto. Alguns desses pressupostos de leitura talvez possam ser discutidos mais claramente depois de se apresentarem as seis análises de poemas que integram o livro.

Os seis ensaios dispõem em linha evolutiva-histórica seis poemas de períodos literários diferentes. O primeiro "Movimento e parada", analisa um trecho do poema épico **Caramuru**, do Frei Santa Rita Durão; o segundo, "Uma aldeia falsa", trata da Lira 77² de Tomás Antônio Gonzaga; o terceiro é o texto analítico "Cavalgada ambígua", sobre o poema "Meu sonho", de Álvares de Azevedo; a quarta resulta no ensaio "No coração do silêncio", sobre o poema "Fantástica", de Alberto de Oliveira; os dois últimos tratam de poemas modernistas: o ensaio "Carrossel", sobre o "O rondó dos cavalinhos", de Manuel Bandeira, e "Pastor pianista, pianista pastor", sobre poema de Murilo Mendes "O pastor pianista".

A linha evolutiva da lírica nacional é seguida também nesse livro. Ele se inicia com dois poemas pertencentes ao Arcadismo, movimento que, segundo Antonio Candido, em Formação da literatura brasileira, constitui o primeiro movimento de futuros brasileiros "empenhados" na constituição de uma literatura. No terceiro, a análise recai sobre um poeta romântico, período em que, segundo Candido, já podemos constatar a existência de um sistema literário, no qual autor, leitor e obra começam a compartilhar um conjunto de ideais e princípios que permitem apontar a existência de uma nação. E segue acompanhando poemas que atestam a evolução desse sentimento nativista primordial, até a superação de nossa dependência cultural em relação aos modelos europeus.

O ensaio sobre o **Caramuru** aponta que há na poesia épica de Santa Rita Durão motivações e princípios formais anteriores

Numeração segundo à edição utilizada por Candido que é a preparada por M. Rodrigues Lapa para o Instituto Nacional do Livro.

ao período árcade, ao qual se filia o poeta. Na análise material do poema épico, Candido destaca a presença de princípios de composição usuais na estética do Barroco e constata o choque entre esse modelo com alguns princípios estéticos norteadores do Arcadismo/Neoclassicismo. A leitura cerrada da épica de Durão destaca o constante emprego de paradoxos e oximoros, vistos como anacronismos da "velha escola", combinados a recursos expressivos que, paradoxalmente, visam à simplicidade da expressão e à restrição de malabarismos verbais. A contradição entre velho e novo na estrutura formal do texto integra uma narrativa épica, que tem nos modelos épicos portugueses/ ibéricos seu modelo ideal de realização. Trata-se de um dos primeiros esforços, portanto, de atribuir ao indígena - e ao tema tributário nacional, o indianismo – um lugar de inserção dentro de uma estrutura formal europeia, que nunca o tinha incorporado e tematizado por motivos óbvios. A análise crítica de um fragmento de um poema épico, e não dele todo, traça um panorama dos primeiros movimentos do Arcadismo em busca de afirmar aqui as condições de existência de forma literárias europeias, combinando-as a um universo temático e a uma construção de um espaço que são locais e bem demarcados. Desse modo, poderíamos concluir que Antonio Candido vê nesse fragmento e no todo do poema épico de Santa Rita Durão um traço peculiar de todo um estágio inicial do processo de formação da literatura brasileira. A síntese (ou tensão?) entre formas e motivações temáticas díspares, contudo combinadas, dialeticamente aponta para o esforço de apropriação de formas e modelos "importados" ajustados às novas circunstâncias e motivações temáticas locais. Desvelam, portanto, o desejo ou empenho ainda incipiente de conceber a mistura de formas,

modelos e temas de variados extratos e períodos, como uma condição de existência da literatura no Brasil. Mistura, tensão, assimilação, síntese, todas essas palavras que se podem empregar para tratar do poema de Santa Rita Durão e que são perceptíveis desde a descrição que Candido faz no comentário até a sua interpretação final³ do poema reiteram, na atividade do crítico que lê o poema, a mão invisível do historiador que analisou nosso processo histórico de constituição, ou formação, da literatura brasileira.

O segundo ensaio, "Uma aldeia falsa" apresenta a leitura da Lira 77, de Tomás Antônio Gonzaga. Desde a paráfrase, comentário que abre o ensaio analítico, já se apesenta a fórmula de desentranhar da estrutura do texto elementos que podem ser correlacionados a elementos externos que o enformaram. A lira é dividida em função do emprego de três tempos verbais diferentes, cada um bastante marcado por qualificativos que explicitam o reconhecimento de um passado glorioso, um presente degradante e um futuro condicional e hipotético de possível superação da adversidade. A constatação desse elemento integrante da fatura textual é que consente a interpretação final da lira, que convoca elementos biográficos do autor, correlacionando cada

Os limites deste artigo não permitem a exposição detalhada de todos os elementos constitutivos do método de análise de poesia de Candido. Não se pode deixar de mencionar, contudo, que há, nele, a divisão da leitura em três estágios, seguindo as diretrizes metodológicas da Explication du texte francesa. O próprio autor remete ao modelo francês, quando assume que as seis leituras de poemas se dividem em comentário, análise e interpretação. Não é explicitado no livro Na sala de aula – embora o seja em O estudo analítico do poema – o quanto as análises são tributárias de um "modelo circular spitizeriano", que busca detectar o desvio estilístico que seria um elemento central para compreender a totalidade do texto. Para Spitizer, a circularidade entre a parte e o todo, e seu vice-versa, seria uma reapropriação sua do círculo hermenêutico ou círculo de Schleiermacher, postulando um movimento de leitura que trafega do traço de estilo para o traço de época, e vice-versa, o que é primordial nas análises de Erich Auerbach e do próprio Antonio Candido. Cf. Spitzer (1968) e Auerbach (1976).

parte do texto a dados verificáveis da biografia do próprio poeta, inserido no poema como um pastor cuja vida é ambientada em uma aldeia. A análise sobre as noções de representação de uma máscara ficcional criada pelo poeta, a de um pastor, demonstra o esforço de aderir aos traços da convenção da poesia pastoril árcade, mas não consegue impedir a presença de fissuras dessa máscara, por onde escorrem os traços autobiográficos de um homem nobre pertencente a um outro extrato social. A análise dessa lira específica de Gonzaga se vincula, inequivocamente, aos textos em que Candido analisa a poética de Gonzaga em Formação..., mas principalmente a dois textos do autor que integram o livro Observador literário (CANDIDO, 2008). Nessas análises anteriores, a poesia árcade é estudada traçandose um panorama geral ao mesmo tempo em que distingue alguns traços peculiares de Gonzaga. Segundo Candido, o poeta, em suas liras, mescla e combina traços de individuação e egotismo românticos com as convenções e práticas classicizantes da poesia pastoril árcade. Segundo ele, a poesia de Marília de Dirceu se filia à convenção pastoril, inclusive à temática do convite amoroso e ao topos do carpe diem anteriores ao próprio Arcadismo, sem evitar um traço peculiar da *persona* desse poeta, o egotismo e a emanação do lírico vincada no "biografismo" que, constantemente, faz o sujeito de enunciação/pastor se misturar ao poeta fidalgo. Nos capítulos de Formação... referentes ao poeta e ao Arcadismo, Candido acrescenta alguns aspectos fundamentais sobre Gonzaga, ao se referir à sátira das Cartas Chilenas, atribuídas ao mesmo poeta de Marília de Dirceu. O título do ensaio publicado em Na sala de aula é bem revelador de toda a figura final do poeta: trata-se de "Uma aldeia falsa", atestando que a convenção não consegue apagar os sinais que desvelam o seu caráter ficcional. Ressalto, porém, que, na análise, Candido não se refere à "falsidade" do pastor, mas da sua aldeia, conferindo ao poeta um traço que só poderia ser bem compreendido caso se verificasse as peculiaridades do lugar e não da voz que o enuncia. Soaria desnecessária a repetição de minha hipótese de leitura. Contudo, não custa nada dizê-la de outro modo: mais uma vez, a máscara do crítico de um poema não vedou suficientemente as frestas por onde passam sempre o historiador-teórico da literatura brasileira.

No primeiro ensaio (CANDIDO, 1987), temos um árcade que se aferra às notas da velha escola Barroca, mas funda um tema, depois convertido pelos futuros românticos brasileiros em principal matiz da sua tão propalada "cor local". O segundo antecipa uma individuação e uma subjetivação que poderiam desvirtuá-lo da convenção clássica, mas acaba por fundar um novo modo de expressão. Em ambos os casos, são recuperados e reiterados os conceitos nucleares que norteiam a leitura de Candido sobre o Arcadismo e a sua função em Formação da **Literatura Brasileira**. Trata-se de um período de contradições que desvelam o desejo manifesto, ou implícito, de poetas em busca de novos mecanismos de expressão que a um só tempo os singularize como vozes de um novo lugar, mas que também ateste seu engenho para integrar a tradição literária europeia, mesmo alteradas as condições de produção e circulação da literatura. Nas palavras de Candido, já teríamos então "poetas empenhados⁴ na produção de uma literatura brasileira", contudo ainda tributários de um "nativismo" que, mesmo não integrando um sistema

⁴ A noção de literatura empenhada perpassa toda a estrutura do livro de 1959. Obviamente, o escopo deste artigo impede a exposição ou discussão ampla dessa questão crucial, mas destaco como também aqui, em um livro que se pretende analítico e instrumental, essa noção se deixa antever, ainda que ela não seja explicitada.

literário, resguarda as bases sobre a qual o "nacionalismo literário romântico" será consolidado. O terceiro ensaio "Cavalgada ambígua" trata do poema "Meu sonho", de Álvares de Azevedo. O autor novamente abre o ensajo constatando a relevância de um elemento formal, interno: o ritmo do poema. Trata-se de ritmo regular, em que todos os versos são eneassílabos, cuja processo de acentuação os faz anapésticos, em uma cadência e estrutura formal que remete às baladas medievais e românticas. O ritmo, ofegante e martelado, estrutura o possível diálogo que se dá entre um "Eu" e um "cavaleiro das trevas escuras". A análise da estrutura geral do poema não poderia deixar de apontar, segundo Candido, para o seu próprio título "Meu sonho" e para o vocabulário que remete a um universo mórbido e soturno. Os elementos internos elencados consentiriam a correlação com dados autobiográficos do poeta Álvares de Azevedo, externos, conjunção que permitiria a análise crítica psicanalítica do poema. Um vocabulário de inegável simbologia fálica, aliado ao ritmo ofegante do poema e à referência explícita ao ato de sonhar no próprio título são indícios que postulam sua interpretação como a figuração de um sonho de angústia de evidente etiologia sexual. A análise desse poema específico atualiza argumentos apresentados em "Ariel e Caliban", capítulo de Formação da literatura brasileira. Em ambos os textos, Antonio Candido destaca na poesia do adolescente Álvares de Azevedo a presença de uma orientação contraditória, que o aproxima de modelos estéticos europeus, conferindo-lhes uma feição singular e própria, ditadas por um poeta específico de um lugar específico e já outro. No caso do poema "Meu Sonho", há que se destacar ainda a sua feição dramática: trata-se de uma figuração de diálogo entre

duas vozes que, por força da interpretação sugerida, convertemse em duas vozes divergentes de um mesmo "eu" cindido na figuração do sonho que confronta a voz do sujeito sonhador com as sombras de um "recalcado" que ele teima em não trazer à luz. Desse modo, a leitura analítica desse poema reitera algo já dito sobre o mesmo poeta, quando da avaliação de sua obra completa, presente no já referido "Ariel e Caliban". Da análise crítica de um poema chegamos, novamente, a um conjunto de pressupostos que permitem ler a poesia do poeta, de um modo geral, e além disso traçar um panorama de sua situação histórica nos quadros da Literatura Brasileira. A tensão entre particular/ local e universal, novamente, regula a leitura crítica de um único texto, apresentando a poesia de Álvares de Azevedo como parte integrante de um processo emancipatório que assimila as formas de "fora", a tradição romântica europeia, conferindo a elas uma feição singular, cada vez mais nossa e cada vez mais "de dentro". As duas vozes se confrontam no interior do sujeito/poeta, a "binomia" anjo-demônio, grotesco e sublime, constituindo duas faces de um mesmo rosto. Um sujeito cindido, tentando conciliar as vozes internas e externas e conceber de si uma unidade homogênea, mesmo que prenhe de dilemas. Um adolescente e suas sombras noturnas: nada mais local do que isso, nada mais universal do que isso, nada mais impossível de demarcar um lugar e uma temporalidade precisos do que isso.

O ensaio seguinte se ocupa de um poema de Alberto de Oliveira, atribuindo-lhe o caráter descritivo típico dos movimentos poéticos que aderem, no fim do século XIX, à chamada "arte pela arte". Destacam-se os seus traços descritivos que almejam anular as pontes entre o verbal e as suas referências usuais no

plano das coisas. A descrição de uma tumba nos lança para o "coração do silêncio", lugar de exploração dos significantes, visando destacá-los dos sentidos usuais e de toda a sua cadeia de referências, o que resultaria no esvaziamento da palavra, visando torná-la autorreferente. Um poema, próximo daquilo que Mallarmé denominou um "inutensílio da linguagem"5, ou como conclui o próprio Antonio Candido: "O mundo natural foi elidido a favor de outro, inventado pela palavra." (CANDIDO, 1992, p. 67). E embora seja ressaltado o gosto pelo descritivismo de elementos exóticos e absolutamente dispares da realidade local, só o próprio empenho de nos vincular a essa tradição e de propor que haja aqui a viabilidade de tematizar algo que soaria estranho e pouco familiar, já denota o esboço de uma maioridade local a ponto de se julgar à altura da apropriação de modelos e até mesmo temas e procedimentos não mais vistos como estrangeiros, mas também nossos. O poema de Alberto de Oliveira poderia então ser entendido como parte integrante de uma linha evolutiva-histórica que não mais precisaria se ocupar de ter como tema um dado local, exercitando, ao contrário, um esforço de assepsia da linguagem e apagamento de seus mecanismos de integração à língua do mundo. Apresenta-se aí, portanto, um sujeito poético que se licencia a um patamar de isolamento e de incomunicabilidade similar ao que o próprio Antonio Candido em seu texto "O albatroz e o chinês" (CANDIDO, 2010), bem posterior à análise do poema de

⁵ Aponto aqui a similaridade que há entre a leitura de Candido para o "Fantástica", de Alberto de Oliveira, e a análise que Hugo Friedrich faz de um soneto de Mallarmé, no capítulo "Mallarmé", de seu livro **Estrutura da lírica moderna** (FRIEDRICH, 1982). Em ambos, desponta essa ideia de uma poesia que esvazia a linguagem de seus sentidos correntes, investindo na ideia de uma poesia "inútil" ou que resulta em uma máquina de linguagem que se constituíra como "esforços" de violar o caráter referencial e gasto da linguagem comum.

Alberto de Oliveira presente em Na sala de aula, aponta ser uma figuração bastante presente na poesia de Baudelaire e de alguns de seus contemporâneos. Há em Alberto de Oliveira a mesma tentativa de figurar no poema "o destino do poeta em meio à turba que não o compreende". Isso só se poderia alcançar em uma situação histórica que permite divisar a existência de um campo literário, nos quais as rotinas e práticas inerentes à produção, circulação e recepção da literatura se efetivaram. Mais que isso, o poeta só poderia alçar esse "voo" de albatroz "desgracioso e com asas inúteis" por cima de um panorama que já possuísse um conjunto razoável de "marinheiros" que conseguissem manejar o barco ao mesmo tempo em que tentam capturar o pássaro. Assim, a autorreferência do poético é ela também sinal de um lugar histórico e de uma crença na autonomização da linguagem poética, que só poderia ter lugar em um país como o Brasil depois de um processo de constituição de um sistema literário que já assegurasse a presença de poetas com relativa autonomia em relação aos modos de dizer, justamente por acreditarem que havia entre nós uma comunidade, embora restrita, de leitores habilitados ao manejo do leme do poema.⁶

Nos dois ensaios finais, são analisados dois poemas da primeira metade do século XX: um de Manuel Bandeira, de 1936, e outro, de Murilo Mendes, publicado em livro de 1947. Embora não se declare a intenção de tomar os seis poemas analisados em **Na sala de aula** como paradigmáticos de estilos

A aproximação entre o ensaio "No coração do silêncio", presente em Na sala de aula, e o ensaio "O Albatroz e o chinês" é decorrência de uma leitura minha. Nunca foi aventada pelo próprio Antonio Candido, que no ensaio sobre Baudelaire não faz qualquer analogia com o movimento de "arte pela arte" da poesia finissecular no Brasil e a poesia baudelaireana. Contudo, julgo que muito da interpretação feita sobre "Fantástica", de Alberto de Oliveira, aponta para conclusões similares às que Candido faz ao analisar o poema de Baudelaire. E nisso consiste a aproximação que entre elas aqui faço, mesmo sem qualquer explicitação de vínculos entre elas por parte do autor.

de época ou escolas literárias, ou, ainda, de conduzir as análises de modo a oferecer um quadro evolutivo da lírica brasileira, isso é o que parece ocorrer, como exemplificam bem, no meu entendimento, os dois últimos ensaios. O primeiro, "Carrossel", analisa o poema "Rondó dos Cavalinhos", de Manuel Bandeira. Nele, a teoria analítica exposta por Candido no prefácio parece ganhar concretude e possibilidade de ser seguida em todo o seu rigor e precisão:

Os dois últimos ensaios, no meu entendimento, exemplificam bem essa constatação. O primeiro, "Carrossel", analisa o poema "Rondó dos Cavalinhos", de Manuel Bandeira. Nele, a teoria analítica exposta por Candido no prefácio parece ganhar concretude e possibilidade de ser seguida em todo o seu rigor e precisão:

Com maior ou menor minúcia conforme o caso, as análises focalizam os aspectos relevantes de cada poema: às vezes a correlação dos segmentos, às vezes a função estrutural dos dados biográficos, às vezes o ritmo, a oposição dos significados, o vocabulário etc. Mas em todas elas está implícito o conceito básico de estrutura como correlação sistemática das partes, e é visível o interesse pelas tensões que a oscilação

⁷ A ideia de supor o Arcadismo como "primórdio" e o Modernismo "como estágio evolutivo final" da Literatura Brasileira é a linha adotada em quase todos os estudos historiográficos de Antonio Candido. Em Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, ele concebe a literatura brasileira como " o esforço de um povo em busca da construção de uma literatura", o que se inicia com os primeiros árcades e um incipiente nativismo esboçado por eles e ganha maturidade com o Romantismo e a Independência política do Brasil. O recorte do livro, obviamente, impediria de incluir o Modernismo e qualquer outra produção literária posterior ao século XIX, já que se fecha com o capítulo referente ao ensaio "Instinto de nacionalidade", de Machado de Assis. No entanto, existe na produção de Candido uma série de textos e livros que apontam o Modernismo como o estágio evolutivo final da lei de nossa "evolução espiritual e cultural", a lei de proceder à "síntese gradativa entre as tendências localistas e universalistas". Cf. Candido (1959, 1965).

ou oposição criam nas palavras e entre as palavras e na estrutura, frequentemente com estratificação de significados. (CANDIDO, 1987, p. 6).

Conforme se vê, cada análise focaliza um elemento específico constitutivo de um poema, fazendo dele a chave explicativa que permite deslindar seus sentidos e as leis de organização de sua estrutura. Em cada análise se focaliza um desses ingredientes da receita: aspectos historiográficos e estéticos, no primeiro ensaio; função estrutural dos dados biográficos, no segundo; o ritmo, no terceiro; o vocabulário, no quarto, e, finalmente, nesse quinto ensaio, o emprego de todos esses recursos ao mesmo tempo, definindo a oposição entre as partes como lei organizadora da estrutura do poema de Bandeira.

O poema de Manuel Bandeira, analisado por Antonio Candido, sinaliza em seu aspecto formal que é a síntese globalizadora do que cada poema anterior oferecia. A análise de "Rondó dos cavalinhos", de A estrela da manhã, de 1936, parte de um elemento formal, uma parte do poema, o seu refrão. O dístico utilizado como estribilho apresenta, segundo Candido, uma desconexão rítmica, um verso entrecortado pela pontuação e outro verso que desliza em função da ausência dela. A tensão, mediada pela pontuação e a consequente disparidade do ritmo, é reiterada pela oposição promovida pelo emprego de dois sufixos diferentes associados à mesma palavra: "cavalinhos" e "cavalões". A flexão de grau permite antever uma inversão e uma disposição irônica que perpassará todo o poema. Os homens se brutalizam e animalizam em função do aumentativo pejorativo e os animais se personificam em função do uso de um diminutivo afetivo. Um mesmo vocábulo designa homens

e cavalos; contudo, uma pequena alteração permite subverter a "lógica usual", conferindo ao homem um lugar de animalidade e ao animal um lugar de humanidade. A tensão decorrente de uma parte do poema, seu estribilho, é vista como elemento condensador do sentido geral dele. A parte e o todo se iluminam e se explicam, mutuamente, em um movimento de leitura circular, que convocará dados da História da primeira metade do século XX; a figuração do tema lírico-amoroso; dados biográficos e circunstanciais da vida de Bandeira e de um almoço oferecido a um amigo próximo. Tudo isto se postula ainda como elemento que demonstra como uma forma medieval, o rondó ou rondel, é atualizado pela poesia de Manuel Bandeira. Dessa forma, se, em cada um dos quatro poemas anteriormente analisados, foi possível destacar um elemento formal específico, dos tantos que se poderia empregar como recurso analítico, no de Manuel Bandeira aparentemente todos esses níveis de formalização da análise (o ritmo; a estrutura sintática; o tempo verbal; a correlação com dados autobiográficos; as questões pertinentes ao período literário e histórico de modo mais amplo; o vocabulário e os usos e abusos de uma forma literária usual) serão convertidos em recursos que se prestam à análise totalizante do objeto. Além disso, todos esses elementos aparecem aqui coordenados por um princípio geral ordenador que os unifica, a ironia. Assim, a própria configuração da análise destaca, no poema de Bandeira, um sinal da função modernista de síntese dos esforços anteriores de amalgamar recursos, de fundir fundo e forma e de conceber uma poesia nacional que sequer se precise dizer nacional, ou síntese de localismo e universalismo, por tão universal e autônoma que é. Por tão totalizante e específica, ela é então apenas poesia, Manuel Bandeira apenas poeta, para os quais só sobrariam como qualificativos adequados os de completo e único.

O ensaio que fecha o livro propõe uma análise de poema de Murilo Mendes, de 1947. Nele, Candido não destacará elementos formais específicos, mas buscará demonstrar como a poesia de Murilo Mendes pode ser inscrita nos quadros universais da poética modernista, segundo conceitos como os de "impertinência", "choque" ou "dissonância", proposto por alguns dos mais conhecidos teóricos europeus da poética da modernidade, seguindo de perto algumas formulações propostas por Jean Cohen e Hugo Friedrich. Desse modo, aponta um estágio fulcral no complexo evolutivo da literatura brasileira. A superação da dependência cultural nos coloca em uma posição não mais de periferia em relação a um centro colonizador, mas lugar de emissão de uma visão de mundo e de uma prática de produção poética extensiva de uma longa tradição, a qual nos filiamos, antes, como dependentes, e da qual, hoje, poderíamos atuar como produtores. Poderia, aqui, desenvolver, longamente, como essa análise é tributária e engendradora da noção literária, e hoje conceitual, de Antropofagia. Os limites desse texto me forçam, contudo, a concluir que, mesmo em um livro que visa a reunir exercícios de análise literária – aparentemente despretensiosos e que se ocupam da exemplificação de técnicas analíticas para serem utilizadas em sala de aula, portanto didático –, ainda assim, a ordenação das análises, a escolha dos textos e a estruturação do livro denunciam que o pensamento historiográfico do autor está diluído, mas nunca ausente

No que se refere aos modelos analíticos instrumentalizados através de análises literárias exemplares, pode também detectarse grande parte do arcabouço teórico que Antonio Candido explicita e formaliza em **O estudo analítico do poema**. A teoria exposta no livro parece encontrar **Na sala de aula** como seu lugar de plena exemplificação. Cumprindo função

complementar, a teoria se esboça em um livro e é aplicada em um caderno de "exercícios" exemplares. Desse modo é que uma noção teórica como a de estrutura é tomada de empréstimo dos estudos estruturalistas, como base teórica que, assimilada, será devolvida com nova roupagem, na qual não significará morte do sujeito/autor/poeta, mas emprego de dados biográficos quando se fizerem necessários. A História - tanto da literatura quanto das práticas sociais, culturais e econômicas (se é que nessa fundação crítica-teórica há, entre o estético e o social, uma fronteira) – interessa também, desde que esse "externo se torne interno e estruturador da obra poética, ou seja estético". Assim, na análise dos poemas, a obra de Candido avalia na poesia aquilo que também a sua teoria formula: a "lei de nossa evolução espiritual e cultural é a síntese entre tendências localistas e universalistas", e a partir do Modernismo e de sua devoração e assimilação do de fora, teremos um novo de dentro, que inclui uma poesia autônoma e específica e uma teoria crítica igualmente autônoma e específica para deslindar os sentidos uma da outra. Teoria que se funda no literário, ou um literário que se presta a legitimar o que o teórico funda, a partir dele. Noções como as de chave interpretativa; de estrutura fundada na lei da oscilação, ou da oposição; circularidade entre traço de estilo e traço de época; impertinência do poético, ou provocação do choque no leitor a partir da ruptura de uma aura: todas essas palavras de um vocabulário crítico universal se fundem e se assimilam, ou se preferir, são devoradas na boca de um fundador crítico-teórico de um modelo analítico que se ajusta aos modelos de composição estética instaurados pelo Modernismo brasileiro.

O modelo teórico-crítico-historiográfico de Antonio Candido responde a um conjunto de dilemas, a um repertório

de perguntas e a um conjunto de produtos literários, demarcados historicamente, como aliás todo e qualquer método investigativoanalítico. O que se consegue reiterar no método dele é a coerência e coesão demarcadas em cada instância de um pensamento crítico e teórico atento a um projeto que se pode detectar em qualquer produto inscrito nele. A compreensão do que é poesia e as noções do que é compreender um poema estão, intimamente, vinculados ao que se pensa que é a literatura brasileira e atendem a um projeto que sabia o que pretendia fazer dela, e fazia. Dessa forma, a correlação entre as funções de crítico (fortemente impregnadas por sua perspectiva teórica-historiográfica), professor e político são partes integrantes de um mesmo esforço contínuo. Compreender o processo de constituição do literário no Brasil, atrelando o dinamismo do processo à feição singular de cada componente dele, só se justificava na medida em que se articula com a socialização desse conhecimento, tornando-o parte de um projeto humanizador que garante o direito inaliável à partilha desse conhecimento em "sala de aula". Não se poderia pensar em ação política mais efetiva e participante do que tornar a poesia um direito e um dever. Para uma literatura empenhada, um leitor empenhado em consolidar a circulação da poesia, o fazer do poeta e as práticas de socialização, sem as quais a poesia jamais integra ou transforma o sistema.

Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. Movimentos de um leitor. In: D' INCAO, Maria Angla; SCARABÔTOLO, Eloisa Faria. Dentro do texto, dentro da vida. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. Tradução de George B. Sperber. São Paulo. Perspectiva. 1976.

BOSI, Alfredo. Por um historicismo renovado. Teresa. Revista de Literatura Brasileira. São Paulo: USP, 2000.

CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo. Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo. Ática, 1982

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros estudos. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Martins, 1959.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Cia ed. Nacional, 1965.

CANDIDO, Antonio. O albatroz e o chinês. In: CANDIDO, Antonio. **O albatroz e o chinês.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. p. 13-14.

CANDIDO, Antonio. **O albatroz e o chinês.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. As rosas e o tempo. In: CANDIDO, Antonio. **O observador literário** (1959). 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

CANDIDO, Antonio. Entre pastores. In: CANDIDO, Antonio. **O observador literário** (1959). 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

CANDIDO, Antonio. **O observador literário** (1959). 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, Antonio. 4. ed. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas, 1985.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Organização, seleção e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: 34/Duas Cidades, 2002.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. Tradução de Marise Curione e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1982

SPITZER, Leo. **Linguistica e história literária**. 2. ed. Tradução de José Perez Riesgo. Madri: Gredos, 1968.

Candido e Freud: fragmentos do vivido em Boitempo I

Cleusa Rios P. Passos*

RESUMO

Antonio Candido, no artigo "Poesia e ficção autobiográfica", enfoca a questão da memória em autores mineiros, centrando-se, sobretudo, em Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava. A leitura aqui pretendida rastreia sua proposta analítica relacionada ao primeiro poeta, mais especificamente a seu livro **Boitempo** I, sublinhando os fragmentos do vivido, capturados a partir de "cenas, casos e emoções da infância" do poeta. Candido destaca a construção de tais traços pelo eu lírico adulto, ou seia, a forma pela qual o presente atua no passado. ressignificando-o literariamente e sem ignorar diferentes olhares interpretativos, inclusive citando Freud, ao retomar J. Guilherme Merquior, incorporando, portanto, o apoio teórico da psicanálise. Na esteira da crítica, o ensaísta reafirma – e vai além – a presença do humor mais leve em Drummond, algo distinto do conjunto de sua obra e mais voltado para a "trama do mundo como espetáculo", ideia fulcral vinculada a uma associação entre o eu e a cultura, mas também a um "dar a ver", que pode ser pensado em termos psicanalíticos. Como na maioria de seus textos. Antonio Candido sintetiza finas reflexões que, desmembradas, abrem aos leitores vários caminhos interpretativos. É um deles que se intenta trilhar aqui.

Palavras-chave: Antonio Candido. Carlos Drummond. Boitempo I. Memória. Crítica literária. Psicanálise.

^{*} Professora titular departamento de Teoria Literária e Literatura da (FFLCH) Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora do CNPq e Coordenadora (com outra docente) do Grupo Crítica Literária e Psicanálise (FFLCH/USP).

Candido and Freud: lived fragments in Boitempo I

ABSTRACT

Antonio Candido focuses on the question of memory in the article "Poesia e ficção autobiográfica" in authors from the state of Minas Gerais, concentrating especially on Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes and Pedro Nava. The objective of this text is to trace Antonio Candido's analytical proposal related to the first poet mentioned above considering particularly his book Boitempo I, underlining those lived fragments captured from "scenes, stories and emotions from the poet's childhood". Candido highlights the construction of such traces, which are created by the adult speaker, that is, the way through which the present acts in the past giving literarily new meaning to it without ignoring different interpretative viewpoints. He also quotes Freud when he retakes J. Guilherme Merquior, thus incorporating psychoanalysis as the theoretical framework. In the wake of criticism, the essayist reaffirms – and goes beyond it – the presence of a lighter mood in Drummond, something different from the whole of his work more focused on the world plot as a spectacle, central idea linked to an association between the I and the culture, but also the "creation of visibility" that can be thought in psychoanalytic terms. In most of his texts, Antonio Candido synthesizes fine reflections that once dismembered open up various interpretative paths. One of those is the intention of this paper.

Keywords: Antonio Candido. Carlos Drummond. Boitempo I. Memory. Literary criticism. Psychoanalysis.

Um tributo a Antonio Candido

Em "Poesia e ficção autobiográfica", publicado no livro **A educação pela noite & outros ensaios** (CANDIDO, 1989), Antonio Candido faz um elucidativo levantamento de autores que produziram "autobiografias" em Minas, desde o século XVIII, mas seu intento maior é debruçar-se sobre uma "modalidade particular", ou seja, sobre os textos qualificados por ele como "autobiografias poéticas ou ficcionais", pertencentes a três renomados mineiros, do século XX, **Boitempo I** (1968) e **Boitempo II** (**Menino antigo**) (1973), de Carlos Drummond de Andrade, **A idade do serrote** (1968), de Murilo Mendes, e **Baú de Ossos** (1972) e **Balão cativo** (1973), de Pedro Nava.

Como não poderia deixar de ser, a questão da memória se destacará em todos eles, configurando-se de acordo com suas próprias singularidades, mas preservando sempre a escrita precisa e clara de um ensaísta que, em um parágrafo ou expressão, concentra dados substanciais da poética ou da prosa desses autores. Ao rastrear tais particularidades, percebe-se, na sutileza de seu olhar, o apuro da opção crítica que, sem mencionar nenhum viés teórico explícito, não abre mão de conhecimentos diversos que incluem reflexões de Freud.

Aliás, não custa lembrar que já no consagrado artigo "Crítica e sociologia", Antonio Candido considera literalmente "decisivos" tanto os fatores sociais como os psíquicos para a interpretação literária (CANDIDO, 1973, p.7) e, mais, argumenta que atuam, na "economia do livro", diferentes aspectos da cultura, inserindo-se em uma importante corrente crítica, propagada, com variações, por diversos autores. Basta citar Roland Barthes, que, anos depois, em sua **Aula**, afirma: "a literatura faz girar

muitos saberes" (BARTHES, 1980, p.18) e qualquer um deles nunca é inteiro. A observação se mostra significativa não só ao olhar de Candido, mas também à psicanálise, saber aqui em destaque para a abordagem de um fragmento de "Poesia e ficção autobiográfica".

Cabe esclarecer que esse ensaio foi, inicialmente, uma palestra realizada por ele em Belo Horizonte em março de 1976 e publicada com o título "Autobiografia poética e ficcional de Minas" (CANDIDO, 1989, p. 215), um ano depois, revelando um intuito explícito de não tratar da "autobiografia em geral", mas, sim, de uma "modalidade particular", cujo intuito era comentar "alguns livros autobiográficos de cunho francamente poético e ficcional" (CANDIDO, 1989, p.53). A ressalva é importante porque, em 1977, dois anos após sua apresentação, Serge Doubrovisky cria, na quarta capa de sua obra **Fils,** o termo "autoficção", gerando, na década de 80, discussões teóricas quanto à autobiografia em literatura e controvérsias em relação ao próprio termo.

O assunto não será discutido teoricamente, entretanto, Antonio Candido teve o cuidado de sublinhar que os textos selecionados eram da ordem do ficcional e/ou poético, tendo, inclusive, uma dupla e reversível leitura, isto é, poderiam ser lidos como "recordação" (e acrescento que a palavra comporta muito da construção ficcional) ou como "obra criativa" e a leitura de "dupla entrada" proviria de ela ser "simultânea, não alternativa" (CANDIDO, 1989, p. 53), ou seja, impossível ler tais textos ignorando o ato estético. Sem dúvida, aí aflora uma fina perspectiva crítica no que concerne à recepção de uma obra composta com traços do vivido, revelando em um artigo, aparentemente, sem a pretensão de se deter em questões teóricas da "autobiografia", um modo de ler outras produções literárias dessa natureza.

Em linhas gerais, seu viés se centra no trabalho textual, tecido pelos autores citados, contemplando circunstâncias histórico-sociais e destacando que, em comum, os três autores retomam fragmentos de suas vidas, nos quais a presença do Imaginário recai sobre certos traços afetivos peculiares ao passado, (re)configurados graças à elaboração verbal, ao Simbólico.¹ A proposta aqui perseguida aborda justamente tal ângulo, focalizando, de forma específica, faces de **Boitempo I**, de Carlos Drummond de Andrade, a partir do artigo de Candido e de algumas de suas sugestões, que, além de confirmadas, dão margem a interpretações, apoiadas, sempre analogicamente, em elementos teóricos da psicanálise. Impõe-se, agora, um tributo a Antonio Candido, pois sua capacidade de sintetizar ideias tem gerado, ao longo dos anos, inúmeros trabalhos de crítica literária. Este é mais um dentre tantos

Drummond: a lírica ficção do vivido

Como se percebe em **Boitempo I**, e em sua continuidade, **Boitempo II**, o poeta busca algo perdido; dito de outra maneira, busca o tempo e o espaço pretéritos da meninice e de parte da adolescência (seus 14 anos), vividos em Itabira, e Candido bem o assinala: é o adulto, escreve ele, que, por meio de um olhar distanciado, procura (re)compô-los. Estabelece-se, assim, uma importante ciranda, na qual só a (re)construção imaginária do eu lírico em todos os poemas permite essa composição, filtrada pelo presente, que (re)cria restos de determinados episódios do

O termo é aqui compreendido como um dos três registros, na concepção lacaniana, da realidade humana. Vincula-se, portanto, ao Imaginário e ao Real e, em linhas gerais, identifica-se à linguagem, incluindo o inconsciente, bem como torna presente o sistema cultural a que pertencemos. (LACAN, 1975, p. 88).

vivido e os transfigura literariamente. *A posteriori*, pontuaria Freud. No universo psicanalítico, tal termo tem dupla acepção, a de reelaborar os fatos pretéritos angustiantes e a de sublinhar que o tempo de agora desencadeia imagens pessoais anteriores e as contagia com impressões e eventos mais recentes, sinalizando que nunca se obtém nem o passado nem a verdade por inteiro. O presente interfere no tempo pretérito e este se desdobra no momento atual, (re)articulando-o e ressignificando o vivido. Nesse sentido, na reconstrução das lembranças – sempre lacunares— algo da ordem da ficção se instaura. No caso do autor mineiro, soma-se aí o dado poético.

Nas primeiras linhas de seu artigo, conhecedor do conjunto da obra de Drummond, Antonio Candido, ao mencionar a variação de estilo em **Boitempo I** e **Boitempo II** em relação a outros poemas, sublinha a insistência do "veio autobiográfico sem amargura", evidenciado, em parte, pela volta da "piada", do "humor cotidiano", das 'situações corriqueiras"; características manifestas na seguinte citação de **A astúcia da mímese**, de José Guilherme Merquior, para quem o poeta assumiria nas duas obras:

um giro deliberadamente brincalhão, como se (para dizê-lo na língua de Freud), o humor drummondiano, reconhecidamente tão "superdeterminado", tão equívoco ou polissêmico, emergisse desta vez alacremente unívoco, solto e gaio, sem as restrições mentais da emotividade ferida ao choque do mundo. (apud CANDIDO, 1989, p. 54).

Ora, Candido não escolhe Merquior ao acaso, menos ainda tal passagem que inclui Freud, para quem a memória está presente ao longo de sua obra, vinculada à subjetividade e à linguagem. Além disso, a noção citada ocorre especialmente

quando o psicanalista trata dos sonhos com o intento de esclarecer que superdeterminação ou sobredeterminação é um efeito da condensação, um dos processos oníricos, cuja função, ao lado do deslocamento e da figurabilidade, é a de encerrar múltiplas interpretações e, graças a esse elemento sobredeterminado, dá, a aspectos de menor importância, maior valor, sugerindo, assim, a força da censura na cena onírica. Vale, ainda, recobrar a citação de Merquior inteiramente em seu próprio contexto, encerrando-a: "É pelo menos a impressão que se retira de muita coisa de **Boitempo I**, a começar pelo lamentável acidente equestre de "Queda" (MERQUIOR, 1972, p. 50).

Em seguida, vale adentrar a cadeia do humor reconhecida pelos dois críticos, relendo o poema:

Cair de cavalo manso: coisa que só acontece uma vez em cada século. Por que, no século 20, logo a este acontecer? naquela rua?

Na última estrofe, o eu confessa a causa de sua queixa:

Num relâmpago Hermengarda, de heril semblante, assoma ao rendilhado balcão e contempla — mal uso de belos olhos minha total humilhação. [...] (DRUMMOND, 1973, p. 86)

Ao acontecimento, prosaico e desonroso para o eu lírico, opõe-se a cena tradicional da donzela de semblante senhoril, que se coloca no espaço alto do balcão, distanciada e contemplativa, isto é, ela olha com admiração não para um altivo cavaleiro, mas,

ao contrário, para sua queda, anteriormente anunciada ao leitor, já no título do poema. À ironia do tombo, acresce-se a falta de sincronia do tempo, peculiar à cidade pequena onde todos se conhecem: um jogo amoroso medieval, em pleno século 20 (?!), vem marcado pelo número arábico, corrente à época atual, que desloca o algarismo romano, clássico na representação dos séculos, marcando a anacronia dos costumes, geradora da humilhação final e descabida porque em descompasso com a época. Constrói-se a crítica irônica em relação ao provincianismo e o riso "grácil" aflora sem acidez, exatamente por tal descompasso.

Logo, se, em linhas gerais, a obra de Drummond comporta um humor ácido, mesclado à ironia e produzindo, por vezes, risos contaminados pela angústia, o que valida o nó sobredeterminado, referido por Merquior e ratificado por nosso ensaísta, **Boitempo** I escapa ao amargor da poética do autor itabirano como constante. Para Antonio Candido, essa tendência, extensiva a **Boitempo** II, poderia ser resultante do intuito "autobiográfico" de ambas as obras. Literalmente, ele declara: "Não se trata mais de poemas da memória em meio a outros de orientação diversa; mas unicamente de casos, cenas, emoções da infância de um emissor suficientemente caracterizado para se saber quem é." (CANDIDO, 1989, p. 54).

As cenas poéticas

Destaco aqui os termos: **casos**, **cenas**, **emoções da infância**; ou seja, fragmentos do vivido que retornam como traços pretéritos lacunares, demandando ressignificação. Aliás, se não há em **Boitempo I** a insistência da sobredeterminação, tais traços

também permitem evocar a "língua de Freud", pois o trabalho mnêmico permite confluências entre o poeta e o psicanalista. Não por acaso, "(In) Memória" abre a obra do primeiro , preparando o leitor para os pedaços de vida – agora concretizados pelo verbo – que se tentará ilusória e paradoxalmente enfeixar, com lucidez das lacunas e da perda da memória da existência. Parece claro ao eu lírico que ficam restos de lembranças, condensados no vocábulo "resumido":

De cacos, de buracos de hiatos e de vácuos de elipses, psius faz-se, desfaz-se, faz-se uma incorpórea face, resumo do existido. (DRUMMOND, 1973, p. 7).

A psicanálise sustenta que as lembranças jamais ressurgem como outrora vividas, mas reaparecem nas sensações angustiantes não resolvidas e em impressões, experiências e acontecimentos mais recentes, desencadeadores de imagens, cenas e episódios pretéritos, nem sempre relacionados explicitamente. Em linhas gerais, os poemas dramatizam liricamente o acordar das lembranças, comportando estilhaços da existência em unidades formais, cenas independentes, mas, paralelamente, partilham um fio comum – a (re)construção do vivido – que autoriza a leitura da obra em seu conjunto. Com acerto, Candido assinala que o intuito "autobiográfico", em Boitempo I, não vem marcado pela "auto-análise", "dúvida", "inquietude" ou "sentimento de culpa", se pensarmos na virtual totalidade da obra e que o poeta se inclui " deliberadamente na trama do mundo como parte do espetáculo" que se configura em alguns poemas de Lição de coisas. (CANDIDO, 1989, p. 55).

Se retomássemos uma das reflexões de Doubrovsky sobre seu conceito de "autoficção", contida em "Mon dernier moi" (DOUBROVSKY, 2010), na qual ele propõe que "o vivido se conta vivendo" e a transfigurássemos pensando na produção poética de Drummond, assinalada por Candido, seria possível dizer que "o vivido se poetiza vivendo", ou seja, os acontecimentos da vida do sujeito lírico, de algum modo, se perdem, se inserem e se encontram na trama ampla da poesia, na qual Imaginário e Simbólico se transfiguram-nos versos que compõem a cena da escrita poética, espetáculo a ser oferecido ao olhar do leitor, deixando de ser mero acontecimento pessoal para se tornar cultural. Embora em alguns poemas o tempo verbal ocorra no pretérito, na maioria, o presente domina como se o sujeito pudesse re-viver o perdido no universo lírico, no momento da fatura dos versos.

Candido afirma, com relevância, que o poeta se vê de "fora para dentro". Em direção distinta, é possível aventar que esse "dar a ver" para o mundo (o Outro) também constitui uma forma de ele ser olhado, de se mostrar e mostrar sua criação, tornandose objeto do olhar alheio, o que o leva a privar-se do próprio, para que sua arte se desvele e exista.² Dar visibilidade a seus versos permite ao poeta persistir no tempo, porém, paralelamente, ele deve aceitar os diferentes sentidos recebidos pela recepção de sua obra. E, aqui, volta-se a Candido, reiterando e ampliando a ciranda interpretativa de seu ensaio: o trabalho pessoal do eu lírico (que já se fez com aspectos de inúmeros saberes, nem sempre conscientes) torna-se cultural e, pode-se acrescentar, o poeta abdica de seu olhar em nome de uma função maior: a delegar a todos sua lírica.

Embora a incursão seja inspirada no "dar a ver" proposto por Lacan, ela ganha aqui outra perspectiva por se tratar de literatura. LACAN, 1973, p. 73).

Voltando à afirmação relativa à certa leveza de bom número de poemas de **Boitempo I**, pode-se citar "O criador", "País de açúcar", " Orion", "Flor mágica noturna" ou "Cantiguinha", abaixo transcrito:

era um brinquedo maria era uma estória maria era uma nuvem maria era uma graça maria era um bocado maria era um mar de amor maria era uma vez era um dia maria. (DRUMMOND, 1973, p. 71)

Há, ainda, versos mais brincalhões como os que compõem "Diabo na escada", "Os excêntricos" ou o poema narrativo "*Suum cuique tribuere*", cujo título latino permite o entendimento de "dar a cada um o que é seu", revelando o olhar do adulto para o pequeno e distante universo de Itabira. Vale a pena sua leitura:

O vigário decreta a lei do domingo válida por toda a semana:

– Dai a César o que é de César.

Zé Xanela afundando no banco vem à tona d'água ardente acrescenta o parágrafo:

– Se não encontrar César, pode dar a Sá Cota Borges que é mãe dele. (DRUMMOND, 1973, p. 113).

Do ponto de vista da psicanálise, a criação dos poemas citados parece obedecer ao principio do prazer, cuja função é evitar o desprazer, e, especialmente em **Boitempo I**, o desprazer de algumas recordações de outrora. Em "Cantiguinha", o eu lírico revisita o passado tratando, de modo poético, estereótipos das histórias infantis, graças ao emprego de formas nominais (não há subordinação), da ausência de pontuação e ao emprego

de repetições, a saber: "era um"/ "era uma", expressão que insiste até se completar no "era uma vez", frase introdutória dos contos feéricos, que insinua um universo atemporal. Dispostos simetricamente, evocando cantares da infância, todos os versos terminam com o nome "maria", provocando uma expressiva reverberação (um/ uma/ mar/ amor/ dia) ao longo do poema. Se "Cantiguinha" se abre com esse vocábulo no diminutivo – grau de flexão peculiar ao mundo infantil – o cantar se encerra com o nome feminino, fundamental e escrito em letra minúscula, mimetizando o tamanho da criança, sugerindo a marca afetiva de um possível despertar do primeiro amor (a graça, o bocado, o mar de amor), imenso como o mar, fecho pleno do último verso.

Já em "Suum cuique tribuere", o eu lírico se vale igualmente do brincar infantil como forma de prazer na designação "Zé Xanela", evocando lúdicas associações verbais: Zé Janela, Zé Canela, Zé Chinela etc., além da deliciosa ambiguidade da diferença de níveis culturais, que ironiza a pregação do vigário, tanto pelo título em latim, incompreensível aos fiéis, quanto pela menção ao imperador César para um público simples, que desconhece, em geral, a história de Roma, porém parece reconhecer a de seu cotidiano, a história comum do filho de Sá Cota Borges. O humor manifesta-se graças ao deslocamento de sentido do nome próprio, questionando o discurso do vigário, expondo sua inadequação e descompasso no que concerne ao nível de informação histórica de seus ouvintes.

O jogo de palavras se apoia no equívoco e na brevidade do poema, fulcral para desencadear o riso a serviço do princípio do prazer e do desejo do eu lírico, atuantes na transgressão da lei e da censura, rompidas por meio da introdução do *nonsense* do recado de Zé Xanela. Tal figura emerge do banco e de uma provável

"bebedeira" de "aguardente" – palavra expressamente pontuada por sua divisão em dois versos água / ardente, elaborados por um eu lírico crítico e articulador do presente. Ao despertar, Zé Xanela busca cumprir, de algum modo, a imperativa lei cristã e, sem o saber, a descontrói, ao trocar as personagens e apequenar o César romano – a atitude, além de satirizar o pároco, dá voz aos fiéis que, análogos a Zé Xanela, não entendem a prédica, tornando-a ineficaz.

O eu lírico cria essa figura, que desvia a língua no próprio interior da língua, se recuperarmos considerações de Roland Barthes, causando um "estrago" benéfico à comunicação (BARTHES, 1980, p. 19). Ao tratar do *nonsense*, Freud menciona a dualidade "desconcerto-esclarecimento" (FREUD, 2006, p. 24) que o termo comporta e a possibilidade de sua transformação, às vezes, em chiste. De certo modo, Drummond vai nessa trilha, pois trabalha com a transgressão por via do humor, "dom precioso e raro" (FREUD, 2014, p. 330) que faz o homem rir de si próprio, encarar, entre outros aspectos, a dor, o mal-estar, a finitude, e, particularmente no poema, o papel do humor seria o de desfazer um poder, totalmente deslocado do próprio ensinamento cristão, em uma pequena comunidade na qual o padre é um dos representantes da lei.

Em síntese, o eu poético realiza seu desejo de virar o jogo, ridicularizando um poder que inferiorizava os demais, valendo-se do princípio do prazer e do próprio mecanismo do humor, que precisa da "cena social" para ser bem-sucedido. Além dos fiéis, os leitores pactuam com tal cena, saboreando um duplo reconhecimento: a grandeza de César romano e seu apequenamento, efetuado pela palavra transgressora que desencadeia o riso e reduz o prestígio do padre para instaurar uma forma de **contrapoder** (BIRMAN, 2010, p. 188).

Duas formas de "Ubi Sunt?"

Contudo, e de novo, Antonio Candido permite a abertura de um parêntese em seu ensaio, pois é possível assinalar que Drummond não ignora, em **Boitempo I**, o outro princípio freudiano, o de realidade, responsável pela recorrência de dois temas que se complementam: o renomado "*ubi sunt*" e a intensa dor da perda, constituindo-se exemplos deles "Ausência", "O resto", "Liquidação" "Os chamados", "O preparado" e o soneto "Repetição", aqui transcrito:

Volto a subir a Rua de Santana. De novo peço a Ninita Castilho a *Careta* com versos de Bilac. É toda musgo a tarde itabirana.

Passando pela Ponte, Luís Camilo (o velho) vejo em seu laboratóriooficina, de mágico sardônico. Na Penha, o ribeirão fala tranquilo

que Joana lava roupa desde o Império e não se alforriou desse regime por mais que o anil alveje a nossa vida.

Ô de casa!... Que casa? Que menino? Quando foi, se é que foi – era submersa Que me torna, de velho, pequenino?(DRUMMOND, 1973, p. 97)

No poema, o espaço e o tempo de hoje desencadeiam os de outrora, ao lado da leitura de Bilac, na revista **Careta**, da coleção da amiga Ninita Castilho. Entretanto, o musgo cobre a "tarde itabirana", insinuando sombra, ausência de flores, sementes e crescimento (de hoje em relação à imagem pretérita?), ou seja, embora viva, Itabira ganha a dimensão que o princípio de

realidade lhe impõe e o eu lírico – volta-se, aqui, ao pensamento freudiano – desconfia da memória, percebendo que ela se vincula à linguagem, pois é o trabalho verbal que parece dominar a ideia da "repetição", no tempo atual, por meio da visão, na Ponte, da figura histórica do químico Luís Camilo e da presença da lavadeira Joana, representativa de um feminino ainda escravo, resquício dos tempos do Império.

Contudo, a repetição não é a mesma. Ela vem marcada pelo elaboração poética do sujeito lírico e sua rememoração. Basta perseguir suas metáforas: a magia de Luís Camilo marca a lembrança do menino, tocado pela profissão do velho químico da cidade; a palavra do ribeirão, testemunha persistente da opressão histórica da mulher, toma o lugar do (falar) humano que, desde o Império, pactua com um regime discriminatório; por fim, a imagem do "anil" se impõe, deslocada de sua clássica função de alvejar roupa, para alvejar vidas. Tal deslocamento não buscaria provocar um estranhamento no leitor com o intento de revelar sua cegueira diante da cena repetitiva de Joana? Repetir comportaria, assim, faces distintas: a do eu lírico que procura retornar no tempo e espaço passados e a da história que sugere a ausência de mudança da condição de trabalho da mulher pobre e, de maneira mais ampla, do pequeno trabalhador sem qualificação.

Na estrofe final, de modo mais explícito, as interrogações (o constante "ubi sunt?") evidenciam a transfiguração das lembranças da história singular do eu lírico e, paralelamente, da coletiva, pois as incertezas explodem na constatação inquieta e inexorável da passagem temporal que atinge a quase todos nós: Que casa? Que menino? Será que aconteceu? O que torna verdade as imagens infantis na velhice? Além disso, a ciranda do tempo e o não saber exato sobre o vivido expõem outros e imprecisos questionamentos: será que é preciso obter a verdade?

Parte dela já não estaria nessa ficção poética que Drummond nos lega? Sem dúvida, os poetas sabem o que dizem: Fernando Pessoa também nos contempla com ideia semelhante nos versos finais de seu "Pobre velha música": "E eu era feliz? Não sei:/ Fui-o outrora agora." (PESSOA, 1969, p. 140).

A ideia de "ficção poética" em **Boitempo I** remete a novos elos. Basta ler "Primeiro conto", pequena obra-prima, que também poderia abrir a obra, pois escancara a ideia do inevitável "não saber", a angústia e a letra (o despertar da poeta já denunciava a luta com as palavras?):

O menino ambicioso não de poder ou glória mas de soltar a coisa oculta no seu peito escreve no caderno e vagamente conta à maneira de sonho sem sentido nem forma aquilo que não sabe.

A segunda estrofe contém uma espécie de contido lamento:

Ficou na folha a mancha do tinteiro entornado, mas tão esmaecida que nem mancha o papel.

Quem decifra por baixo a letra do menino, agora que o homem sabe dizer o que não mais se oculta no seu peito? (DRUMMOND, 1973, p. 79).

Em outros termos, o eu lírico adulto dá forma ao que o menino ignorava, mas reforça a ideia da desconfiança do tempo que corrói a memória, só lhe restando a interrogação pela metáfora da mancha: como decifrar a linguagem borrada da infância? Uma

vez ainda, Drummond atinge a todos. E se a psicanálise amplia a questão, Antonio Candido bem o observa, ao considerar que "a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo", tornando os traços autobiográficos "história simultânea dos outros e da sociedade" (CANDIDO, 1989, p. 55), sem abdicar do espaço mineiro; por outro lado, a história do "eu" não se elabora sem a dos outros. Embora de ordem distinta, o legado é recíproco. O ensaísta aponta, igualmente, que o afastamento entre o adulto e o passado se destaca em várias composições (linguísticas) de **Boitempo I e II**:

[...] generaliza o que pareceria restrito particular, e se revela no fato de o Narrador poético falar indiferentemente "eu" ou "o menino", e usar certa indeterminação que deixa apenas pressuposta a l.ª = 3.ª ou a 3.ª = l.ª pessoas em muitos poemas. O "eu" é "ele", mas "ele" é "eu"; são o mesmo, mas podem ver-se do lado de fora e de longe. (CANDIDO, 1989 p. 55).

Nessa direção, cabe reler "Herança", poema no qual o doloroso sentimento de perda e a conhecida contraposição drumondiana, a seca ironia (que embora não prevaleça no conjunto de **Boitempo I**, não deixa de aflorar), além de evocarem muito da "Confidência Itabirana", de **Alguma Poesia** (1930), reconstituem o universo econômico-social de outrora:

De mil datas minerais
com engenhos de socar
de lavras lavras e mais lavras
e sesmarias
de bestas e vacas e novilhas
de terras de semeadura
de café em cereja (quantos alqueires?)
de prata em obras (quantas oitavas?)
de escravos, de escravas e de crias
de ações da Companhia de Navegação do Alto Paraguai
da aurifúlgida comenda no baú

enterrado no poço da memória restou, talvez? este pigarro. (DRUMMOND, 1973, p. 63).

Aqui, a construção é semelhante aos textos já citados. Predominam as frases nominais, pois os bens financeiros, indicativos (alguns quase incontáveis) do patrimônio de antigamente – que se estendem de terras, gado e minerais a seres humanos, de ações à honraria social –, não passam hoje de mera enumeração mnêmica. Resta ao eu lírico um verbo ("enterrar") no particípio passado, que rompe inexoravelmente a lista de bens e se converte em parte da metáfora "poço da memória", que, por sua vez, se desfaz facilmente, pois a memória não é um grande buraco, nem um reservatório para resguardar acontecimentos e emoções.

Vale reiterar que, em psicanálise, a memória escapa ao senso comum, ao estabelecer elos com o desejo, o inconsciente, os afetos, as experiências e a linguagem. Segundo Freud, entra aí o tempo do inconsciente que obedece a uma lógica própria, diversa do tempo cronológico, e atua na (re)construção das lembranças, (re)articulando e (re)criando traços do passado, no presente. Conforme se viu, esse processo ocorre "a posteriori" ("nachträglich", (FREUD, 2006), ou seja, as marcas mnêmicas, inscritas desde a infância, podem ser ressignificadas em outro momento da vida, contagiadas por fantasias, sonhos e lembranças ulteriores. Guardadas as devidas diferenças, se, na análise freudiana, é possível encontrar novos nexos e interpretações do passado a cada fala, na literatura se obtém resultados semelhantes a cada (re)leitura. Contudo, no primeiro caso, nem sempre tal processo se realiza, pois, muitas vezes, as marcas mnêmicas retornam sob a forma de repetição, permanecendo irrepresentáveis e fora do campo da linguagem, embora interfiram, com intensidade, no presente.

Nos poemas de **Boitempo** I, a repetição não é um sintoma, mas um recurso literário. Em "Herança", ela atua na lembrança, ao longo dos onze versos, insistindo na perda dos bens de outrora como algo incessante, insinuando a dor sem o explicitar e desvelando o passado em função de sua contraposição, a saber, o mísero, duvidoso e diminuto fecho que encerra o último verso: "este pigarro". Ora, do ponto de vista cultural, o resto que fica vale bem mais do que o referido pigarro. Ao recobrar fatos, que podem ser comprovados pela história de Itabira, o eu lírico não só evidencia uma nítida recordação de sua cidade, integrada à coletiva, como, da perspectiva psicanalítica, revela sobrepor-se ao esquecimento que o desprazer das perdas poderia provocar. O inventário dos bens perdidos, espécie de registro poético, destaca não apenas o respeito ao princípio de realidade, mas também a maestria de dar forma lírica à dor, verbalizá-la de algum modo, embora com rasgos irônicos. À primeira vista, só lhe resta o pigarro, o som surdo que dá voz ao corpo, resultante de uma irritação da garganta, uma mucosidade de que se quer livrar.

No entanto, se tal viscosidade causa mal-estar, ela é igualmente defesa do organismo. E a maior defesa do eu lírico é a reelaboração da lembrança das perdas por meio da poesia. Ele não deixa de inserir, no verso final, o pequeno advérbio "talvez?", — a dúvida constante de grande parte de sua obra, o conflito peculiar ao humano que persiste. O que pesaria mais? Fica, então, a pergunta: e suas perdas? Sobretudo, porque elas são também as dos habitantes de sua cidade. Mas, é preciso reafirmar que resta, ao sujeito lírico, a criação — legado maior e ainda prazeroso, oferecido aos itabiranos e a seus leitores. Ele sabe dar forma poética às dores e aos fantasmas, sabe reelaborar as perdas da existência de qualquer sujeito frente ao tempo, à

história e à finitude. O poeta dá a ver ao mundo o prazer das imagens literárias de **Boitempo I**. E, nesse momento, reencontrase Antonio Candido e sua feliz interpretação:

Em Boitempo e Menino antigo a estilização literária é aplicada para narrar a existência do eu no mundo: particularizadora, de um lado, na medida em que destaca o indivíduo e seus casos; mas, de outro, generalizadora, porque é simultaneamente descrição de lugar e biografia de grupo. Os fatos e sentimentos, as impressões e ambientes, que são o ponto de partida da elaboração literária, pesam com maior impureza do que na obra lírica anterior; e, como acontece nos livros de memórias pessoais, a elaboração da forma não chega a dispensar o sentimento vivo do objeto, ponto de partida, porque o escritor quer justamente pô-lo na luz da ribalta, embora poeticamente transfigurado. (CANDIDO, 1989, p. 56).

Às lembranças pessoais, "a luz da ribalta" e o sabor do verbo.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula.** Tradução de São Paulo: Cultrix, 1980.

BIRMAN, Joel. O rei está nu. Contrapoder e realização de desejo, na piada e no humor. **Revista Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 22, 2010.

CANDIDO, Antonio. A Educação Pela Noite & Outros Ensaios. São Paulo: Ática, 1989

CANDIDO, Antonio. Autobiografia poética e ficcional de Minas. *In:* SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 4., 1976, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Edições do Cinquentenário da Universidade Federal de Minas Gerais, 1977.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Boitempo & a falta que ama.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

FREUD, Sigmund. Carta 52. (1896). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 1.

FREUD, Sigmund. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017. v. 7.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir, elaborar. (1914). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10.

FREUD, Sigmund. O humor. (1927). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 17.

LACAN, Jacques. Le séminaire/livre XI. Les quatre conceptes fondamentaux de lapsycahanalyse. Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. Le séminaire/ livre I. Les écrits techiniques de Freud. Paris: Seuil, 1975.

MERQUIOR, José Guilherme. A astúcia da mímese (ensaios sobre lírica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

Recortando Antonio Candido

Letícia Malard*

RESUMO

Lembranças pessoais e afetivas de Antonio Candido e de seu discípulo Alfredo Bosi em episódios da vida acadêmica na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), seguidas da abordagem dos sete textos da autoria de Candido, publicados em 1993, no livro **Recortes**, porém inéditos até aquela data, comentando-os em sua contextualidade com o objetivo de detectar no crítico um discurso e/ou uma temática **diferente** daqueles pelos quais foi e é mais conhecido e estudado na academia: o resenhista de resenha literária, o defensor da integração literária da América Latina, o literato memorialista, o crítico genético-comparatista e o cidadão indignado com a violência e a censura.

Palavras-chave: Candido. Recortes. Inéditos. UFMG. Literato.

^{*} Letícia Malard é professora emérita de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora em Literatura Brasileira. Entre seus livros publicados, citam-se Literatura e dissidência política (2006) e o romance Divina Dama, (2013), pela Editora UFMG.

Selecting Antonio Candido

ABSTRACT

Personal and affective memories of Antonio Candido and his disciple Alfredo Bosi in episodes of their academic life at the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), followed by an examination of the seven texts authored and published by Candido in 1993, in the book Recortes, still unpublished then, with a comment about their context with the objective of detecting in the critic a different discourse and/or theme from those for which he was and is best known and studied in academia: the reviewer of literary reviews, the defender of the literary integration in Latin America, the memoir writer, the genetic-comparatist critic and the citizen indignant at violence and censorship.

Keywords: Candido. Selections. Unpublished. UFMG. Writer.

Se a literatura se separa da errância banal da letra, ela só pode se ultrapassar – se suprimir – em uma estética generalizada que dá ritmo ao movimento da comunidade nova, das sementeiras e das festas do futuro. (RANCIÈRE, 1995, p. 16.)

Muito se tem escrito sobre Antonio Candido de Mello e Souza, o rei dos nossos estudos literários. Porém tenho a impressão de que, quanto mais se escreve, mais se tem a escrever sobre ele. Isso porque foi um estudioso da Literatura e das Ciências Sociais de qualidade inigualável na vida universitária brasileira, e de fácil comprovação: certa vez, presenciei uma conversa entre membros da Academia Brasileira de Letras, a propósito de candidatos que gostariam de entrar para ela, mas não queriam seguir o ritual, pedindo votos. Então, um acadêmico da diretoria disse a outro: "Meu amigo, isso só é possível no caso do Antonio Candido. Ele é o único que, se quiser, poderá entrar sem pedir, tal como a Irene entrando no céu, do acadêmico Manuel Bandeira".

Entretanto, o nosso famoso carioca de nascimento e radicado em São Paulo jamais almejou a Academia Brasileira de Letras ou qualquer outra. Não por desprezo nem desfeita à Instituição, mas por entender que tal láurea não fazia parte de seus projetos pessoais. Foi o que me disse. E mais: como todo homem bom de família mineira, era desconfiado de si e dos outros. A saudade me faz registrar agora esse recorte psicológico do mestre querido, antes de entrar em seu **Recortes**. Numa carta a mim, de 17 de abril de 2014, começa dizendo que está "ficando um quase centenário muito relapso, que no entanto ainda se alegra com as coisas propícias [...]." (CANDIDO, 2014, p.1).

Imagina se alguém vai reclamar de relapsitude – ainda que existisse – de uma pessoa com 96 anos em plena lucidez! "Coisas propícias", no caso, eram documentos relativos a seu bisavô

e tio-bisavô, atos de nomeação que localizei, por acaso, numa pesquisa sobre Educação no século XIX, no Arquivo Público Mineiro, cujas cópias lhe mandei. Ele, sempre admirador de genealogias, não tinha informações sobre aqueles papéis de seus antepassados e se alegrava em obtê-los, acrescentando: "Graças a você, incorporei um documento à história obscura de uma obscura família que veio de Lavras para a fronteira de São Paulo nos anos de 1840. Muito obrigado." (CANDIDO, 2014, p.1). Hoje não é preciso lembrar os frutos intelectuais que brotaram dessa árvore genealógica nada obscura: o pai Aristides, seus filhos Antonio Candido e Roberto, a neta Laura, etc., etc. Cito os que conheço de casos e de livros.

Creio que o cúmulo da desconfiança atesta outra carta, de 9 de dezembro de 1984, vinte anos antes da anterior, às vésperas do meu concurso para professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Somente dias antes ficou sabendo que eu era candidata. Na carta lamenta não participar da banca examinadora, devido à forma como foi convidado para ela, forma que o levou a recusar o convite: mandaram-lhe um ofício onde deveria assinalar embaixo "aceitação" ou "recusa", e devolver à Faculdade. Relata ele:

Ao contrário de qualquer norma que tenho visto seguida em minha longa carreira, inclusive pela sua Faculdade, não se informava sobre data, candidato, membros da comissão, nem se fazia a clássica consulta prévia, sem falar no estranho critério de pedir devolução do ofício com a simples menção referida. Pensei tratarse dum meio de fazer sentir que, apesar do voto da Congregação, a minha presença não era desejada; por isso, atendendo ao drástico pedido, anotei em baixo a segunda alternativa e devolvi. (CANDIDO, 1984, p.1).

Antes do concurso, não tive conhecimento – claro – da correspondência que lhe fora enviada, mas apenas da sua recusa,

e me perguntava, aflita: o querido professor de todos nós, para alguns presencial, para outros através da escrita, já teria tido notícia da minha tese e via defeitos irreparáveis nela? Entre não comparecer e reprovar, preferia a primeira alternativa? Afinal, o nosso professor direto ou indireto, tido como um examinador criterioso e finíssimo, não quereria meter-se em confusão na UFMG, cujo catedrático da matéria tinha sido o Wilton Cardoso, meu companheiro e seu amigo?

A situação só se esclareceu após o concurso: a inexperiência discursiva da funcionária que redigiu o Oficio. A direção assinou-o sem ler, pois é matematicamente impossível a um gestor conferir, palavra por palavra, todos os papéis encaminhados pelos assessores e em que a burocracia exige sua assinatura. A consequência foi o desconfiado examinador achar que a Congregação o indicara, mas para desgosto de alguma candidatura ao concurso...

Aliás, já que estamos no campo das lembranças acadêmicas, acho oportuno, no atual contexto político, abrir parênteses para evocar – dessa vez, nas trevas do Golpe Militar de 1964 – uma situação semelhante vivida por mim em 1972, com Alfredo Bosi, discípulo querido de Candido, na banca do meu doutorado. Sua arguição tratou apenas dos defeitos da tese, e ainda assim me aprovou com boa nota. Na época havia notas na defesa. Confesso que não entendia o porquê de generosa aprovação não bater com a severa arguição. Tempos depois, o Bosi me contou que o presidente da banca lhe dissera, em *off*, que ele tinha o tempo liberado, mas, a certa altura, fora surpreendido com o aviso de que o tempo estava esgotado. O arguidor achou estranho, mas obedeceu; nem sequer tinha entrado nas qualidades da tese – disse ele.

O que aconteceu, de fato, foi a chegada, à mesa, desta notícia secreta: a Polícia Federal estava pronta para intervir na sessão da defesa da tese. Segundo as forças da repressão, ela era sobre um escritor e um livro comunista [Graciliano Ramos – Vidas secas], com Introdução em que Mao Tsé Tung era citado com simpatia, e apresentada por uma famigerada professora de esquerda. Então, o presidente da banca quis acelerar o processo antes da provável invasão ao auditório – fato corriqueiro na Ditadura – que só não aconteceu por negociações do reitor. Boa parte dos jovens de hoje – sobretudo os que vão às ruas pedir intervenção militar – não têm a menor ideia de como as coisas se davam. Narro esse episódio como um sinal de alerta.

Fechando o parêntese: recordando e recortando Antonio Candido, a intenção deste ensaio é fazer uma visita aos textos então inéditos, do livro **Recortes** (CANDIDO, 1993). Segundo a Orelha esquerda, "É o livro mais diverso que o autor já publicou, formando uma espécie de visão circular sobre o mundo, as pessoas, a literatura". Na "Explicação", o mestre declara que, de início, achava que tais textos deveriam permanecer inéditos ou apenas na publicação de origem, dado seu caráter circunstancial. Depois acabou reconhecendo que "muitas vezes um crítico se realiza bem nos escritos de circunstância, tanto quanto nos mais elaborados." (CANDIDO, 1993, p. 9).

Tenho para mim que os textos publicados nos livros posteriores, mesmo quando escritos ou falados em contextos de circunstancialidade, não guardam as características desses que o professor resolveu publicar somente aos 75 anos. Não nos apraz fazer conjecturas sobre o "esquecimento", ainda mais porque ele era uma personalidade à qual nunca lhe faltava bom espaço para publicar o que quisesse: só o nome do autor já trazia a chancela

de qualidade. Contudo, é comum deparar com depoimentos bem-humorados de escritores, confessando ter esquecido papéis nas gavetas e encontrá-los somente quando vão arrumá-las na proximidade da "indesejada das gentes", como metaforizou Bandeira... de novo!

Os textos que serão visitados aqui não revelam o historiador da literatura brasileira e o crítico literário aos quais nós, os profissionais das Letras, estamos habituados, os quais vivemos citando em nossos trabalhos e indicando aos nossos alunos, orientandos e colegas. Também não repercutem o sociólogo das décadas de 1940-50, autor do clássico **Os parceiros do Rio Bonito**, nem o político dos anos 80, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT). O Candido desses recortes circula por outras paragens, guardadas no fundo do baú até 1993, quando vieram à luz. São os que nos propomos a examinar, na crença de que pouco aparecem no conjunto significativo dos estudos sobre o Professor, o Crítico e o Político, bem como na quantidade imensa de citações de sua obra nos trabalhos acadêmicos, no Brasil e no exterior.

Nossa tese aqui é que, nesses inéditos até 1993, deparamos com, pelo menos, cinco Candidos: o crítico resenhando a resenha de outro crítico; o crítico-historiador literário preocupado com a integração cultural do Brasil na América Latina; o crítico comparatista-genético; o literato memorialista e o pensador da liberdade de expressão. Trata-se de Candidos diferentes, se comparados à quase totalidade de seus escritos, que ora dialogam com essa totalidade, ora nada têm a ver com ela. São ângulos do Crítico que ficaram na obscuridade, talvez esquecidos na gaveta, por culpa dele mesmo, ou para serem lembrados vez ou outra, necessitando de alguma revisão, algum acerto. Como as

fronteiras do Crítico, do Professor e do Político são flutuantes, nem sempre é fácil limitá-las. Há casos em que os escritos não foram publicados porque o periódico ou o livro não saiu, por motivos inclusive de censura ditatorial. O autor, aborrecido ou indignado com o fato, abandonou o escrito para, quem sabe, um dia... Mas, penso que não perdem o "realizar-se bem", conforme se lê na mencionada "Explicação".

Em número de sete, os inéditos são, pela ordem no livro: "Acerca de André Gide" (parte de palestra em 1987); "Os brasileiros e a nossa América" (1989); "O olhar crítico de Ángel Rama" (s.d.); "Arnaldo" (1974.); "Censura-violência" (1979); "O barão" (s.d.); "Abecedários" (s.d.). Não especulamos sobre a data provável daqueles não datados porque não é nossa intenção trabalhar aqui com elementos cronológicos.

O primeiro texto, "Acerca de André Gide", é uma resenha do livro **Anatomie d'André Gide** (1972), de Roger Bastide. O sociólogo francês foi professor de Candido nos três anos do Curso de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), participou de sua banca de doutorado em Ciências Sociais, foi seu interlocutor. Em entrevista a Maria Lúcia Santana Braga, diz que essa interlocução foi definitiva para que ele se mudasse da Sociologia para a Literatura: o ex-aluno lembra que o prof. Bastide "Era um homem que cuidava muito da literatura. Era bom crítico literário. Ele era muito bom crítico literário." (BRAGA, 2000, p. 341). Essas relações explicam em parte o motivo da resenha do último livro – e de crítica literária – da vasta bibliografia de seu querido mestre sociólogo. Também era uma forma de homenagear o antigo professor, que morreria dois anos depois. Veja-se a seguir outra motivação.

O ex-aluno começa a resenha dizendo que Bastide não está interessado na obra de Gide como texto, "mas como experiência

criadora, expressão de uma personalidade extremamente complexa, embora possuindo constantes, linhas principais que ele procura descobrir." (CANDIDO, 1993, p. 110). Lembre-se que o Prêmio Nobel genial, depressivo, homossexual assumido, proibido pela igreja católica e polêmico André Gide (1869-1951), autor de **Corydon**, ensaio onde combate o preconceito à homossexualidade, sempre angariou muitos admiradores por aqui.

O resenhista mostra que Bastide tem seus próprios conceitos de estruturalismo – diferentes daqueles vigentes à época, que sofriam o impacto da Linguística e que não receberam a aprovação nem do resenhador nem do resenhado. Estive presente à conferência do primeiro, no III Encontro Nacional de Professores de Literatura, na Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), intitulada "Literatura-Sociologia" (1976), sobre o romance **O cortiço**, de Aluísio Azevedo. No evento, predominavam as abordagens estruturalistas, inclusive a de Affonso Romano de Sant'Anna sobre o mesmo romance. O enfoque de Candido destoava, o que levou Romano a publicar no ano seguinte o artigo "Curtição: 'O Cortiço' do Mestre Candido e o Meu" (SANT'ANNA, 1977, p. 213-235). No entendimento tanto de Bastide quanto de Candido, a crítica descritiva trabalha apenas a "matéria bruta", ficando de fora o significado. E concluem: na obra literária "o que interessa não é a estrutura da matéria, nem a estrutura do espírito, mas o processo dinâmico por meio do qual o espírito cria a matéria. Deste modo é possível chegar a sentir a beleza da matéria e a originalidade do criador." (CANDIDO, 1993, p. 111).

Daí – continua o resenhista – o intelectual francês estudar Gide através de temas definidos: o furto, a montanha, o olho furado, o ato gratuito, o filho de pai incógnito e a propriedade. Estes são manifestados e regidos segundo esquemas diretores, em número de quatro: alternância, desdobramento, multiplicação e simbolismo. O estudo de Bastide permite compreender a significação da obra criada e estruturada através deles, para dar conta de que a obra e a personalidade de Gide são inseparáveis.

Tanto **Anatomie d'André Gide** quanto "Acerca de André Gide" são também um confronto com o estruturalismo dos anos 70, período em que o livro de Bastide foi publicado na França – pátria de estruturalistas de diversa natureza –, porém não rezando na mesma cartilha em que eles. O procedimento de Bastide, aprovado por Candido, na conjugação de temas com esquemas, tentava superar os modelos estruturalistas que não conseguiam ultrapassar o descritivismo linguístico dos textos. Se a data da resenha, 1987, está correta, Candido já tinha um bom distanciamento da onda estruturalista para lhe fazer reparos, não se tratando de autocrítica porque nunca mergulhou naquele mar. Assim, pode-se afirmar que um Candido estruturalista formal jamais existiu.

A título de curiosidade, vale comparar essa resenha com a de Luís Martins (1907-1981), sobre o mesmo livro de Bastide, porém sob outra perspectiva, publicada ainda na década áurea do Estruturalismo, mas também não aderente a ele:

Arigor, o que Bastide analisa (ou disseca) é aquela "moral da ambiguidade" que seria a marca registrada de Gide — mas para refutá-la, da maneira mais lúcida e inteligente possível. [...] A obra é **vasta partitura musical**, onde os temas não se cristalizam, se transformam uns nos outros, continuando, não obstante, sempre os mesmos." (MARTINS, 1978, p. 122-123, grifo nosso).

Entramos aqui, apenas *en passant*, num campo que merece pesquisas mais aprofundadas: os conhecimentos profissionais do

crítico em geral na determinação analisadora da obra. No caso dos dois sociólogos, a determinação é positiva: a importância dos temas e esquemas conjugados para a totalidade de Gide, como escritor e obra. No caso de Martins – que nem exercia a profissão de músico – a obra de Gide é "vasta partitura musical".

O objetivo do segundo texto, "Os brasileiros e a nossa América", é revelar a presença da América Latina na literatura e no pensamento do Brasil, e como este se preocupa mais com a América Hispânica do que o oposto. Primeiramente, Candido faz uma listagem de nossas primeiras obras literárias em que o sentimento dessa América comparece: **O Uraguai**, de Basílio da Gama (1769), **Ataualpa** (peça de teatro perdida), de José da Natividade Saldanha, **Colombo** (1866), de Manuel de Araújo Porto Alegre, **O Guesa errante** (1866), de Sousândrade. Mas o que interessa ao crítico é o período entre 1880 e 1920, uma vez que foi aí que se sistematizou uma melhor reflexão sobre o assunto – com Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Eduardo Prado, Oliveira Lima e Manoel Bonfim.

Candido vai comentar as obras dessas personalidades, pertinentes à matéria. Revela como Nabuco critica o aristocratismo do estadista chileno Balmaceda, com suas ideias defensoras da democracia das elites como solução. Eduardo Prado, preconceituoso contra a América Latina e antiestadunidense, prega o imperialismo europeu no lugar do norte-americano. Já Oliveira Lima, monarquista porém o melhor conhecedor do assunto, achava que o predomínio dos Estados Unidos deveria ser enfrentado não por tratados e declarações, mas pelo real progresso da região. Na área da crítica literária, destaca José Veríssimo, que publicou artigos sobre escritores latino-americanos, mas, pessimista, achava que a miséria, a ignorância e a violência só poderiam ser combatidas por uma pequena elite civilizada e instruída.

A Revista Americana (1909-1919), de poesia, narrativa e ensaio, iniciativa do chanceler Rio Branco, era publicada em português e espanhol. A participação brasileira foi maior e de melhor qualidade literária, inclusive a de Euclides da Cunha, contrário ao pan-americanismo, por arriscar-se a fazer o jogo do imperialismo norte-americano. O periódico construiu "um esforço notável de aproximação continental, a começar pelo bilinguismo e sem esquecer a equanimidade com que eram publicados artigos severos sobre o Brasil". (CANDIDO, 1993, p. 135)

Contudo, continua Candido, o nome de maior destaque é Manoel Bonfim, cujo livro **A América Latina** (1905), ficou esquecido. Apesar das limitações bebidas em Rocha Pombo, historiador problemático, "apresenta uma visão profunda e inovadora". O crítico retoma-o em seu clássico ensaio "Literatura e subdesenvolvimento" (1973), um dos mais lidos e estudados de seu acervo. Vale a pena transcrever a leitura de Chiappini sobre o ensaio que causou alvoroço nos porões da ditadura militar e levou à censura a revista que o publicara. Subjacentemente, o autor não limita o período pós-1950, jogando o governo militar na fogueira da agudização do subdesenvolvimento:

Em "Literatura e subdesenvolvimento", Antonio Candido parte da ideia de país subdesenvolvido contrapondo-a à antiga ideia de país novo e estabelecendo uma cronologia. Antes de 1920, o país seria visto como novo e a sua literatura seria portadora da visão pitoresca, grandiosa, grandiloquente, compensando o atraso pela grandeza da natureza e uma esperança divina, como a que se expressa no hino nacional brasileiro, cuja letra descreve um Brasil gigante e um povo esperançoso. Em 1930, já apareceria uma préconsciência do subdesenvolvimento, perceptível no romance regionalista de denúncia e análise social. E, a

partir de 1950, com Guimarães Rosa, isso se agudizaria numa consciência plena desse subdesenvolvimento. (CHIAPPINI, 2011, p. 20).

Afirmando que Bonfim explica nosso atraso pelo "prolongamento do estatuto colonial, traduzido na persistência das oligarquias e no imperialismo estrangeiro" (CANDIDO, 1973, p. 13), o crítico passa a sumariar o livro. Nesse resumo, escrevendo no clima da nova Constituição Brasileira sobre a ideia talvez a mais importante de Bonfim, acaba por afirmar, nas entrelinhas, que nossa América quase nada mudara em mais de oitenta anos, dado seu "conservantismo visceral". Candido adapta o livro de Bonfim de 1905 para 1989, e eu o adapto para 2019. Cito Candido:

Arraigado na alma e na afetividade de cada um, ele [o conservantismo] atua a despeito das convicções aparentes: Estas podem ser liberais e até radicais, exprimindo-se por meio de leis e discursos avançados, que na verdade servem para mascarar o essencial, isto é, o mecanismo de permanência das oligarquias baseadas na espoliação econômica das massas trabalhadoras, mediante uma capacidade excepcional de acomodação e transigência, do tipo "mudar para continuar." (CANDIDO, 1993, p. 138.).

O terceiro ensaio, "O olhar crítico de Ángel Rama", dá continuidade à temática do conhecimento, do intercâmbio e da integração das nações latino-americanas—mais especificamente no que tange à Literatura—, empenho do uruguaio Ángel Rama (1926-1983). Candido enumera os problemas que Rama enfrentou em suas reflexões: a posição do escritor e sua atitude política; a questão das literaturas nacionais ante uma possível integração da literatura subcontinental, e a dialética

do processo cultural entre as condições dos estados latinoamericanos *versus* as sugestões literárias dos estados centrais.

A análise de Candido privilegia o livro La generación crítica (1972), sobre essas questões no Uruguai entre 1940-1960, onde a participação dos intelectuais pequeno-burgueses se deu pela imaginação criadora e a consciência crítica, manifestadas através do ensaio, da narrativa, da poesia, do teatro e da crítica literária. Aqui Candido retorna à categoria "imaginação criadora", que já o entusiasmara no ensaio gidiano de Bastide, como vimos. Ainda que sendo um crítico literário oriundo da Sociologia, sua visão da Literatura articulada com a Sociedade – publicou livro com título articulador – incluía obrigatoriamente elementos estéticos.

Alguns pressupostos teóricos de Rama para a literatura hispano-americana esbarram no problema da língua, implicando a dicotomia América Hispânica/Brasil - observa Candido. Entretanto, diz ele que mais tarde o uruguaio supera essa barreira, ao substituir "hispano-americana" por "latino-americana", a partir da produção literária iniciada em 1910. Assim teria sido criado na América Latina "um único sistema literário comum", sendo o Brasil sua parte integrante e passando a língua para segundo plano. Candido se apresenta como um entusiasta dessa unidade literária subcontinental – que nos parece utópica, diga-se de passagem – e talvez também se iludiu, mais tarde, com a criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), em 1991, na esperança de que as regras traçadas para o Mercado propriamente dito poderiam valer também para a Literatura. Hoje, se consultamos a estrutura organizacional do órgão, nem mesmo a palavra "literatura" comparece (MERCOSUL, 2019). E, na página em Português da Wikipédia sobre a instituição, no item "Cultura", a única informação existente é a adoção de três línguas oficiais no Organismo: Português, Espanhol e Guarani. (MERCADO COMUM DO SUL, 2019).

E mais: na XLV Reunião dos Ministros de Cultura do Mercosul, a 26 de junho de 20199, em Buenos Aires, o ministro brasileiro da Cultura Osmar Terra menciona em sua fala diversas categorias culturais, exceto a Literatura. O mesmo se observa na intervenção do secretário argentino (45ª Reunión de Ministros de Cultura / 45ª Reunião de Ministros da Cultura do Mercosul, 2019). Talvez aleguem que a Literatura tenha comparecido embutida em alguma categoria, mas com outro nome que desconheço, e mais de acordo com os novos tempos. E mais ainda: no momento em que escrevo (em 17 de julho de 2019), em tempo real acabo de ouvir o discurso de abertura do presidente da república brasileira e do Mercosul, na reunião de cúpula que se realiza na Argentina. Nenhuma palavra sobre Cultura, muito menos sobre Literatura. "Tempos estranhos..." e contrários às aspirações integracionistas de Antonio Candido.

O estudioso encerra o seu ensaio tecendo os maiores elogios a Rama e abordando o terceiro problema enfrentado pelo pensador: "a relação entre as influências dos países centrais e as necessidades expressivas próprias da América Latina" (CANDIDO, 1993, p. 146). A ideia vai desembocar na questão da vanguarda, cujos focos principais foram São Paulo e Buenos Aires, em dois modos: um, vinculação às vanguardas europeias, que serviam de modelo e estímulo para uma perspectiva universalista; o outro modo foi a penetração na realidade local, tendente ao realismo, que suscitará o regionalismo continuador do passado. O fenômeno gerou uma vanguarda dupla, pois não raro a renovação se exprimia através do regionalismo.

O resultado foi Rama considerar o **Macunaíma** "a articulação mais feliz do sistema literário brasileiro" (CANDIDO, 1993, p. 146), para alegria de Candido e família, mais do que admiradores de Mário de Andrade. Conclui mostrando como o regionalismo funde esses dois modos conflitantes, ambos criação própria do universo literário latino-americano. Dessa forma se chega à solução mais adequada para o regionalismo de José María Arguedas, Juan Rulfo, García Márquez e Guimarães Rosa.

Vamos focalizar em conjunto os textos "Arnaldo" e "O barão", por um importante motivo: neles emerge um Candido completamente diverso dos demais, levando-nos a lamentar que ele não tenha dado sequência à empreitada, isto é, escrever textos com fortes características literárias. Seguramente alguém deve ter-lhe indagado sobre isso. Gostaria de saber a resposta, sobretudo porque teve um irmão escritor, segundo ele "um homem de grande talento, ao qual devo muitas sugestões que aproveitei em meu trabalho crítico." (CANDIDO, 2014, p. 2). Trata-se de Roberto de Mello e Souza (1921-2007), autor de cinco obras de ficção, entre elas **Mina R**, de cunho autobiográfico, pois tematiza suas experiências militares na Segunda Guerra Mundial.

"Arnaldo" é um perfil do amigo Arnaldo Pedroso d'Horta (1914-1973), graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela USP, professor, jornalista, militante político, artista plástico e crítico de Arte. Dirigiu o Museu de Arte Moderna de São Paulo e, junto com Candido, a **Folha Socialista** (ARNALDO PEDROSO D'HORTA, 2015). No escrito, Candido se mostra possuidor de um estilo literário sóbrio e elegante, capaz de desenhar a pessoa e a personalidade de Pedroso d'Horta com os melhores recursos no trabalho com a linguagem. Algum

leitor pode desgostar do excessivo emprego de qualificativos. Contudo, nessa plataforma de memória literária da amizade, a adjetivação se encaixa como uma luva. Arriscamos a afirmar que se pode sentir nessa expressividade um misto de imaginação criadora e realismo memorialista, uma evocação dos "perfis" ecianos em jogo com os contundentes retratos de Pedro Nava. A citação é propositadamente longa, para que se dê conta do também talentoso Candido em matéria de produção literária, à qual, infelizmente, pelo que se sabe, não deu andamento:

[Arnaldo] Era gregário, sendo solitário de modo visceral. Nunca fez uma confidência na vida, mas não podia passar um dia sem ver amigos. Falava pouco, mas exigia muita fala, muito riso em volta de si. Era áspero e quando calhava podia ser bruto, no entanto transbordava sempre de uma ternura que nadava em lágrimas nos seus olhos claros e salientes. Era um homem de amizades e era um homem de tarefas. Tendo muito de fanático, se afastou desde cedo das posições que erigiam o fanatismo em norma de conduta. O dele era um fanatismo da liberdade, uma paixão (rara) da responsabilidade, uma intransigência ríspida.

[...]

Era preciso vê-lo numa reunião partidária, jogando lentamente as palavras como pedras, vermelho e espinhado, pedindo conta dos deslizes, algumas vezes meramente supostos pela sua vigilante desconfiança. E era preciso também passar os dias e as noites, duas, três, quatro, chefiando um setor de trabalho, controlando as tarefas, distribuindo material – paciente, cortante, incansável, bebendo uma cerveja e comendo um vago sanduíche, aferrado como maníaco tranquilo à tarefa, obrigação, ao que era preciso fazer, ao que pesa inelutável porque era um compromisso. Arnaldo custava a tomar as suas resoluções bovinas, mas quando as tomava, era isso. (CANDIDO, 1993, p. 194-195).

"O barão" é outro texto memorialista, sobre o austríaco Leopold Freiherr Ferdinand von Andrian zu Werburg) (18751951) — escritor e diplomata que Antonio conhecera aos vinte e três anos de idade, na casa de sua família em Poços de Caldas-MG. Em 1941 e aos sessenta e seis anos, o barão estava refugiado no Brasil e fora tratar-se de uma artrite naquela estância hidromineral. Candido trabalha as próprias lembranças de juventude através de três cartas que encontrou entre os papéis deixados pelo Dr. Aristides de Mello e Souza, médico e seu pai; duas cartas do barão a este, em Francês, que Candido traduz, e uma do Dr. Antônio Silva Mello, médico famoso do Rio de Janeiro, enviada ao Dr. Aristides, recomendando-lhe o austríaco. As três cartas são transcritas e comentadas pelo crítico.

Pouco se sabia daquele estrangeiro de grande cultura e finesse. Ficou hospedado em hotel, mas frequentava a casa da família Mello e Souza, narrando-lhe fatos interessantes, fazendo comentários bem-humorados sobre o País e dando respostas mais interessantes ainda às perguntas do curioso jovem. Somente após sua morte, anos mais tarde, foi que Candido se interessou por pesquisar sobre o barão, e verificou que ele fora uma personalidade cultural de certa importância na Áustria. Imprimindo ao texto uma literariedade similar à que se encontra em "Arnaldo", o autor se utiliza do expediente narrativo romanesco de apelar para cartas, a fim de montar a sua história. O início do último parágrafo remete ao não crítico literário, quer dizer, ao memorialista preocupado em simplesmente resgatar uma situação pitoresca de suas férias de antanho, colocando à margem tudo aquilo que poderia perturbá-la. Aí ele faz uma mixagem do seu próprio texto, literário (a figura enigmática do Barão, captada do passado), com o texto historiográfico de Carl Schorske, erudito (a figura real do Barão, lida no presente):

No entanto, o que vive em mim não é a mensagem literária "fin-de-siècle" de um escritor que nunca li; nem o perfil do aristocrata circulando nas rodas culturais de Viena, como relata Schorske [Carl Emil Schorske, autor do livro **Viena fin-de-siècle: Política e cultura -** 1980]. É mesmo o velhinho franzino e quase entrevado que andava de arranco, sempre com o mesmo terno cinza, trazendo atravessada de um bolso a outro do colete a corrente do relógio carregada de miniaturas das suas condecorações; [...] (CANDIDO, 1993, p. 240).

O texto "Abecedários" encerra o livro **Recortes**, e de uma forma inusitada: o autor retorna à crítica literária em sentido estrito, dessa vez articulando comparativismo e geneticismo – articulação rara no conjunto de sua obra. O título não remete a "Alfabetos", mas a uma espécie de composição poética cujo número de estrofes corresponde ao número das letras do alfabeto. A primeira palavra da primeira estrofe começa por A, a da segunda estrofe começa por B, e assim sucessivamente, até a letra Z. Na literatura popular dos cantadores, hoje é mais conhecida como "ABC", e no geral procura desenhar fatos da vida de personalidades.

Nesse texto, Candido se propõe a deslindar uma polêmica: o ABC pautado em costumes, de tendência ético-religiosa, publicado no livro **Compêndio narrativo do peregrino da América** (1728), de Nuno Marques Pereira, em confronto com uma versão do mesmo ABC, do século XIX, tido como composto pelo Coronel João José Carneiro de Mendonça, de Paracatu-MG, em poder dos descendentes que afirmavam ser o ABC originalmente da autoria do coronel. Geir Campos afirma que, para o cantador, vale "como verdadeira consagração o aparecimento de um ABC, sobre tal ou qual motivo." (CAMPOS, 1965, p. 9). O coronel deveria ser um homem poderoso, a quem

faltava pouco. Talvez, uma pequena glória nas Letras, para as quais não tinha pendor – donde o "plágio" de certo trecho de um livro popular à época.

Candido não informa sobre a motivação do seu ensaio, mas acredito que o tenham metido numa calça justa: especulo que, pelo fato de Carneiro de Mendonça ser uma família importante e tradicional no cenário político e cultural brasileiro, à qual pertenceu Bárbara Heliodora (não a musa de Alvarenga Peixoto, mas a erudita crítica de teatro, especialista em Shakespeare), algum de seus membros o procurara para dar uma sentença sobre a autoria. Apesar de ter produzido seu veredito críticoanalítico, o autor acaba por escrever também um "Abecedário" sobre o coronel envolvido na discussão autoral, ao traçar, depois de concluir sua análise, um esboço biográfico dele, em prosa. Caso minha especulação tenha pé e cabeça, estamos diante da inteligência de um crítico literário que fez do encomendante não um buscador de lã que saiu tosquiado, mas que saiu com uma manta para pouco frio. Antes de nos determos na questão, citemos a estrofe da letra V, em ambas as versões, que estão, no livro, em duas colunas. Nossa intenção é apenas introduzir o leitor no clima do poema e suas respectivas versões. Versão de Nuno Marques Pereira:

> Vivendo sempre ajustado, Conforme a renda, ou despesa, Gastar menos, é baixeza; Gastar mais, será pecado. (CANDIDO, 1993, p. 261)

Versão de João José Carneiro de Mendonça:

Viver, mas sempre ajustado Conforme a renda a despesa, Gastar menos é baixeza, Gastar de mais é pecado. (CANDIDO, 1993, p. 261)

De primeira, Candido viu, só pelo confronto de datas, a impossibilidade de um texto, publicado em 1728, ter sido escrito em 1810, deixando decepcionada a família. Mas optou por sair – com finura e elegância, suas marcas registradas – pela tangente: teve a pachorra de fazer um belo e criterioso estudo comparativo de ambas as versões – a de Pereira e a do Coronel: vinte e uma quadras em redondilhas maiores para cada versão, transcrevendo-as e comparando-as, palavra por palavra. Mesmo concluindo definitivamente tratar-se da mesma obra, revela qualidades da reescrita, detecta diferenças provenientes de ideologias das épocas e, por fim, anexa à análise um estudo sobre o autor da versão B. Encontra, inclusive, justificativa para o texto de Marques Pereira ter figurado como do patriarca Carneiro de Mendonça: em conversas na família, certamente se referiam aos versos como "o ABC de meu pai", frase interpretada não como "o ABC que meu pai utilizava" – o que seria o correto – mas "o ABC de autoria do meu pai".

Parece que o superinteligente Antonio Candido conseguiu, sem falsear nem desdizer nada, colocar os pingos nos "is" numa polêmica sobre autoria, agradando a gregos e troianos: especialistas em crítica genética, literatura comparada e a descendência de Carneiro de Mendonça. Este ficou, de algum modo, com a consagração apontada por Geir Campos, pois o crítico provou que sua versão é tão válida quanto a do **Peregrino da América**. Isso, dedicando-se a um paciente trabalho nas respectivas especialidades. Creio ter sido uma tarefa até prazerosa para o mestre, que até lhe imprimiu um cunho de literariedade na conclusão:

Hoje, passados mais de duzentos anos do nascimento, João José pode ser visto sob o aspecto de um velhote plácido, ao lado da mulher carrancuda, num belo grupo de família daguerreotipado no decênio de 1840. Deixado para trás o seu sertão, com jagunços, tropelias e revoltas, ele parece mesmo um seguidor conformista do ABC, que pode ter registrado em versão diversa ou, mais provavelmente, modificado para melhor. Mas não sou capaz de dizer, até novas informações. (CANDIDO, 1993, p. 266).

Finalmente chegamos ao último texto – "Censura-violência" – escrito para sair em um volume coletivo, em 1979, sobre a repressão no tempo da ditadura militar. O volume não saiu. É interessante a atualidade desse texto. Começo os comentários com uma citação do filósofo Renato Janine Ribeiro, na **Folha de S. Paulo** de ontem, 16 de julho de 2019:

Antonio Candido uma vez escreveu um manifesto dos docentes da USP criticando a "mediocridade irrequieta" que comandava a universidade. Um colega discordou: a mediocridade nunca é irrequieta! Mas Candido tinha razão. A mediocridade procede hoje, sem pudor, ao desmonte de nossas conquistas não só políticas e sociais, mas culturais e ambientais.

A irracionalidade vai a ponto de algumas dezenas de paratienses tentarem sabotar a Flip, que dá projeção e dinheiro para a cidade. Essa é a metáfora de um país que namora o suicídio. (RIBEIRO, 2019, p. A3.).

O título "Censura-violência" por si só já diz tudo. O crítico começa declarando que "A censura é uma forma eficaz e profunda de violência, e a violência se tornou em nosso tempo horizonte e limite." (CANDIDO, 1993, p. 204). Em seguida denuncia que seus agentes não a assumem, além de renegá-la e condená-la. Denuncia a mitologia histórica do Brasil pacífico e cordato, da violência "contrária à índole do nosso povo", e dá

exemplos de como a nossa História é uma história de violência. A "clava forte" do hino acaba por ser também censura, porque pressiona a inteligência e a criatividade, ou seja, executa a censura.

Afirmando que a violência física e a mental são violência social, Candido, escrevendo isso há quarenta anos, parece ter escrito ontem, junto com Janine Ribeiro. Diz Candido:

Hoje, é espantoso ouvir e ler os pronunciamentos das autoridades de todos os níveis, que falam com veemência crescente que a miséria do povo é intolerável, que a concentração da riqueza deve ser mitigada, que a pobreza é um mal a ser urgentemente superado — não raro com estatísticas demonstrativas. [...] e é espantoso porque isso é dito, mas quem diz faz tudo para que as coisas fiquem como estão, e para que os que querem mudar sejam enquadrados pela força." (CANDIDO, 1993, p. 205).

Sua tese é a de que o casamento da censura com a violência tem o objetivo de manter a ideologia do abafa da verdade – que são as desigualdades. A propósito, o crítico entra com a questão da censura à revista **Argumento**, e a violência do caso "Vladimir Herzog", morto nas dependências do famigerado DOI-CODI de São Paulo – acontecimentos icônicos dos anos 1970. O texto é um apelo veemente aos intelectuais para enfrentar a violência, bem como reagir e lutar contra a censura, que é a "mordaça aviltante" da violência.

Assim, se estivesse vivo hoje, creio que o Mestre não se espantaria com a sabotagem à Flip, com o cerco ao barco que levou o jornalista Greenwald – o qual trouxe à baila os desmandos da famigerada Operação Lava Jato – ao local de sua apresentação. Ele, o Mestre Candido, já vivera e convivera com isso, a bem da verdade desde a ditadura Vargas, quando

dirigia a **Folha Socialista**, passando pela ditadura militar – que decretou a morte da revista **Argumento** – e desembarcando no Golpe Parlamentar de 2014, cujas consequências não chegou a presenciar. Afinal, a mediocridade – quieta ou irrequieta, pouco importa – sem excessivas ilusões será superada ou suprimida pelas "festas do futuro" a que se refere Jacques Rancière. É no que acredito.

Referências

45° Reunión de Ministros de Cultura / 45° Reunião de Ministros da Cultura do Mercosul. Montevidéu: Ed. MERCOSUL, 1 jul. 2019. 1 Vídeo (2 min.). Publicado por Canal oficial no YouTube do MERCOSUL. Disponível em: https://www.mercosur.int/ministros-de-cultura-del-mercosur-trabajando-juntos-por-la-integracion-regional/. Acesso em: 13 jul. 2019.

ARNALDO PEDROSO D'HORTA. **Amigos correspondentes**. 2015. Disponível em: https://www.arnaldopedrosodhorta.com. br/blank-c9ym>. Acesso em: 13 jul. 2019.

BRAGA, Maria Lúcia Santana. A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil. **Sociedade e Estado**, v.15, n. 2, p. 331-360, dez. 2000.

CAMPOS, Geir. **Pequeno dicionário de arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.

CANDIDO, Antonio. [Correspondência]. Destinatário: Letícia Malard. São Paulo, 9 dez. 1984. Carta Inédita.

CANDIDO, Antonio. [Correspondência]. Destinatário: Letícia Malard. São Paulo, 17 abr. 2014. Carta Inédita.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. **Argumento**, a.1, n. 1, p. 6-24, out. 1973.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHIAPPINI, Lígia. Do subdesenvolvimento à interdependência: as duas pontas do nó. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** (IEB), n. 53, p. 13-30, mar.-set. 2011.

MARTINS, Luís. Anatomia de André Gide. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** (IEB), n. 20, p. 122-125, 1978.

MERCADO COMUM DO SUL. **Cultura**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_Comum_do_Sul#Cultura. Acesso em: 13 jul. 2019.

MERCOSUL. **Organograma**. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/23839444/organograma-Mercosul. Acesso em: 16 jul. 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

RIBEIRO, Renato Janine. A Flip e o fascismo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 16 jul. 2019.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiro**s. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1977.

Antonio Candido e Mário de Andrade (anotações preliminares)

Edu Teruki Otsuka*

RESUMO

Embora geralmente reconhecida, a importância do pensamento e do exemplo de Mário de Andrade como teórico e crítico para o desenvolvimento das concepções de Antonio Candido ainda não foi objeto de investigação sistemática, com mapeamento de paralelos, afinidades e divergências nas ideias e na orientação. Neste artigo, procuro examinar alguns pontos de contato em textos dos dois intelectuais, tomando como eixo o debate sobre "arte livre" e "arte participante" dos anos 1940 no Brasil, e destacando a centralidade da noção de técnica na reflexão de Mário de Andrade sobre a função social da arte.

Palavras-chave: Antonio Candido. Mário de Andrade. Crítica literária. Autonomia e engajamento.

^{*} Professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP).

Antonio Candido and Mário de Andrade (Preliminary Notes)

ABSTRACT

Although generally aknowledged, the influence of critic and theorist Mario de Andrade's thought and representativeness in the development of Antonio Candido's ideas has not been submitted to a thorough examination, concerning similarity and diversity in their conceptions and critical orientation. In this paper, I explore converging moments in both critics' works, considering the 1940s debate on "free art" and "committed art" in Brazil, and emphasizing the centrality of the notion of tecnique in Andrade's reflection on the social function of art.

Keywords: Antonio Candido. Mário de Andrade. Literary criticism. Autonomy and commitment.

1.

Em 1943, Antonio Candido, então crítico de livros na Folha da manhã, escreveu dois rodapés – "Jornada heroica" e "Artista e sociedade" – a propósito do aparecimento de **O baile** das quatro artes, de Mário de Andrade, que pouco antes havia publicado também Aspectos da literatura brasileira. Nesses artigos, mais do que resenhar o volume, Candido procurava descrever o percurso das ideias do escritor que, chegando aos 50 anos de idade, tornava patente, com a reunião daqueles escritos, uma reorientação de suas ideias e conduta, resultante de uma "jornada heroica" em busca de maior sistematização de seu pensamento estético-político e de uma tentativa de superar os impasses que atravessavam sua obra de pesquisador, crítico e teórico da arte e da cultura. 1 O baile das quatro artes reunia estudos sobre música, pintura, cinema e literatura, abordando questões centrais de seu pensamento, sobretudo no que diz respeito à técnica.

O problema da técnica artística é o fio que une os estudos do livro, sendo tratado mais extensamente em "O artista e o artesão", aula inaugural do curso de Filosofia e História da Arte que Mário de Andrade havia ministrado na Universidade do Distrito Federal em 1938. Como se sabe, nesse texto, Mário apresenta uma concepção abrangente de técnica, diferenciando nela três dimensões: o artesanato, a parte ensinável da técnica, que abarca o aprendizado do material e suas exigências; o virtuosismo, que envolve o conhecimento abalizado da tradição,

¹ Em seu último ano de vida, Mário de Andrade ainda ensaiaria nova exposição organizada de suas ideias sobre o engajamento do artista e a função política da arte na série "O banquete", deixada incompleta (ANDRADE, 1977).

o domínio das diferentes técnicas históricas; e a técnica pessoal, a parte mais importante, que consiste na solução pessoal do artista no fazer da obra de arte – solução que, sendo resultado da relação entre o artista e o material, entre a liberdade ilimitada da criação e as limitações impostas pela matéria, implica também o enfrentamento, pelo artista, dos problemas específicos de seu tempo. É por meio da aquisição de uma consciência técnica disciplinada que o artista define sua atitude diante da vida e alcança a solução pessoal para objetivar e concretizar uma "verdade interior" (ANDRADE, 1975a; LAFETÁ, 2000). Assim, Mário considera imprescindível, para o artista, "adquirir uma severa consciência artística que o... moralize". (ANDRADE, 1975a, p. 27), pois, como afirma em "Atualidade de Chopin", é na dedicação intransigente à obra de arte que o artista se torna "o revoltado por excelência contra os defeitos e as feiúras da vida, contra as injustiças, as falsificações, contra as mentiras sociais, as desgraças todas". (ANDRADE, 1975a, p. 146).

Arecepção imediata de **O baile das quatro artes** na imprensa causou desgosto a Mário de Andrade, na medida em que alguns dos comentadores demonstravam incompreensão de suas ideias – fato tanto mais consternador porque a incompreensão, que parecia implicância, vinha de intelectuais que acompanhavam o trabalho de Mário há tempos. Foi o que sucedeu com o artigo de Sérgio Milliet, que, contestando o uso que Mário fazia das noções de artesanato e técnica em "O artista e o artesão", propõe a substituição de "técnica pessoal" por "estilo" (MILLIET, 1943a; COLI, 1998), mas sem que essa proposta trouxesse de fato maior precisão e rigor terminológico. Não discutirei aqui o teor da polêmica – que foi detalhadamente reconstituída e comentada por Jorge Coli (1998) –, mas menciono-a apenas

para indicar que a discussão demonstrava que o texto de Mário, aparentemente vago em suas definições, não foi compreendido como o esforço de sistematização que era. Mário sentiuse forçado a escrever uma resposta, por meio de artigo na imprensa, procurando esclarecer suas noções, e acusa Milliet de negar-lhe "o direito de conceituar a terminologia de um corpo orgânico de ideias estéticas que venho me esforçando por obter". (ANDRADE, 1943, p. 9; COLI, 1998, p. 48). No mesmo jornal e no mesmo dia em que apareceu a resposta de Mário a Milliet, publicou-se na página ao lado um artigo de Luís Martins (1943; COLI, 1998), que em parte acompanhava Milliet; também aqui, verificava-se a persistência de um mal-entendido quanto à noção de artesanato, ainda que, anos antes, Mário já houvesse discutido o assunto com Martins (ANDRADE, 1963). Por sua vez, Milliet voltou a abordar o problema de terminologia e, sem dar o braço a torcer, prefere encerrar a discussão por considerar infindável o debate (MILLIET, 1943b; COLI, 1998). Por fim, Mário chegou a esboçar nova resposta, que não publicou, mas ainda deixaria escapar uma farpa contra Milliet no artigo sobre Fogo morto, seis meses depois (ANDRADE, 1972).

Tendo em vista essas confusões que "O artista e o artesão" acabou gerando em alguns leitores, os rodapés de Antonio Candido se destacam pelo rigor com que discute as ideias e pela argúcia na reconstituição do percurso realizado por Mário de Andrade. Que o próprio Mário tenha tomado os artigos de Candido como uma explicação adequada de suas ideias não se deve apenas ao fato de o jovem crítico traduzir seu pensamento com fidelidade, mas também porque Candido demonstra ter compreendido o longo processo de reflexão e apuro conceitual de Mário, apreendendo as consequências teóricas do percurso, que envolvem as implicações sociais da aquisição da consciência

técnica, pela qual Mário batalhava.

Com efeito, na compreensão do próprio Mário de Andrade, a aula de 1938 recolhia e organizava reflexões anteriores e, principalmente, abria um ciclo de reflexões que ele chamou, em carta de 1944 a Carlos Lacerda, de "fase reconstrutiva" (ANDRADE, 1963, p. 92), anunciada em "Cultura musical (oração de paraninfo)" (ANDRADE, 1975b), de 1935, e desenvolvida nos escritos mais recentes. Em carta a Henriqueta Lisboa, Mário esclarece que a questão tratada em "O artista e o artesão", ou seja, "a influência moralizadora do artesanato, da técnica no grande sentido, [...] foi a declaração de guerra que produziu [...] o 'Movimento Modernista', a 'Elegia de Abril', a 'Atualidade de Chopin' e enfim explodiu no **Café** como criação". (ANDRADE, 2010, p. 257).

Nos rodapés sobre **O** baile das quatro artes, Antonio Candido identifica uma recomposição na atitude de Mário diante da vida e procura dar a ver o fio mais ou menos oculto que liga seus escritos da última fase. Após indicar que algo da nova atitude de Mário já se fazia pressentir no **Ensaio sobre a música brasileira** (1928), Candido apresenta um roteiro do pensamento de Mário que, partindo de "O artista e o artesão" (1938), passa pela articulação com outros textos do livro e desemboca em "O Movimento Modernista" (1942). Tomando a reflexão sobre o artesanato e a técnica como eixo de **O** baile das quatro artes, Candido procura indicar a unidade interna do livro, assim resumindo o caminho percorrido pelo autor:

[Mário de Andrade] parte da afirmação de que o artesanato é base para a realização integral do artista, que se eleva graças a ele a uma técnica apropriada. Mas o exagero do artesanato, isto é, o requinte técnico, leva ao virtuosismo, que pode comprometer a obra de arte,

uma vez que lhe sobrepõe o próprio artista como objeto. Este virtuosismo, produtor de hiperindividualismo, desliga o indivíduo da realidade humana (social) que lhe compete exprimir e lhe serve de alicerce, e a arte passa a correr o perigo de se desfuncionalizar – o artista perdendo contacto com o seu tempo e os temas que ele lhe propõe. A solução está em apreender o sentido da sua época e adaptar a ele os meios técnicos, a fim de que a obra se revista de uma larga e fecunda *utilidade*, que sirva de apoio aos que a ela se dirigem. E o artista, assim, pode deixar de ser um criador mais ou menos gratuito para adquirir uma eficiência real, que lhe dê razão de ser em momentos como o nosso, em que todo virtuosismo se torna uma traição. (CANDIDO, 1943c, p. 5).

Os artigos de Antonio Candido procuram salientar como as concepções de Mário sobre a técnica buscam combater o individualismo excessivo, que se apresenta como "um processo dessocializante", podendo promover desorientação; a aquisição da técnica, ao contrário, liga o artista aos problemas da coletividade por meio do próprio fazer artístico. Por isso, Candido considera que a ideia, apresentada por Mário, de que "em arte, o que existe de principal é a obra de arte" orienta todo o seu pensamento estético. Candido apresenta as articulações entre artista, obra e sociedade segundo Mário de Andrade da seguinte maneira:

O contacto com os meios materiais de produção artística; o trabalho de coordená-los no processo de artefazer liga o artista à técnica do seu tempo, ou seja, a todo um aspecto da cultura deste. Se o impulso criador da inspiração é às vezes (quase sempre) a força que mais tende a segregar o artista da comunidade dos seus semelhantes [...], a técnica e os processos artesanais são a força que tendem a ligá-lo ao conjunto dos seus companheiros, aos seus problemas corporativos, às suas soluções materiais. Através desta ligação ele vai

se aproximar das soluções sociais, vai encontrar o seu tempo e participar da sua atividade criadora. [...] Ora, esta ligação determina o caráter objetivo da sua atividade; coloca necessariamente a obra de arte, e não o próprio artista, como objeto da criação. (CANDIDO, 1943a, p. 5).

Em virtude da "força de integração grupal" da técnica, continua Candido, "o artista ganha consciência dos seus propósitos e [...] adquire uma atitude em face da vida", isto é, torna-se consciente dos valores que cria e, a partir deles, organiza uma conduta que pode conduzir tanto à integração ao grupo quanto a uma atitude inconformada "de quem propõe contra uma aparência social fictícia, apodrecente, as profundas aspirações grupais". (CANDIDO, 1943a, p. 5). Dito de outro modo, o enfrentamento consequente dos materiais que o artista elabora jamais seria uma solução individualista, porque implica o domínio das técnicas que o ligam à coletividade, podendo conduzir ao desenvolvimento de uma técnica pessoal com que o artista expressa a "sua" verdade (como diz Mário), a qual pode traduzir uma atitude de inconformismo, impulsionada por aspirações coletivas.

Por isso mesmo, em "A elegia de abril", de 1941, Mário de Andrade afirmaria sua confiança "na potência moralizadora da técnica", pois, para ele, é no compromisso inflexível com a técnica que se define a orientação de uma conduta, afastando o artista e o intelectual de quaisquer formas de conformismo: "se o intelectual for um verdadeiro técnico da sua inteligência, ele não será jamais um conformista". (ANDRADE, 1974, p. 193).

A questão de fundo que atravessa a reflexão de Mário de Andrade naqueles anos envolve a tensão entre a "arte desinteressada" e a "arte utilitária", implicando o problema da participação política do artista e da obra de arte. Também em

sua atividade nos rodapés, Antonio Candido discutiria o tema do engajamento do intelectual ao definir suas linhas de orientação crítica.

2

Em "Ouverture", artigo de abertura do rodapé "Notas de crítica literária" na Folha da manhã, publicado em janeiro de 1943, Antonio Candido apresenta alguns princípios que norteariam sua atividade como crítico, ressaltando seu intuito de estudar as obras tendo em vista as "relações que a[s] prendem ao seu momento". Posicionando-se contra a atitude impressionista, que toma a obra como ponto de partida para "uma série de variações pessoais" e, desse modo, faz da crítica "uma aventura da personalidade, [...] com o intuito exclusivo de penetração e de enriquecimento pessoal", Candido considera que a tarefa do crítico seria antes a de "integrar a significação de uma obra no seu momento cultural", ou seja, apreender as ligações da obra com o tempo presente, buscando identificar nela elementos que contribuíssem para explicar sua época e, desse modo, extrair dela "uma orientação para a conduta". (CANDIDO, 2002, p. 25-26). Como apoio a essa diretriz geral, Candido argumenta que ao crítico caberia assumir o papel que lhe impõe seu tempo e, entendendo que o momento solicita o interesse pelas questões políticas, cita a observação de Mário de Andrade, feita ao final da conferência sobre o Movimento Modernista, segundo a qual "Nunca jamais ele (o homem) foi tão 'momentâneo' como agora". (ANDRADE, 1974, p. 255). Assim, Candido assumia, como obrigação do intelectual, "o esforço para esclarecer os acontecimentos presentes" (CANDIDO, 2002, p. 28), admitindo, por isso mesmo, o caráter circunstancial e transitório de seus textos no jornal. Como se vê, Candido se propunha fazer uma crítica participante, que, atuando em âmbito distinto da atividade política direta, procurava contrapor-se às tendências então predominantes no ambiente literário, que lhe parecia "alheio demais ao drama do nosso tempo". (CANDIDO, 2002, p. 41).

Lembremos que, ao iniciar o rodapé na Folha da manhã, Candido já havia passado pela guinada de politização da revista Clima, ocorrido em 1942, sobretudo por influência de Paulo Emílio Salles Gomes. Quando a revista apareceu, em maio de 1941, o que chamava atenção era o fato de manifestar o novo espírito universitário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e não tanto as preocupações políticas, que pareciam ausentes das intenções iniciais daquele grupo de jovens intelectuais. O próprio Antonio Candido, em depoimento retrospectivo, identifica em Clima duas fases distintas, as quais compunham um trajeto em que a revista "começou apolítica, preocupada com o trabalho puramente intelectual, e foi se politizando lentamente, ficando cada vez mais radical, até uma atitude francamente empenhada". (CANDIDO, 1980a, p. 158). A trajetória de politização da revista correspondia também ao percurso paralelo do cidadão Antonio Candido que, acompanhando Paulo Emílio, passou a atuar em agrupamentos políticos sobretudo a partir de 1943 (ver CANDIDO, 1995). De 1941 a 1943, portanto, o jovem Antonio Candido havia passado por uma significativa iniciação na atividade política propriamente dita, o que decerto implicou também mais acentuada inclinação, na crítica de livros, para a atitude politicamente engajada.

Voltando ao primeiro número de **Clima**, é significativo que a revista trouxesse como artigo de abertura "A elegia de abril", de

Mário de Andrade, convidado por Alfredo Mesquita, em nome do grupo, para iniciar a colaboração dos veteranos. O convite para que Mário participasse do número inaugural atestava o vínculo que os novos intelectuais pretendiam estabelecer com a renovação cultural que vinha se processando desde os decênios anteriores e solicitava do então quase cinquentenário modernista uma reflexão sobre a inteligência brasileira atual. Em carta a Paulo Duarte, Mário de Andrade chegou a considerar a revista "um pouco pesada pra 'novos", ligando-se, nisso, à "tradição desta sublime burrice lenta e grave dos Paulistas" (DUARTE, 1985, p. 198 e 200); e embora valorizasse o incontestável ganho em conhecimento técnico propiciado pela Universidade - e também pelo Departamento Municipal de Cultura, em cuja direção ele mesmo havia se empenhado em anos anteriores (ver ANDRADE, 1993, p. 231) -, Mário sentia a insuficiência da inteligência técnica quando desvinculada de uma orientação (política) definida em face da vida.

Em "A elegia de abril" – confirmando o desejo, anunciado em carta a Moacir Werneck de Castro, de explicar melhor suas ideias (CASTRO, 1989, p. 172) –, Mário volta a discutir a questão da técnica, expandindo para os intelectuais o que havia dito a propósito dos artistas e, ao fazê-lo, apresenta com maior clareza as consequências éticas e políticas da aquisição de uma consciência técnica. A isso se associava uma avaliação da intelectualidade brasileira, e Mário decerto pressentia o rebuliço que seu ensaio poderia causar: "tudo quanto quero dizer é impublicável!", confidencia a Moacir Werneck, acrescentando que arranjaria um jeito de "dizer as coisas por imagens, e tomando exemplos do passado". (CASTRO, 1989, p. 172). Publicado o texto, e constatando o efeito produzido nos mais jovens, Mário explica a

Otávio Dias Leite que "A elegia de abril" se dirigia sobretudo à geração de 1930 e, ato contínuo, acrescenta: "Agora, se qualquer um de vocês, honestamente, em pura consciência pessoal, achar que qualquer das censuras insertas na 'Elegia' *também* lhe cabe, não sei que culpa eu posso ter nisso!" (ANDRADE, 2006, p. 93; ver também ANDRADE, 1981, p. 89). O que importa salientar é que, na mesma carta a Otávio Dias Leite, Mário chama atenção para um aspecto do ensaio: depois de indicar o aumento de conhecimento técnico dos novos intelectuais, havia assinalado que "esse espírito universitário tinha obrigação de se definir diante da vida e que cultura não implica abstencionismo". (ANDRADE, 2006, p. 95).

No mesmo sentido se encaminha o trecho final de "O Movimento Modernista", do qual Candido extrai a frase que cita em "Ouverture": "O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão 'momentâneo' como agora. Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois." (ANDRADE, 1974, p. 255). Em seguida, Mário avalia que os modernistas, a despeito dos avanços culturais que empreenderam, não participaram do "amilhoramento políticosocial do homem". Por isso, Mário encoraja a participação dos jovens intelectuais nas questões sociais do presente: "Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões." (ANDRADE, 1974, p. 255). Decerto a convocação de Mário de Andrade não implicava tanto que os intelectuais e os artistas atuassem diretamente na política, mas, sim, que assumissem sua responsabilidade social e evitassem a postura "individualista' de recusar a vida", como afirma na carta a Otávio Dias Leite: "Não é possível mais barricadas? Revoluções? Pregações de comício?

Escritos? Pois se trata então de tornar a vida tão virulentamente invivível que ela estoure de qualquer forma." (ANDRADE, 2006, p. 96).

No artigo inicial de Antonio Candido na Folha da manhã, a citação da conferência de Mário de Andrade assinalava que o jovem crítico havia entendido o recado que ele lançava à nova geração – recado que, em mais de uma ocasião, Mário lamentou não ter sido compreendido, como se verifica, por exemplo, em carta a Paulo Duarte: "O final [da conferência] bole, está claro, com a própria mocidade e esta não está querendo se incomodar. Então já inventaram um mito novo: 'O Mário foi muito injusto consigo mesmo' e ficam nisto. [...] Mas o que o final implica quem disse de se ao menos pensar sobre!" (DUARTE, 1985, p. 241).

3

Dois anos e meio depois do rodapé inaugural na Folha da manhã, Antonio Candido inicia sua colaboração no Diário de S. Paulo, com o artigo "Começando", publicado em 20 de setembro de 1945 (CANDIDO, 2002). Para apresentar sua plataforma crítica, Candido esboça um balanço de sua atividade anterior e faz referência à mesma frase de "O Movimento Modernista", citada em "Ouverture", tomando-a como formulação pioneira da atitude participante, que buscava responder às necessidades da hora e que, em seguida, teria se espalhado na crítica brasileira, embora não por influência de Mário, nem nos termos em que este a propusera. Ao contrário do que talvez se esperasse, a atitude politicamente comprometida, que parecia disseminada, produziu um resultado que Candido considerava pernicioso para

a crítica literária: o deslizamento da postura participante para a subordinação da crítica ao viés partidário, com "o aparecimento de pontos de vista políticos como critério de julgamento estético", ou, mais precisamente, "a passagem do critério mais vasto da ideologia para o sectarismo estreito dos partidos". (CANDIDO, 2002, p. 40). Com base nesse motivo, Candido pretende reorientar sua perspectiva crítica, considerando que "é chegado o momento de um ponto de vista mais literário e menos político – no tocante ao critério de interpretação -, e de um maior liberalismo - no que se refere ao julgamento". (CANDIDO, 2002, p. 41). Como observa Vinicius Dantas em nota ao texto, no momento em que o artigo foi escrito, um mês antes da queda de Vargas e com partidos de esquerda se organizando, abria-se um horizonte de democratização, contexto que ajudaria a explicar as novas formulações. Por fim, Candido salienta que "toda obra de valor é literária antes de ser sociológica ou política ou interessada ou desinteressada" (CANDIDO, 2002, p. 41) e declara que pretende, a partir dali, "tratar a literatura cada vez mais literariamente, reivindicando a sua autonomia e sua independência, acima das paixões nem sempre límpidas do momento". (CANDIDO, 2002, p. 43).

A um olhar distraído, poderia parecer que Candido adotava então uma postura quase oposta à que havia apresentado poucos anos antes, e consta mesmo que a citação do verso de Gautier – "Le buste survit à la cité" – que fechava o artigo, teria sido tomada por alguns como uma defesa da arte pela arte... Contudo, não só o respeito à integridade literária da obra já fazia parte dos princípios críticos expostos em "Ouverture", como também a nova orientação não abdicava de tratar de questões políticas. Era apenas que Candido havia chegado a um refinamento de sua

visão, agora distinguindo com maior nitidez questões estéticas e ideológicas para a avaliação crítica. Trata-se, com efeito, da primeira formulação mais completa de Candido quanto à distinção entre elementos estéticos e ideológicos que se encontram na configuração das obras, a partir da qual argumenta que, para a crítica, a definição do valor literário de uma obra não pode subordinar-se à natureza do conteúdo ideológico — mais tarde, Candido elaboraria essa distinção buscando discriminar e especificar as diferentes funções que a obra literária pode exercer (CANDIDO, 1980b).

Também a reorientação expressa em "Começando" havia se processado, ao menos em parte, com apoio em ideias de Mário de Andrade. Entre o final da colaboração para a Folha da manhã e o início do trabalho no **Diário de S. Paulo**, Candido participou do concurso à cátedra de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e, em meados de 1944, chegou a pedir a Mário sugestões de assuntos para a escrita de uma tese para o concurso, que se realizou em julho de 1945 (CANDIDO, 1993b). Candido não se aventurou pelos temas propostos por Mário² e, como se sabe, preparou um estudo sobre Sílvio Romero, no qual, avaliando a obra do crítico sergipano, identifica as limitações e os perigos da abordagem estritamente sociológica e conclui pela necessidade de um ponto de vista crítico que respeite a integridade artística das obras; para formular esse resultado, Candido se vale de observações de Mário de Andrade, mas, desta vez, tomadas a "O artista e o artesão": "E se um artista é verdadeiramente artista, quero dizer, está consciente do seu destino e da missão que se deu para cumprir no mundo, ele

² Iná Camargo Costa (2018) examinou o modo como as sugestões de Mário de Andrade foram assimiladas e desenvolvidas por Candido ao elaborar a Formação da literatura brasileira.

chegará fatalmente àquela verdade de que, em arte, o que existe de principal é a obra de arte." (ANDRADE, 1975a, p. 11; CANDIDO, 1988, p. 103). Como se vê, a reorientação da atitude crítica, manifestada em "Começando", também implicava certa convergência com as ideias de Mário, embora pudesse parecer – repito, a um olhar superficial –, um recuo em relação à exigência de participação. Menos do que uma oscilação contraditória, de Mário ou de Candido, entre os polos da autonomia e da função social da literatura, a perspectiva que dava primazia ao artístico na obra de arte se apresentava a eles – decerto com diferenças em cada caso – como solução possível para o problema que então se apresentava como escolha entre alternativas mutuamente excludentes.

4

O problema do engajamento ou isenção do artista e do intelectual era uma questão central daqueles anos 1940.³ Reflexões sobre o tema podiam ser encontradas mesmo nos escritos de um crítico como Álvaro Lins, que, ao comentar o aparecimento de **Clima**, formulava a questão em termos dicotômicos:

Não sei, na verdade, o que será para a literatura e a arte uma traição maior: se o encerramento na "torre de marfim", a indiferença por toda atividade social e política, ou se a paixão partidária, tornando-se exclusivista, a personalidade do artista esgotando-se toda nesta paixão, com prejuízo da sua obra, com prejuízo da sua arte. (LINS, 1941, p. 2).

Não comentarei aqui a voga do livro de Julien Benda, La trahison des clercs, que, no entanto, é um capítulo significativo da história cultural do período.

Tanto Mário de Andrade quanto Antonio Candido identificavam em Álvaro Lins uma postura voltada para a permanência da obra fundada nos chamados "valores eternos" e para o não comprometimento do crítico com as questões políticas mais imediatas do momento. A propósito justamente desse artigo, Mário observa, em carta de 1943 ao próprio Lins, após a leitura da 2ª série do Jornal de crítica: "E enfim na página importante que V. escreveu sobre o 1º número de Clima, você coloca em bases de uma verdadeira antinomia o cidadão e o artista. Consequência lógica de sua concepção da arte, isso me parece inaceitável." (ANDRADE, 1983a, p. 77). Mário resume a visão crítica de Álvaro Lins dizendo: "a Arte, pra V., se baseia no princípio de eternidade" (ANDRADE, 1983a, p. 78), e procura provocá-lo, argumentando que o ideal de crítica de Lins "leva à não-participação e à infecundidade" e, mais ainda, "leva ao atingimento de uma Verdade de lugar-comum, vulgar". (ANDRADE, 1983a, p. 80). A provocação que Mário expressa de maneira tão frança e direta, desejando que "maltratasse o seu espírito [de Lins]", tinha como finalidade incutir no crítico mais jovem um comprometimento maior com a função "pedagógica" de seu ofício: "Na verdade há um lado pedagógico na crítica, profundamente participante e fecundo, a que desde já sua atitude crítica está escapando muito." (ANDRADE, 1983a, p. 83). Tal atitude "pedagógica", de resto, havia sido um traço acentuado da crítica de livros que Mário praticou no Diário nacional entre 1939 e 1940; como o próprio Mário declara, seus artigos sobre literatura no jornal tinham um fundo comum, centrado no problema da técnica e da alta moralização do escritor através das exigências artísticas (ANDRADE, 1974). Insistindo que a técnica de artefazer é obrigação imprescindível do escritor,

Mário dizia, em carta a Guilherme Figueiredo, ter renunciado ao ideal crítico de "Justiça imparcial e integral" em nome de uma "Injustiça utilitária", voltada para o desenvolvimento da consciência técnica na literatura nacional (ANDRADE, 1989).

De seu lado, ao comentar a 2ª série do **Jornal de crítica** do crítico pernambucano – por sinal, retomando o mesmo título, "Um crítico", usado por Mário de Andrade ao comentar o estudo de Lins sobre Eça de Queirós (ANDRADE, 1972) –, Candido reconhece nele "um interesse apaixonado pelo seu tempo e pelo seu semelhante", mas, assinala, Lins não permite que tal interesse estorve o ideal de isenção e equanimidade a que sua crítica aspira. Assim, Candido identifica certo tensionamento interno de Lins entre o desejo de afirmação da autonomia da literatura e as pressões da participação política:

Há certos momentos em que quase nos comovemos ante algumas das suas páginas, ao sentirmos a nobre tensão em que vive o seu espírito, defendendo ciosamente o justo equilíbrio e a imparcialidade, entre o impressionismo estético que ameaça os grandes individualistas e a solicitação da atividade no mundo, que arrasta o intelectual para o turbilhão dos acontecimentos e das paixões políticas. (CANDIDO, 1943b, p. 5).

No entanto, Candido avalia que, em última análise, para Álvaro Lins "o objeto da crítica [...] é a determinação, na obra literária, daquilo que é eterno, que transcende as contingências". (CANDIDO, 1943b, p. 5). Enquanto Mário de Andrade censurava Álvaro Lins sobretudo pela falta de uma atitude mais empenhada na construção da cultura nacional, que, a seu ver, se poderia alcançar exercendo a função pedagógica da crítica, o ponto de vista de Antonio Candido dirige-se, mais diretamente, às consequências políticas da crítica voltada aos "valores

eternos" e à "aventura da personalidade", definindo uma postura que pretende colocar-se acima das solicitações do momento.⁴

Ainda a propósito de Álvaro Lins, mas desta vez comentando a 4ª série do **Jornal de Crítica**, em 1946, Candido observa que o volume apresenta maior presença de análise e discussão de ideias, sendo em menor número os estudos sobre ficção e poesia; e constata, no percurso de Lins, uma passagem "da atitude mais puramente estética para a atitude mais participante", mas "evitando, o mais possível, subordinar o significado específico da obra literária ao seu aproveitamento puramente ideológico". (CANDIDO, 1999, p. 19-20). O comentário à obra de Lins possibilita a Candido discutir as relações entre literatura e política e expressar sua própria visão a respeito da atividade crítica:

Acho que a literatura não tem obrigação de ser social nem os críticos o dever de julgar segundo padrões não-literários. Mas acho que, sobretudo em tempo como o nosso, o crítico só pode enriquecer a sua obra se tomar consciência dos problemas sociais e organizar o seu pensamento em relação a eles. Cada época tem problemas-chave, e os sociais, não se pode negar, ocupam a primeira plana em nossos dias. E a consciência é de tal modo solicitada por eles que se torna quase impossível não ter posição política definida, se não na militância, ao menos no campo teórico. (CANDIDO, 1999, p. 22).

5

A insistência de Mário de Andrade na necessidade, para o artista e o intelectual, de alcançar uma "técnica de pensamento"

⁴ Limito-me aqui ao comentário, a rigor parcial, das observações de Antonio Candido sobre Álvaro Lins em 1943. Para uma visão mais completa da trajetória intelectual do crítico pernambucano, que não deixou de ter momentos de participação política, ver o estudo de Adélia Bezerra de Meneses (1979).

e, com ela, uma orientação definida diante da vida, envolvia o senso agudo das consequências que poderiam advir da falta de consciência sobre o ofício. Em mais de uma ocasião, Mário denuncia o perigo das posições que se alinham ao "desinteresse" da arte, sem que isso derive de uma atitude consciente frente à sociedade. Em carta de 1942 a Henriqueta Lisboa, Mário observa: "A arte não só 'tem de servir', o que já é doutrina e ideologia, mas serve mesmo, sempre e de qualquer forma. Quando não serve pra bem, serve mal e serve o mal, o erro." (ANDRADE, 2010, p. 223). De modo mais contundente, afirma em entrevista de 1944 a Francisco de Assis Barbosa:

Acho que o artista, mesmo que queira, jamais deverá fazer uma arte desinteressada. O artista pode pensar que não serve a ninguém, que só serve à Arte, digamos assim. Aí está o erro, a ilusão. No fundo, o artista está sendo um instrumento nas mãos dos poderosos. O pior é que o artista honesto, na sua ilusão de arte livre, não se dá conta de que está servindo de instrumento, muitas vezes para coisas terríveis. É o caso dos escritores apolíticos, que são servos inconscientes do fascismo, do capitalismo, do quinta-colunismo. (ANDRADE, 1983b, p. 103).

No mesmo sentido, em carta de 1943 a Fernando Sabino, Mário alerta o jovem escritor sobre as consequências de não transformar sua obra em elemento de seu combate:

Existem duas forças mais uma vez empenhadas em luta de vida ou morte, digamos mais ou menos eufemisticamente: a força da coletividade e a força da chefia. Ou você não-conformistamente se inclui na coletividade ou conformistamente se vende à chefia. [...] [N]ada impede, nada jamais não impedirá nunca que como obra-de-arte o seu livro seja uma obra vendida aos interesses da chefia, uma obra de função odiosamente capitalista, escravocrata e, meu Deus, até nazista. [...]

Este é o princípio mesmo do nazismo, da sua mística e da sua prática. Um passo mais e o fracassado implora a descida dos céus de um Fuehrer! Porque o que há de mais pavoroso na fragilidade humana é que não tem só chefes escravocratas, o infamante é que há escravos escravocratas também. (ANDRADE, 2003, p.144-145).

Nessa passagem, Mário parece fazer menção à figura do fracassado, que, no artigo "O traço característico", de 1940, havia identificado como tipo literário recorrente no romance brasileiro daqueles anos - "não é o fracasso proveniente de forças em luta, mas a descrição do ser incapacitado para viver, o indivíduo desfibrado, incompetente, que não opõe força pessoal nenhuma, nenhum elemento de caráter, contra as forças da vida, mas antes se entrega sem quê nem porquê, à sua própria insolução" (ANDRADE, 1993, p. 181) - e que retoma, praticamente com os mesmos termos, em "A elegia de abril" (ANDRADE, 1974, p. 190), em que sugere uma relação entre o momento presente e "o convite à desistência e a noção do fracasso total" (ANDRADE, 1974, p. 191). Também aqui trata-se de uma consequência nefasta da falta de uma técnica de pensar e de uma orientação para a conduta, pois, como Mário sugere, seria a ausência de uma técnica de pensamento que faz os indivíduos desfibrados clamarem por um Messias-Führer. Além disso, note-se de passagem que o trecho da carta a Sabino talvez ajude a explicar a famosa – e enigmática – exclamação de Mário sobre Macunaíma, em carta a Álvaro Lins: "Pra esses moços, como pra os modernistas da minha geração, o Macunaíma é 'a projeção lírica do sentimento brasileiro, é a alma do Brasil virgem e desconhecida', que virgem nada! que desconhecida nada! Virgem, meu Deus! será muito mais um cão de nazista! Eu fracassei." (ANDRADE, 1983a, p. 66).

Voltando ao nosso tema, digamos, para concluir provisoriamente estas anotações, que a controvérsia sobre arte "pura" e arte "interessada", que marcou a discussão sobre a cultura nos anos 1940, com as ressonâncias da polarização política do decênio anterior, viria ainda a se prolongar, com outra feição, após 1945, como atestam as disputas políticas em torno de entidades culturais como a Associação Brasileira de Escritores (ABDE).

Mais ainda, é possível dizer que, mesmo deixando de ser formulado nos termos de arte "pura" ou "interessada", o problema da função social da arte permaneceu como um eixo de reflexão teórica de Antonio Candido, que chegaria, no início dos anos 1960, a formulações teóricas por ele consideradas satisfatórias, constituindo-se como um caso à parte no movimento geral da crítica brasileira. Apenas para indicar a persistência da questão - e o que se mostra como um esforço contínuo de Candido de retomar, afinar e reelaborar a reflexão sobre o assunto -, lembremos que, por ocasião da 25^a reunião da SBPC, em 1973, a mesa "Literatura e sociedade", coordenada por ele, tomava como eixo da discussão o que o crítico chama de "pertinência da literatura" – entenda-se, pertinência social da literatura na atualidade –, e descreve como um desdobramento contemporâneo do já "superado debate entre 'arte pura' e 'arte interessada'", acrescentando que, a esse núcleo, ligam-se "problemas como o da relação entre a literatura e as classes sociais, a literatura e a vida política". (CANDIDO, 1973, p. 14).

Assim, nos anos 1970, Candido reconhecia um fio de continuidade entre o velho debate que havia mobilizado os intelectuais brasileiros nos anos 1940 e as questões teóricas atuais, relacionadas ao significado social da arte e da literatura –

questões que, como se sabe, constituíam a principal vertente da reflexão teórica e da prática crítica de Antonio Candido, o qual, a partir do fim dos anos 1950 e, sobretudo, início dos anos 1960, viria a desenvolver um conjunto de estudos que formulariam sua solução pessoal para o problema da polarização entre crítica estética e sociológica, tanto no âmbito teórico – em **Literatura e sociedade** (CANDIDO, 1980b) – quanto no da análise interpretativa – em **O discurso e a cidade** (CANDIDO, 1993a). A solução de Antonio Candido para os impasses da crítica literária, então dividida entre os formalismos e o sociologismo, implicava um ponto de vista que conjuga a preservação da autonomia da obra literária e a investigação de sua função e seu significado social. Quanto ao caráter histórico da própria solução de Antonio Candido, é um tema que exige estudo à parte, a ser desenvolvido em outra ocasião

Referências

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974.

ANDRADE, Mário de. **O baile das quatro artes**. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975a.

ANDRADE, Mário de. **O banquete**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

ANDRADE, Mário de; SABINO, Fernando. Cartas a um jovem escritor e suas respostas. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ANDRADE, Mário de. Cartas a Murilo Miranda (1934-1945). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ANDRADE, Mário de. Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983a.

ANDRADE, Mário de Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa. Organização de Eneida Maria de Souza. São Paulo: Edusp/Petrópolis, 2010.

ANDRADE, Mário de. Cultura musical (Oração de paraninfo). In: ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira**. 2. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975b, p. 233-247.

ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.

ANDRADE, Mário de. **Entrevistas e depoimentos**. Organização de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983b.

ANDRADE, Mário de. Esquerzo. **Folha da manhã**, São Paulo, 17 de junho de 1943, p. 9.

ANDRADE, Mário de. **A lição do guru**: cartas a Guilherme Figueiredo, 1937-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

ANDRADE, Mário de Mário, Otávio: cartas de Mário de Andrade a Otávio Dias Leite (1936-1944). Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes/ IEB-USP, 2006.

ANDRADE, Mário de. **71 cartas de Mário de Andrade**. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1963.

ANDRADE, Mário de. **Vida literária**. Organização de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1993.

CANDIDO, Antonio. Artista e sociedade. **Folha da manhã**, São Paulo, 6 de junho de 1943a, p. 5.

CANDIDO, Antonio. Clima. In: CANDIDO, Antonio. **Teresina etc**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980a, p. 153-171.

CANDIDO, Antonio. Um crítico. **Folha da manhã**, São Paulo, 18 de julho de 1943b, p. 5.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993a.

CANDIDO, Antonio. Jornada heroica. **Folha da manhã**, São Paulo, 30 de maio de 1943c, p. 5.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980b.

CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Edusp, 1988.

CANDIDO, Antonio. Paulo Emilio: a face política. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 337-358.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993b.

CANDIDO, Antonio. Sobre um crítico. **Remate de males**, Campinas, número especial Antonio Candido, p. 15-28, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Organização de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. Os rumos da literatura, **Folha de S. Paulo**, 5 de julho de 1973, p. 14.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade**: exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COLI, Jorge. **Música final**: Mário de Andrade e sua coluna jornalística Mundo musical. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1998. COSTA, Iná Camargo. Dois mestres do contra e a passagem ao terceiro. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (Orgs.). **Antonio Candido 100 anos**. São Paulo: Ed. 34, 2018, p. 384-395.

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Hucite/Prefeitura do Município de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura, 1985.

LAFETÁ, João Luiz. **1930**: a crítica e o Modernismo. 2. ed. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Duas Cidades / Ed. 34, 2000.

LINS, Álvaro. Sinais da nova geração. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1941, p. 2.

MARTINS, Luís. Um livro e uma exposição. **Folha da manhã**, São Paulo, 17 de junho de 1943, p. 8.

MENESES, Adélia Bezerra de. A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica. Petrópolis: Vozes, 1979.

MILLIET, Sérgio. O baile das quatro artes. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1943a, segunda seção, p. 4.

MILLIET, Sérgio. Fui bulir em vespeira. **O Estado de S. Paulo**, 18 de junho de 1943b, p. 3.

Formação da literatura nacional: balizas histórico-culturais

Maria Célia Leonel*
José Antonio Segatto**

RFSUMO

Objetivamos rediscutir os marcos histórico-cronológicos e culturais da formação da literatura brasileira. Tais marcos foram delineados entre as décadas de 1830 e 1880 e sistematizados nos decênios seguintes, quando se estabeleceram suas balizas fundamentais, determinando-se um cânone de obras e autores de acordo com escolas ou tendências em uma sequência evolutiva. As fronteiras entre as escolas só comecaram a ser objetadas a partir da década de 1960 com a publicação de estudos, especialmente o de Antonio Candido, Formação da literatura brasileira de 1959. Nesse livro, tomando como base a herança histórico-crítica precedente e incorporando muitos de seus elementos, o autor repensa os marcos históricoculturais do nascimento da literatura e propõe, como seus momentos decisivos, o Arcadismo, no século XVIII, e o Romantismo, no XIX, de acordo com o estabelecimento de um sistema literário. Seis décadas depois, apresentamos uma sugestão de redefinição dos limites históricos das tendências literárias nacionais, incorporando resultados de perspicazes pesquisas anteriores, sobretudo a de Antonio Candido.

Palavras-chave: História da literatura brasileira. Antonio Candido. Formação da literatura brasileira. Balizas histórico-culturais.

^{*} Professora titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Letras Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo e doutorado em Letras Literatura Brasileira.

^{**} Professor titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (1993) e Atualmente é professor Titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

The Formation of Brazilian Literature: Historical and Social Bases

ABSTRACT

It is aimed to rediscuss the historical-chronological and cultural marks of the Brazilian Literature formation. These marks were delineated between the 1830's and 1880's and were systematized in the following decades, when their fundamental bases were established, determining a canon of works and authors according to literary movements or tendencies in an evolutionary sequence. The boundaries between these movements started to be objected from the 1960's on, especially with the publication of Antonio Candido's Formação da literatura brasileira in 1959. In this book, on the basis of the previous historical-critical heritage, incorporating many of its elements, the author rethinks the historical and cultural marks concerned with the birth of Brazilian literature and proposes, as its decisive moments, the 18th century Arcadism and 19th century Romanticism according to the establishment of a literary system. Six decades later, we proposed a suggestion of redefining the historical limits of the Brazilian literary tendencies, incorporating results of previous perspicacious researches, mainly Antonio Candido's ones.

Keywords: Brazilian literary history. Antonio Candido. Formação da literatura brasileira. Historical and cultural bases.

[...] a representação histórica da literatura [...] não é só meio auxiliar de estudo, mas também é parte da história. (SCHLEGEL, 2011, p. 507).

O objetivo deste artigo é rediscutir os marcos históricocronológicos e culturais da formação da literatura brasileira relativamente ao processo de constituição do Estado nacional. Tais marcos foram delineados entre as décadas de 1830 e 1880 e sistematizados nos decênios seguintes, quando se estabeleceram suas balizas fundamentais e foi determinado um cânone de autores e obras de acordo com escolas ou tendências, supondose uma sequência evolutiva.

A demarcação de tais movimentos tornou-se referência básica para as histórias de nossa literatura na primeira metade do século XX – tanto para aquelas que passaram a ser consideradas "oficiais" quanto para as que não se enquadravam nesse padrão. As fronteiras entre as escolas só começaram a ser objetadas a partir da década de 1960 com a publicação de estudos, fundamentalmente o de Antonio Candido, **Formação da literatura brasileira** de 1959. Nesse livro, tomando como base a herança histórico-crítica precedente e incorporando muitos de seus elementos, o autor reflete sobre os marcos histórico-culturais do nascimento da literatura e propõe, como seus momentos decisivos, o Arcadismo, no século XVIII, e o Romantismo, no século XIX, para o estabelecimento de um sistema literário.

Seis décadas depois, acreditamos ser possível aventar uma redefinição dos limites históricos das tendências literárias — incorporando resultados de perspicazes pesquisas anteriores — tendo em vista uma compreensão diversa da formação do Estado nacional no Brasil. Concomitantemente a uma nova consideração da instituição da literatura, propomos sua sistematização histórica

no interstício temporal que vai da publicação da **História da literatura brasileira** de Sílvio Romero, em 1888, à edição inicial da **Formação da literatura brasileira**.

Literatura, história e ideologia

As histórias da literatura – como já exaustivamente constatado – começaram a ser elaboradas por intelectuais ligados ao Romantismo, sendo acopladas ao processo de organização dos Estados nacionais na Europa na passagem do século XIX para o XX. A esse propósito, lembra-nos Carpeaux (2011, p. 14): "[...] foi o romantismo que criou a 'história da literatura' conforme o critério cronológico, como nós o conhecemos, e foi o romantismo que criou a noção de 'história da literatura universal'.".

Elemento inerente à fundamentação da identidade e da cultura nacional, a literatura ganhou atribuição medular na organização dos Estados-nação. Simultaneamente, as histórias da literatura foram criadas para autenticar e sistematizar a produção literária em um determinado cânone de autores e obras. Como escreve Moreira (2003, p. 9), "Cabia à história da literatura reunir o acervo artístico da nação, orientar as reflexões sobre a produção literária, do qual resultou seu papel social, como instrumento de aglutinação de uma determinada sociedade.".

Assim, no Brasil – como em outros países da América Latina recém-criados –, desde o rompimento do estatuto colonial e do encetamento da edificação do Estado nacional, surgiu a necessidade de se conceber tanto uma literatura como, paralelamente, uma história literária. Esta deveria ser capaz não só de assegurar a existência da literatura brasileira, como também

de assinalar seus caracteres e especificidades. Dessa maneira, a partir da terceira década do século XIX, desencadeou-se um movimento de criação da literatura nacional e da historiografia para autenticá-la. Nas palavras de Nunes (1988, p. 205), "[...] começaria a surgir no Brasil concomitantemente à implantação do romantismo, a sua historiografia literária, à qual se deve, em estreita conexão com o aparecimento de uma historiografia nacional, aquele reconhecimento legitimador.".

À vista disso, no decurso de algumas décadas, foi sendo idealizada uma história literária e, em sintonia com o Romantismo, a construção do Estado-nação. Não havia ainda, no entanto, uma "[...] literatura brasileira, como *corpus* objeto de historicização, quando a história literária julgou oportuno inventar sua existência." (MOREIRA, 1995, p. 82).

Estudos de Ferdinand Denis (Resumo da história literária do Brasil, de 1826), Joaquim Norberto ("Bosquejo da história da poesia brasileira", de 1841, introdução à antologia Modulações poéticas), de Santiago Nunes Ribeiro ("Da nacionalidade da literatura brasileira" de 1843), de Ferdinand Wolf (O Brasil literário: história da literatura brasileira, de 1863), e ainda antologias – que, no que se refere ao estabelecimento de cânone, têm tanta importância quanto as histórias da literatura –, como a de Januário da Cunha Barbosa (Parnaso brasileiro, de 1829/1830), a já mencionada de Joaquim Norberto, a de Francisco Adolfo Varnhagen (**Florilégio da poesia brasileira**, de 1853) entre outras publicações, levaram à concepção de uma tradição histórico-literária com importante papel cultural e ideológico na construção nacional. Construto coletivo, essa operação envolveu muitos intelectuais e a ação decisiva do Estado durante algumas décadas.

Essas primeiras tentativas de construção de uma história da literatura foram retomadas e reelaboradas nos últimos decênios do século XIX e no primeiro quartel do XX. Entre tais empreendimentos, devem-se destacar: História da literatura brasileira, de Sílvio Romero, de 1888; "Introdução à história da literatura brasileira", de Araripe Júnior, de 1887; História da literatura brasileira, de José Veríssimo, de 1916, e Pequena história da literatura brasileira, de Ronald de Carvalho, de 1919.

Embasadas em formulações – em voga na época – positivistas, evolucionistas, naturalistas de Auguste Comte, Herbert Spencer, Hippolyte Taine, Henry T. Buckle e outros, tais obras impregnavam-se, em geral, de noções de raça, meio, língua, cultura. Ademais, essas histórias compartilhavam determinados fundamentos relativos à literatura nacional, quais sejam: ela nasce já com a colonização no século XVI ou no XVII; apresenta caráter evolutivo entre as escolas, gêneros e estilos; é compreendida de forma elástica e extensiva: romance, poesia, teatro, folclore, crônica, história, economia, direito, jornalismo, ciências etc.

Não obstante tais componentes essenciais comuns, há, entre essas histórias da literatura, especificidades que devem ser explicitadas: a) a de Sílvio Romero, elaborada sob uma visão determinista, tem como fundamento a miscigenação e é expressão da raça e do povo; b) a interpretação de Araripe Júnior, também determinista, enfatiza, por sua vez, não a raça, mas o meio – deriva dela a noção de "obnubilação brasílica" (adaptação da cultura europeia aos trópicos), da qual emana o "estilo tropical" (BOSI, 1978, p. XVI); c) já Veríssimo tem como paradigma a **Histoire de la littérature française**, de

1894, de Gustave Lanson, "[...] que concilia o historicismo com a crítica impressionista." (VENTURA, 1995, p. 49) – ou seja, "Literatura é arte literária [...] sinônimo de boas ou belas artes." (VERÍSSIMO, 1963, p. 12); d) a de Ronald de Carvalho – não obstante ter exercido considerável influência – é um desdobramento, sem grande originalidade, da publicação de Sílvio Romero.

Ainda que filiadas a teorias e ideologias, de certo modo, datadas ou mesmo extemporâneas, essas obras e seus autores passaram a ter grande autoridade, afirmando-se e conservando-se como referência básica, exemplar, tanto no ensino da literatura no nível médio e nas universidades, como na constituição das histórias literárias e do cânone da literatura ao longo de todo o século XX. A despeito de todas elas, individualmente ou em conjunto, terem, posteriormente, ascendência respeitável, o trabalho de Sílvio Romero foi, sem dúvida, o mais expressivo ao expor de maneira sistemática:

[...] a epopéia da nacionalidade, fábula cujas origens míticas se situavam na gênese do mestiço e do cruzamento de culturas, matrizes da diferenciação progressiva do povo e da sociedade nacional, de acordo com os padrões darwinistas e evolucionistas. Estabeleceu o esquema da formação e da presença do "espírito" nacional, segundo o modelo épico da continuidade ininterrupta. (VENTURA, 1991, p. 166, grifo do autor).

Nos anos 1950-60, esses arquétipos histórico-literários começaram a ser postos em causa, repensados e superados. Pelo menos três obras significativas foram publicadas – uma em sua terceira edição – nesse momento: **A literatura no Brasil**, entre 1955 e 1959, organizada por Afrânio Coutinho, reunindo ensaios de críticos variados e mesmo discrepantes, inicialmente

apresentada em quatro tomos; **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos, de Antonio Candido, em 1959, em dois compactos volumes; e **História da literatura brasileira:** fundamentos econômicos, de Nelson Werneck Sodré, que, embora tenha sido publicada inicialmente em 1938, apresenta nova versão ampliada em 1960.

A primeira obra, sob a direção de Afrânio Coutinho, apesar das diferenças entre os colaboradores, mantinha certa harmonia teórica e congruência analítica estabelecida pelo organizador e procurava deslocar o enfoque da nação para a arte literária, ou seja, para a "crítica intrínseca ou estético-literária". (COUTINHO, 1955a, p. 71). Para ele, a história da literatura deveria ser, necessariamente, a história da arte literária "[...] no seu desenvolvimento autônomo, nas suas várias formas, isto é, o estudo da literatura no tempo." (COUTINHO, 1955a, p. 71). Mas, como outros historiadores, considera que ela seria ordenada pela descrição do "[...] processo evolutivo como integração de estilos artísticos." (COUTINHO, 1955a, p. 42). Com esse entendimento, afirma que a história literária - que concebeu e dirigiu – obedeceu à "[...] evolução das formas estéticas no Brasil corporificadas nos seguintes estilos: Barroquismo, Romantismo, Neoclassicismo. Arcadismo. Realismo. Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Impressionismo, Modernismo." (COUTINHO, 1955a, p. 48). Isso quer dizer que, apesar das inovações, a coletânea mantém, em boa parte, a periodização evolutiva dos estilos literários desde o século XVII, quando a literatura teria sido formada com o Barroco. A obra, vale lembrar, retoma também a tese da obnubilação de Araripe Júnior.

O livro de Nelson Werneck Sodré (1960), por sua vez, embora incorporando formulações de George Lukács, tem como parâmetro concepções do marxismo de George Plekánov, para quem os produtos culturais são conectados aos "fundamentos econômicos" – como se lê no subtítulo da obra – ou mesmo por eles determinados.

Assim sendo, a formação da literatura brasileira é considerada pela perspectiva do materialismo histórico, constituindo-se em consonância com a emergência do povo no processo da história. Nesse sentido, o autor afirma que somente no século XIX, com o Romantismo, é que surgiu um esboço de literatura nacional – restringida pela herança colonial e pela transplantação cultural – que só se realizaria, de fato, no início do século XX, em especial, depois de 1930. Diz o autor:

Só na medida em que as condições econômicas evoluem, refletindo-se na ordem social, pela definição das classes e pelo papel que elas representam, conduzindo à formação de uma estrutura nacional de produção, é que surgem as possibilidades do aparecimento de uma literatura nacional. (SODRÉ, 1960, p. 18-19).

Observe-se que, embora valorize obras de antecessores, especialmente de Veríssimo, procura superá-las, rompendo com explicações evolutivas e conceitos periodológicos de escolas e gêneros. A seu ver, "[...] a simples enumeração de escolas, discriminando nelas as exterioridades formais e mostrando sua sucessão no tempo, representa um processo descritivo sem nenhuma importância." (SODRÉ, 1960, p. 22).

Das três publicações, a de maior ressonância históricoteórica e analítico-crítica é, sem dúvida, a de Antonio Candido. A partir da herança precedente – sobretudo de Sílvio Romero –incorporando e atualizando criticamente muitos de seus

elementos, ele repensa não só os marcos históricos da formação da literatura como também seus fundamentos. Ao elaborar seu estudo, demarca os "momentos decisivos": o Arcadismo, no século XVIII (mais cosmopolita), e o Romantismo, no século XIX (orientado por peculiaridades locais). Entre um e outro, haveria um duplo movimento dialético – "de tendências universalistas e particularistas" (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 23) - e de continuidade e ruptura, ambas as operações almejando criar a literatura brasileira e construir a nação. Assim, constituirse-ia um "sistema literário" - formado por produtores de literatura, público receptor, mecanismo transmissor (a língua e o estilo) – que conduziria ao estabelecimento de uma tradição como resultado do processo acumulativo de autores e obras. O sistema literário seria consolidado entre as décadas de 1830 e 1870, e seu ponto de chegada seria a obra madura de Machado de Assis, consubstanciação do longo e progressivo movimento de construção da literatura brasileira.

Essas três obras seriam, de fato, as últimas a apresentar inovações quanto às balizas da formação da literatura brasileira. Muitas foram as histórias literárias publicadas posteriormente, das quais cabe destacar a mais conhecida que é a **História concisa da literatura brasileira**, de Alfredo Bosi, de 1970. Entre outras, tem-se a **Presença da literatura brasileira**: história e antologia, de Antonio Candido e José Aderaldo Castello de 1964; a coleção **A literatura brasileira**, com seis volumes elaborados por diferentes estudiosos acerca de cada escola literária publicada pela Cultrix na década de 1960; a **História da literatura brasileira**, de Massaud Moisés, da década de 1980; **A literatura brasileira**: origens e unidade, de José Aderaldo Castello, de 1999. Todavia, nenhuma delas traz novidade no que se refere à periodização e à interpretação da história literária.

Contrariamente, preservam as demarcações históricas tradicionais e os parâmetros evolutivos de escolas e gêneros, estabelecidos, como foi dito, na passagem do século XIX para o XX. Não obstante o rigor analítico, a densidade teórico-crítica e a maior repercussão acadêmica da **História concisa da literatura brasileira**, de Alfredo Bosi, ela manteve – não importando se para fins didáticos ou não – paradigmas pretéritos.

Mesmo a **Presença da literatura brasileira**, que conta com a autoria de Antonio Candido e de José Aderaldo Castello, conserva a periodização convencional, contradizendo a **Formação da literatura brasileira**, do próprio Candido. Pode ser que, como no caso de Alfredo Bosi, o intuito pedagógico levou os autores a adotarem os marcos tradicionais.

No último quartel do século passado, houve algumas tentativas de rever ou de desconstruir as histórias literárias sem, no entanto, apresentarem contribuições significativas. Isso porque começava uma outra história em que histórias de literatura nacional perderam a função cultural e ideológica — em particular a da elaboração de identidades nacionais.

Marcos históricos

Quando foram elaboradas as histórias da nossa literatura, de Ferdinand Denis a Sílvio Romero e deste a Antonio Candido e outros, partiu-se sempre do pressuposto, dado como inquestionável, de que o Brasil preexistia à constituição do Estado nacional. A literatura brasileira, portanto, já era um fato presente, desde o início do século XVI com a carta de Caminha, ou os autos de Anchieta, ou o poemeto épico (**Prosopopeia**, de 1601) de Bento Teixeira.

Afrânio Coutinho (1981, p. 37), seguindo as proposições de Araripe Júnior, afirma mesmo que a literatura surgiu "[...] no instante em que o primeiro homem europeu aqui pôs os pés, aqui se instalou.". Naquele momento, "[...] criou-se um homem novo, obnubilando [...] o homem antigo, o europeu [...]" (COUTINHO, 1981, p. 38), e, com ele, nasceu a literatura pátria. Teríamos, dessa forma e com tal explicação, a literatura brasileira antes, ainda, da existência do Brasil ou da nação brasileira.

Evidentemente, tais elaborações não surgiram de meras conjeturas ideológicas. Elas provêm de interpretações históricas, construídas nos anos 1840-50, sistematizadas por Carl F. Ph. von Martius e Francisco A. Varnhagen, que estabeleceram as referências político-ideológicas e institucionais da versão oficial da história do Brasil. Desde então, "[...] os usos do passado colonial foram afirmativos da unidade e identidade nacionais." (HANSEN, 2008, p. 26).

Delineada tal narrativa historiográfica, "[...] os autores e as obras coloniais funcionam teleologicamente como antecipações exemplares que anunciam a grandeza do tempo dos intérpretes." (HANSEN, 2008, p. 26-27). O propósito patriótico implicou a recorrência, pelos analistas, às obras coloniais, como "[...] exemplos do ideal pré-formado na sua ideologia que transforma autores coloniais em protonacionalistas." (HANSEN, 2008, p. 29).

Isso posto, entendemos ser possível e necessário pensar em uma redefinição dos limites históricos das tendências da literatura com base em premissas e fundamentos de uma compreensão diversa do processo de constituição do Estado nacional. Assim, supomos a possibilidade de sistematizar e sintetizar a história literária segundo uma periodização exposta nos termos a seguir.

a) Literatura colonial portuguesa (séculos XVI-XVIII)

A montagem da colonização portuguesa na América – como constatado por muitos historiadores – realizou-se por meio da ocupação do território para a produção de gêneros tropicais altamente lucrativos no mercado europeu (açúcar, tabaco etc.) e da exploração de metais preciosos (ouro, diamantes) em larga escala, baseada no trabalho compulsório do escravo negro africano. "Engajava-se, assim, a ocupação, povoamento e valorização de novas áreas, e sua integração nas linhas da economia europeia." (NOVAIS, 1986, p. 68), regulada pelo estatuto colonial ou pelo exclusivo comércio com a metrópole.

Encetado pelo Estado português, associado à grande empresa mercantil, o empreendimento colonizador, amplo e abrangente, envolveu grandes recursos e resultou na constituição de uma sociedade diferenciada da europeia no território ocupado, ou seja, em uma formação social escravista. "Prolongamento da metrópole" (NOVAIS, 1986, p. 68), a colonização portuguesa no novo mundo foi sendo estabelecida ao longo de três séculos. Instituída por capitanias e circunscrições coloniais cuja coesão era bastante precária, compôs um conjunto heterogêneo, sem nenhuma unidade cujas partes se comunicavam antes com a metrópole do que entre si. O que existia de fato eram colônias (Norte, Nordeste e Sudeste), sem nenhum interesse comum e qualquer noção identitária, a não ser localmente ou com a metrópole de além-mar proporcionados pela língua e pela religião.

Além disso, papel de relevo coube à Igreja católica, em especial à Companhia de Jesus, organização criada pela contrarreforma. Aparato do Estado português, à Igreja coube atribuição não só missionária, mas, sobretudo, cultural e ideológica, de estabelecimento de normas de sociabilidade, controle e dominação, e seu caráter hiperconservador impregnou todas as relações sociais e humanas. Ademais, em áreas em que a alfabetização era raridade, quase que monopólio dos clérigos, a pauperização intelectual era agravada pelas severas restrições da metrópole à circulação e à publicação de livros e outros impressos.

Nessas condições, não poderia haver literatura autóctone e menos ainda brasileira, pois o país não existia. O que se tinha, segundo Antonio Candido (1971), do século XVI a meados do XVIII, eram manifestações esparsas, rarefeitas, isoladas, sem organicidade, no mais das vezes de repercussão local, sem formar uma tradição.

Observe-se que alguns críticos dessa tese, com pretensões inovadoras, acusam Antonio Candido de ter "sequestrado o barroco", por ignorar Gregório de Matos – "um dos maiores poetas de nossa literatura" – e Vieira – afirmando ainda que a literatura brasileira "não teve infância, já nasceu adulta, formada" (CAMPOS, 1989, p. 12). Na realidade, esse entendimento histórico está embasado em concepções político-ideológicas da versão oficial da história brasileira, fundada por Varnhagen, segundo a qual o Brasil preexistia à constituição do Estado nacional – ele seria mesmo uma continuidade da colônia portuguesa na América e sua história teve início com a "Primeira Missa". A literatura brasileira, tal qual no modelo positivista/ evolucionista, teria sido criada nos séculos XVI ou XVII, antes, portanto, da existência do país.

Assim sendo, pode-se asseverar que as manifestações literárias (de cronistas, poetas, tribunos e outros), dispersas no

tempo (quase três séculos) e no espaço (regiões ou localidades determinadas), não podem ser concebidas ou estudadas como sendo constituintes da literatura brasileira, a não ser por meio de construtos ideológicos.

b) Pré-história: passagem do século XVIII ao XIX

De meados do século XVIII às primeiras décadas do XIX, houve um surto cultural significativo em uma região delimitada da colônia, as Minas Gerais, especialmente em Vila Rica e localidades próximas, estendendo-se por franjas que alcançaram São Paulo e Rio de Janeiro. Impulsionada pela economia aurífera, contou-se com a urbanização crescente (1730-80) de núcleos mineradores, acompanhada pela implantação de equipamentos de infraestrutura, por paulatina aglomeração demográfica, pela necessidade de burocracia civil e militar e pela ampliação das atividades da Igreja. Com isso, no setecentos, nas localidades mineradoras ou a elas vinculadas, foram criadas condições propícias ao afloramento da literatura com Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga, Santa Rita Durão, Basílio da Gama, entre outros, e de demais atividades artísticas, como a escultura e a arquitetura, a pintura e a música sacra.

Nesse período e nessa região, aparece, por conseguinte, "O esboço de uma literatura como fator cultural configurado, e não apenas como produção individual de pouca repercussão." (CANDIDO, 2004, p. 33). O mesmo crítico já havia observado que as academias e, particularmente, o Arcadismo, tiveram papel importante, dado que esse último "[...] plantou de vez a literatura do Ocidente no Brasil." (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 17).

Esse processo ganharia novo impulso nas primeiras décadas do século XIX, quando da transferência do Estado português para a colônia (1808-21), mais especificamente para o Rio de Janeiro. Tal fato, ao revogar normas do pacto colonial, propiciou a criação de algumas premissas básicas para a fundação do Estado nacional e para a criação de uma literatura própria. "Imprensa, periódicos, escolas superiores, debate intelectual, grandes obras públicas, contato livre com o mundo [...]" caracterizaram a "Época das Luzes, acarretando algumas consequências importantes para o desenvolvimento da cultura intelectual e artística, da literatura em particular." (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 227). Presenciouse o surgimento dos "[...] primeiros públicos consumidores regulares de arte e literatura; a definição social do intelectual; a aquisição, por parte dele, de hábitos e características mentais que o marcariam até nossos dias [década de cinquenta do século XX]." (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 227).

Assim, pode-se dizer que esse período distingue-se do anterior, mesmo o território continuando na situação de colônia, por estabelecer condições para que, no momento posterior – de organização do Estado –, fosse possível o desencadeamento da criação da literatura brasileira. Tal ocorrência, no entanto, deve ser tipificada como pré-história, pois diz respeito à transição da condição de colônia para a de Estado nacional. Ademais, havia ainda outros elementos limitadores: o movimento cultural das Minas era ainda muito circunscrito a uma determinada região que, após a decadência do ciclo do ouro, experimentou uma contínua e irreversível involução. Assim, não havendo ainda país, nação e identidade nacional, não poderia haver literatura brasileira.

c) Criação da literatura nacional: 1830-40/1870

A constituição do Estado no Brasil foi um processo longo e descontínuo. Fundado em 1822, a partir da unidade imposta de cima, agregando circunscrições coloniais com poucos elementos de unicidade e identidade, ele continuou inconcluso por muito tempo. Sua formação requeria a criação de elementos fundamentais para a construção da nação, como povo, instituições e símbolos. Para tanto, havia a necessidade de gerar determinados quesitos de identidade e unidade nacional: sociedade civil e política, direitos de cidadania, exército e polícia, justiça, códigos, mercado interno, moeda, sistema fiscal e tributário, história, geografia, cultura, mitos, heróis, santos, hino, bandeira e, especialmente, literatura. De acordo com a compreensão aqui veiculada, a formação da literatura não pode ser dissociada da organização do Estado nacional, pois é um dos seus componentes basilares, acompanhando pari passu a sua constituição.

Assim, no processo de organização do Estado, uma elite de intelectuais, amparada pelo governo imperial e sob seu manto, elaborou uma política cultural objetivando a criação da cultura brasileira. Nela, a posição central coube à literatura em gestação nos anos de 1830-40/70, efetivada no movimento romântico, iniciada, conforme marcos tradicionais, em Paris, por meio da revista **Niterói**, em 1836, sob a liderança de Gonçalves de Magalhães. Tendo como referencial as proposituras de Ferdinand Denis em seu opúsculo **Resumo da história literária do Brasil**, de 1826, Magalhães propunha que a nossa literatura deveria diferenciar-se da portuguesa e superar a equivalência da língua pela temática local (americana) e pela natureza (tropical).

Ademais, deveria ser estabelecida uma tradição, com elementos e aspectos precursores "[...] que pudessem vir a configurar uma tradição literária nacional brasileira." (ROUANET, 1991, p. 232, grifo do autor). Seu esboço tomava obras do século XVIII em que tais características eram encontradas como **O Uraguai**, de 1769, de Basílio da Gama, e **Caramuru**, de 1781, de Santa Rita Durão. A tradição ali encetada deveria ser retomada e ter prosseguimento pelo movimento romântico que valorizaria a representação da realidade nacional. É clara a ideia de imbricação íntima entre o movimento romântico e a construção da nação, ou seja, a literatura seria um instrumento fundamental no processo de organização do Estado-nação.

Seus princípios fundamentais, segundo Antonio Candido (1971, v. 1, p. 329-30), poderiam ser sistematizados da seguinte forma:

1) O Brasil precisaria ter uma literatura independente; 2) esta literatura recebe suas características do meio, das raças e dos costumes próprios do país; 3) os índios são os brasileiros mais lídimos, devendo-se investigar as suas características poéticas e tomá-las como tema; 4) além do índio, são critérios de identificação nacional a descrição da natureza e dos costumes; 5) a religião não é característica nacional, mas elemento indispensável da nossa literatura; 6) é preciso reconhecer a existência de uma literatura brasileira no passado e determinar quais os escritores que anunciaram as correntes atuais.

Os intelectuais românticos, tributários do nacionalismo, criaram as bases do que seria a literatura brasileira. Empenhados na "construção da nação", assumiram mesmo um "sentimento de missão" que os levava a "[...] considerar a atividade literária como parte do esforço de construção de um país livre." (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 26).

Desse modo, a literatura de tendência romântica produziu obras que foram ao encontro da necessidade de geração de símbolos e imaginário, as quais contribuíram para a elaboração da identidade e da consciência nacional. É o que, de fato, ocorreu com José de Alencar em **O Guarani**, em 1857, e **Iracema**, em 1865, e com Gonçalves Dias, em **Os timbiras**, em 1857, que procuraram estabelecer os mitos de origem, exercendo papel importante na concepção de uma identidade.

Concomitantemente ao indianismo, surge o romance urbano de Joaquim Manuel de Macedo, **A Moreninha**, de 1844; de Manuel Antonio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**, de 1854, entre outros, e a poesia de Castro Alves, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e outros mais. Temse também outra vertente denominada regionalista com Bernardo Guimarães e **A escrava Isaura**, de 1875; Alfredo d'Escragnolle Taunay e **Inocência**, de 1872; Franklin Távora e **O Cabeleira**, de 1876, e outros. Tal vertente tinha mesmo a intenção de "[...] substituir o indianismo, como aspecto formal e insistente na intenção de transfundir um sentido nacional à ficção romântica." (SODRÉ, 1960, p. 298). O Brasil genuíno seria o do sertão que conservaria "em estado natural os traços nacionais", atribuindo-se "[...] ao sertanejo, ao homem do interior, àquele que trabalha na terra, o dom de exprimir o Brasil [...]" (SODRÉ, 1960, p. 299).

Afrânio Coutinho (1955b, p. 149) afirma que o regionalismo se constitui de um "conjunto que arma o todo nacional", ou seja, que a soma de obras formaria uma espécie de mosaico literário, representando as especificidades locais — a unidade na diversidade. É, portanto, um construto político-ideológico imbuído de concepções variadas: localismo, provincianismo, nacionalismo.

Antonio Candido (1971, v. 2, p. 117-118) entende que, nos anos 1870, o sistema literário estaria plenamente configurado, a formação da literatura brasileira concluída e seu ponto de chegada seria Machado de Assis, que:

[...] se embebeu meticulosamente da obra dos precedentes. A sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição dos costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antônio, na vocação analítica de José de Alencar. Ele pressupõe a existência de predecessores, e esta é uma das razões de sua grandeza [...] aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o legado positivo das experiências anteriores [...] Assim, se Swift, Pascal, Shopenhauer, Sterne, a Bíblia ou outras fontes que sejam, podem esclarecer sua visão do homem e a sua técnica, só a consciência de sua integração na continuidade da ficção romântica esclarece a natureza de seu romance.

À vista disso, o crítico julga que a obra machadiana, ao realizar de modo cabal a dialética do local e do universal – em um processo mais amplo de constituição de uma tradição cultural e intelectual em que se destacou a literatura –, atesta a consubstanciação do largo e progressivo movimento histórico de constituição do "sistema literário", iniciado no século XVIII com o Arcadismo e que foi se adensando no século seguinte. É nessa perspectiva, segundo ele, que devem ser entendidos a forma e o conteúdo dos romances de Machado de Assis: um lento curso de formação do sistema literário criou uma tradição e os precedentes do grande escritor.

d) Configuração plena da literatura brasileira: 1880-1956

A formação da literatura brasileira, a nosso ver, entretanto, só alcançaria configuração plena em um período razoavelmente

longo de mais de sete décadas, do último quartel do século XIX a meados do XX. Nesse largo intervalo, o Brasil passou por profundas transformações: de país agrário-escravocrata para sociedade urbano-industrial, de império para república. Naturalmente, tais modificações não se deram por completo nem mesmo nas regiões mais desenvolvidas. Como se sabe, ao contrário disso, permaneceram—e permanecem—relações sociais fortemente desiguais, mazelas de todo tipo, procedimentos e costumes de momentos anteriores— ainda que com outras roupagens, como o poder político-econômico dos latifundiários, entre outras persistências, como se pode constatar na melhor representação dessa continuidade nas décadas iniciais do século XX em **Grande sertão: veredas**.

De todo modo, no plano cultural, as mudanças mencionadas permitiram o afloramento de uma inteligência significativa, a ampliação da educação em vários níveis – ainda que de acesso limitado –, a instalação de equipamentos culturais e de formação, públicos e privados: jornais e revistas, teatros e cinemas, editoras e livrarias, rádios e televisões, universidades e centros de pesquisa etc.

Esse complexo de fenômenos tanto socioeconômicos quanto culturais teve intenso reflexo na produção literária nacional. No romance e na poesia, na dramaturgia e em outros gêneros, surgiram muitas obras e autores de grande valor, permitindo mesmo a emergência de uma literatura de amplitude universal, de que temos vários exemplos expressivos e mesmo extraordinários na prosa de Machado de Assis, Mario de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e outros. Na poesia, contamos com Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto entre outros.

Sobre o período de realização integral da nossa literatura, já havíamos avançado a hipótese que consideramos plausível:

[...] a literatura brasileira, que começa a ser criada nos anos 1830/1870 com o Romantismo, ganha configuração plena entre a publicação do primeiro e do último grande romance brasileiro: **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, em 1881, e **Grande serão: veredas**, de Guimarães Rosa, em 1956. Paralelamente a isso, a sistematização crítica, autenticada e normatizada do que seria a literatura brasileira, poderia ser demarcada no interstício histórico que vai da publicação da *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, de 1888, à edição da **Formação da literatura brasileira**, em 1959. (LEONEL; SEGATTO, 2014, p. 186).

A insistente reposição, no século XX, de questões apresentadas pelo Romantismo no oitocentos foi bastante ativa no Modernismo. Nesse momento, houve a retomada – em outros termos e algumas vezes com maior realce – de temas e questões veiculadas pelo movimento romântico: a dicotomia nacionalismo/cosmopolitismo, as raízes culturais, as diferenças de linguagem em relação a Portugal etc. Do mesmo modo que Mario de Andrade, em 1942, Antonio Candido (1976, p. 112) reiterou tais analogias ao constatar a existência de dois momentos cruciais na literatura brasileira que alteraram cursos e revigoraram a intelectualidade: "[...] o Romantismo, no século XIX (1836-70) e o ainda chamado Modernismo (1922-45). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu.".

A política cultural do governo Vargas, nos anos 1930-45, teve também como centro a retomada do projeto de conclusão da nação. Novamente, temas e problemas foram reatualizados e repostos, salientando-se a condição inconclusa do Estado nacional de forma geral e da história da literatura em particular. Nesse contexto, a política cultural do Estado procurou mesmo

apropriar-se do Modernismo e até cooptar alguns de seus representantes como Mario de Andrade e outros de menor significação como Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia.

A historiadora Mônica P. Velloso (*apud* CARVALHO, 1999, p. 260) registrou que, na política cultural estadonovista, a literatura deveria refletir a realidade brasileira na sua autenticidade, devendo ser o "espelho da nação". Dessa maneira, sua missão seria a de contribuir, como instrumento cultural, para a constituição do Estado.

Posteriormente, nas décadas de 1950-60, a cultura e a literatura voltaram a ser utilizadas não só pelo Estado, mas também por movimentos oriundos da sociedade civil como instrumentos para a construção da nacionalidade. Porém, nesse momento, a literatura e sua história estavam na fase de configuração ampla. No período subsequente, nos anos de 1980 e seguintes, principalmente com o processo de globalização, as literaturas nacionais foram perdendo, paulatinamente, o sentido de existir ou o propósito para o qual foram concebidas. As literaturas deixaram de ser nacionais para serem globais e de mercado.

Não obstante isso ser fato evidente e incancelável, uma (re) interpretação do processo formativo da literatura brasileira é importante para a compreensão não só da organização do Estado nacional e da cultura do país, mas também para o entendimento das condições históricas da produção e da composição das obras literárias. Nesse sentido, a retomada do debate sobre a história da literatura brasileira e o questionamento de seus marcos históricos são, cremos, necessários e oportunos para requalificar o exame crítico da literatura em particular e da cultura em geral, em um momento de desorientação de referências e paradigmas.

Uma revisão crítica da formação e da realização plena da literatura brasileira, recolocando antigas controvérsias e problemas, aventa novas indagações e hipóteses. A proposta de redefinição das balizas históricas que intentamos delinear, sempre em interlocução com a obra seminal de Antonio Candido – que completa sessenta anos de sua publicação –, traz contribuição para o estudo da literatura produzida no decorrer do processo histórico do país.

Referências

BOSI, Alfredo. Introdução. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Araripe Júnior**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. IX-XX.

CAMPOS, Haroldo. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971. 2 v.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976. p. 109-138.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. São Paulo: Leya, 2011. v. 1.

CARVALHO, José Murilo de. Brasil: nações imaginadas. In: CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 233-268.

COUTINHO, Afrânio. Introdução geral. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955a. v. 1, p. 15-86.

COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na prosa de ficção. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955b. v. 2, p. 145-151.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1981.

HANSEN, João Adolfo. Aleijadinho e outras representações: prefácio. In: GRAMMONT, Guiomar de. **Aleijadinho e o aeroplano**: o paraíso barroco e a construção do herói nacional. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 17-31.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. Formação da literatura e constituição do Estado nacional. In: LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. **Ficção e ensaio**: literatura e história no Brasil. 1. reimpr. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 165-186.

MOREIRA, Maria Eunice. Regionalismo literário rio-grandense: invenção da historiografia literária. In: MALLARD, Letícia et al. (Org.). **História da literatura**: ensaios. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995. p. 75-97.

MOREIRA, Maria Eunice. Apresentação. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Histórias da literatura**: teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 9-12.

NOVAIS, Fernando Antonio. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial**: 1777-1808. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

NUNES, Benedito. Historiografia literária. In: NUNES, Benedito. **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1988. p. 205-246.

ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

SCHLEGEL, Karl Wilhelm Friedrich von. Introdução (à História da literatura europeia) - 1803-1804. In: SOUZA, Roberto Acízelo de (Org.). **Uma ideia moderna de literatura**: textos seminais para os estudos literários (1688-1922). Chapecó: Argos, 2011. p. 501-510.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**: seus fundamentos econômicos. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VENTURA, Roberto. História e crítica em Sílvio Romero. In: MALLARD, Letícia et al. (Org.). **História da literatura**. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995. p. 37-54.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 4. ed. Brasília: UNB, 1963.

O diálogo crítico de Ángel Rama e Antonio Candido na perspectiva da hermenêutica de Gadamer*

Ney A. G. Canani**

RESUMO

A distância temporal que nos separa da obra de Candido e Rama permite que os situemos em um período histórico — marcado pela consolidação do estado nacional e a crença na modernização como uma força homogeneizadora na sociedade — que já foi concluído e, portanto, pode ser visto como uma unidade. Nos termos de Gadamer, pode-se dizer que essa tradição está suficientemente morta para que possa ser compreendida por inteiro. Por outro lado, os problemas que afetam a crítica literária latino-americana hoje não são tão diferentes daqueles enfrentados por esses autores. Porque os efeitos da tradição de Candido e Rama ainda se fazem sentir, existe interesse em manter vivo um diálogo com eles. Nesse processo, somos convidados a repensar nosso lugar na tradição que nos foi transmitida e reconciliar a estética com a crítica cultural

Palavras-chave: Hermenêutica. Crítica Literária. Crítica Cultural. Antonio Candido. Ángel Rama.

** Diplomata de carreira e Professor. Doutor em Filosofia (Doktor der Philosophie), summa cum laude, pela Universidade Livre de Berlim, Mestre em Ciência Política e Licenciado em Letras pela UFRGS, Bacharel em Direito pelo IESB.

^{*} O presente artigo baseia-se na tese de doutorado **Crítica Estética e Cultural na Tradição Literária Latino-americana.** A hermenêutica de **Antonio Candido e Ángel Rama**, defendida na Universidade Livre de Berlim em 2013 e publicada no portal daquela universidade em 2015. O texto integral da tese está disponível em: https://refubium.fu-berlin.de/handle/fub188/4926. Agradecimentos à Profa. Dra. Ligia Chiappini pelo apoio e incentivo à publicação deste artigo.

The critical dialogue between Ángel Rama and Antonio Candido in the perspective of Gadamer's hermeneutics

ABSTRACT

The temporal distance that separates us from the work of Candido and Rama allow us to situate these authors within a historical period – marked by the consolidation of the national state and the belief in modernization as a homogenizing force in society – which has already been ended and can thus be seen as a unity in itself. In Gadamer terms, one can say that this tradition is sufficiently dead so that we can comprehend it as a whole. On the other hand, the problems that affect Latin American criticism today are not so different from the ones tackled by those authors. Because the effects of the tradition of Candido and Rama can still be felt today, there is interest in keeping alive a dialogue with them. In this process, we are invited to rethink our place in the tradition which was handed down to us and reconcile aesthetics with cultural criticism.

Keywords: Hermeneutics. Literary Criticism. Cultural Criticism. Antonio Candido. Ángel Rama.

Das Verstehen ist selber nicht so sehr als eine Handlung der Subjektivität zu denken, sondern als Einrücken in ein Überlieferungsgeschehen, in dem sich Vergangenheit und Gegenwart beständig vermitteln. (Gadamer, 1999 (GW1): p. 295)¹

Viel hat von Morgen an, Seit ein Gespräch wir sind und hören voneinander, Erfahren der Mensch; bald sind wir aber Gesang. (Hölderlin, 2007, p. 64)²

Todo encontro com a tradição desafia-nos a reiniciar uma conversa que nunca foi interrompida e da qual participamos desde sempre, uma conversa que somos ("seit ein Gespräch wir sind"), conforme o verso de Hölderlin. Parece pouco provável que se possa dizer algo novo sobre autores como Ángel Rama e Antonio Candido, cuja obra tem passado por processo intenso de revalorização e revisão e sobre a qual já se acumula substanciosa bibliografia.³ A presença frequente de Candido e Rama em numerosas antologias e obras coletivas faz supor, ainda, que esses autores já tenham assumido o caráter de "clássicos", o que desencorajaria qualquer releitura inovadora de sua obra.⁴ Porém

A compreensão não deve ser vista tanto como um ato de subjetividade, mas como ingresso em uma manifestação da tradição em que passado e presente constantemente se comunicam.

Muito desde a manhã, pois que uma conversa somos e um do outro escutamos, aprenderam os homens; logo, porém, seremos canção.

³ Para uma relação bibliográfica bastante abrangente da obra de Candido e sua fortuna crítica, ver Dantas (2002); para a obra de Ángel Rama, ver Blixen; Barros-Lémez (1986).

⁴ Uma antologia recente, organizada por Ana del Sarto, Alicia Rios e Abril Trigo é o The Latin American Cultural Studies Reader (2004), que inclui artigos de Antonio Candido e Ángel Rama. O Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, da Universidade de Pittsburgh, dedicou um volume da série Críticas a Ángel Rama (Ángel Rama y los Estudios Latinoamericanos), editado por Mabel Moraña (1997) e outro a Antonio Candido (Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos), com

se a obra clássica é aquela que, conforme uma das definições de Italo Calvino (CALVINO, 1993, p. 11), "nunca terminou de dizer o que tem para dizer", então novas leituras são sempre possíveis e justificáveis. A questão para o intérprete seria apenas encontrar uma mensagem que ainda não tenha sido dita ou, na perspectiva de Hans-Georg Gadamer, encontrar uma nova pergunta para a qual a obra desses autores nos ofereceria uma resposta.

A definição de Calvino (1993) encerra, com efeito, um pressuposto que nos obriga a novas explicações e justificativas. Se a obra clássica nunca terminou de dizer a que veio, é possível que, para diferentes intérpretes e em diferentes épocas, diga coisas diferentes. O sentido da obra, portanto, não está apenas no texto, mas no contexto de sua recepção. É nesse contexto, precisamente, que encontramos a melhor justificativa para voltar a Rama e Candido.

As obras de Ángel Rama e de Antonio Candido têm sido reavaliadas, nas últimas décadas, sob uma perspectiva frequentemente redutora, que insiste em circunscrevê-las a um debate político, em grande medida, já superado. Ou Candido e Rama são exaltados como grandes representantes da tradição ensaística latino-americana – que encontra expoentes em Andrés Bello e Domingos Sarmiento, em língua espanhola, e Gilberto

organização de Raúl Antelo (2001). Juan Poblete (2002) afirma que Ángel Rama "se há convertido ya en un clásico de la cultura latinoamericana", o que se poderia verificar pela inclusão póstuma de seus ensaios na coleção da Biblioteca Ayacucho, que o próprio Rama criou, e pelas leituras que vem sendo feitas da sua obra. O comentário também vale para Candido, que teve ensaios igualmente incluídos na coleção da Biblioteca Ayacucho e cuja obra tem sido submetida a frequentes releituras. No Brasil, os aniversários de 70, 80 e 90 anos de Antonio Candido serviram como pretexto para obras coletivas que abordam diversos aspectos da vida e obra desse autor.

Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, em português –, ou são valorizados como precursores de uma ruptura com essa mesma tradição, a qual prenunciaria um novo horizonte temático, teórico e metodológico para os estudos latino-americanos, no âmbito dos chamados "cultural studies".5

Nesse processo de reavaliação, frequentemente opera-se uma leitura seletiva desses autores, em especial nos centros de estudos europeus e norte-americanos. Suas últimas obras, mais facilmente aproximadas da perspectiva dos estudos culturais, são privilegiadas em relação às primeiras, normalmente associadas à tradição ensaística latino-americana. Assim, estuda-se sobretudo o Rama de Ciudad Letrada (1984) e Transculturación Narrativa en América Latina [1982]/(2007), negligenciando-se o autor de Ruben Darío y el Modernismo [1970]/(1985). No caso de Candido, a recepção fora do Brasil concentra-se em obras como O Discurso e a Cidade [1993]/(2010) e, mais especificamente, em ensaios como "Literatura e Subdesenvolvimento" (1970) e, cada vez menos, no clássico Formação da Literatura Brasileira [1959]/(2000).6 Trata-se

Há autores que estabelecem uma distinção entre os Estudos Culturais que seguem a matriz anglo-saxã, geralmente realizados fora da América Latina, e os estudos culturais latino-americanos, que Mabel Moraña (2006) chama de "cultural critique", os quais derivariam da tradição ensaística latino-americana. Pode-se ver essa distinção como resultado de uma simples diferença de enfoque ou como uma disputa epistemológica e/ ou hermenêutica no interior do campo da Latino-americanística. A própria discussão exaustiva dessas perspectivas e a tentativa de estabelecer e justificar a distinção entre os estudos latino-americanos no Norte e no Sul deixa claro que não se trata, aqui, de mera diferença de enfoque.

Roman de La Campa (1999) faz uma revisão da recepção de La Ciudad Letrada, de Ángel Rama, afirmando que a obra tem sido mais citada do que analisada em profundidade. Embora reconheça que o livro guarda muitos elementos de trabalhos anteriores de Rama, acredita que se distingue desses por avançar sobre o discurso pós-estrutural, na incorporação de conceitos de Michel Foucault. Na sua opinião, a obra antecipa os debates teóricos nos Estados Unidos nos anos 1990. Walter Mignolo (1993) também

de uma leitura que, de um lado ou de outro, supõe uma divisão inconciliável entre a tradição ensaística latino-americana e os Estudos Culturais.

A apropriação seletiva de Rama e Candido sugere, ainda, que algumas obras tenham se tornado ultrapassadas, enquanto outras seriam interessantes somente porque revelariam tendências que mais tarde se tornariam dominantes na crítica literária. Em um caso ou no outro, essa apropriação não apenas é seletiva, como supõe uma negação: as obras de Candido e Rama não diriam nada sobre o presente, não contribuiriam senão de forma indireta para os debates atuais no campo dos Estudos Latinoamericanos. Seja como precursores dos Estudos Culturais ou como representantes da grande tradição crítica, Candido e Rama fariam parte da história da crítica literária latino-americana, fariam parte do passado. Clássico, nessa concepção, significaria talvez historicamente importante, mas não atual, como querem Calvino e Gadamer.

Por trás dessa concepção, esconde-se uma discussão polarizada sobre o papel do intelectual, especialmente latino-americano, e, mais ainda, sobre a própria função da literatura e dos estudos literários na sociedade, em particular nos países em desenvolvimento. Desde o início, a polarização no campo dos estudos latino-americanos parece estar ligada à crise de uma

ressalta o "pós-estruturalismo" de Rama. Hugo Achugar (1998), por outro lado, situa o grosso da obra de Rama, e inclusive La Ciudad Letrada, na tradição dos pensadores da "Patria Grande" latino-americana. Como uns poucos artigos da vasta obra de Candido foram traduzidos para o espanhol, sua obra permanece em grande medida desconhecida fora do Brasil (Formação..., por exemplo, não foi traduzida). Em 2001, quando se publica Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos, o editor, Raul Antelo, afirmava no prefácio que "Antonio Candido es un crítico aislado", observando que sua obra ensaística recém começava a ser traduzida organicamente ao espanhol.

concepção tradicional dos estudos literários, em que estes se concentravam em encontrar justificativas, estéticas e históricas, para a formação de cânones nacionais e universais. Esta por sua vez se vincula, e às vezes mesmo se confunde, com uma crise na própria avaliação do significado da modernidade e do modernismo para a tradição ocidental, incluindo seus reflexos e contradições na América Latina

No ensaio publicado em 1965, "To Civilize our Gentlemen", George Steiner já comentava a dificuldade dos estudiosos de literatura inglesa em justificar seu campo de estudo. Na sua avaliação, os estudos literários historicamente teriam encontrado sua fundamentação em três perspectivas dominantes: i) o estudo da literatura clássica seria a base para melhor compreender autores modernos; ii) a literatura seria fundamental para construir a ideia de nação; iii) a literatura representaria uma força moral e edificadora.

Em certa medida, as três perspectivas identificadas por Steiner foram colocadas em questão pelo discurso pós-moderno, que ganhou impulso a partir da década de 70. O estudo dos clássicos passou a ser desvalorizado por sua suposta associação a uma cultura elitista e opressora; a ideia de nação passou a ser contestada por ser alegadamente um instrumento de dominação e supressão das diferenças e, por fim, a literatura, como mais um discurso em um mar de discursos, teria perdido não apenas sua "força moral", como qualquer primazia que pudesse ter como objeto de estudo.

A dificuldade que os estudiosos de literatura inglesa encontravam, em meados dos anos 1960, para justificar seu campo de estudos, também era enfrentada pela crítica literária latino-americana. Nos anos 60 e 70, em especial, esta se deparava com a tarefa de redefinir sua função em face do desafio colocado

pela chamada nova narrativa, que se tornaria conhecida na Europa e Estados Unidos pelo fenômeno do "boom da literatura latino-americana". Mas o desafio não era apenas compreender as produções literárias que, de forma inédita, estavam chamando a atenção dos pesquisadores no Norte. Como notava Antonio Cornejo Polar, em 1974, a crise epistemológica enfrentada pela crítica literária assumia também o caráter de crise ideológica. Para esse autor, enquanto a crise epistemológica dizia respeito à necessidade de justificar teoricamente o conhecimento produzido pela crítica, a funcional-ideológica partia da constatação de que esse conhecimento, qualquer que fosse, se articularia com uma visão específica sobre os problemas do homem latino-americano. A nova literatura, afinal, interpelava a crítica a reinterpretar não somente a tradição literária, mas seus próprios pressupostos epistêmicos e seu compromisso social.

Erin Zivin (2007), referindo-se às dimensões éticas do debate sobre a função dos estudos literários na América Latina, observa que

the last several decades have witnessed a reorientation of the political and a globalization of the cultural in Latin America, shifting literature's function as a homogenizing, citizen-forming institution to a more dispersed, fragmented, and (potentially) democratic and liberating practice. At the same time, and perhaps in response to this cultural shift, the field of Latin American literary studies has expanded to include cultural studies, postcolonial theory, performance studies, gender studies, Africana studies, and subaltern studies, at once expanding and disrupting the boundaries of literature, criticism, and of Latin America itself. (ZIVIN, 2007, p. 1).

⁷ *Apud* Martínez (1995. p. 17).

A reorientação de que fala Zivin (2007), resultado da dominação dos *cultural studies* nos centros de pesquisa norteamericanos e europeus, não foi plenamente incorporada nas universidades da América Latina – quando não foi frontalmente rejeitada. Para muitos estudiosos, a mudança de função da literatura não se deu em direção a uma prática "potencialmente democrática e liberadora", tendo antes levado a uma nova forma de colonização cultural por parte do Norte. Isso teria feito com que a divisão entre uma concepção tradicional de estudos literários e a fragmentação trazida pelos estudos culturais se tornasse também uma clivagem acadêmica entre os latino-americanistas que trabalham no Norte e escrevem, sobretudo, em inglês, e aqueles que trabalham na América Latina e costumam publicar seus trabalhos em espanhol ou português.⁸

Essas duas clivagens, entre *cultural studies versus* estudos literários tradicionais, de um lado, e crítica literária latinoamericana *versus* crítica cultural tal como produzida nos centros do Norte, de outro, perpassam as diferentes leituras e apropriações da obra de Antonio Candido e Ángel Rama ao longo das últimas décadas.

Os críticos latino-americanos preocupados em preservar a tradição de pensamento crítico que Beverley (1999) rotula como "neoarielismo" tendem a valorizar Candido e Rama por seu compromisso comuma crítica literária que, conquanto socialmente engajada, não prescinde da tarefa de apontar características e tendências estéticas na literatura latino-americana, explorando também suas origens e vinculações com a literatura ocidental, como um todo. Estudiosos ligados à orientação "culturalista" anglo-saxã, por outro lado, tendem a privilegiar as obras mais

Moreiras (2001) analisa, de forma abrangente, as características e as implicações dessa cisão para os Estudos Latino-americanos.

recentes desses autores, em que a atenção a certas questões valorizadas pela academia norte-americana e europeia, como o *status* das manifestações culturais populares em relação à "cultura letrada", faz-se notar de forma mais marcante. Nesse processo de ressignificação e reapropriação parcial de Candido e Rama, que reitera a ruptura entre o discurso dos *cultural studies* e o dos estudos literários, elimina-se qualquer possibilidade de compreender as articulações e convergências entre essas duas perspectivas.

Em um momento em que os debates sobre o *status* dos estudos literários latino-americanos continuam bastante polarizados e questiona-se, até mesmo, sua relevância em face de agendas de pesquisas que parecem ter dissolvido completamente as distinções usuais entre cultura popular, cultura de massas e cultura letrada — ou entre o nacional, o regional e o global —, pode-se dizer que revisitar a produção crítica de Candido e Rama torna-se necessário como **movimento hermenêutico** de superação das aporias que têm paralisado a crítica literária latino-americana.

Nesse contexto, recuperar a visão de Hans-Georg Gadamer sobre o processo de compreensão e interpretação, em que as noções de **tradição** e **diálogo** ocupam posição central, revelase particularmente produtivo. Na visão de Gadamer, qualquer esforço de interpretação é condicionado pelos efeitos da tradição na qual o sujeito está inserido e da qual nunca consegue libertarse completamente. Interpretar uma obra do passado significa, assim, operar uma espécie de mediação entre o passado e o presente. Nessa mediação, a possibilidade de separar sujeito e objeto ou de suspender os efeitos da história sobre o sujeito, anelos da crítica positivista, é posta em questão. De acordo com a hermenêutica de Gadamer, sempre se interpreta o passado de uma maneira específica, conforme as questões e os interesses

que definem o presente. As questões e interesses que surgem da situação presente, porém, constroem-se em relação contínua com o passado. Passado e presente, afinal, se fundem. Se o intérprete não consegue livrar-se da sua própria subjetividade, menos ainda pode fugir da situação histórica que a condiciona. Sob esse ponto de vista, conclui Gadamer, nenhuma época compreende a tradição melhor do que outra, mas a compreende diferentemente, se a compreende de todo: "Es genügt zu sagen, daß man anders versteht, wenn man überhaupt versteht" (GADAMER, 1999, p. 302).9

Cabe resgatar aqui, ainda, a concepção de diálogo de Gadamer, que serve como imagem para explicar a relação do intérprete com o texto, assim como nossa relação com a tradição. O diálogo pressupõe um movimento em que cada parte deseja compreender o outro e está aberta para a possibilidade de rever suas posições. Em uma conversa, que sempre terá sido precedida por outras conversas, não chegamos de mãos vazias. Partimos de uma posição, que conforma nosso próprio horizonte de compreensão. Na medida em que nossa posição muda com a conversa, porém, nosso horizonte se transforma e, eventualmente, funde-se com o do outro. Se Hans-Georg Gadamer está certo quando afirma que interpretar um texto é encontrar a pergunta para a qual o texto é uma resposta, conforme enfatizado por Jauss (1970), então voltar a Candido e Rama significa recuperar um diálogo, de pergunta e resposta, que marcou a tradição crítica na América Latina e que continua nos interpelando a repensar os debates contemporâneos. Nisso consiste, aliás, a atualidade de sua produção.

^{9 &}quot;Basta dizer que entendemos diferentemente, quando entendemos de todo"

Para alguns analistas, a visão de tradição de Gadamer se ressente de alguns vícios que a tornariam incapaz de captar a dissonância ideológica e a mudança dentro da tradição ou a própria possibilidade de ruptura com a tradição. Embora a autoridade e força que Gadamer confere à tradição no processo de compreensão possa ser vista como tendência conservadora – e a resposta de Gadamer à critica de Habermas em certa medida confirma essa avaliação – não há nada na sua hermenêutica que obrigue a seguir essa direção (WARNKE, 2003, p. 137-138).

Vista numa perspectiva dinâmica, a tradição tanto nos condiciona a conservá-la, quanto nos interpela a constantemente recriá-la. Como é impossível escapar aos efeitos da tradição – assim como é impossível fugir à história –, o que é visto como ruptura com a tradição, na verdade, só pode ser entendido como mudança dentro da tradição, a partir de elementos já presentes nela.

Assim, a atenção à dimensão da cultura que marca os últimos trabalhos de Antonio Candido e Ángel Rama – ou seja, aqueles mais diretamente associados à perspectiva dos estudos culturais – não necessariamente representa um desvio em relação à orientação das suas primeiras obras, normalmente situadas na perspectiva do ensaio crítico latino-americano, ainda que possa conduzir a uma reavaliação de todo o legado da tradição.

Ao aplicar o conceito de sistema literário, tal como formulado por Candido, à literatura da América Latina, como um todo, Rama é levado a buscar pontos de contato e aproximação entre as diferentes literaturas hispano-americanas e entre estas e a brasileira. Esses pontos de contato serão encontrados, precisamente, na forma como os escritores plasmam em suas obras a cultura na qual estão inseridos.

Falar de cultura, porém, implica uma série de definições. Nenhuma sociedade complexa pode ser abarcada sob apenas uma matriz cultural. A questão da cultura se coloca, assim, como a contraface da questão da identidade. 10 Se para alguns povos a identidade nacional (ou regional) se construiu sem maiores traumas, no caso da América Latina ela sempre foi campo de embates políticos e sociais, a começar pelos próprios movimentos que levaram à independência. Nesse processo, algumas "culturas" seriam privilegiadas, em detrimento de outras, para conformar as visões dominantes sobre a identidade nacional. Discutir a produção literária sob o ângulo da cultura, portanto, envolve necessariamente debater a questão da identidade nacional (e continental) e, com ela, a da "autonomia" da literatura latino-americana em face das matrizes culturais europeias. A discussão sobre a cultura latino-americana envolve, ainda, pensar a questão da "alta cultura", que se cruza com o problema de como situar a literatura latino-americana em relação à tradição literária ocidental.

Embora o discurso pós-moderno tenha procurado deslegitimar a ideia do nacional como postura essencialista e opressora, não se pode negar que permanece um motor ideológico poderoso que continua pautando o debate político. No caso da América Latina, pode-se perceber a ideia de nação sendo reforçada, ainda hoje, como contrapeso ou antídoto contra o que é percebido como dominação econômica e cultural estrangeira, mesmo que essa ideia perca força com a defesa da integração regional. Além disso, como ocorre em geral com as nações ocidentais, tende a obscurecer a questão das diferenças internas nacionais. Como exceção que confirma a regra, a Bolívia

¹⁰ Para uma revisão da literatura e dos debates sobre a identidade latino-americana, ver Hale (1997).

é o único Estado na região que se define como "plurinacional". Mesmo na Europa, em que o ideal integracionista atingiu sua mais forte expressão, em momentos de crise como o atual, voltase a falar em nação e em interesse nacional. A questão nacional está longe de ter sido lançada para os escaninhos da história, portanto.¹¹ Reconhecer que permanece atual, porém, não implica dizer que nada mudou na América Latina desde a teoria da dependência. Assim, Neil Larsen defende um novo historicismo na crítica cultural latino-americana, que reconheça que o projeto nacionalista e autonomista dos anos 60 encontrou seus limites e deve ser revisto (LARSEN, 1999).

A opção de Candido e Rama de analisar a produção literária da região com atenção para os processos políticos e sociais levou sua obra a ser classificada, por vezes de forma depreciativa, como socialmente engajada ou sociologizante.¹² Tais rótulos sugerem uma perspectiva em que o valor estético das obras é visivelmente colocado de lado, quando não completamente ignorado.

Contudo, a crítica de Antonio Candido e Ángel Rama leva em conta não apenas o caráter social do fenômeno literário,

Para uma revisão do debate sobre identidade nacional e nação na América Latina em face da globalização, cf. Grínor Rojo (2006), Globalización e identidades nacionales y postnacionales... de que estamos hablando? Santiago, Lom Ediciones. Para uma discussão sobre a relação entre a crítica literária e a formação nacional na América Latina, ver Ortega (1991).

O rótulo de "crítico sociológico" atribuído a Candido é um lugar comum frequentemente reafirmado, mas poucas vezes examinado a fundo, como salienta Ramassote (2008). Entre os autores que ressaltam o compromisso de Candido com a sociologia ou inserem sua obra em uma vertente sociológica da crítica brasileira estão Santiago (1982), Arantes (1992a), Perrone-Moisés (2000), Jackson (2001), Süssekind (2004) e Ramassote (2008). Alguns autores, como Peirano (1991) e Castro (2008), têm procurado destacar a perspectiva antropológica presente na obra de Candido. A obra de Rama não tem sido objeto de classificações tão rígidas, mas, de maneira geral, salienta-se a perspectiva sociológica ou cultural do autor.

mas também sua dimensão estética, a partir de suas concepções sobre o valor artístico, e não meramente documental ou representativo, da obra literária. O próprio conceito de sistema literário, visto como âncora de uma abordagem sociológica da literatura, permitiu articular uma concepção de valor artístico que, se bem estará imbricada na tradição, não elide a questão da autonomia da obra. Nessa perspectiva, a existência de um público consumidor de literatura nativo, indispensável para a formação do sistema, não tem significado somente social, pois, como ressalta Candido, ao menos nos seus períodos formativos, a produção literária responderá aos apelos estéticos desse público e terá uma qualidade compatível com seus níveis de exigência. Como os teóricos da recepção têm defendido, a atenção para o público receptor da literatura permite efetivamente superar a dicotomia entre função social da obra e valor estético (JAUSS, 1970, p. 177).

Na concepção de Candido, está implícita ainda a avaliação de que o valor estético dos textos das literaturas nacionais só poderá ser avaliado a partir de um confronto com os textos da tradição ocidental, na qual o sistema nacional estaria inserido ou com a qual se relacionaria de forma mais ou menos tensa. A questão da autonomia da literatura nacional (ou continental) não apresenta relevância apenas política ou ideológica, portanto, como muitas vezes se infere, mas também estético-cultural.

Questão conexa com a da autonomia da literatura produzida na América Hispânica é a da relação da literatura hispano-americana com a brasileira. Se o conceito de sistema literário, tomado de empréstimo a Candido, pode ser aplicado à discussão da literatura hispano-americana, isso não significa que deva ou possa englobar todas as literaturas produzidas na

América Latina. As relações de afinidade estética ou social entre textos produzidos em diferentes partes do continente americano são, porém, demasiadamente evidentes para que uma conexão sistêmica e/ou cultural não seja explorada.

Desde muito cedo, Candido e Rama assumiram esse desafio, buscando identificar problemas e tendências comuns às produções literárias da América Latina. Essa ambiciosa tarefa exigiu o desenvolvimento de categorias de análise suficientemente amplas para dar conta da diversidade da literatura regional, mas ao mesmo tempo delimitadas o bastante para permitirem a caracterização da especificidade, como fenômeno cultural, dessa literatura. O critério mais simples para a integração da literatura latino-americana, a língua, deixaria de fora do sistema, forçosamente, a literatura brasileira, e tornaria difícil a separação da literatura latino-americana da matriz espanhola. Além disso, faria supor uma unidade linguística que turvaria a visão dos analistas para a percepção de que "los comportamientos lingüísticos en un mismo punto de la historia pueden ser diametralmente distintos, lo que apunta a estratos contíguos y superpuestos." (RAMA, 2006, p. 99-100).

Embora Rama, em La Ciudad Letrada Rama (1984), trace um percurso distinto do de Candido em Formação da Literatura Brasileira (2000), orienta-se por princípios semelhantes aos do crítico brasileiro. Assim como Candido, está preocupado em descrever em que condições pode-se desenvolver um sistema literário, mas, no seu caso, o foco da atenção não é um país específico, mas a América Latina como um todo. Rama (1984) amplia o interesse de Candido pelo *corpus* literário do período colonial, porém, ao analisar a formação de instituições e atores

Rojo (2008) mostra como a preocupação inicial de Rama com tradição literária nacional uruguaia, a partir do conceito de sistema de Candido, vai progressivamente se expandindo até englobar todo o continente sulamericano.

que levaram à formação de uma cultura letrada na região, base para a constituição do sistema literário. Rama coloca-se, assim, um programa de pesquisa ao mesmo tempo mais fundamental e mais amplo do que o de Candido (1959), não concebendo o sistema literário como tão-somente um conjunto de relações entre autor-obra-público em um dado momento histórico, mas como parte de um sistema maior, que é a própria cultura letrada. Amplia-se, assim, o leque de relações relevantes que influenciam a produção literária, e caberia ao crítico levá-lo em consideração.

O problema da valoração artística dos textos literários, de toda forma, persiste. A identificação dos mecanismos por meio dos quais se forma a cultura letrada define elementos do contexto em que as obras literárias serão produzidas e recebidas, bem como põe em relevo a função da literatura nesse contexto. Fornece, assim, elementos para o que poderia ser uma análise do valor estético da literatura nos marcos da teoria da recepção. Pouco nos diz, entretanto, sobre a forma como o texto estruturase, internamente, na relação com a cultura. Essa questão é explorada por Rama em Transculturación Narrativa en América Latina (2007). Nessa obra, em que analisa a literatura de José Maria Arguedas, o crítico uruguaio penetra na tessitura do texto para descobrir o mecanismo cultural que lhe deu origem, avançando sobre um terreno já trilhado por Candido em Literatura e Sociedade [1965]/(2000) e nos vários ensaios que seriam agrupados em Educação pela Noite [1987]/(2006) e O Discurso e a Cidade (2010).

Parece haver, assim, uma convergência fundamental entre as agendas de pesquisa de Ángel Rama e Antonio Candido. Enquanto o primeiro procura traçar um programa geral para estudar a literatura na América Latina e procura fundamentar

teoricamente esse programa com base numa concepção culturalista do fenômeno literário, Antonio Candido desenvolve um modelo analítico para pensar a literatura brasileira que, embora não parta de uma concepção estritamente culturalista da literatura, reconhece sua conexão com a cultura e explora as consequências dessa ligação.

Embora gestado para pensar a literatura brasileira, o modelo de Candido acaba sendo instrumental para analisar toda a literatura da região. ¹⁴ Questões caras a Candido como a relação entre a sociedade e a literatura, ou entre a estrutura do texto e a realidade, por sua vez, serão também problematizadas por Rama na análise da literatura latino-americana, perpassando, como um subtexto, as discussões sobre a tradição e a vanguarda.

Os dois autores se aproximam, assim, ao analisar as relações entre literatura e sociedade, ao buscar identificar a especificidade da literatura que estudam *vis-à-vis* a literatura europeia, e ao procurar elaborar um modelo explicativo próprio para analisar a produção literária local, o que não deixa de conformar uma hermenêutica própria. Ao empreender esforço de buscar pontos de contato e aproximação entre as literaturas em espanhol da América Latina e entre estas e a brasileira, Ángel Rama demonstra interesse em não apenas problematizar as noções instituídas de fronteira linguística e cultural na região, mas também discutir os procedimentos da crítica literária latino-americana. Com o conceito de transculturação, por sua vez, mergulha no estudo da relação entre a estrutura do texto e a cultura.

Garramuño e Amante (2001) defendem a tese de que a obra de Candido, embora tendo por base a literatura brasileira, fornece conceitos úteis para pensar a literatura latinoamericana como um todo. Ligia Chiappini Moraes Leite, em "Ángel Rama e Antonio Candido: teoria, utopia e antropologia" conclui que isso explica a influência de Candido sobre o crítico uruguaio.

A conversa entre Ángel Rama e Antonio Candido é uma via de mão dupla, porém, e se o crítico uruguaio desenvolve obra cada vez mais sofisticada e variada, do ponto de vista temático, pelo contato com as investigações do brasileiro, este também amplia seus horizontes analíticos e seus interesses de pesquisa a partir do contato com a obra do colega e amigo. Nos ensaios de Candido "Literatura de Dois Gumes" (1966) e "Literatura e Subdesenvolvimento" (1970)¹⁵, temas explorados preliminarmente por Rama, como a relação entre a alta e a baixa cultura, ou entre a literatura e as instituições sociais da cidade letrada, são incorporados à análise. O ensaio do brasileiro desgarra-se, por fim, dos estudos de autor ou de obras específicas, para os amplos panoramas que sempre fascinaram Rama.

A relação entre Ángel Rama e Antonio Candido tem sido estudada, predominantemente, sob o ponto de vista das influências e, sobretudo, na direção Candido-Rama. A aproximação entre os autores se daria inicialmente pelo uso de conceitos comuns e aprofundar-se-ia com o contato pessoal e a troca de correspondência, mantida ao longo de vários anos. Uma primeira tentativa de mapear essas influências foi realizada em 2001, com a publicação de **Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos**, pelo Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, da Universidade de Pittsburgh (EUA). Nessa obra, republica-se uma resenha de Ángel Rama sobre **Formação**..., que permite identificar na obra de Cândido a gênese de muitos conceitos utilizados pelo crítico uruguaio. A partir da análise dessa resenha e da correspondência entre os dois críticos, Pablo Rocca (2001, p. 53) conclui que "en el terreno

¹⁵ Reunidos em Candido (2006).

profesional donde comienza Candido concluye Rama; en la visión integradora donde comienza Rama continúa Candido". Ao retraçar o caminho das influências, Rocca adverte, porém, que "el universo de las ideas no admite divisiones tan rígidas. Hay, en el plano de la reflexión latinoamericana y cultural de los dos, un punto de corte, un nudo en el que las genealogías se confunden y las ideas se entrecruzan y fertilizan." (ROCCA, 2001, p. 53). Essa análise é aprofundada por Rocca (2006) em capítulo de sua tese de doutoramento, Ángel Rama, Emir Rodriguez Monegal y el Brasil: dos caras de un Proyecto Latinoamericano. A relação Rama-Candido também é analisada por Pia Paganelli (2010), que se refere à construção de uma linguagem crítica de cunho latino-americano a partir do diálogo desses autores, e de Lívia Reis (2008), que aborda o diálogo dos dois críticos como parte de um processo de contatos no sul que inclui a estada de Alfonso Reyes no Brasil e os contatos entre Cecília Meirelles e Gabriela Mistral. Grinor Rojo (2008) se concentra nos conceitos de sistema e tradição, mostrando como as concepções teóricas que Candido utiliza para analisar a literatura brasileira serviram de base para que Rama desenvolvesse a noção de um sistema literário latino-americano. Ligia Chiappini, por sua vez, em "Ángel Rama e Antonio Candido: teoria, utopia e antropologia", explora a tese de que a proximidade entre os dois críticos decorreria da adoção de uma mesma atitude, uma mesma perspectiva, que estaria ligada às suas concepções sobre a relação entre cultura e literatura, lembrando a forte influência da antropologia na formação de Antonio Candido.

O diálogo entre Candido e Rama ganha vida e atualidade porque aporta perspectivas nem sempre coincidentes, mas em geral inovadoras, para problemas que interessam a crítica literária produzida na América Latina hoje. A distância temporal

que hoje nos separa da produção de Candido e Rama da década de 70 permite-nos situá-la dentro de um período – de afirmação do Estado nacional e de crença na força homogeneizadora da modernização – que já foi concluído e que, portanto, pode ser visto como uma unidade. Sabendo hoje que o projeto de modernização social da América Latina, tal como concebido naquela época, não se realizou, podemos avaliar as produções que partiam desse pressuposto de forma mais crítica (pois esse pressuposto não é mais o nosso) do que na época em que vieram à luz. Em termos gadamerianos, aquela tradição está suficientemente morta para que possamos compreendê-la de forma integral. Se temos interesse em voltar ao discurso daquela época, porém, é porque as questões que nos afetam hoje não estão tão distantes daquela tradição de modo a não nos dizerem mais nada. Ao contrário, é porque seus efeitos ainda se fazem presentes hoje, estão vivos, que temos interesse em voltar a ela. Assim, voltamos a ela como buscamos o diálogo com um Outro que nos interpela a repensar nossa tradição, como algo que se formou a partir de uma herança, que nos foi transmitida. Essa tradição, afinal, está viva, e reconhecemos que estamos ligados a ela

Ler Candido e Rama em uma perspectiva hermenêutica significa, assim, reconhecer que voltamos a eles a partir de um olhar do presente, que se distingue daquele contemporâneo a suas produções — ou seja, que mantém um distanciamento histórico em relação a ele — mas que o fazemos não simplesmente para reconhecer sua alteridade, mas para, pondo-a em relevo, questionar nossos próprios pressupostos.

É difícil obter uma visão sintética das concepções de Gadamer sobre a interpretação da obra literária. Em certa medida, todo o seu sistema filosófico deriva de uma visão particular sobre a obra de arte e sua interpretação, a partir da qual se desenvolve

uma teoria abrangente sobre as condições e as características do processo de compreensão/interpretação, o que define, de forma decisiva, o nosso ser-estar (*Dasein*) no mundo. As concepções de Gadamer sobre a objetividade e a subjetividade do intérprete permitem abordar alguns axiomas do pensamento pós-moderno sob nova luz, ao mesmo tempo em que colocam o fazer crítico de Candido e Rama em nova moldura, que ressalta a vitalidade de seu pensamento.

Se a tradição é condição de existência da literatura como fenômeno cultural e essa tradição depende da continuidade criadora, assim como da existência de uma relação estável entre autor, obra e público, o crítico participaria da tradição tanto por ajudar a conformar o público quanto por orientar o criador. Do ponto de vista da cidade letrada, contribuiria para a formação da tradição literária ao dar sentido para aquilo que, de outra forma, poderia ser visto como simples sucessão desconectada de obras no tempo. ¹⁶ Ainda que essa tradição, que estabelece o cânone, difundido e preservado ao longo do tempo pelo sistema de ensino, não seja a única dimensão relevante da cultura latino-americana e, portanto, não desfrute de nenhum privilégio ontológico, é aquela na qual a literatura culta é produzida e recebida.

Pode-se adotar aqui duas perspectivas. Ou as obras não possuem necessariamente um vínculo entre si e a criação da tradição seria mais obra do crítico (e do sistema de ensino) do que dos escritores, ou a tradição surge da influência entre gerações de autores e da autoconsciência dos escritores sobre essa influência, bem como de sua consciência sobre seu papel como continuadores ou contestadores de uma tradição (casos em que, de uma forma ou de outra, a tradição é reafirmada). A noção de tradição, de Gadamer, parece favorecer mais a segunda, embora não exclua a primeira. Essa é também a posição defendida por Candido e Rama na análise da tradição latino-americana. Em La Ciudad Letrada, porém, Rama atenta para processos de construção e preservação de poder em que as duas perspectivas estão presentes.

De um ponto de vista teórico, a posição de que a crítica é uma atividade marcada pela sua condição histórica e deve estar atenta aos problemas do seu tempo pode ser vista como decorrência da forma como Candido e Rama interpretam a relação entre literatura e sociedade no âmbito do sistema. Nas concepções de Candido e Rama sobre o fazer crítico há, contudo, mais do que um simples reflexo de suas concepções sobre os efeitos sociais da literatura e da crítica, uma postura de engajamento em relação aos problemas de sua época.

A identificação de um compromisso social na crítica literária de Candido e Rama não é descabida, mas, sem qualificações, pode ser enganadora. O engajamento social desses autores é convergente com sua visão sobre a função da literatura e o papel do intelectual na sociedade. Não se revela na escolha de autores e temas a serem investigados, porém, e tampouco se vê marcado, de forma simplista, pela aplicação de uma visão de mundo determinista ao objeto de análise. Dá-se, primeiramente, pela preocupação em pensar como se desenvolve o sistema literário em um contexto colonial ou pós-colonial e em que medida é possível formar-se uma literatura com características próprias na região.

Essa preocupação, por sua vez, situa-se no contexto de um pensamento crítico sobre a América Latina e sobre o subdesenvolvimento, ou seja, no âmbito de uma tradição, a qual envolveu os intelectuais de um ponto de vista existencial (mais do que simplesmente teórico).¹⁷

A atenção que a obra crítica desses autores sempre conferiu à relação entre literatura, cultura e sociedade não decorre, simplesmente, de mera postura intelectual, mas de

Para análises informadas sob essa perspectiva, ver, no caso de Candido, Aguiar (1999) e Pedrosa (1994).

um compromisso, logo assumido, com a transformação da sociedade em que viviam. Isso não significa que as posições teóricas e analíticas que assumiram ao longo dos anos só tenham interesse histórico ou tenham, sobretudo, interesse histórico. Essa constatação tampouco deve levar a que se negligencie seus primeiros trabalhos, sob o argumento de que suas análises seriam datadas.

A utilização de uma abordagem hermenêutica gadameriana é útil, nesse sentido, para chamar a atenção de que, se as posições de Candido e Rama são afetadas pela história e refletem os preconceitos e aspirações de sua época, também as nossas não podem ser vistas fora da história. Assim, o interesse que temos em voltar a Candido e Rama deve ser visto como situado em uma perspectiva histórica em que reconhecemos que nossas posições não se formaram — e não podem se formar — voltando às costas para a tradição, mas reconhecendo seu efeito sobre nós, o que não significa que essa tradição não possa ser repensada.

Ter presente a história da América Latina e seus condicionantes na interpretação de Candido e Rama não deve implicar que se veja sua obra somente como testemunho de uma época. Uma das mais importantes contribuições de Gadamer terá sido mostrar, aliás, que, se nossa consciência é afetada pela história (como transparece no conceito de "wirkungsgeschichtliches Bewußtsein")¹⁸, isso vale tanto para a leitura histórica da importância de Candido e Rama quanto para nossa própria releitura desses autores. O encontro com a tradição é um evento em que a verdade aparece, se constrói e se reconstrói. A preocupação de Candido e Rama com temas sociais não pode deixar de ser vista, assim, como sendo também uma tomada de

¹⁸ [em grosseira tradução, "consciência afetada/efetuada historicamente"]

posição em um embate ideológico. Esse embate, por sua vez, só faz sentido porque encontra justificativa em uma realidade vista como problemática e na qual os intelectuais podem ser agentes críticos de transformação da sociedade.

Noções como autonomia da literatura e (in)dependência cultural, modernização e modernismo, literatura como expressão cultural e/ou arte, só assumem o primeiro plano de seus trabalhos porque respondem a anseios e a transformações concretas da sociedade em que estão inseridos. Se esses desafios ainda não foram completamente superados – e é nossa avaliação que não foram e talvez nunca sejam, embora vivamos em um mundo diferente daquele em que começaram a produzir – então justifica-se plenamente voltar a eles. Olhar para a tradição crítica de Candido e Rama é voltar-se para a história intelectual da América Latina no século 20, que continua a reivindicar nossa interpretação.

Nessa tradição, a questão nacional é que dá sentido e coesão ao tratamento de vários problemas. Se abandonarmos a preocupação com a autonomia da literatura, que surge em um contexto de nacionalismo literário, definir o momento em que surge um "sistema literário" nacional, assim como descrever suas características estruturadoras, perde a relevância. Da mesma forma, a relação entre literatura e cultura só é vista como algo problemático a ser analisado e descrito, e não como algo dado, no momento em que a preservação de determinada cultura pela literatura passa a ser importante para a formação da identidade nacional.

Por esse motivo, não se costuma discutir a forma como a literatura francesa ou inglesa representa a cultura de seus países, mas essa questão é recorrente na análise das literaturas latinoamericanas (e pós-coloniais, em um sentido mais amplo). Em certo sentido, a atenção à relação entre a cultura e a literatura se justifica pela importância da questão da identidade para a América Latina. Mas essa atenção não deixa de encerrar, também, uma distorção, pois enquanto as literaturas nacionais francesas e inglesas, para ficar nesse exemplo, são destacadas pelo seu valor artístico, as latino-americanas e periféricas, de modo geral, são vistas quase sempre no seu papel documental.

A noção de que a literatura possa ser vista como unidade e permanência, ou seja, como tradição, desafia alguns paradigmas correntes dos Estudos Culturais, que tendem a enfatizar a descontinuidade, a dispersão e a fragmentação da produção cultural, que só seria vista como contínua e homogênea por um esforço de supressão das diferenças.

A perspectiva de continuidade da tradição trazida por Candido é refinada em Rama, dando lugar a uma concepção de cultura em que a diversidade é reconhecida como um traço essencial da experiência latino-americana. Apesar de reconhecida em sua diversidade, contudo, a cultura continuará sendo invocada como elemento agregador que fundamenta não apenas a identidade nacional, como a identidade latino-americana.

Na ideia de tradição está imbricada, sem dúvida, a noção de relação com o passado, enquanto a ruptura modernista nega essa relação. A discussão se torna mais complexa na medida em que se levam em conta diferentes temporalidades agindo sobre o presente, algo só abordado indiretamente por Gadamer, assim como a noção de diferentes simultaneidades, entendida aqui como a possível coexistência de diferentes "tradições", ou seja, de diferentes apropriações de um mesmo passado por diferentes grupos que o interpretam de forma distinta.

Essa qualificação é importante porque, quando se afirma a especificidade da literatura latino-americana, sua diferença em relação à matriz ocidental, costuma-se fazê-lo como se a literatura pós-colonial não pudesse ser avaliada a partir dos mesmos critérios da literatura ocidental e, consequentemente, nunca pudesse tornar-se "canônica". Ao contrário, quando uma obra literária de um país em desenvolvimento é reconhecida fora da região e um autor latino-americano recebe um prêmio Nobel, por exemplo, essa costuma ser desqualificada como se seu ingresso virtual no cânone ocidental significasse o desaparecimento da diferença que lhe daria valor. Fica evidenciado, nesse caso, que a valorização da obra não decorria do reconhecimento de seu valor como literatura, mas de sua importância social ou cultural, de sua capacidade de "representar" a realidade local, a qual seria de alguma forma mitigada com sua pretensão universal. Nessa reafirmação da diferença, esquece-se que a literatura é arte e, como tal, tem um poder que independe de sua capacidade de representar o local e que, inclusive, como Candido bem reconhece, costuma ser mais bem-sucedida quando não tem a preocupação obsessiva de representar.

Contudo, em um meio que carece de legitimação e representação, a função representativa da obra literária dificilmente poderá ser negligenciada. Como Candido notou, se a literatura brasileira se constituiu como expressão de um desejo dos brasileiros de ter literatura, é natural que seja vista também como materialização, ainda que necessariamente imperfeita, desse desejo. Analisar a obra sob esse ponto de vista, inclusive nas suas conexões sociais, é necessário porque essa dimensão de alguma forma terá sido incorporada na estrutura da obra. Isso não significa, porém, que a obra não tenha valor além disso. É

sobretudo esse valor, propriamente literário, que o crítico deveria buscar, um valor que poderá ser auferido na exata medida em que a obra não tiver função apenas representacional. Nenhum crítico sério valoriza Shakespeare ou Goethe apenas pela capacidade desses autores de representar a sociedade de sua época. Nenhum crítico latino-americano sério deveria, da mesma forma, julgar a literatura produzida na América Latina apenas pelo seu valor representativo. Candido tinha isso muito claro quando afirmou, em Formação..., que os brasileiros deveriam amar sua literatura porque essa é a única que os representa, mas que seu valor universal não decorre disso. Assim, se, ao se debruçar sobre a literatura latino-americana, o crítico não poderá se furtar à consideração do desejo de autonomia que, do ponto de vista social, afeta a constituição dessas literaturas, isso não implica que essa será a medida da sua qualidade estética. Se estamos aqui diante de duas formas de análise, uma que privilegia o estético e outra que privilegia o cultural, ambas estão relacionadas a partir do vínculo obrigatório que o uso do conceito de tradição estabelece entre cultura, sistema e literatura.

A questão da formação dos sistemas literários nacionais e de um sistema literário latino-americano ganha importância, porque não apenas permite discutir a relação entre a cultura e a literatura (ou a literatura e a sociedade), mas também porque equaciona a questão do desejo de autonomia latino-americano e a tradição ocidental.

Ora, o principal ponto de confluência da crítica de Candido e Rama e a hermenêutica de Gadamer se encontra precisamente na forma como concebem a tradição. Tanto Candido quanto Rama souberam construir uma visão sobre a literatura e a cultura latinoamericana que não recusa a tradição, mas estabelece um diálogo com ela. A revalorização da tradição e o reconhecimento da sua importância para a constituição da literatura latino-americana permite unir em uma mesma mirada os eixos da cultura, estética e interpretação presentes em suas obras e constitui justificava especial para abordá-las a partir dessa perspectiva.

Deve-se reconhecer, contudo, que a tradição para Candido e Rama frequentemente assumiu contornos mais difusos do que o conceito de Gadamer. A tradição ora representava a cultura das metrópoles culturais e a ligação com o ocidente, ora a negação dessa ligação e a busca de autonomia a partir da revalorização das tradições locais. Se Candido sempre valorizou a ligação das literaturas latino-americanas com a tradição ocidental, questionando a viabilidade e a validade do desejo de autonomia, Rama foi mais atento para os elementos de tensão na relação da tradição ocidental com as culturas locais. Entretanto, a fórmula encontrada por Rama para descrever essa tensão e a possibilidade de resolver o conflito entre a modernidade ocidental e as culturas. tradicionais, sintetizada no conceito de "transculturação", mostra que a tradição latino-americana é capaz de se reinventar no diálogo com o ocidente e, em um processo de constante troca, pode mesmo oferecer contribuição inestimável e original para a tradição ocidental, que é afinal também a sua tradição.

Referências

ACHUGAR, H. Prólogo a La Ciudad Letrada. In: RAMA, A. La Ciudad Letrada. Montevideo: Arca, 1998.

AGUIAR, F. (Ed.). **Antônio Candido - Pensamento e Militância.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

AGUIAR, F.; VASCONCELOS, S. G. (Ed.) **Ángel Rama**: literatura e cultura na América Latina. São Paulo: Edusp, 2000.

ANTELO, R. (Ed.). **Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos.** Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.

BEVERLEY, J. **Subalternity and representation**: Arguments in cultural Theory. Durham and London: Duke University Press, 1999.

BLIXEN, C.; BARROS-LÉMEZ, A. Cronologia y Bibliografia de Ángel Rama. Montevideo: Arca, 1986.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPA, R. d. l. Latinamericanism. Minnesota: University of Minnesota Press, 1999.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira.** Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000. 2 v.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDIDO, A. **A Educação pela Noite.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, A. **O Discurso e a Cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CASTRO, R. O. d. A Antropologia como Fundamento teórico da crítica literária: o caso de Antonio Candido. *In:* Reunião Brasileira de Antropologia, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais** [...].

CASTRO-KLAREN, S. (Ed.) A Companion to Latin American Literature and Culture. Oxford, Blackwell, 2008.

CHIAPPINI MORAES LEITE, L. Ángel Rama e Antonio Candido: teoria, utopia e antropologia. Berlin, Freie Universität Berlin. Mimeografado.

DANTAS, V. **Bibliografia de Antonio Candido.** São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

GADAMER, H.-G. **Gesammelte Werke** (10 Bande). Band 1. Tübingen: J.C.B Mohr, 1999.

GARRAMUÑO, F.; Amante, A. Partir de Candido. In: ANTELO, R. **Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos.** Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.

HALE, C. Cultural Politics of Identity in Latin American. **Review of Anthropology.** v. 26, p. 567-590, 1997.

HÖLDERLIN, F. **Poems of Friedrich Hölderlin.** Selected and translated by James Mitchell. Ithuriel's Spear, San Francisco, 2007.

LARSEN, N. Fin de la Historia, o una historia de fines? Hacia un "Segundo historicismo" en la crítica literaria latinoamericanista. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, v. 25, n. 50, p.87-90, 1999.

MARTÍNEZ, A. **Metacrítica**. Problemas de Historia de la crítica literária en Hispanoamérica y Brasil. Mérida: Universidade de los Andes, 1995.

MIGNOLO, W. Colonial and Postcolonial Discourse: Cultural Critique or Academic Colonialism? **Latin American Research Review**, v. 28, n. 3, p. 120-134, 1993.

MORAÑA, M., (Ed.) **Ángel Rama y los Estudios Latinoamericanos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 1997.

MOREIRAS, A. **The Exhaustion of Difference**: The Politics of Latin American Cultural Studies. [*S. l.*] Duke University Press, 2001.

ORTEGA, J. Discurso Crítico y Formación Nacional. **Revista** de Crítica Literaria Latinoamericana, año 17, n. 33, p. 95-102, 1991.

PAGANELLI, P. La relación intelectual entre Ángel Rama y Antonio Candido: la constitución de un lenguaje crítico de cuño latinoamericano. **Antíteses**, v. 3, n. 5, p. 247-267, 2010.

PEDROSA, C. **Antonio Candido**: A Palavra Empenhada. São Paulo: Edusp, 1994.

PEIRANO, M. G. S. **Uma Antropologia no Plural** - Três Experiências Contemporâneas. Brasília, Editora da UnB, 1992.

POBLETE, J., (Ed.) **Trayectoria crítica de Ángel Rama**: la dialéctiva de la producción cultural entre autores y públicos. Estudios y Otras Prácticas Intelectuales Latinoamericanas en Cultura y Poder. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2002.

RAMA, A. **10 Problemas para El Narrador Latinoamericano.** Caracas: Sintesis Dosmil, 1972.

RAMA, A. La Ciudad Letrada. Hanover: Ediciones del Norte, 1984.

RAMA, A. **Ruben Dario** y **el modernismo.** Caracas: Alfadil Ediciones, 1985.

RAMA, A. **Transculturación Narrativa en América Latina.** Montevideo: Fundación Ángel Rama, 2007.

RAMASSOTE, R. M. **A Formação dos Desconfiados**: Antonio Candido e a Crítica Literária Acadêmica (1961-1978). 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas. 177p.

RAMASSOTE, R. M. A sociologia clandestina de Antonio Candido. **Tempo Social, revista de sociologia da USP,** v. 20 n. 1, p. 219-237, 2008

ROCCA, P. **35 Años en Marcha**. Montevideo: Division Cultura de la IMM, 1992.

ROCCA, P. Notas sobre el diálogo intelectual Rama/ Candido. In: ANTELO, R. **Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos.** Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.

ROCCA, P. Dialéctica de la revolución (Notas sobre una polémica entre Ángel Rama y Emir Rodríguez Monegal). **Revista del Centro Interdisciplinario de Literatura Hispanoamericana,** año 6, p. 111-124, 2004.

ROCCA, P. Ángel Rama, Emir Rodriguez Monegal y el Brasil: dos caras de un Proyecto Latinoamericano. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

ROJO, G. Ángel Rama, Antonio Candido y los conceptos de sistema y tradición en la teoría crítica latinoamericana moderna. **Discursos/prácticas**, n. 2, sem. 1, p. 79-99, 2008.

SARTO, A. d., RÍOS, A.; TRIGO, Abril (Eds.) **The Latin American Cultural Reader.** Durham and London, Duke University Press, 2004.

STEINER, G. **George Steiner**: a reader. Oxford, Oxford University Press, 1987.

SÜSSEKIND, F. Literatura e vida literária. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

WARNKE, G. Gadamer - Hermeneutics, Tradition and Reason. Cambridge: Polity Press, 2003.

ZIVIN, E. G., (Ed.) **The ethics of Latin American literary criticism**: reading otherwise. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

"Lições do mestre": da tradução como viagem e da literatura como direito

Marcel Vejmelka*

RESUMO

Em uma retrospectiva em forma de perspectivação crítica e, ao mesmo tempo, balanço pessoal, espero poder contribuir para o que poderia ser considerado o legado de Antonio Candido. A exemplo da experiência de ter traduzido para o alemão os ensaios reunidos em uma antologia publicada em 2005, vou exemplificar as leituras e reflexões do tradutor, para, a partir dali, repensar algumas questões fundamentais tratadas na obra de Antonio Candido, particularmente a da tarefa crítica da docência e do estudo literário, como também a da (ir) relevância da literatura na sociedade atual, como ficou refletida no conhecido ensaio "O direito à literatura", de 1988.

Palavras-chave: Antonio Candido. Crítica literária. Tradução literária. Docência. Direitos humanos.

^{*} Departamento de Espanhol e Português, Faculdade 06 Tradução, Linguística e Estudos Culturais, Universidade Johannes Gutenberg, Mainz / Germersheim. Doutor em Estudos Latino-americanos / Brasileiros.

"Master Lessons": on Translation as a Journey and on Literature as a Right

ABSTRACT

Combining critical perspectivation and personal account, I hope to offer a retrospective on my experience with the thought of Antonio Candido and a contribution to what we could consider his legacy. First I talk about my translation of a selection of his essays to German for an anthology published in 2005, about the translator's readings and reflections, which serve as a starting point for rethinking some fundamental issues of Candido's thought, such as the critical task of teaching and studying literature, also the question of literature's social (ir) relevance in our days, as analyzed in the famous essay "O direito à literatura" ("The right to literature", 1988).

Keywords: Antonio Candido. Literary criticism. Literary translation. Teaching. Human rights.

Quando a minha "mestra" Ligia Chiappini me convidou a participar de um evento de homenagem a Antonio Candido em novembro de 2018, no Instituto Latino-Americano da Universidade Livre em Berlim, terminou comentando que ela achava que, na ocasião, "os jovens deveriam tomar a palavra". O fato de me ver incluído nesse grupo ainda hoje me honra e lisonjeia muito, embora saiba que há muito tempo já não corresponde à realidade. Por isso, ao aceitar o convite, pensei em uma contribuição que apresentasse certa perspectivação, sem por isso deixar de ser uma espécie de balanço pessoal, uma forma de retrospectiva.

No título do meu texto incluí a palavra "mestre", mesmo sabendo que pode causar mal-entendidos. Entretanto, esse conceito – desligado de qualquer idolatria ou veneração estarrecida – tem um papel central no meu aprendizado relacionado com Antonio Candido, e eu aprendi o seu significado complexo e diferenciado com Ligia Chiappini, que soube muito bem definir a sua própria relação de "discípula" com o "mestre" e repassar essa valiosa experiência:

Em suas aulas, o professor dedicado, na opinião unânime de seus discípulos, juntava rigor e abertura, compreensão sem condescendência, servindo de exemplo ético e científico, mas incentivando os estudantes a caminhar pelas próprias pernas e pensar pela própria cabeça: a ser formado, formando-se e liberando-se do mestre. (CHIAPPINI; VEJMELKA, 2009, p. 245).¹

Eu, pessoalmente, não tive a oportunidade de ser aluno, sentado em sala de aula na presença do professor Antonio Candido. Nem sei como descrever adequadamente essa relação

O texto citado constitui a "retradução" para o português do nosso prefácio para a antologia com ensaios de Antonio Candido publicada em alemão (CHIAPPINI; VEJMELKA, 2005).

indireta, que pula uma geração de "mestre e discípula", mas que contém o aprendizado imediato através dos textos e da leitura. Em todo caso, foi por essas múltiplas e entrelaçadas vias que fui levado a conhecer a obra e o pensamento de Antonio Candido.

O primeiro contato se deu durante o doutorado, quando uns poucos e (não por acaso) curtos estudos da obra de João Guimarães Rosa chegaram a orientar toda uma linha interpretativa, central também na minha tese (VEJMELKA, 2005).² A partir dali e desde então, eu tenho a oferecer duas vias de acesso à (e de reflexão sobre a) obra de Antonio Candido, que talvez contribuam para o que poderia ser considerado o legado dele: a "viagem do tradutor" e a questão da relevância social da literatura, mencionadas no título.

A viagem do tradutor

O que é um tradutor? Essa é uma questão que há mais de 20 anos me ocupa e me motiva, às vezes também me perturba, desde os dias de estudante, passando pela prática em diferentes campos e chegando aos dias de hoje no ofício de professor dessa área. Segundo Berthold Zilly, outro "mestre" de grande importância na minha formação acadêmica e pessoal, também dos meus tempos berlinenses, o tradutor é o leitor privilegiado – o mais atento, mais cuidadoso, mais completo – do texto que ele traduz

² Também incluímos a minha tradução do ensaio "O homem dos avessos" ("Der verkehrte Mensch") – de importância fundamental para as minhas leituras e análises no mundo de João Guimarães Rosa – em uma coletânea de estudos rosianos publicada na Alemanha (CANDIDO, 2007).

Pois ele é um *Vorleser* em vários sentidos, ou seja, um *pré-leitor* e *pró-leitor*, aquele que lê antes dos outros e pelos outros, sendo ao mesmo tempo um *recitador*, aquele que lê em voz alta para os outros, para uma audiência, prefigurando a sua compreensão do texto, espécie de *preletor*, que ensina como se deve ler. (ZILLY, 2000, p. 87).

Assim, a tarefa de traduzir um texto é também o pretexto e a oportunidade para passar um tempo mais extenso e também mais intenso com ele do que seria normalmente possível. Evidentemente, isso vale somente para traduções fora do comum, das rotinas profissionais e mercadológicas, realizadas com um ritmo próprio e adequado, com objetivos para além da leitura de consumo instantâneo. Bem parecida se apresenta, na definição de Antonio Candido, a tarefa do crítico literário, ele também um leitor privilegiado e nada comum:

Para dar conta de um texto e de suas relações com os seus vários contextos, o crítico precisa ler, reler, refletir, repensar, entrar no texto e sair dele através de outros textos, voltando a ele pelo filtro dos discursos articulados. [...] A novidade teórica de Antonio Candido é difícil de perceber e de valorizar, porque é uma espécie de "ovo de Colombo", resultando de um mergulho incessante, rigoroso e prazeroso na concretude das obras, o que permite superar dogmas e obviedades de generalizações enganosas. (CHIAPPINI; VEJMELKA, 2009, p. 247).

Em 2005, Ligia Chiappini e eu – ela, como organizadora, eu, como tradutor – publicamos uma antologia com ensaios de Antonio Candido em alemão. Dessa maneira, eu tive esse privilégio do tradutor, definido por Berthold Zilly, de dever e poder ler, de forma exaustiva e profunda, uma seleção de textos que incorporam, se não a essência (porque os essencialismos são perigosos!), uma parte central e representativa da obra de

Antonio Candido. E não há dúvida que a minha relação com esses textos, bastante intensa e profunda, até extraordinária, deve muito à minha "viagem", ou melhor a minha "travessia" – bem no sentido "rosiano" – por eles como o seu tradutor. É bem possível que parte das reflexões de Antonio Candido tenha se gravado no meu subconsciente; em todo caso, elas orientam até hoje a minha perspectiva sobre a literatura e a leitura crítica, as suas possibilidades, as suas potencialidades e a sua relevância.³

No total, foram incluídos na antologia 17 textos, distribuídos em cinco blocos temáticos e que representam – como já disse – os elementos "decisivos" do pensamento de Antonio Candido. Dessa maneira, os blocos temáticos contém textos (1) sobre as funções sociais da literatura, (2) com leituras "universais" e (3) de contextualização latino-americana ou latino-americanista da crítica literária, (4) textos relacionados com a cultura alemã e (5), como uma espécie de epílogo, duas notas de caráter biográfico e pessoal, que são de interesse específico no contexto alemão.⁴

A tarefa de traduzir os textos selecionados para a antologia me proporcionou inclusive outra "viagem", esta, no mundo extratextual e físico, e outro privilégio, a saber o meu único encontro pessoal com Antonio Candido, para passar uma parte da manhã com ele na sala e discutir dúvidas e perguntas minhas a respeito dos ensaios a traduzir e logo ficar simplesmente escutando o "mestre" falar sobre literatura em geral e a literatura alemã em particular. É possível obter uma ideia bastante concreta da situação descrita na entrevista feita por Ligia Chiappini e gravada em vídeo para acompanhar, em formato de DVD, o lançamento da antologia em alemão em 2005 (cf. CHIAPPINI/VEJMELKA, 2009, p. 242). O vídeo está disponível online nos arquivos do projeto de pesquisa sobre "Intelectuais Brasileiros: dinâmicas culturais e ensaios transdisciplinares" na Universidade Livre de Berlim: https://www.lai.fu-berlin.de/forschung/forschungsprojekte/aktuelle_projekte/brasilianischeintelektuelle/Entrevistas/Antonio Candido/index.html.

Os textos são os seguintes: Thematische Verbindungen zu Deutschland [Laços temáticos com a Alemanha]: "Deutschland = Nazismus? [Alemanha = Nazismo?]"; "Der Überbringer [O portador]"; "Jüngers Reise [A viagem de Jünger]"; "Leidenschaftliche Dialektik [Dialética apaixonada]"; "Die Liebe zur

Passagem do tradutor enquanto leitor e aluno para os contextos do ofício

Se faço um balanço hoje, a antologia somente teve um sucesso limitado nos países de língua alemã, com pouca divulgação e circulação, em parte devido ao funcionamento do sistema crítico e acadêmico alemão, que continua fiel às tradicionais hierarquias da produção e circulação de saberes, segundo as quais o "sul global" ou, mais concretamente, a América Latina somente obtém lugar quando mediados pelo sistema anglo-saxão. Um sintoma bem simbólico disso foi a renúncia da editora a manter o livro no catálogo e a devolução dos direitos da tradução poucos anos depois do lançamento. Em contrapartida, um momento de alegria se deu pelo gesto de reconhecimento que representou a inclusão da tradução do ensaio "Literatura e subdesenvolvimento", contida na antologia (CANDIDO, 2005), na coletânea de Estudos Culturais Latino-Americanos Lateinamerikanische Kulturtheorien: Grundlagentexte, organizada por Isabel Exner e Gudrun Rath, em 2015 (CANDIDO, 2015).

Unabhängigkeit [O gosto pela independência]";

Literatur und ihre gesellschaftlichen Funktionen [A literatura e as suas funções sociais]: "Kritik und Soziologie (ein Klärungsversuch) [Crítica e sociologia]"; "Anregungen für das literarische Schaffen [Estímulos da criação literária]"; "Das Recht auf Literatur [O direito à literatura]";

Literarische Analysen und Interpretationen [Análises e interpretações literárias]: "Die Schuld der Könige: Befehlsgewalt und Transgression in König Richard der Zweite [A culpa dos reis: mando e transgressão em Ricardo II]"; "Dialektik des Malandro [Dialética da malandragem]"; "Die Welt des Sprichworts [O mundo-provérbio]";

Beziehungen zwischen Brasilien und Hispanoamerika [Relações entre o Brasil e a América Hispânica]: "Die Zweischneidigkeit der Literatur [Literatura de dois gumes]"; "Literatur und Unterentwicklung [Literatura e subdesenvolvimento]"; "Die Brasilianer und unser Amerika [Os brasileiros e a Nossa América]"; Anhang: Frühes Interesse an Deutschland [Apêndice: Interesse precoce pela Alemanha]: "Ein Sommer in Berlin [Um verão, em Berlim]"; "Bismarcks Werk [A obra de Bismarck]".

As organizadoras dessa coletânea incluíram este texto justamente por se tratar de um "clássico" dos estudos literários e culturais latino-americanos, traduzido antes já para o espanhol (aliás, a versão "original" da primeira publicação do texto), francês e inglês. Uma esperança, mesmo que pequena, é que essa coletânea consiga circular no mundo de língua alemã de maneira análoga a exemplos em outras línguas, na passagem entre os estudos latino-americanos e a área mais ampla dos estudos culturais, para tornar mais conhecida e reconhecida a rica produção teórica da academia latino-americana.⁵

Também a mim esse texto marcou de forma profunda, na minha percepção da literatura no contexto socio-histórico da América Latina. Entretanto, de maneira autocrítica e confessional, expresso hoje as minhas dúvidas sobre se o paradigma nele proposto, o da literatura como ferramenta ativa da transformação sociocultural, ainda está em vigor ou se temos que considerá-lo – o paradigma e com ele o ensaio – como um "clássico" no sentido museal. Por outro lado, são dúvidas e discussões nada novas, os questionamentos do papel formativo da literatura estão presentes no contexto acadêmico desde a primeira publicação do ensaio, só que com cada vez mais veemência e urgência nas décadas mais recentes. Justamente por isso, sempre vale a pena reler e reconsiderar o pensamento de Antonio Candido, nunca duvidoso a respeito do valor e da importância social da literatura, sem por isso tomar essa função como algo dado ou natural.

Penso em antologias como a iniciativa latino-americanista do diálogo teórico entre o Brasil e a América Hispânica em espanhol, português (FERNÁNDEZ MORENO 1972, 1979) e em francês (FERNÁNDEZ MORENO/ ORTEGA 1979), ou na coletânea tanto canonizada como canonizante de DEL SARTO/RÍOS/TRIGO (2004).

Da Literatura como direito

A questão é essencial, pois a (ir)relevancia da literatura determina, diretamente a tarefa crítica, que tem a mesma intenção de exercer um papel social e cultural ativo. Qual literatura divulgar e discutir criticamente, em que contextos e meios, hoje em dia, em interação com qual público e contribuindo para qual tradição? O próprio Antonio Candido colocou essa pergunta a si mesmo e a todos nós, em um ensaio publicado em 1995:

Ao deixar de ser veículo indispensável para apresentar a realidade dos nossos países, ela [a literatura] se concentra em si própria; isto é enriquecimento ou perda? Concentrando-se em si própria, fechando-se sobre si, estaria ela ganhando ou perdendo validade? Se estiver ganhando validade, cabe uma última pergunta: é possível usar as técnicas do "fechamento" para continuar exprimindo a realidade que antes se exprimia pelas técnicas da "abertura", graças às quais podia inclusive transbordar dos seus domínios e se associar à história, à política, à sociologia? (CANDIDO, 1995, p. 15).

E dali, chegamos também ao **ofício** que nos reúne neste contexto e lugar, à docência, no nosso caso, da área de estudos literários, de teoria literária, em uma academia que, na área da ciências humanas, está tendo que se redefinir e reposicionar constante e substancialmente nestas primeiras décadas do século XXI.

No Instituto Latino-americano da Universidade Livre em Berlim, lugar em que vivi uma etapa importante da minha própria formação com a Ligia Chiappini e outros colegas, não por último na docência,⁶ o papel da literatura vem perdendo

⁶ Foi ali que dei, na época do doutorado, as minhas primeiras aulas, inclusive

cada vez mais importância. E a minha experiência pessoal mais recente, como professor de Tradução e Estudos Culturais na Universidade de Mainz, está marcada por transformações profundas nos cursos e nos valores neles contidos e transmitidos, em uma tendência aparentemente inevitável de afastamento da reflexão e aproximação à aplicabilidade dos estudos ao mercado de trabalho. Seguem aqui, portanto, algumas reflexões do crítico literário e cultural em dúvida, à base da releitura de alguns ensaios do "mestre" Antonio Candido.

Partindo da sua já clássica definição do conceito de "formação" e da "literatura enquanto sistema", posso hoje retraçar parte importante da minha própria trajetória:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações* literárias, de *literatura* propriamente dita, considerada aqui um *sistema* de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem a literatura aspecto orgânico da civilização. (CANDIDO, 2000, p. 23).

Essa concepção de um conjunto de produtores literários, de um conjunto de receptores (diferentes tipos de públicos) e um mecanismo transmissor (estilos) formando um "sistema simbólico" (CANDIDO, 2000, p. 23) está em proximidade evidente com outra proposta teórica, muito mais divulgada e influente em nível internacional: com o "campo cultural",

um seminário sobre a crítica literária e cultural latino-americanista de Antonio Candido e Ángel Rama, de cujas leituras profundas e discussões intensas me lembro até hoje com saudade (cf. VEJMELKA, 2008).

especificamente o "campo literário", na proposta do sociólogo Pierre Bourdieu (1992). Muito mais influente, sim, pois ela deu nova vida à sociologia da literatura, possibilitando novas perspectiva sobre a relação – que a mim muito interessa – entre a literatura e o seu entorno social, entre as obras literárias e as forças sociopolíticas que a envolvem. No meio desse discurso de maior divulgação, sempre volto ao modelo anterior de Antonio Candido, para mim o "original", porque foi com ele que aprendi os fundamentos da literatura:

Mas há várias maneiras de encarar e de estudar a literatura. Suponhamos que, para se configurar plenamente como sistema articulado, ela dependa da existência do triângulo "autor-obra-público", em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição. (CANDIDO, 2000, p. 15-16).

Há quase dez anos, o meu posto atual me possibilitou dedicarme mesmo e concretamente às minhas raízes de formação, que é o campo da tradução, na prática e na teoria. Evidentemente, eu tenho mantido contato com a área dos estudos literários, combinando a prática com a teoria com o ensino, com momentos muito felizes quando traduzimos algumas coletâneas literárias com os alunos na sala de aula. Entretanto, o entorno da Faculdade me fez tratar mais detidamente e profundamente de questões do traduzir nas suas diferentes variações, principalmente a tradução literária. Ali, estou sentindo-me muito à vontade na área da chamada Sociologia da Tradução, que é justamente a adaptação da concepção de Bourdieu ao chamado "campo tradutório", e é aqui que posso confirmar, sem cair em fórmulas esvaziadas de elogio e veneração, que a "lição do mestre" Antonio Candido está exercendo até hoje forte influência no meu modo de perceber e conceber a literatura e a sua tradução.

O que está implicado aqui também é uma visão inspiradora da "tarefa crítica" – tanto do crítico literário quanto do tradutor literário –, que consiste em fazer parte dos mecanismos de circulação e recepção das obras literárias, contribuindo para a sua presença e relevância social, que sem ela perde toda legitimação e razão de ser.

A situação da literatura como sistema no seu contexto social determina as possibilidade e potencialidade do fazer tradutório no âmbito literário, como atividade dentro do sistema literário, e é análoga à situação da universidade como instituição formadora (no meu caso, formador de tradutores) dentro da sociedade. Com isso, a questão da tradição em um sistema literário, colocada exemplarmente por Antonio Candido, e, com ela, a dinâmica da formação da cultura – que implica atores como escritores e outros produtores, leitores e críticos, tradutores e outros mediadores – aparece no centro da nossa profissão.

Voltando para o *status* da literatura, concretamente, todos esses pontos são altamente problemáticos hoje em dia, diante das profundas transformações e da crescente fragmentação no campo cultural em geral, no comportamento do público cada vez mais especializado, em um ambiente no qual a relevância sociocultural da literatura não é mesmo evidente. Nós – profissionais relacionados com a literatura – fazemos parte dessa dinâmica, mesmo que só com contribuições minúsculas, em nichos especializados.

"Lições de Mestre": o espírito crítico

Um ponto de partida para "repensar" na atualidade o papel da literatura e da sua crítica, se encontra no já citado ensaio "Literatura, espelho da América?", em que Antonio Candido responde à sua pergunta pela relevância da literatura no final do século XX com uma observação básica:

A literatura corresponde à necessidade universal de dar forma à fantasia, inclusive (talvez sobretudo) a fim de compreender melhor a realidade. [...] Tendo uma função psíquica e uma função social, a literatura pressupõe a combinação adequada de utilidade e gratuidade. (CANDIDO, 1995, p. 15).

Nesse texto de 1995, Antonio Candido cogita já uma possível transferência do papel definidor da autorrepresentação social da literatura para a mídia de massas, entretanto sem se aventurar em profecias concretas; e, mesmo sem a importância central de tempos anteriores, ele vê na literatura um potencial e uma capacidade de expressão e reflexão muito particular, que serviria de base para a sua sobrevivência. Essa capacidade se visualiza na própria evolução histórica da literatura latino-americana, a saber a aparente oposição entre as técnicas universais avançadas utilizadas para expressar conteúdos e temáticas originadas na tradição particular.

Vale mesmo revalorizar o mencionado tópico da "gratuidade", hoje em dia talvez ainda mais do que há vinte e quatro anos, quando Candido já se opunha ao paradigma exclusivo da "utilidade" nas artes. Da mesma forma, escaparia de propósitos simplificadores de tornar a literatura "útil" no contexto educacional.

O mesmo problema se apresenta no meu dia a dia nos cursos dedicados à Tradução no contexto universitário: Poucos são os colegas e estudantes que, hoje, optam pelo viés "gratuito" do traduzir. Está em voga a aplicabilidade, a aquisição de "competências" úteis no mercado de trabalho, a tradução

altamente especializada, em parte e cada vez mais assistida ou substituída pela tecnologia, de textos "úteis", relevantes nos mercados econômicos. Traduzir textos "inúteis" está virando um luxo, uma espécie de *spleen*. Afinal, a tradução literária não teria o seu lugar mais no âmbito das filologias e do amadorismo do que na área da Tradução propriamente dita ("*translation proper*", na terminologia dos estudos tradutológicos)? Entretanto, há os poucos estudantes, professores e colegas tradutores que (ainda) reivindicam esse luxo, e eles também têm um "direito à literatura" que forma e humaniza, nas palavras de Antonio Candido.

Assim, chego ao conhecido ensaio "O direito à literatura", de 1988, que nos confronta com uma ideia muito importante, ainda não suficientemente refletida: a literatura representa um direito fundamental, humano? Em volta dessa questão provocadora, Antonio Candido argumenta contra o nivelamento mental e o estereótipo da massa primitiva (problematizando o gosto na era da *mass media*) e nos oferece "um antídoto ao populismo midiático e ao pragmatismo extremo dos nossos dias" (CHIAPPINI; VEJMELKA, 2009, p. 250). Nesse contexto, Antonio Candido trabalha com a noção de literatura em sentido amplo, isto é, "todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura" (CANDIDO, 2004, p. 174) ou, como consta em uma palestra "precursora" desse ensaio, publicada já em 1972:

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (CANDIDO, 2002, p. 81).

Temos aqui a literatura como portadora privilegiada, porque mais complexa, da ficcionalização como atividade e necessidade humana, ou como Candido propõe no ensaio de 1988, "Alternando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações." (CANDIDO, 2004, p. 175). E parece ser justamente essa complexidade mencionada há um momento que a torna, até hoje, em confronto com tantas outras formas de narração e ficcionalização, especialmente apta e importante para a reflexão do homem na sua própria formação, isto é da cultura. Com isso, Antonio Candido toca no tópico da crítica e da docência como atividades "culturais" que se nutrem da função social da literatura, tiram o seu sentido ou seu sem-sentido do *status* dela:

De fato (dizia eu) [AC cita a sua palestra de 1972], "há conflito entre a idéia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver". (CANDIDO, 2004, p. 176).

Em uma "crônica" (como ela mesma denomina o seu texto) de 2009, Telê Ancona Lopes, seguramente não por acaso, caracteriza esse texto de Antonio Candido em um sentido próximo ao famoso "plaisir du texte" de Roland Barthes (1973), como "ensaio que ao fundir, com rara pertinência, teoria literária, filosofia e análise de texto, nos confirma em nosso prazer cotidiano da leitura e em nosso mister de professores" (LOPEZ, 2009, p. 218). E, um pouco mais adiante, ela aponta para o perigo de retrocesso que está inerente às transformações que o papel da literatura está vivendo na atualidade nos diversos

campos, na sociedade em geral, na cultura em suas esferas altas e populares, na Educação, como um todo, e na Universidade, em particular:

O estudo da teoria e da crítica, que prescrevemos, é fundamental, instrumenta, apoia; porém, quando se transforma na finalidade precípua de cursos e disciplinas, ignora o direito à literatura. Penso que o desdém ao mergulho no texto, à análise paciente dos elementos que o constituem, à capacidade de fruir poesia, ficção e crônica, condena o estudante ao *magister dixit*. Convida-o a se limitar em termos de evolução, humanização. (LOPEZ, 2009, p. 219).

Considerações finais

Antonio Candido nos oferece uma vacina contra a crítica sem textos nem contextos concretos, contra as projeções desligadas. Ele nos mostra que um acesso mais generalizado e amplificado à literatura não deve significar "simplificá-la" ou "reduzir o seu grau de complexidade", porque este não é o critério de acessibilidade pela sociedade em geral. No pensamento de Antonio Candido, tentar providenciar condições e possibilidades mais igualitárias de acesso à cultura erudita não se deve confundir com "vulgarização" ou "banalização".

É justamente essa a lição do seu ensaísmo e estilo só aparentemente fáceis – outra lição "de mestre" que o tradutor reconhece com gratidão e que me inspira no ofício de docente, passando aos alunos a consciência de que a leitura literária é uma aventura, e a sua tradução ainda mais, uma aventura mais proveitosa e prazerosa quanto mais "gratuita" ela é. A literatura simboliza o espírito que se opõe às tendências atuais de

simplificações precipitadas, muitas vezes injustas, cada vez mais perigosas, que vai contra a utilidade e aplicabilidade imediatas e a favor do pensamento crítico. No centro dessas reflexões, está a contradição fundamental da literatura como fenômeno social: a sua importância se origina nos momentos mais íntimos e reclusos, no ato da escrita e no ato da leitura. Por isso, pareceme decisiva e seguinte observação de Antonio Candido, com a qual quero terminar as minhas reflexões:

[C]onvém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. (CANDIDO, 2004, p. 175-176).

Referências

BARTHES, Roland. Le plaisir du texte. Paris: Seuil, 1973.

BOURDIEU, Pierre. **Les règles de l'art.** Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Editions du Seuil, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CANDIDO, Antonio. Literatur und Unterentwicklung. In: EXNER, Isabel; RATH, Gudrun (Org.). **Lateinamerikanische Kulturtheorien**: Grundlagentexte. Konstanz: Konstanz University Press, 2015. p. 129-152.

CANDIDO, Antonio. Literatur und Unterentwicklung. In: CANDIDO, Antonio. Literatur und Gesellschaft. Organizado por Ligia Chiappini, tradução para o alemão Marcel Vejmelka. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005. p. 185-206, 2005.

CANDIDO, Antonio. Literatura, Espelho da América? **Luso-Brazilian Review.** Madison, v. 32, n. 2: Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, p. 15-22, 1995.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002. p. 77-92.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-192.

CANDIDO, Antonio. Der verkehrte Mensch. In: CHIAPPINI, Ligia; VEJMELKA, Marcel (Org.). **Welt des Sertão** – Sertão der Welt. Erkundungen im Werk João Guimarães Rosas. Berlim: edition tranvía, 2007. p. 19-36.

CHIAPPINI, Ligia; VEJMELKA, Marcel. Einleitung. In: CANDIDO, Antonio. **Literatur und Gesellschaft**. Organizado por Ligia Chiappini, tradução para o alemão Marcel Vejmelka. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005. p. 9-18.

CHIAPPINI, Ligia; VEJMELKA, Marcel. Antonio Candido na Alemanha. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, n. 12: "A obra de Antonio Candido". p. 240-269, 2009.

DEL SARTO, Ana; RÍOS, Alicia; TRIGO, Abril (org.). **The Latin American Cultural Studies Reader**. Durham / London: Duke University Press, 2004.

LOPEZ, Telê Ancona. A literatura como direito. **Literatura e Sociedade.** v.14 n.11, p. 216-219, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i11p216-219. Acesso em: 20 nov. 2019.

FERNÁNDEZ MORENO, César (Org.). **América Latina en su literatura**. México, D.F.: Siglo XXI / UNESCO, 1972.

FERNÁNDEZ MORENO, César (org.). América Latina em sua literatura. São Paulo: Perspectiva / Unesco, 1979.

FERNÁNDEZ MORENO, César; ORTEGA, Julio (org.). L'Amerique Latine dans sa litterature. Paris: Unesco 1979.

VEJMELKA, Marcel. O Brasil no território da América Latina. O pensamento de Antonio Candido e Ángel Rama. *CENSIVE. Revue Internationale d'études lusophones*. Nantes, n. 3, p. 87-109, 2008.

VEJMELKA, Marcel. **Kreuzwege**: Querungen. João Guimarães Rosas *Grande sertão: veredas* und Thomas Manns *Doktor Faustus* im interkulturellen Vergleich. Berlim: edition tranvía, 2005.

ZILLY, Berthold. O Tradutor implícito: Considerações acerca da translingualidade de *Os Sertões*. **Revista USP.** São Paulo, n. 45, p. 85-105, mar. abr. mai. 2000.

Uma comparação entre as análises de Antonio Candido e Roberto Schwarz sobre José de Alencar

Ana Karla Canarinos*

RESUMO

Este trabalho objetiva mapear os posicionamentos de Antonio Candido e Roberto Schwarz sobre a produção de José de Alencar, mais especificamente o romance Senhora. Para tanto, serão considerados os ensaios "Os três alencares", de Antonio Candido, publicado em Formação da literatura brasileira (1959); e "A importação do romance e suas contradições em Alencar", de Roberto Schwarz, publicado em Ao vencedor as batatas (1977). Ambos os críticos são comumente relacionados pela crítica por compartilharem do mesmo arsenal teórico e metodológico, no entanto, as análises sobre José de Alencar revelam diferenças importantes sobre a concepção de modernidade literária dos autores. Nesse sentido, a partir da comparação entre os dois textos críticos sobre a produção alencariana, este artigo pretende debater as tensões e descontinuidades entre o posicionamento de Antonio Candido e Roberto Schwarz

Palavras-chave: Teoria literária. Crítica literária brasileira. José de Alencar. Roberto Schwarz. Antonio Candido.

^{*} Universidade de Campinas (Unicamp). Mestre em estudos lusófonos pela Université Lumiere Lyon 2, França. Doutoranda em Teoria e História Literária na UNICAMP. Bolsista FAPESP.

A Possible Relation Between Antonio Candido And Roberto Schwarz Analysis on José De Alencar

ABSTRACT

This work aims to map the positions of Antonio Candido and Roberto Schwarz on the production of José de Alencar, more specifically the novel *Senhora*. For that, the essays "Os três alencares" by Antonio Candido, published in *Formação da literature brasileira* (1959), will be considered; and "A importação do romance e suas contradições em Alencar", by Roberto Schwarz, published in *Ao vencedor as batatas* (1977). Both critics are commonly criticized for sharing the same theoretical and methodological arsenal, however, analyzes of José de Alencar reveal important differences about the authors' conception of literary modernity. In this sense, from the comparison between the two critical texts on Alencarian production, this article intends to discuss the tensions and discontinuities between the positioning of Antonio Candido and Roberto Schwarz.

Keywords: Literary criticism. Brazilian literary criticism. José de Alencar Roberto Schwarz, Antonio Candido

Antonio Candido e Roberto Schwarz têm o mesmo método de crítica literária – o método dialético, que compreende as intrincadas relações entre processo social e forma literária. Inclusive, Antonio Candido, em textos importantes como a introdução do Formação da literatura brasileira e a palestra proferida no II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis (1961) e, posteriormente, publicada em Literatura e sociedade (1965) sob o título de "Crítica e Sociologia", delineou os pressupostos do método dialético na análise literária. Nesse texto, um dos pilares do desenvolvimento do pensamento dialético de Antonio Candido, o crítico apresenta as duas vertentes dicotômicas de análise literária: de um lado, a análise em que "procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade" (CANDIDO, 2000, p. 4); de outro, a análise em que se procura mostrar que a matéria de uma "obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quais condicionamentos, sobretudo social" (CANDIDO, 2000, p. 4). A crítica integrativa de Candido está justamente na junção dialética entre aspectos formais da literatura e processo social:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra; em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado,

mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2000, p. 4).

Na mesma linha de pensamento, na introdução da **Formação**, a partir dos conceitos de sistema literário e acumulação literária, Candido definiu a ambivalência e a fidelidade dupla (local e universal) que rege a vida intelectual no Brasil, ou seja, alternância, complementariedade, divergência e equilíbrio entre a realidade local e a lógica europeia. O conceito de sistema literário, portanto, era concebido tendo em vista a integração de três elementos: autor, obra e público, visando integrar análise estética e social como estratégia de reconfigurar o sentimento de "dualidade" que acompanhou a sociologia e a crítica literária até então:

[...] convém principiar distinguindo manifestações literária, de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (línguas, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. (CANDIDO, 2012, p. 25)²

Paulo Arantes em O sentimento da dialética (1992) caracteriza Antonio Candido como o crítico que dá o balanço das oposições dualistas que regem a experiência brasileira, situando os termos inimigos no interior de um mesmo movimento. Segundo Paulo Arantes, Antonio Candido é o crítico dialético por excelência, diferentemente do dualismo enquanto sentimento das elites de Sílvio Romero, José Veríssimo e Joaquim Nabuco, até o dualismo refletido teoricamente por especialistas advindos da história, da sociologia ou mesmo da economia, como Ignácio Rangel, Celso Furtado e Raymundo Faoro.

Estudos como o de Leopoldo Waizbort em A passagem do três ao um (2007) e de Paulo Arantes em O sentimento da dialética (1992) e O sentido da formação (1997) localizam em Candido o momento da maturação da crítica literária brasileira no seu desejo de ter uma crítica

De sua parte, Roberto Schwarz assinala a forte influência do pensamento dialético de Antonio Candido na formulação da sua crítica sobre Machado de Assis: "Devo uma nota especial a Antonio Candido, de cujos livros e pontos de vista me impregnei muito" (SCHWARZ, 2000, p. 13). Mais tarde, já no final da década de 1990, Roberto Schwarz volta a ressaltar a influência de Antonio Candido na sua formação de crítico literário, em uma entrevista para a Folha de S. Paulo. "Assim como Schwarz assume a influência do pensamento crítico de Candido, poderíamos dizer que Antonio Candido sempre esteve impregnado com distanciamento crítico do pensamento de Sílvio Romero. No seguinte trecho de **Formação**, o crítico deixa clara a importância de Romero para o desenvolvimento do seu trabalho como crítico e teórico:

Desejo, aqui, mencionar um tipo especial de dívida em relação a duas obras bastante superadas, que paradoxalmente, pouco ou nada utilizei, mas devem estar na base de muitos pontos de vista, lidas que foram repetidamente na infância e na adolescência. Primeiro, a **História da literatura brasileira** de Silvio Romero, cuja lombada vermelha, na edição Garnier de 1902, foi bem cedo uma das minhas fascinações na estante

literária especializada. O autor reconhece um processo de acumulação intelectual (desde as críticas literárias de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Sílvio Romero, Mário de Andrade, Oswald de Andrade) absorvido por Antonio Candido na tentativa de síntese da formação da tradição literária brasileira, colocando-o numa posição análoga à de Machado, só que no campo da crítica. Waizbort localiza a crítica do autor de **Formação** como o momento de superação da crítica impressionista e de formulação de um conceito específico para pensar a literatura brasileira.

³ "Nesse mesmo ano, houve um congresso de crítica em Assis, no qual o Antonio Candido fez uma comunicação que para mim foi decisiva. Nela, ele anunciava mais ou menos o programa crítico da fase dele posterior à Formação da literatura brasileira. A comunicação foi publicada em Literatura e sociedade, com o título 'Crítica e Sociologia'". (BARROS E SILVA, 1999, p. 57).

paterna, tendo sido dos livros que mais consultei entre os dez e quinze anos, à busca de excertos, dados biográficos e os saborosos julgamentos do autor. Nele estão, provavelmente, as raízes do meu interesse pelas nossas letras. (CANDIDO, 2012, p. 13).

Reflexões como essas permitem pensar uma linha genealógica da crítica literária de cunho sociológico no Brasil: Sílvio Romero, Antonio Candido e Roberto Schwarz. Em **O método crítico de Sílvio Romero**, Antonio Candido realiza um estudo detalhado dos acertos e desacertos do crítico, apontando outros encaminhamentos para a crítica sociológica e para a relação entre literatura e sociedade. O principal problema de Silvio Romero, segundo Candido, é o modelo de crítica literária "positivista e, em geral, naturalista" (CANDIDO, 2006, p.165), uma vez que ele, ao contrário, pratica uma crítica dialética, com base na análise imanente do texto literário.

Em **Brigada ligeira e outros escritos**, Antonio Candido assume que, em **O método crítico de Silvio Romero**, formulou seus pontos de partida teóricos, cujo desdobramento se daria na sua segunda fase, que se desenvolveu a partir de outras influências, como "de um lado a Antropologia social inglesa (Malinowski, Radcliff-Brown) e de outro, as ideias críticas de T.S Eliot e o *New Criticism* americano" (CANDIDO, 1992, p. 232). Ou seja, o crítico movimenta a dialética da continuidade e da ruptura diante da obra de Silvio Romero, seu predecessor, movimento dialético que se dará de maneira silenciosa na relação entre Antonio Candido e Roberto Schwarz, como veremos a seguir.

Sobre Antonio Candido, Roberto Schwarz jamais escreveu algum texto apontando as descontinuidades de algum ponto de vista de **Formação** diretamente. Em **Sequências brasileiras** –

em textos como "Saudação honoris causa", "Sobre Formação da literatura brasileira", "Adequação nacional e originalidade crítica" e "Os sete fôlegos de um livro" –, Roberto Schwarz não apresenta um tom de divergência explícito em relação ao mestre. Em "Adequação nacional e originalidade crítica", Schwarz analisa o texto "De cortiço a cortiço" de Antonio Candido, publicado na década de 1970, e destaca na análise do crítico a "dimensão que escapava às leituras estruturalistas então em voga" e a "necessidade do trânsito entre a análise estética e a reflexão histórica" (SCHWARZ, 1999, p. 78). A valorização da produção de Antonio Candido e o seu caráter pioneiro nas relações entre forma literária e processo social é enfatizado constantemente por Roberto Schwarz, em cujo centro aparece Candido como o sujeito que promove a dialética na análise literária:

Com propósito apenas indicativo, a parte final do ensaio aproxima O cortiço de L'Assommoir e de Memórias de um sargento de milícias, obras que o Autor estudou no mesmo período. O confronto cria um espaço de diferenças poderosamente sugestivas, entre, por exemplo, o significado sobretudo social da pobreza em Zola (Naturalismo europeu) e seu significado mais alegórico-nacional em Aluísio (Naturalismo brasileiro); ou entre a dialética de ordem e desordem num universo quase sem trabalho, como é o caso no Sargento de milícias, e a dialética do espontâneo e do dirigido num mundo comandado por lucro, trabalho, competição como é o caso n'O cortiço. [...]. Daí o caráter discreto, mas resolutamente pioneiro dos ensaios de Antonio Candido, obrigado a prover ele mesmo a história, a sociologia e a psicologia social necessárias à plenitude de suas observações no plano formal. (SCHWARZ, 1999, p. 51-53, grifo nosso).

Há diferença na maneira de formalização da ruptura de Antonio Candido com a produção do mestre Silvio Romero e da ruptura de Roberto Schwarz com a produção do mestre Antonio Candido. Neste ensaio, não pretendemos rastrear as diferenças entre as duas relações de mestre-discípulo, ainda que a linhagem de cunho sociológico seja perceptível nesses três críticos. Roberto Schwarz claramente leva a cabo a crítica dialética de Antonio Candido na sua atividade de crítico literário, entretanto, o objetivo principal deste ensaio está justamente na descontinuidade silenciosa que se encontra nas entrelinhas, no tom e também nas diferentes influências marxistas de ambos os críticos, podendo ser mapeada, por exemplo, nas análises que efetuaram da produção de José de Alencar.

Duas leituras de José de Alencar

Em 1959, Antonio Candido publica "Os três alencares" na Formação da literatura brasileira, obra que ocupa um lugar de destaque nos estudos alencarianos do período. A partir do reconhecimento de três Alencares, Antonio Candido apresenta uma nova forma no período de organização da obra de José de Alencar. O primeiro corresponderia ao "Alencar dos rapazes", com os romances O guarani, As minas de prata e O sertanejo, caracterizados pela "aspiração de heroísmo e o desejo eterno de submeter a realidade ao ideal." (CANDIDO, 2012, p. 223). O segundo Alencar é o autor das "mocinhas" (CANDIDO, 2012, p. 223). Trata-se dos romances que, centralizados geralmente na figura feminina, seguem a fórmula narrativa da complication sentimentale: os protagonistas se deparam com um obstáculo para a realização de seu amor e, após uma série de eventos, tudo se esclarece e o casal efetiva o enlace amoroso. O Alencar das mocinhas é, segundo o historiador, "criador de mulheres cândidas e moços bons, que dançam aos olhos do leitor uma branda quadrilha ao compasso do dever e da consciência, mais fortes que a paixão." (CANDIDO, 2012, p. 539). Por último, "É o Alencar que se poderia chamar dos adultos, formando uma série de elementos pouco heroicos e pouco elegantes, mas denotadores dum senso artístico e humano que dá contorno aquilino a alguns dos seus perfis de homem e de mulher" (CANDIDO, 2012, p. 540). Esse último Alencar atravessa e complementa os dois anteriores, uma vez que Antonio Candido aponta certas ousadias do autor como a cena da bofetada em **Diva**; a relação conturbada de Manuel Canho com os homens e os cavalos em **O gaúcho**; o fetiche de Horácio de Almeida por um pé em **A pata da gazela** e a presença de um louco epilético em **Til**.

Antonio Candido destaca, nesse sentido, a recorrência de alguns procedimentos narrativos presentes na ficção de José de Alencar: 1) "a diferença de condições sociais é uma das molas da ficção"; 2) o comportamento dos protagonistas diante de suas amadas, "que oscila entre o acachapamento e a altiva reserva"; 3) "o papel decisivo do passado para a compreensão dos conflitos no presente"; e 4) "a presença ostensiva do contraste de uma situação, de uma pessoa ou de um sentimento" (CANDIDO, 2012, p. 542-544). Nesse último item, Antonio Candido aponta pelo menos duas dicotomias que o romance romântico estabelece: 1) entre o bem e o mal; 2) equilíbrio fisiológico e psíquico: "sentimos em Alencar a percepção complexa do mal, do anormal ou do recalque, como obstáculo à perfeição e elemento permanente na conduta humana." (CANDIDO, 2012, p. 543). Por isso, talvez seja possível afirmar que Antonio Candido é o primeiro crítico a reconhecer que é Alencar, e não Machado de Assis, o precursor das pesquisas psicológicas no romance brasileiro:

Há, porém, certa injustiça em atribuir-lhe [a Machado de Assis] a iniciativa das análises psicológicas, encarando toda a ficção anterior como um conjunto ameno, superficial e pitoresco. Na verdade ele foi, sob vários aspectos, continuador genial, não figura isolada e literariamente sem genealogia no Brasil, tendo encontrado em Alencar, além da sociologia da vida urbana, sugestões psicológicas muito acentuadas no sentido da pesquisa profunda. [...] Senhora, mas sobretudo Lucíola, demonstram agudo senso da complexidade humana, nem foi por acaso que o Conselheiro Lafayette qualificou Lúcia e Diva de "monstrengos morais", e Araripe Jr. não soube explicá-las senão encaixando-as pejorativamente em uma enfermaria. Há em Alencar não apenas um leitor de Chateaubriand, Lamartine e Walter Scott, mas um apaixonado balzaquiano que se tem menosprezado. (CANDIDO, 2012, p. 529).

O ensaio de Roberto Schwarz "A importação do romance e suas contradições em Alencar" (1977) constrói, por sua vez, uma complexa reflexão crítica, que tem como ponto de partida a análise dialética de Antonio Candido em Formação da literatura brasileira. O centro da argumentação de Schwarz aponta para o fato de que "nossa imaginação fixara-se numa forma cujos pressupostos, em razoável parte, não se encontravam no país, ou encontravam-se alterados" (SCHWARZ, 2012a, p. 35). Ou seja, o descompasso resultante desta combinação desconjuntada, e que Antonio Candido já havia notado, é formulado pelo crítico nos seguintes termos:

A notação verista, que dá estatuto e curso literário a elementos de nosso mundo cotidiano, entra em choque com o enredo, o verdadeiro princípio da composição, que tem a sua mola nas ideologias do destino romântico, em versão realista para o Alencar do romance urbano de mais força. Ora, como já vimos o nosso cotidiano

regia-se pelos mecanismos do favor, incompatíveis – num sentido que precisaremos adiante – com as tramas extremadas, próprias do Realismo de influência romântica. Submetendo-se ao mesmo tempo à realidade comezinha e à convenção literária, o nosso romance embarcava em duas canoas de percurso divergente, e era inevitável que levasse alguns tombos de estilo próprio, tombos que não levaram os livros franceses. (SCHWARZ, 2012a, p. 41).

A crítica de Schwarz acerca do tom em **Senhora** ilustram bem a configuração, no âmbito ficcional, da dualidade entre a forma literária e o nosso processo social. Roberto Schwarz observa que o tom no romance é variável: na periferia o registro é mais rebaixado enquanto no registro de Aurélia e da classe superior, onde se encontra a "mocidade núbil", há a intensificação do registro elevado, sobretudo em comparação à periferia.

Ou seja, a separação entre centro e periferia social está presente não apenas no tom do romance, mas também na natureza social da matéria. As personagens periféricas pertencem a "uma esfera singela e familiar" em que a ação gira em torno de vícios, virtudes e mazelas, sem que essa esfera seja posta em questão, "legitimada que está pela natural e simpática propensão das pessoas à sobrevivência rotineira." (SCHWARZ, 2012a, p. 43). Nos personagens subalternos ocorre a suspensão de uma "intenção universalista e normativa, própria da prosa românticoliberal da faixa de Aurélia": "Seu mundo é o que é, não aponta para outro, diferente dele, no qual se devesse transformar" (SCHWARZ, 2012a, p. 44). Por outro lado, as personagens centrais, pertencentes ao meio burguês e valores universais como o amor, o cálculo do dinheiro, a hipocrisia e as aparências, a ação é movida pelo poder do dinheiro. Sob este aspecto, a linguagem encontra-se saturada de implicações morais, pois a hipocrisia das relações combina-se, em um esforço corretivo, "à pretensão de exemplaridade própria desta esfera, e à espontaneidade, própria ao sentimento romântico" (SCHWARZ, 2012a, p. 43). A seriedade que toma conta do centro do romance, bem ao contrário do que ocorre na periferia do romance, funciona como a problematização do romance burguês cujo modelo estaria em Balzac.

É neste segundo estilo carregado de princípios, polarizado pela alternância de sublime e infâmia, que ele se filia à linha forte do Realismo de seu tempo, ligada, justamente, ao esforço de figurar o presente em suas contradições; em vez de dificuldades locais, as crispações da civilização burguesa. (SCHWARZ, 2012b, p. 44).

O tom sério do romance, segundo Schwarz, funciona como "pretensioso" e "descabido", principalmente pelo seu convívio com a parte periférica da composição. É justamente na sobreposição entre esses dois planos que aparece a presença da dualidade entre o processo social, que se impõe como matéria e condição de verossimilhança, e os pressupostos da forma literária. Segundo Roberto Schwarz, o desacerto literário em Senhora reside no descompasso entre a predominância formal – no tom, no assunto e nos procedimentos – e a matéria local. Ou seja, o deslize estético do romance estaria na equivocada escolha das personagens que não funcionam como a síntese social de uma classe e que, pelo equívoco, deslocaria os recursos formais (tom, enredo etc.), dando certo efeito de infundado à narrativa, nestes termos: "A dura dialética moral do dinheiro se presta ao galanteio da mocidade faceira, mas não afeta o fazendeiro rico, o negociante, as mães burguesas, a governanta pobre, que se orientam pelas regras do favor ou da brutalidade simples". (SCHWARZ, 2012b, p. 46-47).

Nessa última passagem, Roberto Schwarz aprofunda a incongruência estrutural do romance, mostrando que ela não se reduz apenas à escolha das personagens, mas também à dialética moral do dinheiro. Ao fazer da dialética moral do dinheiro o centro do romance em torno do qual giram Aurélia e Fernando, Alencar não só desconecta as personagens periféricas do desenvolvimento narrativo, como também aponta que a síntese de nosso processo social estaria localizada em um conflito "da forma-mercadoria" e "do dinheiro como nexo elementar do conjunto da vida social", em um país ainda imerso na lógica escravocrata. A dialética do dinheiro, atrelado ao problema do descompasso das personagens centrais e periféricas geram a falta de unidade na composição, transformando o romance em algo desconjuntado, confinando-o "nos limites da frivolidade". (SCHWARZ, 2012b, p. 45).

Divergências entre Antonio Candido e Roberto Schwarz

As análises de Antonio Candido e Roberto Schwarz seguem o mesmo pressuposto dialético entre forma literária e processo social. Entretanto, poderíamos apontar pelo menos dois aspectos em que as análises dos dois críticos divergem: a análise da dualidade entre particular e universal no romance **Senhora** e o tom da crítica ao progresso. Nesse sentido, algumas teses de **A teoria do romance**, de Lukács, e da **Dialética do Esclarecimento**, de Theodor Adorno, são importantes para refletir sobre as diferentes soluções propostas pelos dois críticos na análise de José de Alencar. A relação de Antonio Candido com Lukács é mais direta do que a do seu discípulo, Roberto Schwarz, cuja produção também recebe forte influência da Escola de Frankfurt.

No prefácio de **Um mestre na periferia do capitalismo** (2000), Schwarz afirma a influência Lukács, Brecht, Benjamin e Adorno no desenvolvimento de sua produção, reconhecendo também a contradição existente entre esses autores da crítica marxista e a centralidade do método dialético como um denominador comum entre esses teóricos (SCHWARZ, 2000, p. 13). Em entrevista à Eva Corredor (SCHWARZ, 2002, p. 34), Schwarz afirmou ter buscado certa complementariedade entre os autores dessa tradição marxista contraditória, sobretudo entre Lukács e Adorno. Entretanto, em "Sobre Adorno", Schwarz afirma que Adorno e sua crítica negativa tiveram um peso maior na sua formação como crítico literário. (SCHWARZ, 2012b, p. 44-52). Nesse sentido, a aproximação do teórico frankfurtiano é decisiva na divergência entre Antonio Candido e Roberto Schwarz.

A recepção de Lukács, por parte de Antonio Candido e de Roberto Schwarz, ocorre principalmente pela A teoria do romance, denominada pela crítica como parte integrante da etapa do "Jovem Lukács", juntamente com A alma e as formas (1908) e História e consciência de classe (1923). Por conta disso, é possível considerá-la uma obra controversa, justamente por ter sido renegada pelo próprio autor em 1962, período de publicação da sua Estética (1970), e por ter sido resgatada por outros comentadores. Segundo a teoria do romance, a forma épica, para consumar-se, pressupunha a constituição de uma totalidade capaz de superar os limites entre indivíduo e mundo, e a mais antiga realização dessa totalidade podia ser encontrada na epopeia grega. No período helenístico, "o círculo em que vivem metafisicamente os gregos é menor do que o nosso" (LUKÁCS, 2009, p. 30); já na modernidade, "o nosso mundo tornou-se infinitamente grande e, em cada recanto, mais rico em dádivas

e perigos que o grego, mas essa riqueza suprime o sentido positivo e depositário de suas vidas". (LUKÁCS, 2009, p. 31). Com a fragmentação do mundo moderno, a totalidade torna-se problemática, uma vez que a "totalidade do ser só é possível quando tudo já é homogêneo, antes de ser envolvido pelas formas; quando as formas não são uma coerção". (LUKÁCS, 2009, p. 31). Ou seja, o declínio da epopeia apontava para a própria dificuldade da forma de continuar representando o mundo pleno de sentidos, o que abre caminho para o romance, a forma narrativa do mundo moderno, do herói problemático, na "qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção totalidade". (LUKÁCS, 2009, p. 55). Na segunda parte da obra, Lukács analisa os romances dividindo-os em grandes tipologias: o idealismo abstrato, com **Dom Quixote** e os romances de Balzac; o romantismo da desilusão, com A educação sentimental, de Flaubert; e o romance da aprendizagem, com Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister, de Goethe. Nesse sentido, o legado de Lukács que Antonio Candido e Roberto Schwarz levaram adiante é a compreensão de que a crítica literária está indissociavelmente ligada com a análise social e histórica, fazendo um ajustamento recíproco entre as duas perspectivas, sociológica e estética.

Para Lukács, a relação entre os problemas da forma e os problemas do conteúdo se dá a partir de uma relação dialética e não de uma maneira reducionista, ou seja, a transformação da forma epopeia para a forma romance não é um fenômeno da transformação do conteúdo simplesmente, pois a forma possui as suas próprias exigências. Essa dialética entre forma e conteúdo

será levada a cabo por Antonio Candido ao longo de toda a sua produção. A análise da adaptação do romance no Brasil, em **Ao** vencedor as batatas, apresenta também como eixo as relações entre indivíduo e sociedade, entre ideias e mundo, cuja definição na estrutura romanesca foi uma obsessão lukácsiana. Talvez seja possível afirmar que a maior aproximação de Roberto Schwarz da teoria de Lukács ocorre quando critica José de Alencar inúmeras vezes pela contradição entre os elementos do realismo europeu e o descompasso da adaptação da forma europeia no romance **Senhora**. Quando Lukács define realismo, o tipo é uma das suas categorias importantes – e também o será para Schwarz na análise de **Senhora**. O tipo "é a síntese particular que, tanto no campo dos caracteres como no campo das situações, une organicamente o genérico e o individual". (LUKÁCS, 2010, p. 160). A criação de personagens verdadeiramente típicos e o predomínio do método narrativo sobre o método descritivo são duas características, por assim dizer, formais da grande literatura realista de ficção. O abandono da tipicidade e a substituição do predomínio da narração, quer pelo "romantismo revolucionário", quer pela literatura de vanguarda, acarretam inevitável prejuízo para o realismo. A sociedade-tipo e o personagem-tipo de Roberto Schwarz seriam a sociedade oitocentista representada no romance de Machado de Assis por meio da volubilidade do narrador Brás Cubas. Nesse sentido, a crítica ao romance de Alencar como dualidade mal engendrada funciona justamente pela fuga ao romance-tipo de Machado de Assis.

Atrelada à noção de tipicidade está a questão da universalidade da forma artística. Para Lukács, a categoria central da estética é a particularidade, cujo funcionamento se dá pela representação simbólica do singular e do universal, ou seja,

a particularidade na forma artística não exclui a universalidade, entretanto, ela não funciona sob leis abstratas (como aparece na ciência); ela precisa se apresentar em ligação orgânica com a concretude individual dos seres singulares representados na ficção. Daí a fobia de universal de Roberto Schwarz e da visão negativa das influências francesas de Alencar:

Se a famigerada realidade brasileira compromete o universalismo da cultura moderna, pior para a dita realidade, pois a universalidade do processo civilizatório não tolera desvios [...] Ora, elevar a ilusória idiossincrasia local à condição de argumento, e ponto de vista implicado pelo conjunto de que no entanto discrepa, é próprio da "fobia ao universal" que sempre caracterizou o historicismo. Quer dizer, o raciocínio crítico de Roberto é dualista por estar encharcado desta vez de historicismo. (ARANTES, 1992, p. 51).

Antonio Candido, em contrapartida, afirma: "[...] o grande amor de Aurélia com a vergonhosa transação que põe Fernando à sua mercê, veremos que os seus melhores livros são aqueles em que o conflito é máximo" (CANDIDO, 2012, p. 543). Ou seja, essa contradição no plano do dinheiro e as semelhanças que o drama de Aurélia mantém com o romance de Balzac não parecem tão problemáticos para Antonio Candido como o são para Roberto Schwarz. Apesar de reconhecer o desnível do romance, assim como Roberto Schwarz o faz no seu texto, Antonio Candido aponta, no conjunto da obra de José de Alencar, as contradições como parte de uma "arte mais consciente e bem armada do que suporíamos à primeira vista". (CANDIDO, 2012, p. 548). Roberto Schwarz aponta como são completamente descabidas as aproximações do romance de Balzac com Senhora, no que se refere aos dramas em torno da esfera mundana, do dinheiro e da carreira, e às personagens periféricas, responsáveis pela verossimilhança e a cor local. No entanto, para Schwarz, "Alencar não insiste na contradição entre a forma europeia e a sociabilidade local, mas insiste em pô-las em presença, no que é membro de sua classe, que apreciava o progresso e as atualidades culturais" assim como apreciava também "as relações tradicionais, que lhe validavam a eminência". (SCHWARZ, 2012b, p. 70).

Segundo Schwarz, a duplicidade cor local e forma europeia, arcaico e moderno, emperra o desdobramento da estética realista, pois na tentativa de conciliar os opostos, torna desajustado o romance. No início da análise de Senhora, Roberto Schwarz parte de uma colocação de Antonio Candido a respeito de Joaquim Manuel de Macedo, acerca de uma incongruência característica dos romances dos primeiros românticos: de um lado, o realismo miúdo, fiel às aparências e aos personagens do Rio de Janeiro oitocentista, de outro, a trama extremada do enredo romântico. Para Schwarz, trata-se de uma combinação inverossímil de duas convenções literárias incompatíveis: a primeira obedecendo à descrição do cotidiano brasileiro, a fim de lhe atribuir uma aparência estética; a segunda exigindo a forma do romance europeu, cuja imanência pressupunha uma civilização burguesa e não uma ordem patriarcal e escravocrata. Das marcas literárias frouxas que Antonio Candido apontou em Macedo - de nosso desenvolvimento desigual e combinado, ou seja, de nossa fidelidade aos padrões europeus de comportamento (a cuja ordem nunca deixamos de pertencer) e à ordem local patriarcal -, Roberto Schwarz deu um passo adiante, ao marcar a presença dessa mesma disparidade entre enredo e notação realista na obra de José de Alencar. A conjunção desajustada de matéria local e molde europeu configura uma dualidade com sinal negativo, pois trata-se de um impasse que compromete pela raiz o valor da obra:

Uma rede de personagens de segundo plano, porém verossímeis em sua estreiteza nacional, acaba desacreditando o conflito central: essa a dualidade formal que inviabiliza Senhora. Porém nada mais brasileiro do que esse defeito de composição. E para melhor ressaltar-lhe o valor mimético, Roberto propositadamente analisa a variação de tom do romance progredindo da "periferia" do livro (singela e familiar) para o seu "centro" (mundano e de alta voltagem moral), como se na forma dual da composição mal resolvida se espelhasse o duplo foco da gravitação mundial de que éramos parte e nos desequilibrava a vida. Na periferia (nos dois sentidos) a vida corre desafogada, "vícios, virtudes e mazelas admitem-se tranquilamente", a prosa que a descreve é balanceada e isenta como a do Sargento de Milícias (se for permitido o palpite), enquanto no centro a linguagem vem saturada de reflexões normativas, bem calcada no figurino europeu da vida complexa. A consonância com o padrão brasileiro não poderia ser maior, só que inteiramente cega por incorporar sem crítica um desajuste que de fato balizava o dia-a-dia ideológico de nossas elites. Vejase então que a má dualidade de Alencar não peca por ser dual, mas por justapor o que a realidade articula, por conjugar sem malícia o que a prática dos abastados alternava perversamente. (ARANTES, 1992, p. 76).

Nessa passagem, Paulo Arantes destaca a visão negativa que Schwarz apresenta do funcionamento da dualidade no romance de José de Alencar. O programa dialético traçado por Antonio Candido, consagrado pela tradição materialista de Lukács, cujo objetivo é encontrar na configuração artística a estrutura social sedimentada, foi levada a cabo por Roberto Schwarz. Entretanto, Schwarz se distancia de Candido ao absorver elementos adornianos da dialética negativa em relação à crítica ao progresso.

A crítica ao progresso é o segundo ponto de divergência entre os dois críticos brasileiros e foi apontado pelo professor Alfredo

César Barbosa de Melo, em "Pressupostos, salvo engano, de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira (MELO, 2014). Segundo Melo, Candido se mostra, no texto "Dialética da malandragem", mais otimista em relação ao progresso que Roberto Schwarz. Ao mostrar que intelectuais progressistas, como Manuel Antonio de Almeida, em Memórias de um sargento de milícias, estão mais aliados às classes populares, principalmente por meio das peripécias do personagem central Leoardinho, Antonio Candido demonstra como o romance de Almeida faz um retrato mais objetivo do processo social no Brasil. Já Roberto Schwarz analisa "a contrapelo esse discurso dominante", identificando e denunciando certas verdades latentes mas não-ditas dentro do próprio discurso das classes senhoriais no Brasil. O exemplo máximo estaria em Brás Cubas, narrador de **Memórias póstumas**. Segundo Melo, Schwarz mostra com grande sutileza como Machado de Assis faz da voz de Brás Cubas um instrumento analítico que desnuda as prerrogativas de classe por trás da retórica universalizante do narrador. A verdade de uma sociedade também poderia ser encontrada nas suas elites, não apenas em personagens populares como no caso de Leonardinho: "Uma verdade que nada teria a ver com a confiança no progresso conduzido pelas camadas populares – como no caso de Candido –, mas com a desfaçatez de uma elite que aposta no atraso social como forma de inserção na modernidade". (MELO, 2014, p. 17).

Antonio Candido, em suas diversas críticas a José de Alencar, aponta no autor as contradições da sociedade brasileira como um aspecto positivo: "O drama do jovem sensível em face da sociedade burguesa é, de fato, a contradição entre a necessidade de obter pecúnia e a de preservar as disponibilidades

para a vida do espírito". Mais adiante, corrobora: "Alencar sentiu muito bem a dura opção do homem de sensibilidade no limiar da competição burguesa". (CANDIDO, 2012, p. 540). Candido, nesse sentido, parece muito mais próximo ao Luckács de "Narrar ou descrever" do que Roberto Schwarz. Nesse texto, Luckács defende que a narração figura cenas e experiências do cotidiano e a função principal deve ser dar conta de um processo social. A figuração do processo social seria a grande diferença entre Tolstói e Zola, por exemplo, conforme a qual o primeiro apresenta o processo, o segundo apenas apresenta uma cena fotográfica da realidade.

Roberto Schwarz, sob um prisma mais pessimista que Antonio Candido, no final do seu ensaio sobre José de Alencar, conclui que as contradições do romance Senhora na verdade coexistem e são "harmonizadas na prática do nosso paternalismo esclarecido" (SCHWARZ, 2012b, p. 70). Nesse sentido, a análise de Schwarz, que encontra também seu próprio viés como leitura inovadora, parece muito mais próxima da crítica ao progresso da Dialética do esclarecimento, de Theodor Adorno, cujo centro gira em torno da crítica ao progresso e da presença do irracional no interior da ordem da civilização burguesa. Para Schwarz, Machado "sem elogiar o atraso ia desqualificando o progresso, do qual aquele fazia parte" (ARANTES, 1992, p. 97). Nesse sentido, segundo Paulo Arantes, é possível detectar dois níveis dialéticos na obra de Roberto Schwarz: o primeiro corresponderia à inspiração materialista das relações entre forma e conteúdo; o segundo corresponderia à relação entre a modernização capitalista europeia e a experiência social brasileira. O segundo nível da dialética, "concerne à passagem do primeiro Machado, conformista por conveniência, ao romancista moderno da segunda fase" (ARANTES, 1992, p. 91), cuja primeira formulação desta dialética de segundo nível estaria no tratamento das "insuficiências do realismo à europeia adotado por Alencar: um conjunto de desajustes entre intriga romântico-liberal e relações sociais locais paternalistas". (ARANTES, 1992, p. 91).

Em última instância, é possível afirmar que, na análise de Alencar, Roberto Schwarz é mais cético que Antonio Candido no que concerne às contradições de **Senhora** e à crítica ao progresso. Segundo Schwarz, Alencar concilia dois opostos que coexistem em um mesmo plano, sem o tensionamento formal necessário, o que gera o descompasso e a fragilidade formal: "um fato crucial de nossa vida – a conciliação de clientelismo e ideologia liberal – ao mesmo tempo que lhe desconhece a natureza problemática, razão pela qual naufraga no conformismo do senso comum". (SCHWARZ, 2012b, p. 71). Schwarz ainda acrescenta que a contradição das relações de classe entre os indivíduos é um dos efeitos ideológicos essenciais do capitalismo liberal e um dos méritos do romance realista de Balzac, "mas não era o princípio formal de que precisávamos, embora nos fosse indispensável – como tema" (SCHWARZ, 2012b, p. 79).

O tensionamento do plano das personagens centrais e das personagens periféricas no romance **Senhora**, a temática da riqueza, da independência feminina e do dinheiro é de "audácia e complexidade consideráveis, verdade que bem apoiado na **Dama das camélias**" (SCHWARZ, 2012b, p. 79), ou seja, o suposto universalismo de Alencar, e as contradições burguesas postas a partir das personagens, coloca no centro do romance a coisificação burguesa das relações sociais, um princípio formal que não funcionava para Roberto Schwarz no romance brasileiro oitocentista, pertencente a uma sociedade movida pela

escravidão. Antonio Candido afirma que essa contradição fez com que Alencar tenha sido capaz de "fazer literatura de boa qualidade tanto dentro do esquematismo psicológico quanto do senso da realidade humana", e, por estender sua obra desde a poesia ao realismo cotidiano, da visão heroica e imaginativa à observação cerrada da sociedade, "é que sua obra tem a amplitude que tem, fazendo dele o nosso pequeno Balzac". (CANDIDO, 2012, p. 548).

Antonio Candido e Roberto Schwarz são representantes da crítica literária de cunho sociológico dialético no Brasil. Se a relação de Antonio Candido com Silvio Romero mantém a dialética da continuidade e da ruptura como pode ser visto em O método crítico de Silvio Romero, as descontinuidades de Roberto Schwarz diante do seu mestre Antonio Candido são mais discretas. Pode-se afirmar que Roberto Schwarz está mais para o marxismo frankfurtiano, sobretudo o de Theodor Adorno, do que para Antonio Candido, que reconhece as influências do New Criticism e da antropologia inglesa, como afirma em Brigada Ligeira. Em "A importação do romance e suas contradições em Alencar", Roberto Schwarz retoma as contradições dos três Alencares de Antonio Candido, contudo, faz uma crítica mais mordaz que o mestre em relação às influências estrangeiras e às contradições entre matéria local e forma europeia. Talvez não seja exagerado afirmar que Antonio Candido seja mais otimista que Roberto Schwarz em relação ao progresso e à modernização brasileira. Fora isso, a crítica pioneira de Antonio Candido é mesmo nascedouro da de Roberto, que, por seu turno, escolheu também um caminho inovador para tratar do mesmo autor.

Referências

ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARANTES, Paulo. **Sentido da formação:** três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

BARROS E SILVA, Fernando. Fora do lugar comum. **Folha de S. Paulo**, p. 7-8 São Paulo, 1 jun. 1999, Caderno Mais.

CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 1992.

CANDIDO, Antonio. Os três alencares. In: CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2012.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio históricofilosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever. In: LUKÁCS, Georg. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MELO, Alfredo Barbosa de. Pressupostos, salvo engano de uma divergência silenciosa: Antonio Candido, Roberto Schwarz e a modernidade brasileira. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 403-420, jul./dez. 2014.

SCHWARZ, Roberto. A importação do romance e suas contradições em Alencar". In: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas.** São Paulo: Duas Cidades, 2012a.

SCHWARZ, Roberto. Entrevista com Roberto Schwarz. [Entrevista cedida a] Eva Corredor. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 7 n. 6, p. 14-39, 2002.

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrécia**: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

WAIZBORT, Leopoldo. A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Os menores na leitura e os pormenores na escrita de Antonio Candido

Simone Guimarães Matheus*

RESUMO

A partir de palestras e ensaios a respeito do crítico literário Antonio Candido, produzidos por dois outros grandes críticos brasileiros, objetivamos, com este trabalho, promover uma discussão acerca do que os autores desses artigos pensavam e pensam sobre a contribuição para a literatura brasileira desse crítico, levando em consideração, sobretudo, os conceitos, os ensaios e a perspectiva mais fecundos do homenageado para o cenário crítico atual. A escrita neste ensaio foi fiel às pontuações feitas pelos dois críticos literários e professores da USP: Prof. PhD Adélia Bezerra de Meneses e Prof. Dr. Davi Arrigucci Júnior. A novela "A estória de Lélio e Lina", de Guimarães Rosa (2001), principalmente um caso oral que é relatado dentro dessa novela, servirá como uma tentativa de exemplificação dos pontos seminais da vasta teoria defendida pelo crítico Antonio Candido.

Palavras-chave: Antonio Candido. Crítica. Literatura. Humanizadora. Sistema.

^{*} Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa no Programa de pósgraduação em Letras da PUC Minas. Bolsista Capes.

The Smallest in Reading na the Details in Writing by Antonio Candido

ABSTRACT

From lectures and essays about the literary critic Antonio Candido, produced by two great names of Brazilian critics, we aim, with this work, to promote a discussion about what the authors of these articles thought and think about the contribution to the Brazilian literature of this critic, taking into account, above all, the most fruitful concepts, essays and perspective of the honor for the current critical scenario. The writing in this essay was true to the scores made by the two USP literary critics and teachers: PhD Adélia Bezerra de Meneses and Prof. Dr. David Arrigucci Junior. Guimarães Rosa's novel "The Story of Lélio e Lina" (2001), mainly an oral case that is reported within this novel, will serve, in the attempt, as an example of seminal points in the vast theory defended by the critic Antonio Candido.

Keywords: Antonio Candido. Critical. Literature. Humanizing. System.

Ao iniciarmos uma das disciplina obrigatórias do Curso de Pós-Graduação de Letras da PUC Minas, fomos surpreendidos com uma aula inaugural em homenagem ao ilustre professor, intelectual, crítico literário, pensador do Brasil, militante, Antonio Candido, proferida por Adélia Bezerra de Menezes,¹ que, emocionada, lembrava que, em maio de 2017, a voz física do mestre se calou, mas não o seu pensamento.

Carinhosamente, a professora da USP compartilhou algumas anotações feitas em um caderno ainda em caneta tinteiro da primeira aula com o ilustre professor. Uma das primeiras definições de literatura anotada nesse caderno impactou não só a então caloura, em 1962, mas a todos nós, espectadores, pois há, nessa definição atemporal, um potencial mobilizador extraordinário: "Disciplina humanizadora que torna o homem capaz não de se ajustar, mas de se sentir suficientemente inquieto para mudar o seu tempo.".²

A palestrante, dando sequência à aula, questiona o que mais marcaria essa personalidade do criador da teoria literária: a inteligência poderosa ou a força da sua generosidade atuante não só na relação individual, mas também em termos de sociedade. Para ela, ele via o outro social, pensava o Brasil e o mundo no recorte da *polis*, no recorte da cidade. Assim, vê sua militância para intervir nas estruturas, tendo participado da formação de dois partidos políticos de viés socialista. Em 1947, ele foi um dos fundadores do Partido Socialista e, em 1980, do Partido dos Trabalhadores (PT).

¹ Palestra da professora Adélia Bezerra de Meneses, em homenagem a Antonio Candido, para a PUC Minas (HOMENAGEM, 2017).

² Definição de literatura citada pela palestrante a partir do seu caderno de anotações das aulas do professor Antônio Candido.

É dessa mesma fonte socialista, dessa generosidade social do seu pensamento, que Antonio Candido cunhou a categoria de "Pensamento Radical", nas suas análises da cultura brasileira, focando atenção não na classe dominante, mas no povo. Esse pensamento tem como característica a ruptura da tradição elitista do nosso pensamento social:

Portanto, no que tem de positivo o radical serve à causa das transformações viáveis em sociedades conservadoras como a nossa, cheias de sobrevivências oligárquicas, sujeitas ainda por muito tempo à interferência periódica dos militares. O radicalismo seria um corretivo da tendência predominante nessas sociedades, que consiste em canalizar as reivindicações e as reformas, deformando-as por meio de soluções do tipo populista, isto é, as que manipulam o dinamismo popular a fim de contrariar os interesses do povo e manter o máximo possível de privilégios e vantagens das camadas dominantes. (CANDIDO,2010 p. 5).

Segundo Antonio Candido, o radical pode assumir um papel significativo para suscitar uma consciência política, abrindo caminho para uma ação revolucionária. Para o pensamento radical, o avanço significaria o atendimento às reivindicações populares por meio de um regime em que o próprio povo tomasse as rédeas. É uma posição política, segundo Candido, que teve em Sérgio Buarque, um dos primeiros intelectuais a defendê-la, em **Raízes do Brasil**.

Diante disso, pode-se perceber, por meio da palestra da professora Adélia, que o intelectual radical, sociólogo dublado em crítico literário, ajudou e continua contribuindo a entender este país. Ele abordou a literatura como sistema, mostrando a relação entre literatura e sociedade, dirigindo o olhar às coisas brasileiras devidamente equacionadas em seu quadrante universal, apontando-a como um fator humanizador.

Esse argumento da função humanizadora da literatura é recorrente no pensamento e na práxis do militante esteta e é pontuado, também, em um dos seus textos seminais, um dos grandes ensaios do autor que exprime algo de fundamental e que marcou uma cultura não apenas no Brasil, mas também no mundo: a literatura como um dos direitos humanos fundamentais. Antonio Candido parte da própria dificuldade em discriminar o que é essencial ou não em termos de direitos humanos:

Penso na sua distinção entre "bens compressíveis" e "bens incompressíveis", que está ligada a meu ver com o problema dos direitos humanos, pois a maneira de conceber a estes depende daquilo que classificamos como bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém. Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis. (CANDIDO, 2004, p. 169).

Há, no entanto, "necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora." (CANDIDO, 2004, p. 3). A literatura corresponde a uma necessidade universal e "confirma no homem a sua humanidade, fazendo a gente exercer aquilo que faz de nós fundamentalmente seres humanos." (CANDIDO, 2004, p. 6).

Nesse mesmo ensaio, o autor cita alguns itens que confirmam no homem sua humanidade:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a

percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 169).

O autor aponta que um objeto construído – a literatura – só atua a partir da sua forma. É a forma que traz virtualmente a capacidade de humanização. Um poema, por exemplo, funciona nos presentando um tipo de ordem e sugerindo um modelo de superação do caos, mesmo que esse processo se dê no nível inconsciente. Portanto, ao colocar em palavras, nomear emoções e situações existenciais confusamente vividas e, até então, inarticuladas, a literatura promove uma passagem do caos de sentimentos e percepções a um cosmos. "Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção." (CANDIDO, 2004, p. 72). Por meio da eficácia formal da poesia, ela passa de vivência do indivíduo para experiência do ser humano, em que todos nós possamos nos reconhecer e com a qual podemos nos identificar.

Em "A estória de Lélio e Lina", de Guimarães Rosa (2001), uma das novelas de **No Urubuquaquá, no Pinhém**, Guimarães Rosa trata, metaliterariamente, do poder humanizador do texto literário, a partir da atuação da literatura em um dos personagens. Dona Rosalina uma das personagens, entendida como uma espécie de mentora para o "mocinho" Lélio, passa seus conselhos por meio de "casos", cantigas, provérbios que vão combinando com contos orais. Em momentos angustiantes, Lélio recorre sempre a dona Rosalina e, de acordo com o narrador, "A ela, sem receio nenhum, contava tudo que estava sentindo. A velhinha sabia." (ROSA, 2001, p. 247). Em um desses dias, "de desespero de remorso" vai procurar Dona Rosalina, e esta conta um caso:

— "Na hora que Deus começa, dois vaqueiros moravam, cada um com sua mulher e seus filhos, em sendas casinhas muito perto uma da outra, numa baixada, na fazenda do Acroá-Mirim — do Urucúia em reta — vizinhando por Goiás..." Era dona Rosalina quem contava. — "...O fazendeiro dali andava muito esmorecido, porque adoecera em medo de morrer, e começava arrependimento de maldade de injustiças que tinha feito, com diversas pessoas, principalmente com os dois vaqueiros, com um e com o outro. Vai, então, numa noite, ele doido-sonhou que aqueles dois vaqueiros tinham rodado em briga de morte, e um tinha pragavado feio o ferrão na barriga do outro, que mais que o outro ainda arranjou tempo também de encravar o ferrão de sua vara por debaixo do queixo do primeiro, e os dois estavam em sangues mortos, as duas mulheres chorando, e as crianças... O fazendeiro pulou se levantou, e a pé mesmo bateu para lá, correndo junto com a madrugada, somenho nas pressas, que ia — como lá o diz — com um calço de botina mas o outro de chinelo... E tinham medrado mesmo aquela briga, ou bem: o sonho era de verdade. À rixa principiada entre dois meninos, filhos de um e de outro, depois prosseguida pelas duas mulheres, por fim os pais homens. No exato em que o fazendeiro apareceu descendo a ladeira para a baixada, e divisou a briga, e gritou ordem de paz, os dois vaqueiros estavam quando que as feras, se investindo, cada um com sua vara na mão, os ferrões total destapados. Aí, eles se apartaram, a arqueio de autoridade, não houve mortes; com pouco até fizeram congraça no cordial. Apesar do que, nesse dia, assim em segredo, um perguntou ao outro o que tinha visto primeiro, quando seo Apaulino surgira aos gritos, na vertente. Cada um tinha avistado era sua figura de pessoa mesma, em cara e corpo, feito num espelho! Assim, pensavam que tinham visto o diabo, assim tinham pensado... Mas, uns três dias depois, o fazendeiro seo Apaulino caiu numa pirambeira, de alturas enormes, foi achado lá em baixo expirado no cair tinha rebentado uma árvore seca, uma ponta de galho o espichara pelo mole da barriga, outro furara no sobqueixo, surto..." Dona Rosalina rematava as experiências, a glosa: — "Sempre há remorso na gente, enquanto um vive. O remorso não se sabe, é escondido.

Tudo é remorso." Mas arrependimento aguentado era coisa séria, e muito rara; tão difícil, que a gente sempre devia de ter inveja de um que se arrepende brabo, em cão e cunhão. — "Quando o calor do fôgo esquenta a chaleira, meu Mocinho, tudo vai virando bolha..." Lélio queria ir procurar o Tomé, e não podia. Deixava para depois. (ROSA, 2001, p. 286).

Nesse "caso" contado a Lélio, pode perceber uma "troca de destino", como já apontado por Cavalcanti: "Sob os auspícios do diabo, que figura na elocução dos vaqueiros, seo Apaulino, para livrar-se do remorso, troca de lugar com os subalternos..." (ATROCH, 2018, p. 15). Mas, também, para nossa proposta, ajudaria pensar sobre a "reversibilidade" dos sujeitos da estória – termo cunhado pelo mestre Antonio Candido e retomado pela professora Márcia Marques Morais em muitos de seus ensaios:

Some-se a isso o fato de que essas inversões, que poderiam também ser incluídas nas reversibilidades lidas por Candido [...] não param aí: acabam atingindo autor e leitor, em mais um dos muitos desdobramentos daquela "operação de alta estética" ou "esquema técnico", a que me referi. (MORAIS, 2006).

Chama a atenção quantas vezes aparece as palavras que denotam a ambiguidade do sujeito:

cada um com sua mulher e seus filhos [...] muito perto uma da outra [...] principalmente com os dois vaqueiros, com um e com o outro [...] e um tinha pragavado feio o ferrão na barriga do outro, que mais que o outro ainda arranjou tempo também de encravar o ferrão de sua vara por debaixo do queixo do primeiro, e os dois estavam em sangues mortos, as duas mulheres chorando, e as crianças... [...] filhos de um e de outro [...] cada um com sua vara na mão... [...] Cada um tinha avistado era sua figura de pessoa mesma, em cara e corpo, feito num espelho! (ROSA, 2001, p. 286, grifo nossos).

Assim, abre-se a possibilidade aqui, a partir da análise desses pormenores inscritos na forma, de percebermos a reversibilidade das personagens que apontam para essa visada especular: o chefe Apaulino caiu e foi atingido embaixo do queixo e na barriga, exatamente nos pontos que os vaqueiros seriam atingidos. Além dessa troca de lugar entre o chefe e os vaqueiros, os vaqueiros também se alternam, na ambiguidade confirmada pela escolha desses elementos coesivos. Assim, não se sabe ao certo de qual sujeito se trata em várias predicações: de quem são os filhos, de qual mulher se está falando e, nem mesmo, de qual vaqueiro. Na elocução de um dos vaqueiros, o diabo é visto como se fosse um espelho deles mesmos.

O fato de a personagem Lina ter lhe contado uma história ambígua de conflitos e remorsos agudos de todas as personagens nos diz fundamentalmente da importância de a literatura, como um sistema organizado, abrir a possibilidade de uma elaboração inconsciente das ideias desarticuladas da personagem. Parafraseando a afirmação de Antonio Candido, privar o pobre da literatura seria uma espoliação.

Concluindo, ainda com as ideias da aula inaugural da professora Adélia de Menezes, para Antonio Candido, a literatura não é só uma força organizadora, mas é também humanizadora e, portanto, todos deviam ter acesso a ela. A literatura fornece a possibilidade de expressão simbólica de percepções, afetos e sentimentos não formulados, mas confusamente vividos. Ela faculta a possibilidade de uma tradução desse mundo desarticulado em palavra. "Ela ajuda fazer passar esse vórtice interior, que é cada um de nós, à forma organizada." (HOMENAGEM, 2017).

Um outro enfoque para se pensar esse trecho da novela rosiana, também embasado no pensamento de Antonio Candido,

seria uma análise dentro do recorte "literatura e sociedade", entendendo aqui a relação dessa obra com o solo cultural em que ela foi engendrada — denominado nos termos do teórico de "o externo", ou seja, o social —, tornando-o interno, isto é, elementos internos na estrutura do texto rosiano. Assim, podemos ver que todo o enredo da história contada a Lélio é uma história de briga de morte. Briga essa que tem um valor simbólico: o enredo do caso se sustenta nesse impedimento de que ocorra uma morte anunciada em sonho ao fazendeiro seo Apaulineo.

O patrão que tem nome "Apaulineo" evoca "Apolíneo", sabendo que Apolíneo e Dionisíaco é um conceito filosófico e literário que define uma dicotomia com base em certas características da antiga mitologia grega. O Apolíneo é o lado da razão e do raciocínio lógico. Por outro lado, o Dionisíaco é o lado do caos e apela para as emoções e instintos. Entretanto, vêse aqui a personagem com características mais relativas ao caos, apelando para o instinto, acreditando em sonhos e terminado de uma forma trágica: "ele doido-sonhou". (ROSA, 2001, p. 286).

Agora, seguindo os conceitos do nosso autor homenageado, analisaremos o "externo", ou seja, o social, o que encontramos na sociedade brasileira na década de 50. De acordo com a ilustração que Albuquerque (1999) faz daquele momento:

O retorno de Vargas (1951-1954) teve mais clareza em seus propósitos nacionalistas e industrializantes. A despeito do período em grande parte conflituoso com as forças reacionárias do país, avançamos ainda mais

Na mitologia grega, Apolo e Dionísio são ambos filhos de Zeus. Se Apolo representa as forças de ponderação e autodomínio, podemos trazer Dionísio como seu antípoda, completo oposto. Deus estrangeiro, asiático e misterioso, Dionísio representa a potência de ruptura e dissolução das fronteiras. Enquanto Apolo fica do lado da bela individualidade, do onírico, Dionísio carrega consigo forças orgiásticas, de rompimento completo das inibições. https://razaoinadequada.com.

na consolidação da implantação da indústria leve e do início da marcha rumo à indústria pesada. Cerceado pela direita, Vargas se suicida em 1954, e seu gesto, tendo tido forte impacto político sobre as massas populares, certamente conseguiu adiar (para 1964) o golpe tão almejado pela direita. (ALBUQUERQUE, 1999, p.7).

É possível compreender o nome do chefe e suas atitudes desmedidas e conflituosas –"...quando seo Apaulino surgira aos gritos, na vertente." (ROSA, 2001, p. 287) – como traços que revelam essa crise de autoridade característica do fim da Era Vargas, agregando a esta pequena análise, os elementos sociais como fatores da própria construção artística, pensado no nível explicativo e não ilustrativo, conforme a metodologia sugerida pelo mestre:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudando no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO, 2010, p. 17).

Um outro importante livro do esteta homenageado que é considerado um marco nos estudos da crítica literária é **Formação da literatura brasileira**, de 1956. Para melhor argumentar criticamente sobre essa grande obra, recorremos a mais um mestre da crítica literária, especificamente, às ideias expostas em um ensaio intitulado "Questões sobre Antonio Candido" (ARRIGUCCI, 2010), no qual há apontamentos sobre os conceitos centrais e fecundos dessa obra.

Arrigucci inicia o texto em tom confessional, desabafando a escassez crítica com a qual se deparou ao iniciar seus estudos das

obras literárias na década de sessenta, embora o autor relate, em seguida, o quão emocionado ficou ao cair em suas mãos estudos de Erich Auerbach, Leo Spitzer e Dámaso Alonso. Mas o livro decisivo para abrir (não só para o autor) os estudos literários a uma reflexão sobre a literatura moderna foi o referido livro de Antonio Candido. A partir de Candido, houve uma reflexão não só sobre a literatura moderna, mas também sobre os problemas teóricos-críticos da teoria literária e da literatura comparada. "A sua nova concepção de história da literatura apresentada na **Formação da literatura brasileira** alterou definitivamente a visão do nosso passado literário." (ARRIGUCCI, 2010, 116).

Nos nossos dias, parece transposto o perigo de submissão ao estudo dos fatores básicos, sociais e psíquicos. Houve tempo, com efeito, em que o crítico cedeu lugar ao sociólogo, ao político, ao médico, ao psicanalista. Hoje, o perigo vem do lado oposto; das pretensões excessivas do formalismo, que importam, nos casos extremos, em reduzir a obra a problemas de linguagem, seja no sentido amplo da comunicação simbólica, seja no estrito sentido da língua. (CANDIDO, 2000, p. 32).

É fundamental a concepção do texto como resultado que perpassa todas as análises que se encontram ao longo de **Formação da literatura brasileira**, mesmo que escrito em uma perspectiva histórica. Essa concepção, do texto como resultado, é que proporciona uma autonomia ao texto literário sem dispensar os fatores externos, tais como os psíquicos e os sociais. Essa concepção, cunhada por Antonio Candido, ressalta Arrigucci, é integradora, pois permite analisar os textos literários em sua particularidade sem deixar de considerar a pertinência estética dos fatores histórico-sociais. Por meio desse viés crítico, ele conseguiu o feito de superar tanto o formalismo quanto o reducionismo sociológico.

Outro conceito, considerado por Arrigucci como fundamental, pois rege a perspectiva da crítica quando se embasa no ponto de vista histórico, é o conceito da tradição:

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, é o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de tradição. (CANDIDO, 2000, p. 24).

Por meio da tradição, exprime-se o sentido histórico mais profícuo do processo pelo qual as obras se aceitam ou se articulam no tempo, mediante a assimilação do passado e a invenção das novas formas em correspondência com os novos contextos que cada época traz, explica Arrigucci.

Ainda ressaltando a fecundidade da crítica de Antonio Candido, Arrigueci aponta como o crítico, junto com o narrador, acompanha como se dá o tratamento dos pormenores em determinados textos ficcionais e, a partir daí, cunha uma ideia nova, a do "transrealismo", que seria uma espécie de libertação do registro do real, a partir da liberdade de imaginação na utilização de cada detalhe. Por isso mesmo, percebe-se o motivo pelo qual há a valorização da metáfora na crítica de Candido, pois por meio dela é que se enlaçam as similitudes e se desenha a importância dos pormenores.

Retomemos, na íntegra, as palavras contundentes do professor:

Até hoje é difícil imaginar um instrumento de trabalho mais fino, abrangente e adequado à compreensão do texto literário do que esse que Antonio Candido elaborou com sua proposta teórica e sua incomparável prática de analista de textos, da qual depende, na verdade, a construção de sua teoria. Isso demonstra que antes de tudo ele é um extraordinário leitor, cujo olhar arguto, sensível e imaginativo sabe captar todo pormenor significativo de uma obra sem perder a mobilidade que lhe dá a compreensão histórica. (ARRIGUCCI, 2010, p.119).

Tanto a ideia da literatura como função humanizadora, como a do direito à literatura, foram fortemente defendidas por Antonio Candido. Por isso, encerramos nosso artigo com um exemplo da vida real do próprio mestre dos mestres:

A propósito: a professora Maria Vitória Benevides me contou que há alguns anos a prefeitura de Milão resolveu exigir que os industriais dessem algumas horas livres cada semana para os operários poderem se instruir, certa de que cada setor escolheria o aperfeiçoamento nas técnicas da sua profissão. No entanto, a maioria absoluta pediu cursos de língua italiana e a leitura explicada do grande poema de Dante Alighieri A divina comédia, uma das obras supremas da inteligência humana. Na Itália há milhares de pessoas de todas as classes que sabem de cor partes dele, o que verifiquei quando menino na minha cidade de Poços de Caldas. Havia lá um velho sapateiro florentino, Crispino Caponi, que memorizara toda a primeira parte do poema, "O inferno", constituído por 34 cantos num total de mais ou menos 5 mil versos. A oficina dele era na praça central e ele passava o dia batendo as suas solas perto da porta. As pessoas lhe pediam para recitar o canto número tal e. se estivesse de bom humor (o que não era frequente), ele o dizia com a pureza toscana de Dante, florentino como ele. Para mim, o velho e rabugento Crispino ficou sendo um exemplo de como a mais alta literatura pode ser apreciada pelo trabalhador e como este pode usar bem o seu tempo além da tirania das tarefas. (CANDIDO, 2004. p.170).

Destarte, não custa reforçar que "[...] a leitura nos refina e nos liberta de muitas servidões." (CANDIDO, 2004.p 191).

Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Algazarra nas ruas**: comemorações da independência na Bahia (1889-1923). Campinas: Unicamp, 1999.

ARRIGUCCI JR., Davi. Questões sobre Antonio Candido. In: ARRIGUCCI JR., Davi. **O guardador de segredos**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 115-119.

ATROCH, Daniel Cavalcanti. **Grande sertão: veredas**: diabo, pacto e destino. 2018. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem:** o discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1998. p. 19-54.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 2 v.

CANDIDO. A. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: CANDIDO, Antonio. **Tese e antítese**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978. p. 119-139.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004. p. 169-191.

HOMENAGEM a Antonio Candido. Palestra de Adélia Bezerra de Meneses. Belo Horizonte: PUC Minas, 4 dez. 2017. 1 vídeo (51 min). Publicado por Pedro B. de Meneses Bolle. Disponível em: https://youtu.be/vUkExr7hUBk. Acesso em: 5 jul. 2019.

MORAIS, Márcia Marques de. **A travessia dos fantasmas**: literatura e psicanálise em Grande sertão: veredas. Belo Horizonte: Autêntica/ PUC Minas, 2001. 175 p.

MORAIS, Márcia Marques de. Do nome-da-mãe ao nome-do-pai: figuração de identidades no "Grande sertão". **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 264-273, 1. sem. 2002.

MORAIS, Márcia Marques de. O romance se fez letra: a metaliteratura em Grande sertão: veredas. **O eixo e a roda:** revista de literatura brasileira, Belo Horizonte, v. 12, p. 203-214, 2006.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa**: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, J. G. **No Urubuquaquá, no Pinhém**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Do afeto



Um mestre inesquecível

Antonio Arnoni Prado*

No dia 16 de março de 1971, tive meu primeiro contato pessoal com o professor Antonio Candido, que eu tanto admirava através dos seus livros e dos textos que ele publicava em diferentes suplementos literários. Não preciso dizer que, desde os tempos do secundário, nunca deixei de alimentar a esperança de um dia poder vir a conhecê-lo e participar de suas aulas na antiga Faculdade da rua Maria Antônia.

Quis a vida que, três anos depois, já cursando Letras naquela faculdade, não pude conter a satisfação de vê-lo um dia passar discretamente pelos corredores, com uma pasta marrom debaixo do braço, a caminho da classe. Claro que essa reverência sempre me encheu de respeito e medo, mas sem nunca apagar o sonho de que eu viesse a figurar um dia entre os seus orientandos.

E a vida ... bem a vida nos cobre surpresas que muitas vezes mal podemos entender. O fato é que, concluída a graduação, por insistência de colegas e amigos, decidi arriscar e acabei concorrendo a uma vaga em seu último curso pós-graduado em Teoria Literária, para o qual fui de peito aberto e cheio de apreensões

Morando nos confins da zona norte, lá para os lados da Cantareira, lembro bem da manhã cinzenta em que saí apressado de casa para me submeter à entrevista. Depois de semanas repassando os livros de Antonio Candido, anotando conceitoschave, resumindo contextos históricos, apontamentos de aula, confesso que no fundo não alimentava grandes esperanças de conquistar alguma coisa.

^{*} Professor titular da Universidade Federal de Campinas (UNICAMP). Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo(USP).

Recordo ainda agora que, a caminho da USP em direção aos galpões provisórios da Cidade Universitária – para onde fomos transferidos depois daquela batalha contra os estudantes do Mackenzie – eu ia hesitante e sem a menor pressa de chegar. A dez minutos da prova, lembro que ainda estava lá em cima, no começo da rua Pio XI, nas proximidades da Fapesp.

Um misto de indignação e alívio parecia juntar-se ao alvoroço do meu atraso. Enfim – pensava comigo – se chegasse fora de hora, eu pelo menos evitaria fazer feio diante de um mestre que tanto respeitava.

Foi assim pensando que, às nove horas e quatro minutos – lembro como se fosse agora – bati à porta da sala de exames. "O sr. infelizmente está atrasado. Acabei de chamar o próximo inscrito e ele já está a caminho", disse-me um Antonio Candido compenetrado e calmo. Desculpei-me sem jeito e já me preparava para deixar a sala quando ele, antes de fechar a porta, acrescentou: "agora, só depois das dezessete horas, para quando está marcada a última entrevista".

Saí dali meio constrangido, sem saber direito para onde ir.

Foi então que resolvi me trancar na biblioteca para rever o material consultado, reavaliar as dúvidas que me perseguiam, como a justificar para mim mesmo que a ideia de que fazer pósgraduação em Teoria Literária era um desafio sem precedentes.

Só ao meio-dia, quando saí para tomar um lanche e conversar com alguns colegas que disputavam uma vaga comigo, vi que a coisa era bem mais séria do que eu pensava. Afinal, eu estava ali diante de um pessoal graúdo, professores da USP, gente relacionada ao ensino e à pesquisa, candidatos que sabiam grego e latim, sem contar alguns mestres em língua moderna, que trocavam palpites sobre os poetas que pretendiam citar como

exemplo na prova – autores como Eliot, Trackl, Baudelaire, Rimbaud...

Mesmo assim, decidi ganhar tempo e voltei cismado à biblioteca, onde passei a tarde trabalhando. Às dezessete e vinte já fazia algum tempo que eu esperava do lado de fora da sala de exames, quando a porta de repente se abriu e o professor Antonio Candido me pediu para entrar.

Sem qualquer referência ao atraso da manhã, examinou detalhadamente as notas do meu histórico escolar para depois iniciar a entrevista me submetendo a uma série de perguntas de cultura geral.

Solicitou-me, por exemplo, que falasse um pouco sobre meus autores preferidos, sobre a qualidade da música que eu ouvia, do teatro que lia e dos compositores que eu admirava. Em seguida, pediu-me que explicasse em detalhes com que interesse eu decidi entrar para o curso de pós-graduação em Teoria Literária.

Não me lembro bem de como comecei a explicar nem do modo como respondi à pergunta. Disse apenas que sentia falta de um método que me ampliasse as perspectivas de conhecer melhor a estrutura dos livros que eu estudava. Foi ali que a coisa pegou fogo e a entrevista se transformou num verdadeiro cipoal: Antonio Candido quis discutir, por etapas, o caminho que eu costumava percorrer para chegar à análise das obras lidas.

Depois de argumentar por uns vinte minutos e de dizer tudo aquilo me vinha à cabeça, concluí esgotado e deixei a sala sem sequer imaginar qual seria a minha sorte depois de tanta elucidação misturada.

Dois dias depois, no entanto, ao conferir a relação dos aprovados no painel de avisos do departamento, nem acreditei quando vi que meu nome constava da lista.

Tudo o que posso dizer é que os cinco anos seguintes me jogaram fundo num ciclo interminável de trabalhos, seminários e pesquisas que acabaram mudando radicalmente a minha vida. E hoje, quando penso que tudo passou e ficou tão distante, ainda me lembro de quando entreguei a Antonio Candido o meu texto de mestrado sobre a obra de Lima Barreto, que ele pôs em julgamento público na tarde de 5 de fevereiro de 1975, sob a arguição de Osman Lins e de Walnice Nogueira Galvão.

Aprovado pela banca, julguei que com o título de mestre as minhas obrigações terminavam por ali. Mas logo depois, pensando no que fazer para seguir o meu destino (especialização? doutorado? estágio no exterior?), eis que recebo um telefonema do Rio de Janeiro em que Francisco de Assis Barbosa, ele mesmo, o grande biógrafo de Lima Barreto, me chamava, convidandome para visitá-lo e levar comigo a tese que – ele explicava – "o Antonio Candido me disse que eu precisava ler e julgar para ver se merecia ser publicada".

Difícil dizer o que senti naquele momento. E ainda hoje me vejo andando ao lado de Assis Barbosa pelas ruas convulsas de um Rio de Janeiro cheio de buracos e escavações do metrô em construção, a caminho da editora Cátedra, que publicou o livro no ano de 1976 em colaboração com o Instituto Nacional do Livro.

Não tive coragem de pedir a Assis Barbosa que escrevesse um prefácio, porque na verdade sempre julguei que, prefácio por prefácio, era a voz de Antonio Candido que eu ouvia reboando no interior do livro, com a distância sempre comedida e o desejo de permanecer anônimo.

Dos Estados Unidos, onde então fazia um curso de especialização em romance moderno na Universidade de Indiana, sempre senti falta de aulas como as dele.

A verdade é que lá não havia um Antonio Candido ou alguém que, como ele, ensinasse, discutisse e explicasse literariamente os meandros mais densos que organizavam um texto.

A tal ponto que Guimarães Rosa era tido ali como uma espécie de ilustração secundária e apagada entre os regionalistas da América Latina. E pior: era lido fora dos deslindes da linguagem mágica que emanava de seus livros, fazendo com que poucos se arriscassem a aproximar-se para tentar ao menos compreendê-los por dentro.

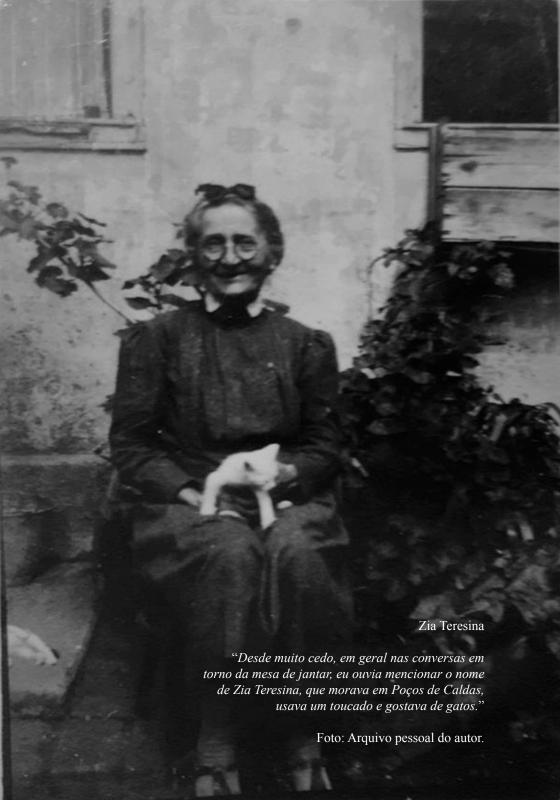
Voltei para S. Paulo e comecei o doutorado com Antonio Candido no segundo semestre de 1976. Além dos cursos e seminários, nasceu daí uma convivência que me motivou pela vida afora.

Ao longo do tempo, já livre dos seminários de trabalho, segui aprendendo com ele e conversando por horas inteiras na ampla sala de seu apartamento de S. Paulo, onde a literatura e a cultura como que se renovavam ante o manancial de lembranças de sua memória incomparável. Conversas com Mário, palpites de Oswald, lembranças de Guimarães Rosa, tudo vinha de repente à baila em meio a um coro de vozes discrepantes a que se misturavam as palavras serenas de Emílio Moura, a erudição de Sérgio Buarque de Holanda, a humildade de Manuel Bandeira, quase todos emparceirados ordenadamente nas estantes que circundavam em silêncio as nossas conversas animadas.

Na hora de ir embora, Antonio Candido me acompanhava gentilmente até a porta do elevador, antes que nos despedíssemos. Naquela tarde, a última em que o visitei, não sei por que enlacei o braço esquerdo em torno de seus ombros como jamais fizera antes.

Já no elevador, descendo, fui lamentando intimamente aquele gesto desarvorado. Só depois me realimentei de conforto quando reconheci que fora justamente aquele o nosso derradeiro adeus.





Paros 4-11-99. alla Solores, mi-ordo della veedire sia, con 80 anni: Taluta Morner. arrivederci mast'altr'anno. faluta Olive. "A caligrafia era firme, a tinta, azul, e a dedicatória diz: "Alla Dolores, ricordo della vecchia zia, con 80 anni"." Foto: Arquivo pessoal do autor.

Duas lembranças bem guardadas

Roberto Gambini*

Parece pouco, e é, e também um pouco fora dos recortes. Mas estas lembranças são, nas paredes da memória, os quadros que encantam mais, como dizia, com sinais trocados, aquela canção de Belchior. Se os relembro aqui é tão somente porque foi o pedido que recebi e aceitei.

Chegavam juntos ao fim o terceiro ano do Colegial, que era o Clássico, e o ano, de 1962; chegara a hora de tentar a tão falada admissão ao curso superior. "Maria Antonia", naquela época, significava para mim três coisas: a rua propriamente dita, a edificação que ostentava uma colunata tipo grega rente ao meio-fio, e o curso de Ciências Sociais, moderno, dizia-se, arejado, atraente, tão enfaticamente recomendado - à guisa de orientação vocacional, que então inexistia - por dois jovens e belos professores. Um era Paulo Villaça, que nos apresentou as duas literaturas, a portuguesa e a brasileira, estando então por se formar na Escola de Arte Dramática e tendo sido, bem depois, o Bandido da Luz Vermelha no filme de Rogerio Sganzerla. Nos dizia que era fundamental ir ao teatro. A outra, Nilce Cervone, ensinava Filosofia sorrindo e nos aliciava para que aderíssemos à recém-constituída Sociedade Amigos da Cinemateca. Dizia que era fundamental ir ao cinema. E entoavam, ambos: "Direito não, muito melhor ir para a Maria Antonia, que tem o curso mais interessante de São Paulo.".

^{*} É membro da Sociedade Suíça e da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica. Conferencista e ensaísta, formou-se em Ciências Sociais pela USP na década de 1960, fez Mestrado em Ciências Sociais na Universidade de Chicago e após lecionar Ciência Política na Unicamp, nos anos 70, partiu para uma formação em Psicologia Analítica no Instituto Carl Gustav Jung de Zurique.

Medo de não passar no vestibular não tinha nenhum, sempre levara para casa notas boas, sempre foi gostoso estudar. Narizes torcidos em casa não se fizeram, porém, esperar, e o curso de Direito serviu enfim como moeda de troca, hipoteca mesmo, quitação de supostos débitos filiais para encandecer o desejo e a coragem de enfrentar todo um patriarcado doméstico na esperança de poder tentar a sorte naquela rua, se fosse minha, que me atraía como um pisca-pisca.

Aqueles foram os últimos tempos quando ainda não se falava em cursinhos preparatórios. Ia-se às provas de cara lavada e bem-dormido, levando na ponta da língua tudo o que se havia estudado desde o começo, desde os primeiros anos, e esse tudo bastava. Na Maria Antonia, havia exames orais e também os que demandavam longas e benfeitas redações em páginas duplas de papel almaço timbrado, em caligrafia. Mas tratava-se de apenas um entre os demais, o exame oral de francês, que será doravante devidamente rememorado.

Uma vez estacionado o carro (era um carrão americano passado de pai para filho) em alguma vaga não muito difícil de achar, e tinha que ser grande, e transposta a já referida colunata tipo grega, atravessava o pretendente um vestíbulo estreito e curto ladeado por dois imensos retábulos de madeira escura entalhada, que nada mais eram do que o álbum de formatura dos que naquela hora de nossa entrada já podiam ser nossos examinadores. Causavam reverência, ou piada, as fotos ovaladas perfiladas segundo a ordem alfabética dos nomes dos formandos de antanho, todos com seus capelos e becas lustrosas a lhes cobrirem os ombros. Encabeçando essa turma toda, em fotos maiores, lá estavam os catedráticos, o diretor, reitor e os paraninfos. Nos dias de prova, como o aqui evocado, já se

atravessava esse corredor polonês amparado ombro a ombro pelo futuro monumental que, espalhado nas paredes, seguramente nos aguardava.

Era então que majestosamente descortinava-se o saguão, que de imponente não tinha nada, muito pelo contrário, mas era a própria cara da Faculdade, era seu pano de boca, sua intimidade, seu átrio e seu fórum, ostentando para atendimento ao público em geral um respeitável balcão também de madeira escura. Quem jamais se esqueceria de Seu Carlos e Dona Floripes, eretos e compenetrados por trás da longa mesa, a desempenhar todo dia com perfeição seus respeitáveis e inespecíficos papéis, que ninguém saberia dizer ao certo quais seriam? Pouco importava. No que eles eram bons mesmo era em prestar-se a guardar ou entregar para algum colega livros e demais empréstimos variados, e informar se alguém procurado já havia chegado. Aquilo ali era uma verdadeira Praça da República, ou do Correio. Eles nos conheciam a todos e eram, aos meus olhos, a contraparte, o casal parental de poucas letras em meio a tantos luminares.

A pintura das paredes era de um bege-acinzentado claro sem a menor graça. As janelas basculantes eram feias, como as que se via nas cozinhas e banheiros das casas da pequena classe média para baixo. Um grande lustre central não havia. A bem dizer não havia nada, nada, além do balcão, que não fosse as seis ou sete portas das salas de aula que haveríamos de ocupar, além da escadaria que levava para a Antropologia, abaixo, e para a Sociologia, no meu caso, acima. Mas era aí, nesse lugar destituído de qualquer beleza, que ocorria o tempo todo a beleza dos encontros.

Naquele fim de ano, talvez por excesso de procura e falta de espaço, até mesmo nesse saguão aberto a todos, realizavam-

se exames orais, fingindo uns e outros estarmos num recanto protegido de indiscrições, quando a bem dizer o passa-passa era o mesmo de sempre.

E por assim ter sido foi que, ao ouvir chamar meu nome, dirigi-me a uma mesa colocada para esse fim ao lado do degrau ascendente da escada, uma daquelas mesmas mesas retangulares para dois alunos, às quais por anos a fio viríamos a nos sentar no decorrer de nossa tão almejada formação. E a esperar que se apresentasse o candidato, para poder então dar prosseguimento ao exame oral de francês conforme programado, lá estava o mais simpático, o mais acolhedor, elegante e inesquecível examinador que se pudesse haver jamais imaginado.

Levantou-se de pronto, estendeu a mão, sorriu discretamente e indicou a cadeira à sua frente, ficando o candidato de costas para o público. Bastou. Já me sentia de imediato aceito, acolhido e amado pela Maria Antonia inteira.

—O Senhor gosta da língua francesa? —Gosto muito. —Gosta de outras línguas, quais outras teve oportunidade de estudar? — Inglês, como o francês, desde o quinto ano primário, Latim desde a primeira série ginasial, espanhol só no primeiro colegial e italiano no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, por dois anos. —É capaz de compreender um texto nesses idiomas, consegue se expressar e escrever algumas linhas? — Sim, exceto em latim (risinhos). —O que já leu em francês, algum trecho de literatura? — Alguns excertos dos grandes autores, no livro adotado pela escola: trechos de Balzac, Lamartine, Victor Hugo, Racine, Verlaine, coisas assim. — Lembra-se por acaso de algumas linhas de cor? (Declamo o primeiro verso de Le Lac, de Lamartine: "Ainsi, toujours poussés vers de nouveaux rivages..."). — Poderia agora ler em voz alta estas linhas de Rousseau? (Leio). Está bem.

Começa por acaso a ter algum interesse em adquirir o hábito de ler em francês? – Sim, estou começando a gostar, uma amiga às vezes empresta revistas como Paris Match e Jours de France e já consigo mais ou menos acompanhar as matérias. Temos em casa um Guia Michelin, que gosto de consultar, e um livro de arte sobre a obra de Manet, de quem gosto muito. - E já leu algum livro até o fim? - Sim, li O Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry. – E por acaso lembra de alguma passagem, alguma frase que tenha ficado na memória? – Se não me engano, a frase que gravei é "Tu es responsable pour ceux que tu as apprivoisé", ou algo parecido. E esse verbo me deu um certo trabalho para entender. (Traduzindo, "Você é responsável por aqueles que cativou"). – E assim como se lembrou desse trecho, recorda-se de algum outro autor? – Sim, alguns versos daquela tragédia de Racine em que a certa altura Fedra diz que enlanguesce, que arde por Teseu, mas que com Hipólito é que desceria ao Labirinto para encontrar-se, ou perder-se. (E então o examinador, para minha grande comoção, também lembrou-se: "E Phèdre au Labyrinthe avec vous descendue/ Se serai avec vous retrouvée ou perdue."). Naquele preciso instante, senti que o havia de algum modo conquistado. Mas não: eu é que havia, no exame oral de Francês perante um examinador que nem sabia quem era, eu é que havia sido ritualmente conquistado para sempre pelo fascínio da literatura. Literalmente apprivoisé.

De volta a circular pelo saguão, uma colega me pergunta se sabia que havia sido examinado pelo famoso mestre Antonio Candido de Mello e Sousa.

Nunca fui seu aluno, mas pude aos poucos ir conhecendo sua obra e seus ensinamentos. Encantava-me vê-lo andando pela nossa rua lado a lado com a inconfundível Dona Gilda, que aos meus olhos juvenis possuía um dos mais belos rostos de senhora que jamais havia visto. Assim como igualmente fascinava ouvir, no Salão Nobre do quarto andar, as arguições da dupla Antonio Candido-Cândido Procópio nas concorridas defesas de tese, especialmente aquelas, renhidas, para obtenção do grau máximo de chefe de cátedra, quando se ficava conhecendo o que era o brilho da inteligência combinada com o rigor crítico e a amorosidade.

Além da calçada sempre cheia, dos encontros estimulantes, da banca de jornais na esquina da rua Dr. Vilanova e do Bar do Zé à noite, na Maria Antonia havia duas ou três livrarias, que passei a frequentar, onde gastava parte da bolsa de estudos que recebera devido às tais boas notas que tirava. Certas lombadas nas estantes atraíam a atenção e o desejo de possuir os livros que encapavam como se fossem sapatos italianos. Pouco a pouco, um a um, fui adquirindo alguns preciosos exemplares, fundadores de uma tão querida biblioteca. Ainda estão quase todos eles aqui à minha volta, e lá se vai mais de meio século. Economia y Sociedad, dois volumes (caro), As Regras do Método Sociológico, O Príncipe, A Função Social da Guerra entre os Tupinambá, Formação Política do Brasil (dois volumes), O Capital, O Contrato Social, Formação da Literatura Brasileira (dois volumes). Algumas revistas, livros com desconto. E alguns achados, porque deviam ser bons e eram baratos, como este, de volta neste instante às minhas mãos: O Observador Literário, também de Antonio Candido, fininho, editado em 1959 pelo Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, São Paulo. Esse volume, de breves estudos, inaugura a Coleção Ensaios e as próprias atividades editoriais dessa Comissão.

Na página de rosto escrevi meu nome com letra miúda e a data, 1963. Só que me enganei, encontrei-o foi na Livraria Parthenon, rua Barão de Itapetininga, 140, 1º andar. Comprei, porque todos os livros do autor certamente seriam bons, afinal eu o conhecera pessoalmente. E eram. Esse, em especial, me revelava uma forte surpresa. Ao ler o breve ensaio intitulado "Teresina" (p. 94-99; foi publicado pela primeira vez em 1956, no "Suplemento Literário" do jornal **O Estado de São Paulo**), senti repentinamente dignificada uma jamais imaginada linhagem anímica para minha família de imigrantes italianos.

Desde muito cedo, em geral nas conversas em torno da mesa de jantar, eu ouvia mencionar o nome de Zia Teresina, que morava em Poços de Caldas, usava um toucado e gostava de gatos. Havia visto uma foto sua, com seus "oclinhos", um filhote de gato branco ao colo, sentada numa cadeira posta no jardim da que certamente seria sua casa, antiga, e com um sorriso que me parecia ao mesmo tempo doce e um pouco assustador, porque era bem velhinha e eu nunca a havia visto pessoalmente. Não foi difícil localizar essa pequena fotografia de margem serrilhada, datada de Poços 4-11-44. Estava bem aqui na estante, num velho álbum que herdei. A caligrafia era firme, a tinta, azul, e a dedicatória diz: "Alla Dolores, ricordo della vecchia zia, con 80 anni".

Teresina fora casada com o maestro violoncelista Guido Rocchi, que vinha ser o tio materno de minha avó Dolores. Guardo até hoje um cartão postal, de lindo colorido, que minha mãe enviara de Poços de Caldas a meu pai, quando, grávida deste que aqui rememora, passava uma temporada junto à tia do

marido, porque ambas se queriam. De um e de outro, na família, sempre ouvi falar algo peculiar dessa estimada Zia Teresina.

Mas ao ler o que sobre ela escreveu Antonio Candido, que com ela conviveu durante os anos em que seu pai atuou como médico nessa estação de águas, dou-me conta da extraordinária pessoa que ela foi, e de como e quanto posso supor que tenha sido – analista junguiano que me tornei – uma personificação, para o jovem e talentoso rapaz, da *Anima* inspiradora e criativa em sua configuração interior mais ética, culta, sensível e humanista que se possa conceber naquelas lonjuras interioranas. Ou, deixando de lado a compreensão junguiana da importância desse fator na dinâmica interna da psique masculina, gosto de pensar em minha tia-bisavó como um modelo vivo e autêntico daquele cordial socialismo que iluminou o pensamento radical, os valores éticos, a inteireza e a sensibilidade de nosso querido Mestre.

Só não posso entusiasmar-me demais, porque não descendo dela, mas da mãe do marido, a tataravó Enrichetta Del Bono, nascida em Parma, em 1839, e que trabalhou como professora de meninas na aldeia de Fontanellato, ao redor de um antigo casteloforte, nas vizinhanças de Parma. Casou-se ela com Leovigildo Rocchi, com quem teve três filhos, Gemma (minha bisavó), Guido, que se casou com Teresina, e Leovigildo, o violinista. Guido estudou na Regia Scuola di Musica di Parma, onde foi colega de Arturo Toscanini, graças à intervenção obsequiosa do Conde Sanvitale, membro da aristocrática e antiga família proprietária da Rocca di Fontanellato, onde vivia também a família Carini, de Teresina. Seu avô, e depois seu pai, foram administradores dos bens da família nobre. Em 1890, Guido, sua mulher Teresina e o jovem Leovigildo desembarcaram em Santos, músicos que eram da orquestra de uma companhia

de ópera. E, diga-se de passagem, o que aqui anoto apenas transcrevo do diário que nos deixou nossa tataravó Enrichetta, abundante em letras e lágrimas.

Por outro lado, pois nem tudo é genético, parentescos há tecidos por outros fios. O breve escrito "Teresina", posteriormente bastante ampliado pelo autor e publicado em 1980 pela Paz e Terra (p. 11-80), inspirou-me a escrever, muitos anos depois, "Corações Partidos no Porto de Gênova" (**Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, n. 57, mai,-ago. 2006, p. 264-296). Eu precisava ter uma ideia do que sentiam, e nada diziam, esses antepassados que partiam e nunca mais voltavam.

O que verdadeiramente me inspirou, como vim a reconhecer muitos anos depois, foi o modo como Antonio Candido, num breve retrato, foi capaz de evocar um tempo crítico e uma criatura fora do comum adentrando sem delongas o terreno quente da subjetividade, do de dentro, do que se pensava e lia, do íntimo da paisagem, do interno da casa, do sombreado da sala, tudo como pano de fundo e palco para uma pessoa inteira, sempre "fremindo de inteligência e generosidade", que é como a resume. "Teresina" não é biografia, mas gravação de movimento, registro de sotaque, repertório de valores e opiniões, presença e parecença de alguém querido que soube viver seu tempo e ocupar seu lugar sem meias-medidas nem meias-verdades. O que em outros textos memorialistas costuma compor exterioridades, neste revela a época e a cena pelo olhar agudo e as atitudes certeiras de uma mulher que sempre agiu e pensou como combatente. E pelo olhar amoroso e profundo de seu amigo mais moço.

Detive-me certa vez a cotejar os dois textos, o breve e o expandido, buscando adivinhar onde o autor sabia haver espaço

para inserir matéria ausente na primeira versão. O ensaio original principia com alguns dados biográficos básicos, ocupando menos de uma página, e já nos põe em contato direto com a figura de Teresina. O cotejamento dessa abertura nos dois textos, separados por vinte e quatro anos, creio ser capaz de revelar algo sobre os vários recursos do ofício do escritor, e mais do que isso, o material vivido retido por décadas na memória, que pode, uma vez invocado, respirar de novo nas expansões e detalhamentos que vieram a tornar o segundo escrito tão parecido com uma deliciosa conversa que se prolonga noite adentro sem hora de acabar.

Na rápida abertura da primeira versão, ficamos sabendo que Teresina, "nascida à sombra do castelo feudal dos condes Sanvitale", foi casada com um violoncelista, com quem veio para o Brasil em 1890. A segunda publicação, que recebeu o título de **Teresina e seus Amigos**, subdivide-se em três partes: "Crônica Inicial", "O ser e as 'convições'" e "Os outros". Na primeira, à guisa de prólogo, como numa ópera, o autor parte do lugar de origem, Fontanellato, nome do castelo e da aldeia circundante onde viveram tanto a família dela como um ramo da minha, com pertinentes comentários a respeito da trama tecida pelo convívio entre nobres e o extrato plebeu que a eles se agregava. Seguemse os trechos intitulados "Música e Brasil" e "O Casal Mal Afinado", sendo o leitor passo a passo, conhecendo o terreno, conduzido à apresentação da figura central da narrativa.

O retrato original, dispensando maiores introduções, principia assim: "Era magra, nem alta nem baixa, cabelos louros que só embranqueceram nos últimos anos, grandes olhos azuis de espantosa mobilidade e penetração...". No segundo retrato ampliado, como se fosse pintura feita em tela maior, surge uma

curiosa variante de descrição dos olhos: "Tinha olhos azuis abertos e redondos, exprimindo de maneira incrível os matizes de um espírito trepidante". Na primeira abordagem o olhar penetra; na segunda, revela.

Vem em seguida o registro da aparência de Teresina, havendo mínimos acréscimos e algum qualificativo adicional. O detalhe e o preciosismo da composição do porte dessa mulher que não imitava a nenhuma outra conduzem à lembrança das instruções que Luchino Visconti deve ter dado ao figurinista de sua equipe para criar o estilo de uma das velhas senhoras que habitavam a mansão do *Gattopardo*, o que aliás já comparece na própria escrita de Tommaso di Lampedusa.

Mas o que me fascinou desde a primeira leitura, e que não resisto agora a comparar com a segunda, foi a recriação da casa onde morava Teresina, que me remetia aos climas criados por Marcel Proust em suas páginas sobre interiores, e que deixou desde então plantada a semente de uma vontade futura, a de um dia poder tirar do baú que havia na casa de meus pais essa matéria que pode voltar a pulsar graças à magia da escrita. Como numa colagem, usando o itálico como contraste, as duas descrições da casa de Poços de Caldas serão sobrepostas e vistas contra a luz, como se escritas em papel de seda, para que se perceba como trabalham juntas, num fuso unificado, a memória, a criação literária e o amor para tecerem seus brocados.

A casa onde morava era, de certo modo, a sua também involuntária obra prima. *A casa onde morava tinha também um ar original e raro*... Modesta e acachapada, o toque de sineta abria a porta de uma estranha penumbra, povoada de mais coisas do que o espaço permitia. Sofás e *poufs* de cretone estampado, lâmpadas, móveis, quadros, quadros e mais quadros, livros e mais livros. ... *cheia de sofás e* poufs *de cretone estampado, lâmpadas*

pintadas (inclusive uma com as quatro estações), móveis antigos, uma espécie de panóplia de veludo crivada de fotografias e postais, livros e mais livros, embora nunca em proporção ao volume das suas leituras. Ela achava que livro era feito para circular e passava adiante os que comprava ou ganhava, depois de lançar na margem as suas impressões. Mas nunca se desfazia de alguns, sobretudo os de Leopardi, que era a sua maior paixão literária. Ali estava, em ordem revôlta, o reflexo da sua vida, multiplicada nas alfaias. Pastas brasonadas do Castelo, autógrafos dos condes, dedicatórias de artistas, álbuns com vistas da Europa, recordações de camarim e sala de concerto, louças de naufrágio, objetos do sertão, manifestos radicais, jornais e revistas de todas as épocas. De certo modo a casa refletia a sua vida através dos objetos que assinalavam a passagem do tempo: pastas brasonadas da Rocca, autógrafos dos amigos, dedicatórias de artistas, álbuns de postais, recordações de camarim e sala de concerto, objetos do sertão, manifestos radicais, jornais e revistas de todas as épocas. O quintal, longo e estreito, perfumava-se de lírios roxos, ervilhas de cheiro, loureiros e vários temperos de sua refinada culinária emiliana. No quintal havia os temperos da sua culinária emiliana e muitas flores: além das violetas de vário tipo, lírios roxos, ervilhas de cheiro, espirradeiras (ou, como preferia dizer, giaggioli, pois de senteur, lauriers roses). E dela se desprendia sempre um vago cheiro de flor.

Esse mesmo exercício de sobreposição pode igualmente ser feito com os magníficos parágrafos que Antonio Candido escreveu sobre os traços de personalidade de Teresina, seu modo de ser socialista, a maneira como nela os opostos conviviam sem guerra. Não se diga que tenha havido uma evolução, ou mesmo amadurecimento literário, na comparação entre textos; o que se pode imaginar é que ambos, bem costurados, fariam um só, de um estilo furta-cor. Por exemplo, repare-se, ora é dito que ela fuzilava e aveludava os olhos, ora que fuzilava e amansava. Uma forma não supera a outra; a variação revela, pelo

contrário, os vários prismas de um olhar amoroso: nesse caso, o do autor. E não posso deixar de notar que quando o jovem amigo admira e percebe o extraordinário daquela personalidade, "cheia de inquietude, ardor e bravura", para quem "não havia abismo e nem mesmo frincha entre a concepção e a conduta", ele possivelmente retratava um lado seu ainda na crisálida, que entrevia no rosto de Teresina, seu espelho mágico.

Vinte e cinco anos depois dessa segunda leitura, em que ficava reiterada a primeira forte impressão já gravada em algum lugar de onde brota a escrita, e sem a menor desconfiança de que era essa marca indelével o que me inspirava ao começar a esboçar um ensaio próprio, comecei assim:

Na casa de meu pai havia um cômodo que chamávamos de "escritório. Abria-se para uma pérgola coberta por ramos de videira... sua escrivaninha era imponente... minha mãe, que lá fazia maravilhosas flores de seda... o armário com portas retráteis... o enxoval de minha tia solteira... os brinquedos Estrela... um caixote de madeira... recibos, faturas... cartazes de propaganda... folhetos do Amaro Gambarotta... fotografias da casa Alinari... carteiras modelo 19... e uma grande coleção de cartões postais cujas mensagens não decifrava... caligrafias antiquadas... Esse caixote de madeira continha o mistério da Itália.

E passo a passo, de umas linhas a outras manuscritas do verso dos cartões postais, fui tentando decifrar o que não era dito nem pelos que partiram, nem pelos que ficaram. O que só produziu engasgos e emoções engolidas.

Melhor fez Zia Teresina. Veio, ficou porque quis, e não deixou uma palavra sem dizer.



Antonio Candido militante

Frei Betto*

Sabemos todos que Antonio Candido se destaca entre os mais qualificados críticos literários da história do Brasil e merece figurar entre os mais eminentes sociólogos. Porém, sua longa trajetória de vida foi marcada também pela militância política. Esse carioca de temperamento e hábitos mineiros, fala ponderada e gestos comedidos, *gentleman* da intelectualidade, fino no físico e no trato, se sobressai como exemplo de coerência de princípios éticos, humanitários.

Antonio Candido iniciou a sua militância política na década de 1940, quando se filiou ao Partido Socialista Brasileiro e editou o jornal clandestino **Resistência**, de oposição à ditadura de Getúlio Vargas. Em fevereiro de 1980, participou da fundação do PT (Partido dos Trabalhadores), ao lado de intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda e Paulo Freire.

Fomos amigos. Tivemos poucas, mas memoráveis conversas, em especial à mesa de nossa amiga comum, Adélia Bezerra de Meneses. Ele e eu, amigos de Lula, estávamos ligados ao PT. A diferença é que minha vinculação sempre foi a de simpatizante. Ao contrário dele, nunca me filiei a partidos políticos. Antonio Candido aderiu, como filiado e militante, à proposta de Lula por considerá-la oposta à "vanguarda iluminada", como se expressou em crítica ao dogmatismo stalinista.

^{*} Frei Betto é escritor, autor de Por uma educação crítica e participativa (Rocco), entre outros livros. Site: www.freibetto.org

Socialista convicto, declarou aos 93 anos de idade:

O socialismo é uma doutrina totalmente triunfante no mundo. E não é paradoxo. O que é o socialismo? É o irmão-gêmeo do capitalismo, nasceram juntos, na revolução industrial. É indescritível o que era a indústria no começo. Os operários ingleses dormiam debaixo da máquina e eram acordados de madrugada com o chicote do contramestre. Isso era a indústria. Aí começou a aparecer o socialismo. Chamo de socialismo todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade, ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... tudo isso. Esse pessoal começou a lutar para o operário não ser mais chicoteado; depois, para não trabalhar mais que doze horas; depois, para não trabalhar mais que dez, oito; para a mulher grávida não ter que trabalhar; para os trabalhadores terem férias; para ter escola para as crianças. Coisas que hoje são banais. Conversando com um antigo aluno meu, que é um rapaz rico, industrial, ele disse: "O senhor não pode negar que o capitalismo tem uma face humana." O capitalismo não tem face humana nenhuma. O capitalismo é baseado na maisvalia e no exército de reserva, como Marx definiu. É preciso ter sempre miseráveis para tirar o excesso que o capital precisa. E a mais-valia não tem limite. Marx diz em A Ideologia Alemã: as necessidades humanas são cumulativas e irreversíveis. Quando você anda descalço, você anda descalço. Quando você descobre a sandália, não quer mais andar descalço. Quando descobre o sapato, não quer mais a sandália. Quando descobre a meia, quer sapato com meia, e por aí não tem mais fim. E o capitalismo está baseado nisso. O que se pensa que é face humana do capitalismo é o que o socialismo arrancou dele com suor, lágrimas e sangue. Hoje é normal o operário trabalhar oito horas, ter férias... tudo é conquista do socialismo. (Entrevista a Joana Tavares, "O socialismo é uma doutrina triunfante". Brasil de **Fato**, 8 ago. 2011.)

Para Antonio Candido – crítico ao socialismo real –, à democracia econômica ali existente (a partilha de bens e a garantia universal de direitos básicos a toda a população, como alimentação, saúde e educação) faltava a contrapartida da democracia política, da efetiva participação popular de condução do processo social. Sem se opor, ele mantinha a devida distância de Lenin e Trotsky, e a convicção de que é preferível correr o risco de errar com a classe trabalhadora do que ter a pretensão de acertar sem ela

Antonio Candido era homem de base, aliado ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), malgrado seu porte refinado, mas um refinamento antiburguês, de quem não abre a guarda a meros interesses mercantilistas. Senhor de suas emoções, sabia escutar quem se lhe opunha ideologicamente sem jamais perder a fleuma. Não se deixava levar por essa ansiedade de querer catequizar o adversário e convencê-lo de seu equívoco. No calor do debate, preservava-se em altivo e respeitoso silêncio. Indagado, expressava seu ponto de vista com firme moderação. Sabia ser etimologicamente humilde (húmus, terra), pés no chão e altura própria, nem menor nem maior.

Em 2002, Antonio Candido teve a gentileza de redigir a apresentação de meu livro sobre Lula, destinado à campanha presidencial daquele ano. No texto, ressalta Lula como

o líder operário que contribuiu decisivamente para imprimir novo rumo à vida política brasileira, ao consagrar a entrada do trabalhador na linha de frente das decisões nacionais, quebrando a tendência de manipulálo segundo fórmulas ideológicas pré-fabricadas ou de acordo com os interesses das classes dominantes. O leitor poderá verificar como Lula está no centro desse grande movimento histórico, que mudará a fisionomia e a estrutura da sociedade brasileira. De fato, ele encarna de maneira exemplar as aspirações de sua classe, desde

o momento em que deu alma nova ao movimento sindical, esforçando-se para situá-lo na vanguarda da luta pela democracia. Ao fazer isso, firmou-se cada vez mais como homem representativo, como porta-voz, não como um desses dirigentes revestidos de autoritarismo mágico, que tentam impor a própria personalidade. A mola dos seus atos são os interesses legítimos da classe trabalhadora, que contém mais do que qualquer outra os germes da transformação pela qual a sociedade deve passar, a fim de pôr termo à situação insuportável de miséria e iniquidade que caracteriza o Brasil de hoje. Por isso, do movimento sindical por ele dirigido saiu logicamente o Partido dos Trabalhadores, que se impõe a cada dia pela capacidade de abrir os trilhos do futuro, em marcha pelo socialismo. (Lula, um operário na Presidência, São Paulo, Casa Amarela, 2002).

Antonio Candido era ateu convicto, porém desprovido de qualquer proselitismo. Entre seus melhores amigos figuravam meu confrade, o dominicano frei Benevenuto de Santa Cruz, meu professor de ética e diretor da Livraria e Editora Duas Cidades, tão frequentada por Antonio Candido. Contou-me que frei Benevenuto fazia parte de sua família, e, quando foram juntos a Porto Alegre, nos anos 50, nos restaurantes todos miravam espantados aquele homem de hábito branco, pois não havia frade dominicano no Sul do país. Benevenuto está enterrado no túmulo da família de Antonio Candido.

Manteve também profundo vínculo com o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo e figura de destaque na oposição à ditadura militar. Por isso, não relutou ao ser convidado para integrar a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo.

Na segunda-feira, 12 de setembro de 2011, em companhia de Antonio Carlos Ribeiro Fester, apanhei Antonio Candido à porta do prédio onde morava, na Alameda Joaquim Eugenio de Lima, em São Paulo. Aos 93 anos, desceu lépido as escadas. Fomos visitar Dom Paulo Evaristo Arns em seu retiro, em Taboão da Serra. No percurso, Antonio Candido comentou ter lido meu romance histórico **Minas do Ouro** (Rio, Rocco, 2011). Elogiou capítulos e criticou o anacronismo de alguns nomes próprios.

No dia seguinte, ele faria conferência no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) sobre Sérgio Buarque de Holanda. Queixouse ter sido convidado para "uma mesa", e agora se dava conta de que não tinha parceiro, seria o único a falar... Lembrei que a mim também acontecia de anunciarem meu nome em palestras e eventos para os quais nem havia sido convidado...

Recordou ter participado da festa dos 60 anos de idade de Sergio Buarque de Holanda. E eu, dos 70, na casa do Chico Buarque, no Rio, quando Sérgio cantou a famosa marchinha de carnaval "Sassaricando", em latim. Antonio Candido, senhor de uma memória prodigiosa, recitou a letra no carro... Lembrou ainda da música que os filhos de Sérgio fizeram para os seus 60 anos — "não é um velho coroca/ é um rapaz bem capaz" — e cantou a letra completa. Recitou ainda todo o primeiro verso do "Primeiro Canto", de Camões, miniespectáculo desfrutado apenas por dois espectadores, Fester e eu.

Contou que nascera no Rio e, aos oito meses de idade, a família se mudara para Santa Rita de Cássia, em Minas, na época distrito do município de Passos, onde seu pai se estabeleceu como médico. Mas a sua cidade do coração, observou, era Poços de Caldas, que também encantava sua mãe. A família morou ali até 1992, quando a casa foi vendida.

Dom Paulo Evaristo Arns nos recebeu falante. Completara 90 anos a 14 de setembro de 2011.

Como explicar o perene frescor do pensamento de Antonio Candido? Não tende a militância petrificar a visão? E o exercício

do magistério, sobretudo catedrático, não fomenta certa arrogância, suscitando aquele tom de quem, do alto da torre, julga ver melhor do que os outros?

Minha opinião é que o espírito tão democrático de Antonio Candido, sua sincera entrega à alteridade, se deveu ao seu trato com a literatura de ficção. A ficção é a realidade em forma de sonhos. Como ensinou Aristóteles, ela não precisa ser verdadeira, e sim verossímil. E quando se transita no mundo da arte, no qual se situa a literatura de ficção, corre-se menos risco de se deixar contaminar por dogmas, ortofonias, ideias petrificadas. Porque o artista é, por excelência, abridor de janelas, demolidor de paredes, alargador de caminhos, amante de horizontes infindos. Para ele não basta o agora. Ele busca também o além. E na literatura seu único limite é o da impossibilidade da palavra. E para ele palavra não se resume a vocábulo. Nisto o artista concorda com o evangelista João, é preciso que o verbo se faça carne. E em Antonio Candido todo o seu discurso resultava da coerência ética de sua prática.



Antonio Candido, uma amizade

Antonio Carlos Fester*

RESUMO

Antonio Candido humanizador poderia ser outro título deste texto, escrito em função de sua palestra "O direito à literatura" e do conceito de humanização nela contido. Vendo, como ideias, conteúdos fundamentais para a educação em direitos humanos – cujo maior objetivo é a humanização – testemunho como muitos desses aspectos sempre estiveram presentes nos seus escritos e no modo de ser do Professor, tais como o senso da beleza, o humor apurado, a reflexão, o estudo, uma fina percepção da complexidade do mundo e dos seres, mas, especialmente, uma grande capacidade de ser amigo, tendo mantido algumas amizades que se fizeram históricas.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Literatura. Humanização. Humor. Amizade.

^{*} Educador em Direitos Humanos, Escritor, Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

Antonio Candido, a friendship

ABSTRACT

Antonio Candido humanizer could be another title of this text, written in function of his lecture: The right to Literature and the concept of humanization contained therein. His ideas and fundamental contents for Human Rights education-whose greatest goal is humanization- testify how many of these aspects have always been present in his writings and in teacher's way of being, as well as his sense of beauty, his refined humor, his reflections, his studies, his fine perception of world and individual complexity, but especially his great capacity of being a friend, and maintaining some friendships that have become historical.

Keywords: Human Rights. Literature. Humanization. Humor. Friendship.

Antonio Candido e eu sempre concordávamos que nossa maior riqueza eram as amizades. Um tesouro, um privilégio, ser amigo dele. É disto que vou tentar falar neste texto.

Por ocasião da outorga do título de Professor Emérito da USP a Antonio Candido, escrevi artigo publicado no jornal da União Brasileira de Escritores (UBE), que finalizei afirmando que, mais do que informar, o Professor formava. (FESTER, 1984, p. 4).

Em carta manuscrita, datada de 15 de outubro de 1984, o Professor me escreveu, agradecendo a nota

generosa e cordial. Além de comparecer, você fez mais esta gentileza, pela qual fico realmente agradecido. Tocaram-me de modo especial as palavras finais, contendo o que é mais grato a um professor: o testemunho caloroso e simpático de um ex-aluno de sua qualidade. Coisas como esta fazem a gente sentir-se justificado. (CANDIDO, 1984)

Antonio Candido sempre cultivou, até seu fim, o hábito de escrever cartas – mandava cartas, pelo correio, a pessoas como Adélia Bezerra de Menezes, ex-aluna e também amiga – que, como eu, mora a poucas quadras do último apartamento em que ele viveu, à rua Joaquim Eugênio de Lima.

Só agora me dou conta de que enviou a carta a mim no endereço da UBE, rua 24 de maio, 250, 13º andar, colocando como remetente A. C. Mello e Souza, Rua Bryaxis, 11, o sobradinho que muitos de nós, seus alunos, visitávamos com o coração aos pulos, recebidos por ele e pela gentileza de dona Gilda.

Carta anterior, datada de 31 de janeiro de 1983, na qual me cumprimentou pelo casamento, foi dirigida à minha casa:

Com duas netas para tomar conta, sem empregada, não era possível ir à recepção, já que a hora da cerimônia religiosa estava passada, estávamos amarrados ao ofício de avós...(...) A sua estima, como sabe, é plenamente correspondida, e nós fazemos os melhores e mais sinceros votos pela felicidade de vocês dois.

Quando começou essa amizade plenamente correspondida? Não sei, sei apenas que foi na década de 70, quando fui seu aluno na graduação em Letras. Tampouco me lembro da primeira vez que o vi ou das primeiras aulas. Mas Orôncio Vaz de Arruda, vizinho e amigo, diretor cultural da Fundação Oscar Americano, nascido em Araraquara, sobrinho bisneto de Pio Lourenço Corrêa, mandou algum recado para ele. Nunca é demais lembrar que foi na propriedade de Pio Corrêa, em Araraquara, que **Macunaíma** foi escrito, e que dona Gilda, nascida em Araraquara, saiu da casa de Mário de Andrade, seu primo, onde morava em São Paulo com a família dele, para casar-se.

Antonio Candido, por sua vez, ficou entusiasmado pelo meu parentesco, longínquo na árvore genealógica, mas próximo pelo afeto, com a família Papaterra Limongi. Contava e recontava o concurso a que assistiu, na década de 30, para a Cadeira, salvo engano, de Direito do Trabalho na USP, na qual João Papaterra Limongi (que considero como avô) foi vencido por Antonio Ferreira Cesarino Júnior, pai de outro grande amigo meu, o xará Antonio Carlos Cesarino, um dos introdutores do Psicodrama no Brasil.

Essas pessoas em comum nos aproximaram, sempre deram muito assunto, e levaram-me bem depressa a frequentar a casa da rua Bryaxis, da qual guardei a seguinte anedota. Chego, e Antonio Candido está em pé na sala, dicionário na mão, escrevendo um cartão para alguém: "Você já pensou, Antonio

Carlos, se Antonio Candido erra?". Seu bom humor e as risadas frequentes foram outros dos laços que alimentamos.

Não resisto a uma indiscrição. Dona Gilda saiu, e ele, muito faceiro, me diz: "Agora podemos falar do PT". Estranhei. Ele acrescentou: "Gilda é tucana. Casamento que dá certo é aquele em que se sabe que nem tudo é para ser dito.". Casou-se sete dias antes do meu nascimento e dizia que o envelhecia não o fato de estar com mais de noventa, mas que ex-alunos como eu estivéssemos com mais de setenta.

Outra piada ele disse na viagem em que os levamos, Helenice e eu, para a festa dos setenta anos de Margarida Genevois, no sítio dela em Barão Geraldo, Campinas, em 1993. "Se um dia, eu ficar caduco, eu me mato. E você não precisa fazer esta cara, porque não saberei que estou caduco e então não me mato".

Mais uma e tentarei ficar sério. Encontrava-se com as duas filhas do Papaterra em concertos no Municipal, na década de 30. Quando lhe disse que uma delas tornara-se freira, ele achou natural, pois ela sempre baixava os olhos. "Nunca baixei os olhos perante homem nenhum", me disse, indignada, minha amada prima Biloca, quando contei a ela o comentário. "Tímida era a Conceição", mãe dos primos que têm sido verdadeiros irmãos para mim. E Antonio Candido deu uma de suas gostosas gargalhadas ao saber da reação ao seu comentário.

Freiras, padres, religião, Jesus, esse ateu conhecia como poucos, o que me levou a dizer certa feita ao Cardeal Odilo Scherer: "Tomara todos os católicos fossem ateus como Antonio Candido". Pois esse Professor foi um justo, justo no sentido mais evangélico da palavra.

Em 22 de julho de 1998, o jornal **O São Paulo**, da Arquidiocese, publicou artigo meu intitulado "Antonio Candido, 80 anos de humanização". Escrevi, finalizando:

Cita-me Maritain que, em resposta a Jean Cocteau, disse que santos são os que conhecem verdadeiramente o mal e o ultrapassam. Os estóicos, agora não sei se para Jacques Maritain ou Antonio Candido, seriam os reprimidos, que ignoram o mal. Lembrei-lhe D. Helder, que diz que a santidade consiste em cair a cada dia e levantar-se sempre. Depois, emocionado, Antonio Candido contou-me de uma prima carmelita que não deseja ir para um céu em que ele não esteja. Como ela, eu também não quero, professor, ir para um lugar onde o senhor não esteja. Na dúvida, vamos ficando por aqui, para que eu possa escrever mais, nos seus noventa anos.

Dez anos antes, frei Betto indicou-me para trabalhar na Comissão Justiça e Paz, da qual depois me tornei membro. O Professor ficou contente, eu estaria entre as melhores pessoas da cidade, livre das competições e tensões tão comuns na USP. Ledo engano. Na primeira reunião a que compareci e disse o que me deu na telha, já desagradei a algumas pessoas, levando Alfedo Bosi a me chamar a um canto e me aconselhar a tomar cuidado antes de falar, pois "a vaidade humana é infinita". Ríamos sempre sobre isso, o Professor e eu, riamos da vaidade humana, riamos de nós mesmos, "você acha que alguém vai se lembrar de mim daqui a uns anos ? Não saberão nem quem foi Antonio Candido".

Foi membro da Comissão, por uns dois anos, estava lá em 1980, quando Dalmo Dallari foi sequestrado e surrado, em uma tentativa de impedi-lo de encontrar-se com o Papa em visita ao Brasil:

Eu estava em casa quando recebi um telefonema do Carlos Guilherme Mota, contando que Dalmo tinha sido agredido e tudo isto. Fui imediatamente para a casa do Dalmo. Vi a camisa dele ensanguentada, as filhas dele. E fiquei até alta madrugada. Carlos Guilherme estava lá o tempo todo. Nunca me esqueço. [...] Bateram no Dalmo

perto da minha casa, perto da marginal, espetaram ele com uma espécie de punhal. (FESTER, 2005, p. 146).

Mesmo ferido, Dallari conseguiu ir à missa campal do Papa João Paulo II, televisionada para o mundo inteiro, sua simples presença provocando uma denúncia viva das arbitrariedades da ditadura civico-militar pós 1964. Lembrava com carinho dos companheiros José Carlos Dias, Ivi Nogueira Nico, Iris Ariê. Diz Antonio Candido:

Um dia, o Flávio Di Giorgi estava lá e eu também, o José Gregori presidindo uma reunião e nós conversando. Eu disse que a "santidade era uma aspiração profunda de todo homem, crente ou não-crente, um ponto ideal a que cada homem se propunha, não para si, porque cada um sabe bem de suas fraquezas, mas a existência do santo nos realiza de certa maneira. Chamo de santidade o esforço máximo que a pessoa faz para se esquecer ao máximo, e fazer, ao máximo, coisas que sejam em benefício dos outros". De repente, o José Gregori olhou para nós dois e disse: "Você e o Flávio são os nossos teólogos". Foi uma gargalhada só. (FESTER, 2005, p. 159).

Saiu da Comissão por causa do celibato (um problema com um padre flagrado em um motel), com os seguintes comentários:

Eu acho que na Igreja do século XX não tem mais sentido. E um dia fiz o seguinte raciocínio: "Como é que estou numa Comissão de Direitos Humanos ligada a uma Arquidiocese tão esclarecida como a de São Paulo, com dom Paulo à frente, como é que uma Comissão de Direitos Humanos pertence a uma Igreja que nega aos seus sacerdotes, aos seus ministros, um direito fundamental que a satisfação da sua afetividade, um direito que permite a propagação da espécie e a continuidade do gênero humano? Isto para mim é decisivo, não posso continuar. (FESTER, 2005, p. 160).

Dias antes de dom Paulo completar 90 anos, em setembro de 2011, fomos levados de carro por frei Betto, para cumprimentálo. Irmã Terezinha de Brito bateu a foto de nós quatro, da qual tanto me orgulho e tenho sobre o piano. A reverência do Professor pelo Cardeal sempre me emocionou. E dois fatos marcaram Antonio Candido nesse dia. O Cardeal, em um lapso momentâneo, mas ao qual estava ficando sujeito, perguntou qual era sua ocupação. Respondeu que era professor. Isso o desgostou. Disse-me que não voltaria a visitar o Cardeal para não testemunhar a decadência de homem tão querido. O outro fato, foi Betto ter parado, na volta, para auxiliar uma senhora com o carro quebrado. Sempre se referiu, depois, a esse ato, pelo que teve de gratuidade e pronta disponibilidade, características do nosso querido amigo comum.

Por indicação de Marco Antonio Rodrigues Barbosa e Margarida Genevois, idealizadores e gestores do Projeto Educação em Direitos Humanos da Comissão Justiça e Paz, solicitei ao Professor uma palestra dentro de um Ciclo sobre "Direitos Humanos e...", realizado no salão nobre da Faculdade de Direito do largo de São Francisco.

Antonio Candido pronunciou sua palestra em 28 de abril de 1988, o que considerou um digno fecho de sua carreira, o grande texto produzido na idade da maturidade. Era sua humildade que o fazia pensar assim. Produziu textos notáveis sempre, mais curtos talvez, muitos de circunstâncias, prefácios como os das cartas entre Mário e Pio Lourenço ou de Mário de Alencar com Machado de Assis. Um texto muito me toca, póstumo, que sua neta Laura Escorel publicou e no qual afirma que tudo passará, mas os livros, estes ficarão.

O contexto em que se deu sua palestra sobre direitos humanos e literatura, em um momento em que se propugnavam

que as barbaridades do movimento de 64 não se repetissem, pode ter colaborado para a repercussão e importância de sua fala, mas o mérito está mesmo é no seu conteúdo, pelo que acrescentou à reflexão não só dos direitos humanos, mas da vida em si mesma. O maior mérito, parece-me, está na afirmação de que todos, todos sem exceção, têm direito à literatura, ou mais, têm direito ao acesso à cultura em todas as suas formas, considerando-se cultura no seu sentido mais amplo, todos têm direitos à vida em plenitude.

Quando publicada em livro, no ano seguinte, resolveu um conflito que se instalara na Secretaria Municipal da Educação administrada à época por Paulo Freire, que comprara para cada escola municipal um exemplar de **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa. Alguns professores estavam indignados em como um "livro tão difícil" poderia ser acessado por alunos vindos de família com baixa ou nenhuma escolaridade. Mas disse o Mestre:

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 1995, p. 256).

Antonio Candido é enfático. Em um só parágrafo ele fala que negar o acesso à literatura implica em mutilar a personalidade, mutilar a nossa humanidade

A palestra teve o título de "Direitos Humanos e Literatura" e como tal foi publicada em **Direitos Humanos e... (Medo,**

Aids, Anistia Internacional, Estado, Literatura), pela Editora Brasiliense, em 1989, com prefácio do Cardeal Arns. Efetuei a transcrição, que depois contou com edição feita pelo autor. Posteriormente, o texto teve seu nome alterado, creio que por ele mesmo, ao incluí-lo na terceira edição revista e ampliada de Vários Escritos (CANDIDO, 1995), para "O direito à literatura" e é com esse título que fica para a posteridade.

Pronunciada hoje, essa palestra teria o tom otimista que Candido lhe deu? Irenísia Torres de Oliveira, em um denso e ótimo ensaio sobre ela, indiretamente responde:

Hoje, quase trinta anos depois da publicação de "o direito à literatura", o cenário das exigências de dessegregação parece ter mudado. As últimas décadas viram surgir uma imensa quantidade e variedade de coletivos culturais... [...] O esforço de dessegregação cultural e de democracia atualmente seria mais, me parece, o de abrir os canais a professores, estudiosos, escritores e fruidores de cultura erudita, não necessariamente das classes dominantes, para o influxo desse rico manancial de práticas culturais. (FONSECA; SCHWARZ, 2018, p. 273).

Nas nossas conversas, antes e depois dessa fala e desse texto, ficou claro para mim que a finalidade dos direitos humanos é a humanização, das pessoas, das sociedades, do mundo. Em 1972, Candido já falara que a literatura não corrompe e não edifica, "mas trazendo em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver" (CANDIDO, 2002, p. 85).

Trocando minhas aulas de literatura nas Faculdades Metropolitanas Unidas pelo Projeto Educação em Direitos Humanos, passei a incluir, em minhas atividades, cursos ou palestras pelo país, seu entendimento de que humanização é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 249).

O humor, que sempre cultivamos na nossa convivência, como relatei nos "causos" dos inícios deste texto, me evoca Sartre dizendo aos jornalistas, na sua entrevista pelos setenta anos, ser necessário acrescentar o humor, sempre. A propósito de Sartre, mais uma lição de Candido. Vejo agora no **Jornal Eletrônico da Unesp** ("O dia em que Araraquara foi existencialista"), em 4 de novembro de 1960, que Candido e Fernando Henrique teriam sido os tradutores simultâneos de sua palestra naquela cidade. Mas o Professor, para minha surpresa, me contou que não conversou com Sartre, que não quis ser mais um a sobrecarregar o viajante que certamente o esqueceria no dia seguinte, tantas eram as pessoas que o rodeavam e apesar do intérprete ser o seu amigo próximo, Ruy Coelho.

O exercício da reflexão e a aquisição do saber são duas características básicas do Professor. Era basicamente um pensador, o tempo todo, escrevendo ou conversando, sempre aberto para o novo e para a reformulação, sempre jovem de espírito. Creio que Antonio Candido, sob esSe aspecto, nunca envelheceu. Digo no sentido de aceitar o novo, de querer saber, aprender. Como muitos da sua geração, não aprendeu, e nem quis fazer uso do computador ou do celular, mas isso não o tornava velho.

O interesse que tinha pela vida, pelas coisas novas era surpreendente, mas não lhe tirava o espírito crítico. Lamentava a falta de líderes de peso, nos anos recentes do séc. XXI. Sempre contava que seu dileto discípulo, Roberto Schwarz, dizia que atualmente o mundo só tinha um líder, o Papa Francisco. Mas na juventude de Candido, líderes de peso não faltavam, fossem Charles De Gaulle, Winston Churchill, Mahatma Gandhi, Martin Luther King ou Nelson Mandela, fossem líderes do mal como Adolf Hitler, Joseph Stalin ou Francisco Franco.

A aquisição do saber manifestava-se pela curiosidade pelos filmes novos, pelos trabalhos acadêmicos (ou não) de filhas, genros, neto e netas, ex-alunos, amigos, pela mudança de costumes — muitos dos quais via com muito otimismo, como o feminismo, por exemplo, achando normal os radicalismos até os movimentos se afirmarem. Concordava com os que dizem que estamos em um momento de mudança de paradigmas, muito mais do que mudança de geração, mudanças como as acarretadas há quinhentos anos pelos descobrimentos e a invenção da imprensa ou pela revolução industrial, ocorrida a partir do século XVIII.

Levei-lhe, para sua satisfação e surpresa — como nunca soubera deste filme? — **O tempo redescoberto**, dirigido pelo chileno Raúl Ruiz, com argumento de Gilles Taurand, a partir da obra de Proust, com Catherine Deneuve (Odete) e John Malkovich (Barão de Charlus), entre outros. Marcel Proust era uma de suas grandes paixões literárias, isso todos sabíamos, algumas edições nas prateleiras de sua sala, e alusões aqui e ali. Declarava-se um "proustiano fanático" (FONSECA; SCHWARZ, 2018, p. 82) mas dedicou-lhe apenas um texto, "Realidade e realismo (via Marcel Proust)", em **Recortes** (CANDIDO, 1993b).

Dizia que a admiração por Proust e Shakespeare era tanta que se inibia de escrever sobre eles. Assim como eu me inibia de falar com ele sobre sua própria obra, **Formação da Literatura** **Brasileira: momentos decisivos**, especialmente. E, quando eu o fazia, era para elogiar trechos do texto sobre **O deserto dos tártaros**, ou da "Dialética da Malandragem", dois dos meus preferidos, que ele afastava com a mão, subitamente tímido. Como quando lhe perguntei onde lecionara em Paris, nos anos 60, e ele quase que pedindo desculpas contou que na Sorbonne.

De Shakespeare não entendia nada, era um completo analfabeto, disse a mim e a Adélia, em uma visita que fizemos a ele, para, em seguida nos surpreender, rememorando palestra e texto sobre **Ricardo II**. "Ainda bem que o senhor não sabe nada", comentamos às risadas, Adélia e eu, mas ele mudou de assunto. (NOVAES, 1992, p. 87).

Diz no texto sobre **Ricardo II**:

Shakespeare faz do rei e do seu poder um fulcro de relações simbólicas entre o sangue, a seiva, a terra; entre o homem, a planta, a natureza; entre o poder e a vegetação; entre saúde-ordem social e doençadesordem. É através deste vasto relacionamento, dessas intercomunicações, que se configura o problema do mando e da obediência, da transgressão, da culpa, do legítimo e do ilegítimo. (NOVAES, 1992, p. 92).

A legitimidade do poder é uma de suas abordagens. Estivesse vivo, como analisaria a legitimidade dos governantes atuais?

Surpreendeu-me com o quanto gostava e conhecia de cinema. Dizia, em francês e português, as falas de Pierre Fresnay em **Monsieur Vincent**, diálogos de Jean Anouilh, um dos roteiristas de **São Vicente de Paulo** (título em português), Oscar de filme estrangeiro de 1948 (levei-lhe esse DVD), santo a quem admirava, como se lê em um discurso de agradecimento por homenagens recebidas por ocasião dos seus 80 anos:

Tanto no domínio do saber, que é o nosso campo interno, como na da luta político-social, que nos solicita externamente na sociedade maior, deve prevalecer como critério de conduta o ponto de vista atribuído a São Vicente de Paulo, isto é, que nunca fazemos o suficiente por mais que façamos, e por isso é preciso fazer cada vez mais. (AGUIAR, 1999, p. 99).

Dizia que eu lhe propiciara um curso sobre Chopin, ao presenteá-lo com **Impromptu**, 1991, direção de James Lapine, e **Chopin – Desire to love,** uma produção polonesa, dirigida por Jerzy Antczak, de 2002. Filmes que corrigem a desinformação de À **Noite Sonhamos**, de 1945, direção de Charles Vidor. **Impromptu**, especialmente, embora tratando de um hipotético fim de semana no campo, reunindo Chopin, Sand, Lizt, Musset, Delacroix e outros, nos oferece suas características pessoais tais como nos chegaram através de farta documentação.

Fiz um trabalho para Antonio Candido, como aluno, sobre Le Dieu Caché, de Lucien Goldmann (1959). Ao me devolver, com valiosas observações manuscritas, me surpreendeu perguntando pelos meus contos na gaveta, pois o trabalho tinha enredo. Com o apoio inestimável de Francisco de Assis Barbosa, meu livro dos contos engavetados, **O Mar tem várias cores**, editado pelas Duas Cidades, teve sua noite de autógrafos em 19 de dezembro de 1979, na Livraria Capitu, à rua Pinheiros.

Alguma alma caridosa, não me lembro quem, depois me contou que Antonio Candido não via no livro nada de extraordinário, mas que a minha paixão pela literatura era tanta que eu merecia o estímulo.

Deu-me uma generosa entrevista para o livro **Justiça** e Paz – Memórias da Comissão de São Paulo, mas creio que o desagradou a maneira informal como fiz as citações bibliográficas, embora não tenha dito nada, ou por isso mesmo.

Presenteou-me com muitos livros e duas revisões – com anotações e correções a lápis – do meu romance, ainda hoje sendo escrito, do qual me mandou tirar certas passagens pretensamente eróticas, porque atentavam contra a "profunda humanidade" [sic] dos meus personagens e porque não tenho a mão de D. H. Lawrence. Elogiou minha escrita, muito melhor do que a de um escritor de destaque, e não era Paulo Coelho. Deixou-me feliz e pretensioso.

E poucos como ele, pela simples presença, nos ensinaram a ter uma boa disposição para com o próximo, emoções adequadas e generosidade perante os problemas da vida e as contradições do mundo e dos seres. Conheço poucas pessoas com a capacidade de relacionamento de Antonio Candido. Cultivava as amizades, tinha prazer na conversa, fosse erudita, fosse banal, conversar era com ele mesmo, e comigo também. Talvez a nossa maior afinidade. Evocava com prazer os amigos, falava deles com frequência. O maior deles, insistia, sua mulher, dona Gilda. Foram doze anos de viuvez, sessenta e dois de casamento. A viuvez, uma saudade dolorida, mas vivida, como todo ele, com estoicismo, com discrição. "Perdi meu melhor interlocutor", repetia, "e sei que você me entende".

Não me avisara da morte dela para não atrapalhar o meu Natal. Dona Gilda faleceu em 25 de dezembro de 2005, aos 86 anos. Alzheimer, um dos seus medos, um mistério. Discordava dessas conversas de que ocupar o cérebro previne. Dois cérebros privilegiados, o dela e o de Caio Prado Júnior, anos sem lucidez.

Foi no enterro de Caio Prado, em 1990, ao qual compareci pelo afeto que tinha pelo filho dele, Caio Graco Prado, o jovial editor da Brasiliense, dali a dois anos também mais uma saudade, que o Professor me apresentou a Florestan Fernandes. Florestan era um amigo de quem muito falava e admirava. As origens simples, chegara a ser engraxate na rua quando menino, batalhador, autodidata, um dos cérebros mais privilegiados que conhecera. A amizade com Florestan foi das mais gratificantes que teve e rendeu um livro de homenagem ao amigo morto, em cuja quarta capa escreveu Vladimir Sacchetta:

Este livro constitui a memória e o balanço da relação emblemática e fecunda entre Antonio Candido e Florestan Fernandes, companheiros fraternos que abraçaram o socialismo na esperança de que, por meio dos trabalhadores e dos humildes, o Brasil possa superar suas tragédias de exclusão e injustiça social. (CANDIDO, 2001).

Décio de Almeida Prado era como irmão, dizia, "fazíamos parte dos chato-boys da Revista Clima", e ria; todos esses anos de trabalhos conjuntos. "Ao Antonio Carlos, este livro, dedicado a um amigo seu, com o abraço, também amigo, do Décio A. Prado, 1999". O livro é **Antonio Candido: pensamento e militância**, organizado por Flávio Aguiar, no qual Décio, no estilo impar que o tornou um dos maiores críticos, historiador e professor do teatro brasileiro, escreveu:

Pois é, meu caro Antonio Candido, aqui estamos nós, não 20 anos depois, como em Alexandre Dumas, mas quase 60 anos depois, numa situação um tanto embaraçosa, você como homenageado, eu como homenageante. Mas fique tranquilo, não me excederei.

[...] depois de refazer sua carreira universitária, ajudou-nos, a mim e Paulo Emilio, a construir as nossas, confirmando-nos, todos os três, como legatários para sempre de Clima. Ele não é, portanto, um acontecimento relacionado unicamente com a inteligência e a sensibilidade literária. É também um acontecimento notável no que diz respeito à volição,¹

¹ Impresso "evolução"; Décio corrigiu à mão, com caneta.

à voluntariedade. Sofre com as imperfeições do mundo e sente agudamente não poder mudar a si mesmo quanto gostaria. Disse-me certa ocasião; "Fico às vezes satisfeito quando me comparo, mas nunca quando me considero". Haverá reminiscências de Nietzsche nesta moral impaciente com os limites da vontade humana, desejosa de obter vitórias antes sobre ela própria do que sobre os outros? [...]

Como palavra final, quero agradecer por me ouvirem e por me darem a oportunidade de falar em público sobre o meu mais velho e querido amigo. Em particular não teria a coragem de tecer-lhe tantos elogios, pensados por quase 60 anos, porém nunca proferidos de viva voz. (AGUIAR, 1999, p. 43).

Amizades sóbrias, contidas, características de uma geração. Mas se Décio nunca o elogiou de viva voz, não precisava; as lágrimas que verteu quando Candido recebeu o título de professor emérito da USP, falavam por si. "É toda uma vida", explicoume. Lágrimas que Candido também chorou ao chegar ao velório dele. Coubera a mim dar-lhe a infausta notícia, que me fora dada, por sua vez, por Vilma Areas, eu e ela orientandos de Décio. No carro de Laura, com dona Gilda, fomos até o crematório da Vila Alpina. Quase não se falou.

Essa insatisfação consigo mesmo, ao se considerar, Antonio Candido explicitou mais de uma vez. Uma delas, divertida para mim, afinal era ateu, foi quando lhe disse que eu finalmente tinha entendido o pecado original. Em **Novas Sementes da Contemplação**, escreveu Thomas Merton, é o nascer egocentrado.

- "Será que Deus vai me cobrar isto?", surpreendeu-me o Professor.
- "Como? Para com isto, o senhor não tem nada de egocentrado."

- "Tenho sim, a vida inteira preocupado com a minha carreira, com a minha imagem."
- "Que é isto, Professor? O senhor sempre ajudou e promoveu tanta gente... O senhor é um construtor de pontes, homem do diálogo, que não faz distinção de pessoas, igualitário, sempre na contramão da segregação e da desigualdade."

Não se deu por achado.

Pouco falava sobre as filhas e netos, defensor de suas privacidades, mas falava da mãe, do pai e dos genros, pelos quais tinha grande carinho, mesmo que não fossem mais genros. Da mãe, evocava mais de uma vez o grande chapéu preto no luto pelo marido, com renda a cobrir o rosto, uma visão terrível e extemporânea, uma vez que a viu do outro lado da Praça da República. Convenceu-a a mudar o hábito.

Do pai, homem culto e dono de uma farta biblioteca, assinante de revistas estrangeiras que traziam a atualidade do mundo para as montanhas de Minas, e ele, desde menino, leitor voraz. O pai que saiu na chuva, noite alta, para atender uma prostituta doente do outro lado da rua, gripou-se e morreu. Seu herói, o pai.

Era muito grato aos que o visitavam com regularidade e sempre mencionava Adélia, Roberto Schawrz, Celso Lafer, Davi Arrigucci Júnior e eu, entre outros. Entre estes, meu primo Francisco Roberto Mariutti, filho de Conceição, a tímida que baixava os olhos, doutor em Letras e às voltas com Paulo Emilio e Alexandre Eulálio. Beto foi quem me ligou para dizer sobre outro primo, sobrinho do avô dele, Francisco de Assis Barbosa, imitando o sotaque de Guaratinguetá: "o imortá morreu". Anos depois, Antonio Candido sugeriu a Cristina Barbosa, filha do Chico Barbosa, acadêmico e biógrafo de Lima Barreto, que

entrasse em contato comigo; ela andava pesquisando sobre o pai em São Paulo. Ao telefone, marcamos um encontro na porta da Livraria Cultura, no Conjunto Nacional. Eu disse que me identificaria pela minha semelhança com Jô Soares. "Não pode ser", retrucou, "Antonio Candido disse que você é bonito". Mais uma das piadas do Professor. Na porta da livraria, imediatamente a reconheci pela parecença com a prima Biloca, aquele freira que nunca baixou os olhos para Antonio Candido.

Quem riu melhor fui eu pela surpresa dele pela filha ter escrito que ele era feio. Nunca se pensara feio e mesmo que fosse, ela não precisava ter escrito. Ríamos. Orgulhava-se da produção intelectual das filhas, orgulhava-se delas e as amava, muito e igualmente.

Riamos ao lembrar de Alexandre Eulálio, em um jantar concorrido, perguntando ao Professor se as mansões da família, em Cássia, Minas, ainda estavam de pé, meros sobradinhos... Dizia que José Joaquim de Barros Bella, jornalista e procurador da CEF, foi dos alunos mais inteligentes e o mais triste que teve.

Tinha um carinho especial pela UBE – União Brasileira de Escritores, entre outros, por Anna Maria Martins, Fábio Lucas e por Joaquim Maria Botelho, filho de sua querida amiga Ruth Guimarães. Divertia-se em garantir que Ligia Fagundes Telles nasceu em 1921, ao contrário do que dizia e mostrava a sua certidão de nascimento "corrigida". Abriu mão dos direitos autorais de um de seus livros, não me lembro qual, a favor de um escritor doente.

Contava que a década de 1930, uma década de radicalização, levava as pessoas a optarem, o que influiu na vida associativa, da qual:

[...] a mais importante no meu tempo, foi a Associação Brasileira de Escritores, a ABDE, fundada no Rio de Janeiro, em 1942, com a finalidade ostensiva de reunir os escritores na defesa dos direitos autorais que, naquele tempo, eram massacrados no Brasil. Mas essa associação tinha, em segundo plano, a finalidade de combater o Estado Novo. Ele se estendeu imediatamente a São Paulo e eu participei da primeira reunião preparatória, na qual estavam presentes Mário de Andrade, Oswald Andrade (sic), Sérgio Milliet, Mário da Silva Brito [...]. Na primeira diretoria, Sérgio Milliet foi presidente e eu segundo secretário. Militávamos por meio dessa associação, cujo maior feito foi a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, na cidade de São Paulo, em janeiro de 1945. [...] Essa ABDE continuou até pouco depois de 1950, quando houve uma cisão entre comunistas e não-comunistas por causa da Guerra Fria. A reunião dos grupos opostos só se deu muito mais tarde, por iniciativa de Paulo Duarte. (CANDIDO, 2001, p. 76).

Assim, surgiu a UBE, que acabou por outorgar o prêmio Juca Pato a Antonio Candido, em 20 de agosto de 2008, na Faculdade de Direito, entregue pelo embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, premiado do ano anterior. O presidente da entidade, na época, Levi Bucalem Ferrari (FSP, Ilustrada, 22 de agosto de 2008), declarou-o um especialista por opção e Fábio Konder Comparato lembrou que desde jovem o Professor "comungou" com os ideais da igualdade. Além dos 90 anos, o mote para a premiação foi a publicação de Um Funcionário da Monarquia - Ensaio sobre o Segundo Escalão (CANDIDO, 2007). O Jornal acrescenta que o embaixador destacou que o premiado "recuperou os esquecidos da história oficial". Em entrevista no próprio livro, Candido diz: "O fato é que, apesar dos pesares, não só os restos do patronato estão ai, mas as classes dirigentes continuam de modo geral a reclamar a necessidade de reformas que, no fundo, não querem efetuar" (CANDIDO, 2007, p. 142)

Outro amigo amado foi José Petronillo de Santa Cruz, um alagoano nascido no mesmo ano que ele, que adotou o nome de frei Benevenuto, na ordem dos pregadores, os dominicanos, fundador da Livraria Duas Cidades, em 1954, editor de livros do casal Mello e Souza e de outros nomes como Adélia Bezerra de Menezes, Marilena Chauí, Robert Schwarz, Boris Schnaiderman, por exemplo. Santa Cruz teve forte ligação com a mãe do Professor, dona Clarisse Tolentino de Mello e Souza, frequentando sua casa antes mesmo de entrar para a vida religiosa. Quando me surpreendi com a fé católica de Laura, a filha do meio do Professor, ela me lembrou da convivência com Santa Cruz. O Professor considerava-o como irmão e o apoiou em diversas situações, inclusive quando ameaçado de despejo – a sede da livraria, no famoso endereço à rua Bento Freitas 158 – alugada a ele pelos dominicanos, ordem da qual desligara-se. Morto em julho de 1997, Antonio Candido sepultou-o no mesmo túmulo de sua mãe, dona Clarisse.

E houve essa amizade com os dois Presidentes da República. Fernando Henrique Cardoso foi seu aluno e o substituiu em umas aulas, certa feita, graciosamente, pelo que era grato. Nos seus oitenta anos, o então Presidente FHC parou sua rua, visitando-o, ainda que em caráter particular.

Considerava Luiz Ignácio Lula da Silva um gênio. Foram muitas as conversas, Lula o visitou algumas vezes na rua Eugênio de Lima. Uma vez eleito, não mais se viram ou se comunicaram. Lula era para ele um dos três maiores governantes que o Brasil teve, pela capacidade de inclusão dos mais desfavorecidos. A História o julgará devidamente, dizia. Os outros dois, segundo o Professor, foram Pedro II, em cujo governo alterou-se o modo de produção com a "libertação" dos escravos e Getúlio Vargas, que ele combateu, mas que instituiu a legislação trabalhista.

E havia as viúvas de seus amigos, a de Ruy Coelho, almoçando com ele a cada mês; dona Maria Amélia Buarque de Hollanda, a simpatia personificada e que encontrei na casa dele. Orôncio Vaz de Arruda faleceu em 1987, deixando dois livros publicados, **Memorando** (ARRUDA FILHO, 1973) e **Andanças** (ARRUDA FILHO, 1987), com prefácio de Alexandre Eulálio. Sua viúva, Rachel, passou a telefonar regularmente e quando parou, o Professor preocupou-se. Procurei seu neto, e fiquei sabendo que estava em uma casa de repouso, o que o entristeceu. Estava sempre querendo informações sobre essas casas, como funcionam e seus custos. Avisei-o da missa de Rachel quando ela partiu, mas não quis ir e mandou que o representasse junto a Felipe, o neto.

Antonio Candido encontrou beleza e positividade em quase tudo. Amava a beleza da vida, esperava ter a sorte de Oscar Niemeyer ao mesmo tempo em que queria ir embora antes de dar trabalho às amadas filhas, Marina, Laura e Ana Luiza, ou antes de ficar fora de si. Mas beleza, para ele, era o encontro da Justiça, o reinado da igualdade, a eliminação da fome.

A paixão pela Justiça já se expressa na pesquisa pela vida dos caipiras, pela reforma agrária, pelo seu doutorado em Sociologia que resulta em **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida** (CANDIDO, 1964). Atinge seu auge com **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos** (CANDIDO, 1959), que o torna um dos defensores do povo do Brasil, um dos mais autorizados pensadores da sociedade brasileira. Auge? Não. Na sequência, uma série de obras-primas, todas elas, que se torna ocioso enumerá-las, mas das quais destaco, para os professores de literatura, **O Estudo Analítico do Poema** (CANDIDO, 1999) e **Na sala de aula: cadernos de análise literária** (CANDIDO, 1985).

Isso tudo sem falar no antológico "Dialética da Malandragem", infelizmente atualíssima análise da dinâmica da sociedade brasileira (1993a) ou **Literatura e Sociedade**.

Há certas obras em que não faz sentido pesquisar o vínculo social porque ela é pura estrutura verbal. Há outras em que o social é tão presente – como "O cortiço" [de Aluísio Azevedo] – que é impossível analisar a obra sem a carga social. Depois de mais maduro minha conclusão foi muito óbvia: o crítico tem que proceder conforme a natureza de cada obra que ele analisa. Há obras que pedem um método psicológico, eu uso; outras pedem estudo do vocabulário, a classe social do autor; uso. Talvez eu seja aquilo que os marxistas xingam muito que é ser eclético. Talvez eu seja um pouco eclético, confesso. Isso me permite tratar de um número muito variado de obras. (CANDIDO, 2011).

Ainda na mesma entrevista:

O senhor é socialista? Ah, claro, inteiramente. Aliás, eu acho que o socialismo é uma doutrina totalmente triunfante no mundo. E não é paradoxo. O que é o socialismo? É o irmão-gêmeo do capitalismo, nasceram juntos, na revolução industrial. É indescritível o que era a indústria no começo. Os operários ingleses dormiam debaixo da máquina e eram acordados de madrugada com o chicote do contramestre. Isso era a indústria. Aí começou a aparecer o socialismo. Chamo de socialismo todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade e ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... tudo isso. Esse pessoal começou a lutar, para o operário não ser mais chicoteado, depois para não trabalhar mais que doze horas, depois para não trabalhar mais que dez, oito; para a mulher grávida não ter que trabalhar, para os trabalhadores terem férias, para ter escola para as crianças. Coisas que hoje são banais.

Esse é o militante de uma vida inteira, embora não se considerasse. O homem que subiu em uma mesa no jardim da faculdade de medicina da USP, para apoiar uma greve. Que insistia em que não tinha vocação para a política, mas que passou a vida lutando por uma democracia socialista.

Em 2008, escrevi "Humano, muito humano" (FESTER, 2008), a propósito dos 90 anos de Antonio Candido. Um gesto seu, em 29 de setembro de 2014, apenas confirmou o modo como encerrei aquele texto. Encontrei-o na porta de igreja de São Domingos, a noite caindo.

- "- O que senhor está fazendo aqui?"
- "- Vim à missa de sua mãe."
- "- E o senhor veio com quem?"
- "- Sozinho, vim de táxi."

Ele estava com 96 anos. Fiquei emocionadíssimo. Talvez o maior presente que tenha me dado. O ateu assistiu à missa, trocou palavras com algumas pessoas e Adélia levou-o para casa em seu carro.

A mesma Adélia que ligou para o meu celular na manhã de 12 de maio de 2017 para me dizer que ele estava morto. Eu estava sendo hospitalizado, por conta de uma erisipela, e achava que não se fica órfão com mais de setenta anos. E, em seis meses, fiquei duas vezes: em dezembro, dom Paulo; agora, Antonio Candido. Deste, eu tive o consolo de não me despedir.

- "- Como vai o senhor?"
- "- Eu vou mal, eu vou muito mal."
- "- O que o senhor tem?"
- "- Nada, minha saúde está ótima, já lhe disse que não vou mais a médicos. Estou sempre bem, felizmente, mas ainda acordo, não morro, não quero ficar paralisado numa cama, não

quero dar trabalho para minhas filhas. Mas vou mal. O mundo, o Brasil, está tudo de cabeça para baixo. Não entendo e não quero entender."

Estava infeliz, o que nele era raro. Foi assim a nossa última conversa, uns quinze dias antes, ao lado da porta rotatória de uma agência bancária. Estava indignado também com a maneira como o banco o tratara, o estava excluindo, forçando o uso de terminais eletrônicos, teria que pedir ajuda à neta. Reclamou ainda das gravações telefônicas, do tempo dispendido para ser mal atendido, da impessoalidade das máquinas.

Encerrei o artigo pelos 90 anos dizendo que Antonio Candido atingiu, na amorosidade, "o mais alto nível de sua própria humanização, pois, afinal, é para o amor que, em última instância, todos nós fomos criados." (FESTER, 2008).

E amar, Professor, nestes dias que correm e dos quais o senhor está livre, é dos atos mais revolucionários.

Referências

AGUIAR, Flávio (org.). **Antonio Candido**: Pensamento e Militância. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999.

ARRUDA FILHO, Orôncio Vaz de. Memorando. [S. l.: s. n.], 1973. Edição particular.

ARRUDA FILHO, Orôncio Vaz de. **Andanças.** São Paulo: Livraria Nobel SA, 1987.

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos. São PauloÇ Martins, 1959.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

CANDIDO, Antonio. Na sala de aula: cadernos de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. **O Discurso e a Cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993a.

CANDIDO, Antonio. **Recortes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993b.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. **O Estudo Analítico do Poema.** São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Florestan Fernandes.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção.** Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Um Funcionário da Monarquia** – Ensaio sobre o Segundo Escalão. 2. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CANDIDO, Antonio. **O Albatroz e Chinês.** 2. ed., aument. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. O socialismo é uma doutrina triunfante. [Entrevista cedida a Joana Tavares]. **Brasil de Fato**, 8 de ago. 2011.

ESCOREL, Ana Luisa. **O Pai, a Mãe e a Filha.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

FESTER, A. C. R. . Humano, muito humano: Antonio Candido. **O Escritor Revista da UBE**, v. 120, p. 12-12, 2008.

FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. **Justiça e Paz** – Memórias da Comissão de São Paulo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (org.). **Antonio Candido 100 Anos.** São Paulo: Editora 34, 2018.

GOLDMANN, Lucien. Le **Dieu caché.** Étude sur la vision tragique das les Pensées de Pascal et dans le théâtre de Racine. Paris: Éditions Gallimard, 1959.

NOVAES, Adauto (org.). **Ética.** São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 19



Ao mestre, com saudade¹

Ligia Chiappini*

RESUMO

O texto se ampara em algumas obras fundamentais para pensar a educação cidadã e o papel formador de quem a ela dedica o seu trabalho, com ênfase na Universidade, onde essa questão é frequentemente relegada aos cursos de pedagogia, sem que seja considerada suficientemente relevante por quem lida com as outras disciplinas. Trata-se de homenagear o Mestre a partir de uma reflexão sobre esse conceito, concebendo-o como orientador, guia e exemplo, sobretudo em tempos "do contra", quando a defesa da vida e dos direitos humanos exige um pensamento militante e uma militância pensante. De um lado, o Mestre como presença decisiva ao longo do convívio com seus/suas aprendizes, mas, de outro, como alguém que sabe retirar-se no momento certo, permitindo-lhes empreender o próprio voo.

Palavras-chaves: Mestre. Formação. Autonomia. Vida. Morte.

Este texto retoma e parcialmente reescreve – acrescentando algumas notas e passagens contextualizadoras – outro de minha autoria, intitulado "Mestre em tempo do contra", e publicado nos idos de 1979, na Revista dos Departamentos de Letras, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, **Língua e Literatura** (Ano VIII, v. 8, p. 146-164). Como tal, foi muito pouco divulgado, o que, somado ao seu teor, justifica a sua retomada aqui, quarenta anos depois. Afinal, voltamos hoje a um tempo em que a dignidade e a própria vida nos obriga a ser do contra, evidenciando que o artigo "A cultura do contra" (CANDIDO, 1978), ao qual meu texto remetia e continua remetendo, está mais atual do que nunca.

^{*} Professora titular - Freie Universität Berlin Possui doutorado e livre docência em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (1974).

To the Master, with nostalgia

ABSTRACT

The text is based on some fundamental works, which help us think on citizen education and the forming role of those who dedicate their work to that, with emphasis on the university, where this subject is often relegated to courses of Pedagogy, as it is not considered relevant by those dealing with the other subjects. It is about honoring the Master starting from a reflection on this concept, conceiving him as guidance counselor, guide and example, especially in "counter" times, when the defense of life and human rights requires a militant thought and a thinking militancy. On the one hand, the Master appears as a decisive presence throughout the conviviality with his apprentices, but, on the other hand, as someone who knows how to withdraw at the right time, allowing them to undertake their own flight.

Keywords: Master. Formation. Autonomy. Life. Death.

A admiração, o respeito pelo mestre, quando se tem a sorte de ter conhecido um, tingem-se duma leve melancolia, a partir da altura em que se aprende que a mais alta capacidade só pode ser adquirida por entre a dúvida. (GUSDORF, 1967, p. 353).

Sobre Antonio Candido ou se escreve com tempo ou não se escreve. Como a vida às vezes não nos dá trégua, o pensamento e a escrita fazem corpo mole. Vem então o risco e a tentação de improvisar. Antonio Candido não improvisava, lia, relia, pensava, preparava, se preparava e escrevia. Depois relia, cortava, corrigia e esse roteiro seguia tanto nas conferências, nos ensaios e livros, quanto nas suas arguições de teses e aulas, na Pós-Graduação e na Graduação.

Para não improvisar, resolvi reproduzir um dos vários textos que lhe dediquei. Minha escolha recaiu sobre "Mestre em tempo do contra", publicado em 1979, porque me parece ainda bastante atual. O título remetia diretamente a um discurso de Antonio Candido na Associação de Professores da USP, em que ele apontava a necessidade de unificar a resistencia contra a ditadura, para reconquistar a democracia e a paz social no Brasil. O Mestre partiu, mas seu apelo revive hoje, quando a história se repete como farsa, e voltamos a experimentar a necessidade urgente de nos unirmos sob a bandeira do NÃO.

Esse texto também era motivado pela veloz aposentadoria do Professor, cujo processo burocrático correu em uma velocidade tão inédita, que mais lhe pareceu, e a nós que com ele trabalhávamos, uma expulsão. Tentei então homenageá-lo, mas de modo mais indireto, como era do seu gosto, quando se tratava de receber o reconhecimento de suas e seus estudantes. Para isso, vali-me das leituras sobre literatura e educação que vinha fazendas na minha pesquisa de pós-doutorado na França,

selecionando estudiosos e passagens de suas respectivas obras, que poderiam ajudar a entender quais seriam as qualidades de um mestre, para ir pouco a pouco concretizando-as de modo mais explícito, na figura do nosso homenageado de ontem e de hoje.¹

Eis aqui, pois, meu velho-novo texto, com pequenos ajustes e curtos acréscimos, necessários neste novo-velho tempo do contra, em que estamos desvivendo.

1 Adote um artista antes que ele se torne professor

O texto de 1979 se iniciava com esse *slogan* publicitário, corrente na televisão de São Paulo em meados dos anos 1970, que sintetizava para as "massas" a história de uma degradação. Tal *slogan* nos fez lembrar as palavras de Daniel Hameline, sobre o desprestígio do professor na era de um "capitalismo avançado"

Como se verá, o processo de composição deste texto tem muito de bricolagem. Feito na sua maior parte de citações de algumas leituras fundamentais, sobretudo de origem francesa (cujas traduções são de nossa responsabilidade), sobre a função do professor, não deve, entretanto, ser visto como simples justaposição de fragmentos, porque há entre eles uma coerência de fundo. Sei de onde parto e para onde me dirijo. Se, no caminho, encontro quem exprima o que eu gostaria de dizer, cito. E, assim, aproveito para incitar à leitura dos textos que me serviram. Essa observação eu fazia em 1979 e repito aqui, assim como retomo a afirmação de que, embora a bibliografia seja basicamente francesa, o que aqui se discute tinha na época muito a ver com o Brasil dos tempos da ditadura e tem muito a ver com o Brasil de hoje de muitos golpes dentro de um golpe que se deu em 2016 e não parou de se reinventar, desmanchando vertiginosamente o projeto ainda não consolidado, mas já bem avançado de um Brasil democrático, soberano, sustentável e menos injusto, que se estava impondo ao mundo de modo exemplar, pela capacidade de superar a sua tradicional condição colonial e sua secular dependência dos países do chamado primeiro mundo. Da mesma forma, sob o aparente tom genérico, fazia-se e faz-se presente aqui a universidade brasileira (diria mesmo, paulista). Não era por acaso, portanto, que o título remetia ao texto de Antonio Candido, acima mencionado.

(e, completaríamos hoje, de um neoliberalismo selvagem), como algo que vinha crescendo no século XX, em contraste com o extremo respeito que lhe era atribuído no século XIX:

Nessa época (fim do século XIX), a confiança na instrução é geral. É ela que liberará os espíritos da ignorância e das superstições, que assegurará a igualdade entre os cidadãos e o triunfo de uma nova sociedade, republicana, leiga e fraternal. Na aurora de uma civilização científica, técnica, industrial, a escola aparece para todos como o próprio motor do progresso, da justiça e da felicidade. Cabe a ela inculcar, no respeito e na tolerância, os novos preceitos de uma moral leiga, enfim livre do obscurantismo e das influências dos padres [...]. Entretanto, desde antes das grandes agitações da Segunda Guerra Mundial, da expansão industrial galopante (1950-1970), alguns dão sinal de alarme: o que os professores fabricam, na realidade, não corresponde à idéia que eles têm e à maneira de falar dos discursos pedagógicos. Há um grande fosso entre o que os professores creem fazer e o que efetivamente o sistema escolar os conduz a fazer. (HAMELINE, 1973, p. 8-9).

É ainda o mesmo autor que tenta precisar em que sentido se dá esse desprestígio:

A mudança cultural que se desenrola neste momento, no conjunto das nações civilizadas, põe em causa a função docente na sua definição mesma: não é o autoritarismo de tal ou qual professor que é criticado, mas antes a utilidade mesma do ato de ensinar em geral. (HAMELINE, 1973, p. 76.)

Diante da desorientação geral, há os que melancolicamente lamentam os calmos tempos em que, ao abrigo das igrejas, os grandes mestres universitários resguardavam das multidões sua ciência, suas crenças e o seu prestígio. É o caso de Georges Gusdorf, quando nos diz que "os 'mestres' de hoje não

sabem para onde vão, quanto menos para onde conduzir seus discípulos". A sua explicação para o fato é idealista: tudo se deve a uma "crise de consciência"; tendo-se perdido sucessivamente o ideal pedagógico da Paidea grega, da Universidade Medieval e das Humanidades renascentistas (que definiam o "programa do homem de bem"), não se conseguiu ainda encontrar outro para substituí-los. Ilusório pensar que o iremos encontrar na ciência e na técnica, porque "o humanismo técnico não existe". O que existe é "ausência de um programa educativo susceptível de reunir a humanidade, de reconciliar o homem com o mundo e consigo próprio". (GUSDORF, 1967, p. 301-2).

Gusdorf chega mesmo a perceber que "A pedagogia por si mesma não faz milagres", que "a elaboração de uma pedagogia supõe de algum modo o problema resolvido", mas, na falta de uma perspectiva totalizadora que lhe permitisse perceber as íntimas conexões entre a fragmentação do que ele chama "ideal pedagógico" e as contradições socioeconômicas da sociedade, só pode propor soluções miraculosas: "algum gênio que arrancasse o mundo de hoje à fascinação e sortilégio da civilização mecânica" 2

Mas, nos mesmos anos 60, enquanto Gusdorf buscava o seu gênio salvador, outros investigadores-professores (entre os quais Bourdieu e Passeron, cujo livro **Les Héritiers** saiu em 1964) buscavam explicações mais globais para o fenômeno da crise educacional moderna.³

² Hoje poderíamos dizer, também, eletrônica.

³ Além desse livro de Bourdieu e Passeron, surge o artigo de Christian Baudelot "Rhétorique des étudiants et l'examen" (BAUDELOT, 1965). Já na década de 70, cita-se também o livro de Christian Baudelot, L'école capitaliste en France, (BAUDELOT, 1971). E, para o Brasil, um livro imprescindível de Manfredo Berger, Educação e Dependência (BERGER, 1976).

É mais uma vez, Daniel Hameline que resume os fatos:

Os anos 60 verão a hora das tomadas de consciência coletivas, a hora também de novas tentativas para romper o encadeamento fatal do ato de ensinar a um sistema escolar cada vez mais inadaptado face à origem das sociedades modernas. [...] quando se perceberá que a idéia muito bela, herdada dos fundadores da Escola Republicana, mascara com efeito a dependência, em relação aos imperativos sócio-econômicos de um sistema de ensino muito menos igualitário, justo e libertador do que se queria acreditar (HAMELINE, 1973, p. 9).

Nessa mesma linha estão os textos de Georges Snyders, que culminam no livro de 1973 (**Où vont les pédagogies non-directives?**). Assim, por exemplo, se Gusdorf frequentemente descreve com pertinência os fenômenos (mostrando como "a função docente dissociou-se em especialidades cada vez mais estreitas, o especialista acantonou-se em seu canto; isolado dos vizinhos, encarregado de transmitir um saber fraccionado [...] incapaz de compreender a significação e o valor do que ele faz" (GUSDORF, s.d. p. 305), não vai além da constatação empírica, enquanto Snyders busca, para o mesmo fenômeno, explicação que se apoia em uma teoria da sociedade como um todo:

É, antes de tudo pelo não-dizer que a escola serve o regime estabelecido [...]. É a recusa da cultura que permite à burguesia assentar sua exploração e não a extensão da cultura [...]. É precisamente para não falar do essencial que se desvia a atenção sobre uma "massa de conhecimentos inúteis, supérfluos, sem vida [...]. A escola só pode ser morna cortada dos interesses dos alunos (SNYDERS, 1973, p. 304).

O que foi dito aqui vale para o ensino, em geral, mais especificamente para os dois primeiros graus. Entretanto, a

Universidade também paga seu tributo à desvalorização do professor, considerando quase sempre o ensino como sua função menor, em relação a uma supervalorização do que chama (mas nem sempre é) investigação.

Vladimir Kourganoff, astrofísico francês, professor na Universidade de Paris-Sud, dedica um livro inteiro à tentativa de desvendar o que ele chama a "cara oculta da Universidade", que tem muito a ver com o esquecimento em que frequentemente é deixada a questão do ensino nessa Instituição. Seu ponto de partida são perguntas como esta:

Não é chocante ver que a maioria dos docentes-investigadores consideram que uma de suas funções, a de investigador, é prestigiosa, importante, exaltante, enquanto a outra, a docente, é desprovida de todo interesse? (KOURGANOFF, 1972, p. 101).

Polêmico, às vezes demasiado esquemático, Kourganoff não deixa de colocar o dedo em questões fundamentais, quase sempre obliteradas pelo discurso universitário. Embora sejam simples como a anterior, ou como esta outra: "é do ensino que, em última instância, se vive na Universidade mas é exclusivamente pela pesquisa que se ascende na carreira" (KOURGANOFF, 1972, p. 101).

Nessa defesa do ensino transpira, entretanto, um certo desprezo pela pesquisa. E a análise beira o maniqueísmo. Kourganoff acaba postulando uma discutível incompatibilidade de base entre a investigação e o ensino como atividade de uma mesma pessoa. Vejo aí o perigo de esvaziar o professor de conteúdos próprios, transformando-o em simples repetidor de pesquisas alheias.

O assunto (ruptura entre ensino e pesquisa) tem sido objeto de muitas discussões, especialmente depois de 1968, na França.⁴ E todas elas acabam apontando para essa separação drástica entre o pesquisador e o professor, como sendo uma das principais causas da esclerose do ensino em todos os graus.

Em Letras, pelo menos, a experiência nos diz que a pesquisa é o alimento do professor, o que é mais ou menos um consenso. Mas, embora disso já não comparta a opinião geral, eu diria que a recíproca é também verdadeira: o ensino é, em muitos casos, o alimento do pesquisador.

Descontando, portanto, um certo dogmatismo de Kourganoff em relação à pesquisa não podemos deixar de admitir o que, no seu livro, vai contra o mito da "investigação" quando esta conduz não a conquistas do conhecimento, mas à simples promoção pessoal dos "investigadores" e à carreira desenfreada, às publicações que engordam currículos. "Publicar ou perecer" é de fato, o *slogan* que retumba na cabeça dos universitários, hoje, no mundo inteiro, onde se impõe cada vez mais o modelo americano de Universidade. Mas, se Kourganoff desvaloriza, de certo modo a pesquisa, para supervalorizar o ensino, encontramos a posição contrária, quase simetricamente oposta, em um texto bastante diferente, cuja sutileza não consegue ocultar o menosprezo pelo professor universitário. Trata-se do

Aludo especialmente aos trabalhos que se seguiram ao Colóquio de Cérisy-La-Salle (1969), sobre **O Ensino da Literatura** (Paris, Plon, 1972), como os do Colóquio de Strasbourg, de 1975 (MANSUY, 1977), os estudos do grupo da revista **Pratiques** (Metz) e da revista **Littérature** (especialmente os n. 7 e 19); a discussão dos problemas relativos ao ensino da literatura e o relato de experiências de vários grupos franceses, em Poétique, 30, ou a livros isolados, como o de France Vernier, **L'Ecriture et les Textes** (VERNIER, 1974). E deixo aqui os meus agradecimentos a um colega da Universidade Estadual de Campinas, atualmente em Paris, preparando um estudo sobre os manuais de literatura, porque comigo compartilhou os dados bibliográficos sobre o assunto, indicando e, muitas vezes, emprestando, livros e revistas. Seu nome: José Dias (Faculdade de Educação/Unicamp).

texto de Maurice Blanchot, "O pensamento e a exigência de descontinuidade" (BLANCHOT, 1969, p. 1-11), em que defende a descontinuidade como fator imprescindível ao livre e pleno desenvolvimento do pensamento filosófico. Descontinuidade que é sistematicamente negada, segundo ele, pelo pensamento filosófico, quando esse é produto da Instituição universitária, ou seja, quando o filósofo é também professor. Porque a forma desse pensamento é a "exposé", "dissertação escolar e universitária" (BLANCHOT, 1969, p. 3).

Assim, segundo Blanchot, dos gregos aos tempos modernos, coexistem duas correntes de pensamento. A do fragmento (pontilhada pelos nomes de Heráclito, Platão, Pascal, Nietzsche, Bataille, René Char) e a da linguagem esférica, contínua: de Parmênides a Kant e Hegel. O tempo de Hegel seria o tempo alto desse pensamento contínuo, produto da Universidade.

Submeter-se a isso teria como consequência direta uma filosofia que descarta o momento da descontinuidade e privilegia a síntese, o que formalmente se traduz pela "monotonia do desenvolvimento em três tempos" e institucionalmente, pela identificação "da razão com o Estado" e da "sabedoria com a Universidade" (BLANCHOT, 1969, p. 3).

Já o pensamento descontínuo respeitaria a distância radical que define a relação mestre-discípulo, assim entendida:

O mestre representa uma região absolutamente outra do espaço e do tempo; isto significa que há por sua presença, uma dissimetria nas relações de comunicação [...] o mestre não é, portanto, destinado a fazer desaparecer o campo das relações, mas a agitá-lo; não facilitar os caminhos do saber, mas em primeiro lugar a torná-los não somente mais difíceis, mas propriamente infranqueáveis, o que a tradição oriental da maestria mostra bem (BLANCHOT, 1969, p. 5).

O pensamento contínuo da filosofia universitária achataria essa relação, reduzindo-a a uma relação simples e linear que no fundo, se constitui em uma relação de poder:

O desconhecido se confunde com a pessoa do mestre e é então seu valor próprio, seu valor de exemplo, seus méritos de Guru e de Zaddik (sua transcendência de mestre), não mais a forma do espaço interrelacional de que ele é um dos termos, que se torna princípio de sabedoria. (BLANCHOT, 1969, p.5-6).

O sábio, aceitando desaparecer na Instituição, achataria igualmente a Filosofia no discurso professoral:

A palavra que ensina não é em nada aquela que a estrutura mestre/discípulo nos revelou própria a se abrir sobre uma ruptura fundamental, mas ela se contenta com a tranquila continuidade discursiva. [...] o filósofo transformado em professor, determina um achatamento visível da Filosofia (BLANCHOT, 1969, p. 8-9).

Embora ressalvando que não há intenção pejorativa de sua parte, em relação ao pensamento universitário, Blanchot se inclina decisivamente para o filósofo marginal à Universidade. Sua opção parece ser por uma espécie de filósofo puro, não contaminado pelo professor, o que não deixa de ser contraditório. Nietzsche é seu exemplo máximo. E não é sem certo pesar que reconhece: "E, entretanto, o filósofo não pode mais evitar de ser professor de filosofia". Admitindo que Kierkegaard "engendra grandes universitários", lembra também que muitas das questões fundamentais e das obras máximas da História da Filosofia nasceram vinculadas a um trabalho de professor (citando, por exemplo, o caso de Heidegger, cuja obra é em grande parte feita de cursos e trabalhos universitários).

Pela simples razão de que nos lembra fatos como esse (da história da Filosofia e da Universidade), Blanchot acaba por nos fornecer argumentos contra a separação exagerada entre o ensino e a pesquisa, tal como é feita por Kourganoff. Curiosamente, porque, ao contrário das intenções do seu texto (que, no fundo só admite a verdadeira pesquisa fora da Universidade), ele nos permite pensar que as duas atividades (ensino e pesquisa) não devem ser tão incompatíveis assim, se andam juntas há tanto tempo, exercidas por tantos pesquisadores e ilustres professores.

Mesmo porque sua tese do rebaixamento da Filosofia pelo discurso universitário é altamente discutível. É o que começamos a perceber quando observamos que, sob uma aparente objetividade, e sob um aparente anti-hegelianismo, seu texto esconde uma ideologia idealista e "hegeliana". Toda a história da filosofia é aí vista de maneira linear e, na linha traçada, todas as peças se ajuntam, para desaguar em Hegel. O discurso universitário é visto de maneira monolítica, sem contradições possíveis. Em nenhum momento se aponta para a possibilidade de uma luta interna à Instituição. A filosofia aí produzida tem que necessariamente ajustar-se à visão de mundo dominante na Universidade. Por outro lado, há o desejo de resgatar a "pureza" da Filosofia, desejo que se apoia em uma apologia do fragmento, visto como o verdadeiro achado da modernidade, que, por sua vez, é concebida, (aqui, como em outras obras de Blanchot), como o tempo ideal para o qual convergem todas as conquistas do pensamento. Se quiséssemos fazer caricatura, diríamos que, do fundo do texto de Blanchot, brota este grito paródico: Adote um filósofo, antes que ele se torne professor. Mas, afinal como garantir que o fato de ser produzida na Universidade condene a Filosofia, necessariamente, a se identificar à Instituição e a identificar Razão e Estado? Quem pode afirmar que, dentro da Instituição, a única relação possível entre mestre e discípulo é a do Guru para o fanático? Não dependeria tudo, em grande parte, da visão da Instituição que se tenha, de quem a Instituição serve, a que e a quem se serve dentro, pela e até, apesar da Instituição? O mínimo que podemos pensar, à medida que conseguimos penetrar um pouco a trama bem tecida do ensaio de Blanchot, é que, felizmente, as coisas são bem mais contraditórias do que ele pensa.

2 O ato pedagógico, modernidade e crítica

A palavra do mestre é uma palavra mágica. Ao apelo de um espírito outro espírito desperta: pela graça de um encontro, uma vida foi mudada.(GUSDORF, 1967, p. 301).

A citação acima dá o tom geral desta segunda parte, porque, mesmo aceitando as críticas que lhe são feitas – sobre a maneira idealista de conceber a relação mestre-discípulo como "encontro de eleitos"; sobre o consequente desprezo pelo aluno "médio" e pelo professor "médio", que seriam naturalmente menos dotados e, portanto, não alcançariam definir essa relação privilegiada; sobre a "imagem romântica (que fornece) do trabalho do intelectual como criação livre e inspirada" –5 não podemos negar que consegue pôr o dedo em certas questões importantes, que a Sociologia da Educação não esclarece, e das quais destaco as seguintes:

 é inegável que, na história de cada um de nós, há professores que nos marcaram mais que outros;

⁵ Ver Daniel Hameline (1973, p. 16-17), "Documentos".

- é inegável que, se assim foi, é porque nos souberam conduzir, através do estudo de disciplinas específicas, a formulações (parciais, mas decisivas) de valores e princípios norteadores de um destino;
- é inegável que, "o ato pedagógico, em cada situação particular, ultrapassa em muito os limites dessa situação particular, para pôr em causa a existência pessoal no seu conjunto" (GUSDORF, 1967, p. 18),
- e, razão mais subjetiva, mas nem por isso menos verdadeira: mestres há, porque eu conheço pelo menos um.

Assim, uma vez "demonstrado" que existem mestres, podemos tentar resgatar, com Gusdorf, o que resta de mágico e de poético na figura desse herói degradado: o professor.⁶

Se podemos conceber o professor como um agente dos aparelhos ideológicos do Estado (Althusser), podemos também vê-lo simultaneamente como um aprendiz de feiticeiro. Em que medida isso não é uma simples justaposição de termos incompatíveis, espero deixar claro até o final.

Enquanto aprendiz de feiticeiro, o professor vislumbra brechas para uma ação transformadora dentro da Instituição, porque o professor moderno traz o rastro do xamã primitivo:

Depositário das tradições sagradas, mestre dos rituais de iniciação, o xamane, o feiticeiro, homem-medicina,

⁶ Utilizamos aqui indistintamente a palavra "mestre" e a palavra "professor", mesmo sabendo que, para Gusdorf, entre outros, elas se distinguem radicalmente. Porque gostaríamos de relativizar a distinção. Se é certo que nem todos os professores são mestres; se é certo também que nem todos os mestres são professores, poderíamos dizer, para ficar só no âmbito escolar, que, em certa medida, todo o professor que não se limite a ser mero repetidor, é mestre, levando em conta que há diferentes graus de maestria. Um professor, que trabalhe e estude seriamente, será, de certa forma, mestre, porque faíscas do seu amor pelo que faz acabarão contagiando diferentemente, mas perenemente pessoas pela vida à fora, o que já é criar discípulos, mesmo sem atiçar grandes fogueiras.

é o primeiro de todos os mestres-escolas do gênero humano. (GUSDORF, 1967, p. 271).

Mas esse rastro não oblitera diferenças essenciais. Diferenças que teriam começado a aparecer desde o momento em que a Humanidade entra na Era da escrita. Com a invenção da escrita e com a descoberta de culturas variadas no tempo e no espaço, segundo Gusdorf, "o encontro educativo situa-se no centro de um espaço intelectual cujos limites se alargam sem fim no espaço e no tempo". (GUSDORF, 1967, p. 271). A partir daí, o espírito torna-se crítico. O mito é insuficiente. "Constitui-se um saber cuja tarefa é reunir e criticar todos os testemunhos do homem sobre o homem" (GUSDORF, 1967, p. 271). Sócrates e os sofistas teriam sido os primeiros mestres, que teriam ensinado aos discípulos "o exercício radical da crítica e da inteligência". (GUSDORF, 1967, p. 104). O mestre dessa nova era não seria o xamã, como autoridade incontestável, porque, atingido irremediavelmente pela dúvida, sabe que a sua não é a única verdade. Aprende o relativo e, com ele, a liberdade do discípulo e a negação de si mesmo como a sua lição mais importante. Símbolo desse mestre cuja última lição é o apagarse como mestre seria Sócrates, falando aos discípulos, no Fédon, de Platão: "Quanto à vós, se me quereis acreditar, não façais grande caso de Sócrates, mas muito mais, da verdade" (apud GUSDORF, 1967, p. 173). Assim, literalmente, morrendo para seus discípulos, o mestre exigiria até o fim o rigor crítico para com suas últimas lições, porque não desejaria ir-se "como abelha, deixando o ferrão". (GUSDORF, 1967, p. 104).

O mestre tem a consciência da distância radical que o separa do discípulo, o que não lhe permite nem adotar a posse de uma igualdade demagógica, nem cair no autoritarismo. Um

mestre sabe que suas lições se assentam sobre um paradoxo: sua palavra "o oculta tanto quanto o exprime". Porque "uma idéia traz a marca daquele que a pensou: o sentido dela estabelece-se pela sua inserção no conjunto de uma paisagem mental indissoluvelmente ligada à totalidade de uma vida". (GUSDORF, 1967, p. 104). Mas, mesmo assim, um mestre sabe que é modelo, e aceita ser modelo, porque isso não quer dizer, necessariamente, que seja autoritário:

Fará viver aos alunos uma experiência de continuidade com sua vida, embora lhes apresentando modelos, sem temer o que o termo comporte de perfeição e de ruptura fara do quotidiano. A partir do momento em que o modelo realiza esse tipo de ligação, a relação do aluno ao modelo pode ser de submissão sem servilismo nenhum (GUSDORF, 1967, p. 352).

E, por falar em modelo, meu mestre sabe que:

[...] para tomar posse de si mesmo, para reencontrar a força de pensar por si mesmo (o aluno) tem necessidade de um modelo, que o tire das facilidades, das aproximações costumeiras (SNYDERS, 1973, p. 353).

Meu mestre sabe que "a invenção é descoberta a partir do que os outros já estabeleceram. Não é cópia mas reviviscência em mim do que o outro sentiu". (SNYDERS, 1973, p. 352).

Meu mestre sabe que:

O modelo pedagógico não é precisamente um dado [...], mas uma fonte, uma estimulação em que cada um se inspira segundo finalidades que persegue, descobrindo que essas finalidades elas mesmas são modificadas, enriquecidas pelo encontro com o modelo. (SNYDERS, 1973, p. 353).

Meu mestre sabe que:

O risco pedagógico, o risco de induzir os alunos em erro ou de pesar arbitrariamente sobre sua vontade para dirigi-los em direção ao que nós pensamos ser verdadeiro, esse risco é a definição mesma do ensino – e se nós devemos sem descanso trabalhar para reduzilo não há, apesar disso, nenhum meio de o suprimir: o ceticismo mole, a indecisão, a recusa de escolher, consistem também em tomadas de posição; conduzir os alunos aí não é menos comprometedor (SNYDERS, 1973, p. 353).

Mas, meu mestre sabe, como Gusdorf, que na Universidade, "Todo mestre traz em si a sombra de um potentado" (GUSDORF, 1967. p. 161), e que "A vontade de poderio habita também os sábios, sejam eles quais forem" (GUSDORF, s.d. p. 163), e que "O respeito natural pela hierarquia estabelecida assegura uma fácil eminência ao mestre" (GUSDORF, s.d. p. 162), e, ainda, que "A defesa das posições adquiridas contra eventuais recémchegados é apenas um aspecto da polemologia universitária" (GUSDORF, s.d. p. 167). Meu mestre sabe, finalmente, que "[...] quem não é capaz de edificar uma obra constrói uma carreira, segundo os caminhos e os meios da arte do arrivismo calculadamente prosseguidos". (GUSDORF, s.d. p. 163). Por isso, sua melhor arma contra a "mornura" da Instituição é o seu trabalho. Por isso, em vez de fugir à Instituição para manterse "puro", como quer Blanchot, aí permanece e aí constrói sua obra. Por isso não permite que a Instituição "dê forma ao seu pensamento" e, ao contrário, "por virtude do muito imaginar", concorre muitas vezes à reforma da Universidade. Por isso, ainda, não recusa os títulos e privilégios que, na Instituição, conquista, usando-os sempre em favor dos interesses do "baixo clero". E também por isso, em meio às perseguições, intrigas,

Veja-se, por exemplo, para avaliar a pertinência de expressão "clero", as histórias que nos conta Jacques le Goff em Os Intelectuais na Idade

bajulações e manobras, nesse espaço minado em que "viver é muito perigoso", o moderno xamã vai passando ileso, corpo fechado "no meio do redemoinho". Fingindo que não vê as intrigas se armando e os golpes se formando, deixa supor-se candidamente enganado e vai dando a todos uma lição de astúcia e humanidade. Recusando-se a cair na paranóia geral que faz ver no vizinho um possível traidor, prefere ver no traidor de hoje o colega solidário de amanhã. Por isso conserva a serenidade para produzir intelectualmente e atuar politicamente nessa mesma Instituição da qual é o mais alto servidor e o inimigo mais severo. Um perigo; mas que ela acolhe e rejeita indefinidamente, porque dele depende seu prestígio e sua história. Porque meu mestre sabe que uma Universidade que se preze não se faz sem mestres.

3 É tempo de recapitular

Uma vez "demonstrado" que o mestre existe, uma vez estabelecida a natureza das suas relações com os discípulos, e uma vez descrita a forma como se faz a sua inserção na Universidade, é preciso sondar mais de perto a natureza da sua relação com o seu trabalho, sua obra pessoal de investigação, o alimento constante da sua vida de mestre.

Para começar, sirvo-me novamente de GUSDORF:

O mestre, antes de surgir como modelo para os outros é aquele que a si próprio se encontrou. Porque a si próprio

Média (LE GOFF, 1973). Aí vemos que a Universidade Moderna tem muito ainda das Universidades medievais, onde também eram comuns as manobras para "destronar" uns aos outros, para conservar ou conquistar privilégios. Veja-se, por exemplo, a história de Abelard, o arquétipo do professor Universitário parisiense, de como conquista o posto de seu mestre Guillaume (cf. LE GOFF, 1973, p. 42-43).

se conquistou. É aquele que ganhou sua vida e essa é a mais evidente lição de sua força (GUSDORF, 1967, p. 115).

Por isso mesmo não podemos concordar inteiramente com o mesmo autor, quando diz que (sublinho o que acho discutível):

Mas em qualquer desses casos, quando a fidelidade da memória está garantida, é preciso reconhecer que ela se liga a qualquer coisa que se situava fora do saber propriamente dito e contava mais do que ela. O saber fornece a ocasião ou pretexto do encontro [...] Para além da reflexão sobre as vias e os meios do ensino especializado, abre-se-nos a possibilidade de uma outra investigação que, como uma pedagogia da pedagogia, se exerce sobre a investigação dos processos secretos, graças aos quais, fora de todo o conteúdo particular, se cumpre a edificação de uma personalidade e se processa um destino (GUSDORF, 1967, p. 120).

Nessas afirmações, o saber é descartado muito rapidamente. Eu diria até que com certa leviandade. E prefiro considerar que a maestria se faz pelo aprofundamento de um saber determinado, "para o fundo de", e não "para além de" ou "fora do", como quer Gusdorf. O mestre só é tal pelo crescente domínio que adquire de um saber particular. Negar isso é conceber uma pedagogia desvinculada de um conteúdo, inteiramente formal, portanto. É preciso, ao contrário, reconhecer com Kourganoff, que:

Fazer-se compreender é um problema de competência em uma disciplina dada, antes de ser um problema de comunicação no mero sentido psicológico (KOURGANOFF, 1972, p. 84).

No caso dos professores de Letras, a frequente desvinculação entre a pesquisa pedagógica e a pesquisa teórica sobre a natureza e função da literatura (ou, em muitos casos, a inexistência de uma reflexão séria nos dois campos), tem dado alguns curiosos paradoxos:

- o professor de Letras é capaz de paralisar, mesmo quando ensina que a literatura pode conduzir o leitor a conhecer e a agir;
- o professor de Letras, mesmo quando ensina teoricamente que a literatura pode ser fonte de prazer, arrisca matar o prazer pelo seu discurso asséptico, que distancia os alunos do texto literário;
- o professor de Letras, mesmo quando ensina que a literatura é criação verbal, pode abafar a expressão do aluno com formulações pré-fixadas;
- o professor de Letras, mesmo quando ensina que a literatura é também ideologia, frequentemente a sacraliza, levando o aluno a sacralizá-la, pela relação passiva que este acaba tendo com os textos.

Falta-nos, pois, todo um trabalho para determinar a natureza e a função do objeto de nossas aulas e pesquisas: a literatura. Falta indagar a que serve o seu ensino: como ele serve à Instituição e como e a quê nós queremos que ele sirva dentro dela. Falta vencer a autocensura e deixar que as questões óbvias se imponham: Para quem ensino literatura? Para que ensino literatura? Que interesses meu trabalho defende? Que interesses pretendo eu que ele defenda? Em que direções aprofundar minhas pesquisas? Em que direções planejar minha atividade didática? Pedagogia supõe transformação: em que sentido meu trabalho transforma? A mim? aos alunos? Quem são os alunos? Qual o seu repertório? Qual a sua situação de classe? Qual a consciência que eles têm como aluno? Quais as expectativas a que gostariam que eu correspondesse? Quais as expectativas que eu gostaria de suscitar neles? Etc.8

339

⁸ Essas e outras questões semelhantes poderiam se referir a outras disciplinas

Esse trabalho levaria a reconsiderar em profundidade o lugar que a literatura ocupa na sociedade, em geral, e no ensino, em particular. E essa simples frase encerra um vasto programa de investigação, que eu não poderia ter a pretensão de desenvolver aqui. Mesmo porque não se trata de começar do zero. Muito desse programa já foi cumprido exatamente por certos professores que, mesmo no Brasil, mergulharam fundo nas questões intrincadas do "texto e ideologia", "literatura e sociedade", "escritor e público", "literatura e formação do homem", entre outras.

Contrariamente a certa maneira idealista de encarar o fenômeno literário (que postula, por exemplo, a ligação necessária entre a obra esteticamente bem realizada e a obra socialmente revolucionária), um trabalho dessa natureza estaria consciente de que as relações entre literatura e sociedade e, mais especificamente, entre literatura e ideologia são extremamente contraditórias.

Um professor de Letras teria, assim, consciência do papel nem sempre revolucionário da literatura, mas saberia também que, apesar disso:

Não há, sem dúvida, nenhuma grande obra que não seja susceptível de uma reavaliação crítica, que não tenha um papel a desempenhar nessa reavaliação crítica – a partir da qual ela toma uma significação que vai além dos limites da sua classe, ela se torna meio, para as classes dominadas, de chegar à lucidez (SNYDERS, 1973, p. 351).

Um professor de Letras interpretaria, assim, "as obras dos grandes homens (hoje eu diria: e mulheres) à luz das aspirações populares", procuraria "nas obras dos grandes homens (idem), em

e a seus respectivos objetos e métodos.

que medida respondem às aspirações populares", — "e em que medida também acontece que lhes sejam infiéis". (SNYDERS, 1973, p. 351).

Como a educação se dirige à personalidade inteira, à afetividade e à inteligência, o professor de Letras poderia perguntar-se, entre outras coisas:

[...] como ensinar a literatura de tal modo que as emoções dos poetas se incorporem às emoções vividas dos alunos e lhes comuniquem alguma coisa da sua sutileza, amplitude, brilho (SNYDERS, 1973, p. 351).

Um professor de Letras levaria em conta o fato de que os escritores podem preencher uma "função educativa nacional", como a chamaria Gramsci. Por isso, não se limitaria a exercer uma crítica normativa, nem a trabalhar as grandes obras isoladamente. A crítica a exercer seria, então, muito mais "positiva", e a história da literatura que fizesse seria encarada como uma parte, ou um aspecto da história da cultura. E um professor de Literatura seria também um crítico, no sentido de que não teria medo de atirar-se ao estudo das obras do presente, das tendências da literatura contemporânea, mesmo que elas não revelem produções ao nível da literatura já consagrada.

Consciente dos contrastes entre os diversos tipos de cultura, inclusive entre a cultura que ele representa e a representada por seus alunos, tornar-se-ia capaz de viver uma e outra (SNYDERS, 1973, p. 350).

Enfim, da relação crítica e aprofundada que esse mestre das letras mantém com a sua disciplina específica, desse grande saber, longamente acumulado e assimilado em uma existência feita de reflexão e de leitura, resulta que eu me limito aqui mais a apontá-lo que a descrevê-lo, pois, discípula que sou, reconheço a

distância radical que me impede o resumo ou a repetição. Apenas gostaria de acentuar que faz parte desse "saber" o reconhecimento dos seus próprios limites. Sendo assim, meu mestre não tem a pretensão de buscar sozinho soluções miraculosas para a ausência de projeto pedagógico na escola moderna. Em vez de sonhar com um gênio salvador, como Gusdorf, prefere considerar que tal projeto não pertence a um homem só, e, enquanto espera que ele seja definido coletivamente, vai fazendo o que pode, explorando a literatura como forma de resistência possível em tudo aquilo que ela tem de contra. Até que dias melhores existam, em que possamos definir a favor do quê estaremos colocando o nosso pensamento e a nossa ação, nossas pesquisas e as nossas aulas, norteadas por um "ideal pedagógico" mais coerentemente definido.9

No final dos anos 1970, foi necessário lembrar que a definição de qualquer pedagogia, pelos professores de então, não poderia ignorar um fenômeno que era fator determinante na crise que vivíamos: o fenômeno da democratização, da escola em geral, da Universidade, em particular, com a chegada dos chamados excedentes, que reivindicavam mais verba para a Universidade, da qual, mesmo tendo média para entrar, ficavam de fora, porque não havia vagas suficientes. E alertar para o fato de que, em nada avançávamos ao rotular o processo de democratização que o ensino vivia aos trancos e barrancos, mas vivia, como sendo um processo de massificação. Recorrer a esse expediente seria apenas uma forma de confessar a nossa incapacidade de adaptar a escola às novas condições sociais que ela exigia e exibia. O que seria querer ridiculamente parar a História, em nome de um "alto padrão" de cultura a defender, de uma Universidade de

342

⁹ Candido (1978).

elite a conservar. Hoje poderíamos pensar por aí a recusa das elites e de setores conservadores das classes medias, diante do aprofundamento desse processo de democratização nos governos Lula e Dilma, com a ampliação da rede universitária no País e novas medidas de inclusão, tais como as bolsas do Pró-Uni e a introdução das quotas. Nesse sentido, tudo estava por inventar (e talvez, agora, por reinventar). Começando pela forma de conceber a aula, a pesquisa, e as relações mestre/discípulo.

Em uma universidade em tempo de democratização não cabia, mas tampouco cabe agora, no tempo do novo desmanche da democracia, a aula unicamente conferência, nem o mestre unicamente fala, tal como o conhecemos tradicionalmente, tal como o definem Blanchot e Barthes, cada um a seu modo: "A relação do mestre ao discípulos é a relação mesma da palavra, quando nesta o incomensurável se faz medida e a irrelação, relação." (BLANCHOT, 1969, p. 5). "O que se segue decorre da idéia de que há uma ligação fundamental entre o ensino e a fala". (Barthes, 1975, p. 25). Mas há falas e falas. A do mestrexamã não é o discurso que vem do alto da cátedra e do fundo da tradição clássica, mas é parente da fala mansa e bela dos contadores de história.¹⁰

De qualquer modo, a exigência de atualização da escola implica em uma distribuição da fala que desloca a relação mestre/discípulo para uma relação de grupo, em que o mestre se inclui quando baixa do palco, reinaugurando o gesto-símbolo de Celestin Freinet.¹¹ Postular isso é, de certa forma, negar o mestre

É bom lembrar também que um mestre não é somente fala, como dão a entender os teóricos da maestria. É também um corpo. Uma voz, por exemplo. O esquecimento disso pode ser catastrófico. Para ficar com dois extremos: da voz esganiçada, que, à força de se fazer ouvir não deixa escutar, à voz macia, encerrada em si-mesma que, em uma classe de cem alunos, chega apenas à primeira fila.

Professor primário francês que, na década de 20, em sua pequena escola de província, retirou o estrado destinado ao professor em sua sala, para

tal como o vimos definindo. Mas, se "o mais alto ensinamento do mestre é apagar o que ensinou e depois apagar-se a si próprio aos olhos dos dicípulos", a negacão do mestre é a maior homenagem que lhe presta um discípulo. Mesmo porque, meu mestre sempre soube que "O professor universitário é o último tutor, a última segurança diante das solidões da vida em que cada um tem que assumir as suas próprias responsabilidades". (GUSDORF, 1967, p. 66).

Dessa forma, a negação do mestre é, ainda, reflexo das lições apreendidas. Porque um mestre pouco a pouco vai cortando o cordão umbilical àqueles que se obstinam em se perpetuar como discípulos. É a lição mais dura de aprender. É a lição mais triste de ensinar. Negar-se como mestre é recusar-se a representar, pelo cultivo de um séquito extemporâneo, a paródia do vivido. "O mestre é, pois, e necessariamente, um homem só". (GUSDORF, 1967, p. 66).

O texto de 1979 terminava assim. Hoje eu acrescentaria, explicitando e pensando retrospectivamente, que Antonio Candido, superprocurado, supervisitado e apreciador da boa conversa, para o que sempre se mostrava disponível com amigas e amigos, incluindo ex-alunas e ex-alunos, também sabia ser só e, na hora da partida, soube despedir-se com tranquilidade, assumindo, no trabalho concentrado consigo mesmo, a solidão original, própria do nascimento e da morte.

Foi talvez essa sua última lição.

Referências

BARTHES, Roland. Escritores Intelectuais Professores e outros ensaios. Lisboa: Presença, 1975.

construir com ele uma mesa, onde instalou o material de imprensa com que, revolucionariamente, alfabetizava seus alunos. Cf. Freinet (1969).

BAUDELOT, Christian. L'école capitaliste en France. Paris: Maspero, 1971.

BAUDELOT, Christian. La Rhétorique des étudiants et l'examen. In: BOURDIEU, P. **Pedagosique et Communication.** Paris: Mouton, 1965.

BERGER, Manfredo. **Educação e Dependência.** Porto Alegre: Difel/URGS, 1976.

BLANCHOT, Maurice. L'entretien infini. Paris: Gallimard, 1969

BOURDIEU, P.; PASSERON, Jean-Claude. Les Héritiers. Ed. de Minuit, 1964.

CANDIDO, Antonio. A Cultura do contra. **Folha de São Paulo**, São Paullo, julho, 1978.

FREINET, Elise. **Naissance d'une pedagogie populaire**. Paris: Maspero, 1969.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

HAMELINE, Daniel. Maîtres et élèves. Paris: Hachette, 1973.

KOURGANOFF, V. La cara oculta de la Universidad. Buenos Aires: Ed. Siglo XX, 1972.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média.** Lisboa: Estudios Cor, 1973.

MANSUY, Michel (org.). L'enseignement de la littérature, crise et perspectivas. Paris: Nathan, 1977.

SNYDERS, Georges. **Où vont les pedagogies non-directives?** Paris: PUF, 1973.

VERNIER, France. L'Ecriture et les Textes. Paris: Éditions Sociales, 1974.



Notas sobre a "Ocupação Antonio Candido"

Walnice Nogueira Galvão*

O homem não teria alcançado o possível se, repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível (Max Weber)

A celebração do centenário de Antonio Candido, grande intelectual falecido em 2017, foi motivo para muitos eventos: na Fapesp; no Sesc; na Escola Nacional Florestan Fernandes do MST, que batizou com seu nome a biblioteca; na Bienal do Livro; na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, *alma mater* do professor, cujo prédio de Letras recebeu igualmente seu nome. No conjunto, as falas de antigos alunos, admiradores e estudiosos examinaram as múltiplas vertentes em que se notabilizou: crítica literária, investigações sociológicas, militância política, entrevistas sobre a atualidade, livros que escreveu, ou ainda o mestre e orientador de teses, e assim por diante. Não só o grande intelectual, mas o ser humano afável e de cortesia impecável foi focalizado em suas preferências pessoais, seus laços afetivos e seus hobbies.

Entre congressos, seminários, simpósios, livros e números especiais de revistas, destacou-se uma exposição no Itaú Cultural, à Av. Paulista, intitulada: "Ocupação Antonio Candido – O direito à literatura". Toma emprestado ao crítico o título de um de seus mais importantes ensaios, aquele que advoga em

^{*} Professora Emérita da FFLCH-USP.

favor da extensão do direito à beleza, às artes e à literatura a todos os seres humanos. Não é justo, argumenta ele, que seja privilégio de poucos.

Contemplou-se ali, e pela primeira vez, uma amostra de seu acervo pessoal de documentos, fotografias, cadernos de anotação, esquemas de aula, manuscritos de trabalhos, recortes, cartas etc.: fala-se em 45 mil itens textuais, 5 mil fotos e 800 discos/fitas cassete. O Fundo Antonio Candido foi transferido para o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) sob o patrocínio do Itaú Cultural, para receber tratamento técnico que o habilite a ser aberto à consulta. A presente Ocupação vem a ser a 40ª executada pela equipe do Itaú Cultural, sempre competente, formada por ases na pesquisa e com veterano senso de expografia. Foi cocuradora do evento Laura Escorel, neta do professor que vem provar já ser uma especialista no acervo do ilustre avô. No momento, prepara mestrado em História da Arte, sobre justamente a parte fotográfica da coleção.

Ofereceram-nos uma impressionante mostra de fotos, representativas das várias fases da vida de Antonio Candido, desde criança. As fotos proveem sequências narrativas. Assim o vemos no seio da cultura caipira, realizando no Noroeste de São Paulo a pesquisa de campo para a tese de doutoramento em Sociologia, **Os parceiros do Rio Bonito**.

Vemos também ecos de sua temporada de três anos na Faculdade de Assis (Unesp), episódio pivô em sua vida profissional, quando se transferiu do magistério de Sociologia que exercia como assistente na Faculdade de Filosofia da rua Maria Antonia, para a Literatura – como tanto desejava. Sua vida intelectual até então era dupla, porque o professor de Sociologia se desdobrava como crítico literário com rodapé de jornal desde os anos 40, já com livros publicados nessa especialidade.

Outras o retratam no ambiente doméstico, com a esposa Gilda, filhas, netos; ou então na infância, com os pais e irmãos. E ainda outras em atividades variadas fora do meio universitário, entre escritores, intelectuais, amigos em geral.

Da Ocupação constaram vídeos com suas entrevistas passando sem cessar, com fones de ouvido à disposição dos visitantes.

Entre os papeis, vimos cópias de suas mais antigas publicações, já bem amareladas, tanto em jornais noticiosos quanto em revistas universitárias. Assim como cópia de artigos com emendas em sua própria caligrafia, para futuro aproveitamento.

Entre as publicações, além de primeiras edições dos livros, há exemplares das revistas em que atuou como membro da comissão editorial, a exemplo de **Clima** e **Argumento**. E livros alheios, com dedicatórias dos mais destacados escritores coevos.

Foi ainda providenciada uma escrivaninha com cadeiras ao redor; sobre ela jazem vários livros e cópias de trabalhos de Antonio Candido, inclusive manuscritos, para manuseio livre. Por trás, num nicho, sua máquina de escrever.

Espalharam-se exemplares, em vitrines, de seus famosos cadernos manuscritos, de um total de cerca de 90, dizem uns, ou então 126 se incluirmos as cadernetas, dizem outros.

No capítulo correspondência, encontra-se uma troca representativa de seu feitio, modesto grande homem que era. São três cartas lado a lado. A primeira, de João Pedro Stédile, dirigente do MST, pede permissão para dar o nome dele à biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes. Na réplica, Antonio Candido se esquiva, com o argumento de que sempre foi contra dar nome de vivos a ruas ou instituições: como

contradizer-se agora? Sugere o nome de Celso Furtado, mas aceita participar e fazer palestra na inauguração, o que de fato fará, em 2006. A tréplica de Stédile diz que a biblioteca ficará sem nome. Não ficou: agora já se chama "Antonio Candido".

* * *

Esse paladino da utopia cedo começou a atar as filigranas entre a literatura de seus amores e a militância política. Foi esporeado pela ditadura Vargas que abordou, senão as leituras socialistas, ao menos o ativismo em movimentos de resistência, quando ainda estudante.

Depois, ao criar a legendária revista **Clima** com outros alunos da Faculdade de Filosofia da USP, definiria a vocação de crítico literário, no bojo das vocações do grupo de amigos mais próximos, todos de convicções socialistas: Paulo Emílio Salles Gomes no cinema, Decio de Almeida Prado no teatro, Lourival Gomes Machado nas artes visuais, Ruy Coelho na antropologia, Gilda de Moraes Rocha (futura esposa) na estética.

Sua militância no Partido Socialista seria cortada pelo golpe de 1964, que suscitaria nova radicalização, tornando imperativo opor-se. A Faculdade de Filosofia seria transformada em trincheira de resistência e assim continuaria até seu bombardeio e incêndio no final de 1968. Nos anos sombrios que se seguiram, Antonio Candido colaboraria com periódicos de oposição, como **Opinião**, **Movimento** e **Argumento**. Entre outras coisas, seria membro da Comissão de Justiça e Paz, criada por D. Paulo Evaristo Arns, bem como cofundador da Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos.

Enquanto isso, prosseguia sua carreira de professor e de escritor. Teses e livros iam-se sucedendo, bem como intervenções, numerosas durante a ditadura. Quando a abertura se anunciou, frequentou as reuniões que encaminharam à criação do Partido dos Trabalhadores, do qual seria um dos fundadores, em 1980.

No partido, Antonio Candido desempenharia várias funções, sempre no âmbito da literatura e da cultura, entre as quais a presidência do conselho da Editora Fundação Perseu Abramo não seria a menos importante. Integrou o diretório do partido no Jardim Paulista, participando das reuniões semanais durante muitos anos. Teve iniciativas relevantes, coordenou seminários (como aqueles sobre Florestan Fernandes e sobre Sérgio Buarque de Holanda), publicou livros resultantes desses seminários. A certa altura, deu-se conta de que o socialismo precisava ser discutido, para que o partido equilibrasse pragmatismo com reflexão teórica. Nasceu daí **Socialismo em Discussão**, uma série de conferências com especialistas seguidas de debates, sobre socialismo e indivíduo, socialismo e partido, socialismo e democracia, socialismo e economia etc. A série, posteriormente, seria transformada numa coleção de livros.

Uma de suas obras, o tratado **Formação da literatura brasileira**, detectou na base do processo que lhe dá título o desejo dos brasileiros de ter uma literatura própria, independente da matriz europeia — e examina como isso se construiu. Outro, o clássico **Os parceiros do Rio Bonito**, dedicou-se ao estudo do modo de vida caipira, chegando até a propor a reforma agrária, tão cedo quanto 1954. **Teresina etc.** trata de militantes socialistas de vário matiz, na fase áurea da luta operária que se inaugurava em nosso país. Essas são três das vertentes centrais de seus interesses, que outros trabalhos aprofundariam.

Entre outros, escreveu um pequeno ensaio para orientação dos militantes, intitulado "O direito à literatura", que acabou ganhando vida independente e saindo do livro para atingir maior audiência. Ali, Antonio Candido sustenta que esse é um direito do cidadão, a mesmo título que os vários outros mais visíveis, já sancionados pela Declaração dos Direitos do Homem e pela tradição. Sua generosa concepção de utopia podia alcançar assim tão longe.

* * *

Essa relevante contribuição importa em reivindicar o acesso à literatura como um dos direitos humanos. Antonio Candido agrupa os direitos em duas categorias, que ele chama de "incompressíveis" e "compressíveis". Os direitos incompressíveis são aqueles que não podem ser diminuídos ou eliminados sem pôr em risco a vida da pessoa (por exemplo a alimentação, a saúde) e os direitos compressíveis são aqueles que podem ser diminuídos ou momentaneamente eliminados sem acarretar a morte. Pensemos nos supérfluos em que vivemos atualmente atolados, enquanto procuram convencer-nos de que são necessários, e não inúteis: tudo isso para sustentar a produção industrial crescente.

Mas, argumenta Antonio Candido, também são incompressíveis os direitos que, se diminuídos ou eliminados, causam graves danos espirituais e psíquicos. Entre os incompressíveis, fica, portanto, o direito à literatura.

Conforme essa concepção, são direitos incompressíveis o alimento, a moradia, a roupa, a educação, a saúde, a liberdade, a igualdade perante a lei, a justiça, a resistência à opressão – mas

também outros talvez não tão visíveis quanto o direito à crença e à opinião, ao lazer, às artes e à literatura.

A literatura, em suas palavras, é fundamental para a humanização do homem. Por um lado, porque desenvolve em nós a percepção da natureza, da sociedade e do semelhante. Por outro lado, abre-nos para o sentimento da beleza, o exercício da reflexão, o cultivo do humor, o afinamento das emoções, e, por último, mas não menos fundamental, a aquisição do saber.

Assim compreendemos que a literatura faz parte do patrimônio imaterial da humanidade. Não só os monumentos materiais de pedra como as pirâmides do Egito, o Coliseu de Roma, o Partenon em Atenas constituem patrimônio de toda a humanidade, mas também aquilo que é imaterial, como a literatura. Essa é a definição da Unesco, que tem tombado muita coisa nessa nova categoria.

Dentro desse quadro mais amplo, permanece conosco a contribuição de Antonio Candido.

De entrevistas

Antonio Candido por ele mesmo: a entrevista como momento de mediação

Marcos Rogério Cordeiro*

Ivanete Bernardino Soares**

RESUMO

Antonio Candido concedeu inúmeras entrevistas ao longo da vida, oportunidade para não somente aprofundar questões pontuais de sua produção intelectual, como também para estabelecer os devidos vínculos e implicações entre elas. Arranjados em tom coloquial e próximo, esses depoimentos apresentam uma profundidade inquestionável, colocando o papel das ideias em comunicação com o momento histórico vivido e a visão de mundo do autor. Este artigo tem o objetivo de analisar o conteúdo desses depoimentos, procurando assim situar - por meio das considerações do próprio Antonio Candido a posição como intelectual diante de seus objetos de reflexão e estudo, bem como a concepção de política, sociedade e educação, atentando para o seu caráter integrativo, pautado por um trabalho de mediação de conceitos e princípios que irão marcar a personalidade de nosso homenageado.

Palavras-chave: Antonio Candido. Entrevista. Crítica. Educação. Pensamento de Esquerda.

^{*} Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) . Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor adjunto III da Universidade Federal de Minas Gerais.

^{**} Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010/2013), na área de Linguística do Texto e do Discurso. Professora adjunta.

Antonio Candido by Himself: the Interview as a Mediation Moment

ABSTRACT

Antonio Candido has given many interviews throughout his life. Each of these interviews amounts to an opportunity not only to go deep into punctual matters within his intellectual production, but also to establish the due ties and implications among them. Arranged in a colloquial and intimate tone, such testimonies present invaluable depth, placing the role ideas play in communication with the historical moment he happens to be living at the time and his authorial worldview. This paper aims at analyzing the content of these testimonies, and therefore trying to locate - by means of Antonio Candido's own considerations - his position as an intellectual before his objects of reflection and study. Moreover, we will scrutinize his conceptions of politics, society and education, paying attention to their integrative character, and we will be guided in this scrutiny by the mediation work that concepts and principles show, which will imprint their mark onto the personality of the scholar we are here paying homage to.

Keywords: Antonio Candido; Interview; Critique; Education; Leftist Reasoning.

Introdução

Sem favor a Antonio Candido, não seria exagero dizer que se trata do intelectual brasileiro mais completo da história cultural moderna do País. Como professor e ensaísta, atuou em diferentes áreas do conhecimento das chamadas Humanidades: história, sociologia, teoria e crítica literárias, antropologia, política e educação. Não da mesma forma, em cada uma contribuiu de maneira a imprimir novidade, depurando conceitos e métodos, reelaborando conteúdos, avançando em campos logo incorporados à rotina de pesquisas. Algumas dessas conquistas foram reconhecidas, outras contestadas (muitas vezes sem uma apreciação à altura), outras ainda esperam investigação pausada, com chave que talvez só o tempo e suas mudanças poderão oferecer. No começo da carreira universitária, com 27 anos de idade, escreveu um trabalho no qual discutia o papel dos conceitos na crítica e na historiografia literárias, O método crítico de Sílvio Romero (1945);1 pouco depois começou sua tese em sociologia, com forte acento antropológico e entradas nas geografias humana e social, **Os parceiros do Rio Bonito** (1964);² ao mesmo tempo, desenvolveu sua obra magna, Formação da literatura brasileira (1959),3 um livro cheio de erudição,

Apresentado nesse mesmo ano como tese para o concurso de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Nessa época, Antonio Candido já era professor assistente de sociologia na mesma instituição, tarefa que desempenhou até 1963, quando passou a se dedicar exclusivamente aos estudos literários. A tese foi aprovada, mas não classificada (CANDIDO, 1988a).

O trabalho teve início em 1942, foi apresentado em 1954 com o título de Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre a crise dos meios de subsistência do caipira paulista; a publicação saiu em 1964, com o subtítulo um pouco modificado. As referências deste e dos demais livros de Antonio Candido se encontram no fim deste artigo (CANDIDO, 2001a).

³ O livro começou a ser escrito em meados dos anos 1940 e foi concluído

com volume expressivo de material consultado, expondo com a devida profundidade e clareza a articulação de um processo muito matizado; a esses acrescentem diversos estudos de análise literária, que começaram em jornais e revistas na década de 1940 e se estenderam por mais de sessenta anos, sendo a atividade de que mais gostava. Antonio Candido escreveu também artigos de intervenção no âmbito da política, da vida social e da educação, além de atuar na articulação de grupos e partidos, na consolidação de departamentos universitários, associações acadêmicas de pesquisa, e de se desdobrar nas tarefas docentes e de orientação.

Apresentado assim, pode parecer que se trata de um intelectual multifacetado, com interesses e descobertas independentes, realizados em campos de saber autônomos. Mas, ao contrário, o que se observa em uma leitura atenta de sua obra é a força de coesão do conjunto. Ou seja, os estudos historiográficos, políticos ou de análise e interpretação, não obstante as especificidades, são atravessados por preocupações comuns e por uma lógica de reflexão e de princípios. Por isso, em vez de falarmos da crítica, da teoria, das intervenções públicas e da história nos diversos textos de Antonio Candido, procuraremos tratar de linhas de força comuns que atravessam esses escritos e que, de certa maneira, foram estabelecidas por ele mesmo: o primado da clareza e do discernimento, a perspectivação crítica pelo ângulo ideológico de esquerda e o sentimento materialista dos processos. Tratam-se de princípios ordenadores que delimitam o campo de interesse e direcionam o ângulo dos argumentos; são fatores de mediação que desenham não só um perfil intelectual, mas também de personalidade, um diferencial que se reconhece

em 1959, data de sua publicação. O período coincide com a feitura da tese de sociologia que, durante alguns anos, Antonio Candido preparou conjuntamente (CANDIDO, 2006c).

melhor nas entrevistas do que nos escritos acadêmicos. A bem da verdade, as tais mediações podem perfeitamente ser descobertas na leitura atenta dos ensaios de Antonio Candido - trata-se de uma condição objetiva, manifesta na matéria desses escritos -, mas, no âmbito das entrevistas, elas aparecem mais franqueadas, expostas de viva voz, digamos assim. A entrevista, aliás, como gênero com características próprias, e a depender das condições de sua produção, permite uma interação espontânea e direta, sem os preâmbulos e remissões externas – inevitáveis no ensaio e no artigo – que poderiam modalizar ou diluir posicionamentos de base. No caso particular das entrevistas de Antônio Candido, sabemos que muitas respostas dadas foram editadas por ele a posteriori, quando não completamente elaboradas à distância, diferenciando o tempo da interpelação e o tempo da resposta. Essa circunstância de sua produção acarreta a particularidade genérica dessas entrevistas ao temperar o encadeamento espontâneo das respostas com a precisão histórica e referencial das informações, atribuindo à expressão a tonalidade professoral de uma aula planejada.

Se, por um lado, a entrevista se estrutura na descontinuidade e variação de temas no curto espaço de tempo em que se realiza, por outro, favorece o estabelecimento de um fio condutor da coerência do entrevistado. Neste trabalho, interessa particularmente deslindar esse eixo de articulação das concepções de Candido sobre objetos variados (política, crítica, educação etc.), ampliando a compreensão de sua atuação intelectual.

Como mais uma demão do gênero textual escolhido para alcançar o cerne do pensamento de Candido, é preciso dizer ainda sobre os entrevistadores que são na sua maioria conhecedores de sua obra e vida, ex-alunos, correligionários, pesquisadores ou especialistas nas áreas afins de sua atuação, favorecendo o

aprofundamento de remissões e lembranças. Destaque-se ainda que Antonio Candido concedeu muitas entrevistas,⁴ valendo remeter-se ao trabalho (ainda inédito) de Marcello Rollemberg, diretor de redação do **Jornal da USP**, que o entrevistou durante dois anos e recolheu vasto material, compondo um conjunto de depoimentos nos quais o entrevistado põe em perspectiva a própria vida, seu percurso formativo, rede de relações pessoais e frentes de atuação, encadeando-os com os acontecimentos históricos e políticos do País, que ele conhecia muito bem, pelos livros e por experiência própria.⁵ Não restam dúvidas, portanto, de que, no caso de Antonio Candido, a entrevista assume grande importância como instância de mediação das ideias.

Nosso interesse, contudo, não é destacar o indivíduo, mas um processo que se materializa através dele, em consonância com seu grupo, sua geração, sua ideologia, tudo isso formando uma totalidade de base histórica. Por isso, dizemos que suas conquistas intelectuais – decerto resultados de esforço e talento – devem ser encaradas como produtos de condições objetivas, desenvolvidas por alguém que soube internalizar a complexidade autotransformadora da realidade social que vivia.

1 Opção pela clareza

Dentre os predicados atribuídos a Antonio Candido por diferentes segmentos de leitores, a lucidez da expressão e o

⁴ Tomamos por base o levantamento criterioso de Vinícius Dantas, que registra mais de 50 entrevistas entre 1960 e 2001, mas é certo que Antonio Candido concedeu mais de uma dezena de entrevistas depois da publicação desse catálogo. Ver Dantas (2002, v. 2).

Segundo depoimento do próprio Marcello Rollemberg durante o simpósio "Homenagem ímpar: Candido, Schwarz e Alvim", realizado na Universidade de Brasília, nos dias 30 e 31 de agosto de 2017. No formato Word, o documento contava com quase 400 páginas.

discernimento de seus juízos requerem uma apreciação mais demorada, para que se possa aferir, por trás de um estilo de linguagem, a postura ética e comprometida do intelectual diante da sociedade que analisa. Sua produção bibliográfica é marcada por uma precisão estilística peculiar no engendramento da reflexão que, por isso mesmo, se torna tangível, palpável. A clareza e fluidez da linguagem permitem a penetração das ideias na elaboração do raciocínio, de modo a acentuar mais a natureza do material problematizado do que as manobras retóricas típicas do discurso acadêmico. Um traço inerente de sua elocução, por exemplo, é o descaso pelo jargão científico, pelo acúmulo de rótulos conceituais das áreas que manipula, priorizando sempre a função comunicativa da linguagem, seu papel de mediadora entre indivíduos do conhecimento. Conhecimento e linguagem, aliás, formam uma unidade em favor da inteligibilidade da mensagem, quer ela trate de literatura ou política, traduzindo-se em um tipo de compromisso ético.

Penso que, nestas disciplinas humanas, a linguagem corrente é suficiente para escrevermos. De modo que eu fui assistente de Sociologia muito tempo, em Sociologia eu reagia contra isso também. Eu reagia contra aquela terminologia abstrusa que consiste frequentemente, nas disciplinas humanas, em dizer coisas simples de maneira complicada.⁶ Nós temos um pouco de complexo de inferioridade, sobretudo na minha geração; na minha geração nós estávamos ainda muito próximos do positivismo científico. (CANDIDO, 1997, p. 12).

Percebe-se aí a resistência à dicção erudita, que elege artifícios linguageiros e acabam por maquiar aspectos da realidade

⁶ Que sirva de contraponto uma passagem de **Formação da Literatura Brasileira**, na qual Antonio Candido explicita o método de exposição empregado na composição do livro: "É preciso ver simples onde é complexo". (CANDIDO, 2006c, p. 32).

que deveriam ser, ao contrário, desvelados. Essa preferência pela linguagem escorreita se desdobra na consideração que dispensa ao leitor, e reforça o dever imposto ao estudioso das humanidades, já que lida com um tipo de complexidade bastante significativa do ponto de vista social:

Acho que a clareza é um respeito pelo próximo, um respeito pelo leitor. Sempre achei, eu e alguns colegas, que, quando se trata de ciências humanas, apesar de serem chamadas de ciências, são ligadas à nossa humanidade, de maneira que não deve haver jargão científico. Posso dizer o que tenho para dizer nas humanidades com a linguagem comum. Já no estudo das ciências humanas eu preconizava isso. (CANDIDO, 2011b, p. 1).

Essas razões de ordem ética e profissional se somam às de ordem prática, ligadas à sua atuação no jornalismo, nos primeiros anos de carreira, nos anos de 1940. A isso ele atribui a peculiaridade de sua escrita que, marcada pela conjunção da simplicidade da forma e complexidade da matéria, alcança a articulação da teoria acadêmica à criatividade pessoal:

Atento sobretudo à questão da simplicidade, que eu acho importante. Em primeiro lugar, talvez, por eu não ser formado em Letras. Sou formado em ciências sociais, então não aprendi aquela terminologia específica dos cursos de Letras. Em segundo lugar, pelo fato de eu ter começado a minha atividade literária como crítico de uma revista estudantil e em seguida como crítico de um jornal de São Paulo, portanto veículos que exigem a comunicação. Eu creio que a minha experiência de jornalista-crítico foi fundamental. (CANDIDO, 1997, p. 11).

A vivência do jovem Candido com a crítica regular em revistas e jornais exigia um contato desimpedido com um

público muito diverso, o que só poderia ser feito por meio de um estilo de linguagem inteligível e democrático. Talvez por isso tenha eleito como forma textual privilegiada para a divulgação de seus estudos o ensaio, gênero que se vale da elocução oral e reproduz, por meio do fluxo de consciência e evitando os jargões acadêmicos, o movimento da matéria. Orientando-se pela dinâmica do pensamento surpreendido em ato, o ensaio permite, portanto, a profundidade da reflexão revestida pela simplicidade da expressão. Nesse caso, o ensaio acomoda convenientemente a atitude eclética do crítico e seu temperamento pessoal, avesso a sectarismos e sempre disposto a considerar o contraditório – proceder natural de "quem passa a vida mexendo com literatura, vendo as análises sutis do comportamento, pesando os prós e os contras, [e que por isso] tem certa dificuldade em aceitar ou rejeitar em bloco". (CANDIDO, 1988b, p. 10).

Emoldurando e provendo esse estilo discursivo, manifestase nos textos de Candido uma aptidão para a comunicação direta e objetiva, anunciando o traço de uma personalidade profundamente marcada pela despretensão:

Nunca pensei que fosse publicar alguma coisa. A minha vocação foi sempre de leitor e desde os nove anos li muito, de maneira dispersa e variada, de modo que acumulei desde cedo muita informação, mas não sei nada a fundo nem tenho temperamento de especialista. (CANDIDO, 2001b, p. 22).

O zelo pela clareza e o feitio descomplicado de sua produção acadêmica parece encontrar fundamento último em sua "personalidade de educador", como foi caracterizado pelo

A respeito das particularidades formais e discursivas do ensaio realizado por Antonio Candido, ver Arrigucci Jr. (1992); Claro (1992); Chiappini (1999).

amigo Florestan Fernandes, segundo o qual Antonio Candido teria "calibrado sua imaginação pedagógica a partir daquele que devia aprender (nunca do que devia ensinar)" (FERNANDES, 1992, p. 33-34), prezando mais a expectativa de interlocução e a necessidade de conhecimento, que a vaidade do intelectual. Nessa direção, para além da coloração de comunicador não aclimatado à linguagem especializada, podemos inferir ainda, uma motivação mais sutil, associada agora ao oficio da docência. Nas entrevistas predominantemente de cunho biográfico-intelectual, Candido manifesta de modo recorrente sua admiração por professores que influíram intimamente na sua formação profissional e mesmo pessoal. As caracterizações dos perfis esboçados por Candido revelam um ideal de conduta que certamente contribuiu para formar sua rede de referências sobre a necessidade da clareza na exposição, sobre a excelência do professor e, de resto, sobre a função do intelectual. Na sequência, selecionamos trechos em que acentua as características que qualificaram dois de seus grandes mestres, Roger Bastide e, em especial, Jean Maugüé:

Bastide era um homenzinho com cara de chinês, muito bondoso, generoso, tranquilo, de uma grande sabedoria e professor excelente. Ele não tinha preconceitos teóricos e metodológicos. [...] atendia os alunos com solicitude e delicadeza, dava orientação bibliográfica por escrito e até emprestava as notas de aula. Nas aulas começava sempre comentando a bibliográfia a respeito do assunto, depois passava à crítica e acabava apresentando seu ponto de vista (CANDIDO, 2001b, p. 11-12).

[Maugüé] era um gênio didático, um expositor elegante, expressivo e penetrante, tinha uma inteligência original, pronta e luminosa, completada por uma imaginação fora do comum e o mais incrível senso do auditório. [...] Maugüé não fazia questão de publicar nem de "fazer currículo", que, como vocês sabem, é muitas vezes uma operação farisaica. Ele estava interessado em

compreender a vida, as obras, as pessoas, e despertar nos alunos uma atitude semelhante. Nesse sentido era tipo socrático e se realizava falando, não escrevendo. (CANDIDO, 2001b, p. 13).

[Maugüé] começava geralmente como se estivesse hesitando, tateava e de repente engrenava e se punha a expor com uma clareza, uma elegância e uma competência incríveis, tornando interessante qualquer matéria. Não era propriamente filósofo, mas um excelente professor de filosofia. (CANDIDO, 2001b, p. 14).

Nesses fragmentos, é possível identificar uma série de características reconhecida como próprias: a ausência de preconceitos teórico-metodológicos admitindo frequentemente seu "ecletismo" ("Fui me inclinando cada vez mais para uma crítica integrativa" – CANDIDO, 2006a, p. 36); o interesse pela sociologia acima de tudo para compreender a vida, as pessoas, a sociedade e não para fazer carreira ("Optei pelas Ciências Sociais, porque desejava entender bem a sociedade brasileira" - CANDIDO, 2006b, p. 26); a preferência pela elocução oral ("Sou um homem mais de palavra falada que de palavra escrita" – CANDIDO, 1997, p. 13) e o reconhecimento de que era mais um professor do que um especialista ("Eu não me considero sociólogo. Assim como o professor de matemática não é necessariamente matemático, fui professor de sociologia, dei conta do recado, mas nunca me considerei sociólogo" -CANDIDO, 2002, p. 125).

Os demais predicados apontados em seus mestres ecoam também nos depoimentos de ex-alunos, comprovando o êxito de Candido na replicação dos modelos que admirava: a clareza sempre aliada à profundidade no tratamento dos assuntos, o investimento extra na aprendizagem do aluno e a perícia na gestão

da sala de aula. Nesse comportamento, há muitos pressupostos de uma concepção de educação pautada no reconhecimento de sua função emancipadora e na socialização do conhecimento como ato político, no sentido amplo. Além de sua escrita didática, seu interesse pela qualificação do oficio docente manifesta-se também em publicações baseadas precisamente na transposição didática do exercício da crítica, como é o caso de **Na sala de aula**: cadernos de análise literária (1999) e **O estudo analítico do poema** (2006d). Assim, a confluência formal entre a conversação refinada e a escrita ensaística parece encontrar a justificativa na experiência pedagógica:

Sou sobretudo professor, sou um homem de expressão oral, sou conversador, sou um contador de causos. De modo que tenho a impressão que o ritmo da fala deve passar pelo ritmo da minha escrita. Talvez por isso ela seja frequentemente acoimada de ser uma escrita pouco profunda. É uma escrita clara, mas pouco profunda, porque há um pouco essa ideia de que a clareza frequentemente é obtida à custa da profundidade, o que é uma ideia válida. Entre clareza e profundidade, eu prefiro a clareza, mesmo porque eu não sou capaz de chegar na profundidade. É verdade, sem falsa modéstia nenhuma, eu me considero um professor, um expositor. (CANDIDO, 1997, p. 13).

Destaca-se, nessa passagem, o protagonismo da atividade docente na orientação comunicativa de sua produção intelectual, o que o leva a afirmar objetivamente: "quando escrevo, é o professor que está falando". (CANDIDO, 1997, p. 14). Aliás, diante de uma questão sobre como levar o cânone para o não leitor, Candido, após apresentar um exemplo bem-sucedido, conclui que, para isso, "tem que saber explicar, usar a linguagem normal". (CANDIDO, 2011b, p. 3).

Ver Arrigucci Jr (1992); Cardoso (1992); Carvalhosa (1999); Chiappini (1999); Claro (1992); Fernandes (1992); Abramovich (1990).

Tomando recuo, podemos aferir também um posicionamento dirigido pelo senso de justiça e pelos ideais de igualdade que, como se verá mais a frente, sempre apregoou como homem político. A clareza da linguagem informada pelo desvelamento da complexidade das relações sociais em variados estratos de análise permitiria, desse modo, o acesso democrático às descobertas "científicas" que, necessariamente, não precisariam ser "abstrusas" ao pensamento médio, além de funcionar como mecanismo de desenvolvimento humanizador: "A busca de uma linguagem simples me pareceu sempre um instrumento de humanização, e eu procuro isso". (CANDIDO, 1997, p. 12). O humanismo inscrito aí não se esgota em si mesmo, mas se configura em face da sociedade, suas contradições históricas, suas desigualdades econômicas e de oportunidades. Ou seja, Antonio Candido historiciza sua própria posição como partidário da clarificação da matéria a qual sua linguagem se dedica a compreender e explicar: "Qualquer atividade que não seja estritamente técnica, acho que a clareza é necessária, inclusive para poder divulgar a mensagem, a mensagem deixa de ser um privilégio e se torna bem comum". (CANDIDO, 2011b, p. 1).

Por essa via, voltamos ao compromisso com a função humanizadora da linguagem, que desobstrui o acesso ao conhecimento por intermédio da clareza e revela, no professor, sua atuação solidária (e, no limite, politizada, como veremos) com a partilha democrática do conhecimento. Em Candido, o esforço pela maestria no ensino combinado com o pendor ético para um "socialismo democrático" militante (CANDIDO, 2011b, p. 5) qualifica sua atuação como um ato político de grande força de ação, reinserindo os objetos do conhecimento no contexto das relações coletivas, espaço de conflito de interesses das classes sociais.

2 Viés de esquerda

Como se viu, o ideal de clareza atravessa diferentes âmbitos, interligando reflexão teórica, prática de ensino, intervenção política etc., conferindo a eles um ar de família. Podemos atribuir essa condição às especificidades da entrevista como gênero, que naturalmente intercala os assuntos, ou podemos reconhecer como traço de personalidade do entrevistado, cujo caráter se conforma no interior das ideias e posições que assume e defende. Mas podemos ainda - como é nosso interesse reconhecer o entrelace objetivo desses diferentes temas, a ver como sua opção pela clareza se desdobra em uma perspectiva ideologicamente crítica. Em outras palavras, pensamos que, por meio da inteligibilidade veiculada na linguagem, Antonio Candido exerce papel político de homem de esquerda, na medida em que a clarificação deve promover a socialização cultural, política e econômica (CANDIDO, 1997). Essa postura despontou cedo e foi sendo aprofundada e depurada no correr dos anos. Trabalhando a cabeça para alcançar sua razão de ser, ele explica as transformações que ocorreram dentro de si mesmo como resposta individualizada das condicionantes externas - uma postura materialista, como veremos adiante. O contato pessoal com professores e amigos impressionaram o jovem Antonio Candido e influenciaram também sua experiência com as ideias socialistas, começadas na pequena Poços de Caldas, interior mineiro, onde passou infância e adolescência:

Creio que o primeiro estímulo veio de um colega do ginásio. O pai dele tinha sido garçom, era hoteleiro e anarco-sindicalista. Por intermédio dele tomei conhecimento de obras de anarquistas como Everardo Dias, Jean Grave, Severine, Kropotkin, Sébastien

Faure. E li também o resumo de **O capital** por Gabriel Deville. Mas nada calou muito fundo. (CANDIDO, 1988a, p. 1-2).

Como se vê, a leitura começou cedo, mas não penetrou o espírito do garoto, ao contrário da convivência com uma senhora, vizinha dos pais, Teresina Maria Carini Rochi, sobre quem Antonio Candido escreveu um ensaio biográfico muito cuidadoso e cheio de admiração:9

Dona Teresina Rochi era uma mulher extraordinária. Era bem pobre, mas quem batesse na porta e pedisse dinheiro sempre recebia alguma coisa, mesmo que ela ficasse sem um tostão. Nunca vi desprendimento mais completo, nem menos senso de propriedade. Foi militante aqui em São Paulo no começo do século, era socialista revolucionária, ligada aos anarquistas, e tinha muita simpatia pela Revolução Russa. (CANDIDO, 1988b, p. 1).

Ela não se conformava que o socialista fosse rico e fosse socialista. O socialista é a pessoa que tem que praticar na sua vida a distribuição dos bens. [...] Então, o socialismo para ela era um modo de ser, era solidariedade, camaradagem, compreensão, senso de igualdade. (CANDIDO, 1997, p. 35-36).

É do exemplo de vida de D. Teresina que Antonio Candido constrói para si uma concepção humanista voltada para as condições sociais. Essa impressão mais pessoal e não livresca com certeza lhe "calou fundo", até o ponto de se tornar uma convicção arraigada:

Chamo socialista todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade e que ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. (CANDIDO, 2011b, p. 4).

⁹ Ver Candido (1992a).

Porque a tônica maior do socialismo é a igualdade, não a liberdade. Nós temos uma obsessão muito grande com a liberdade, e talvez eu choque dizendo que se tivermos de escolher entre liberdade e igualdade, nós devemos escolher a igualdade, não a liberdade. Porque a liberdade é sempre minha liberdade e a igualdade por definição é de todos. (CANDIDO, 1997, p. 25).

É desse ideal que surge a noção de humanismo socialista e solidário, ainda sob a impressão da figura de D. Teresina: "Ela me transmitiu sobretudo a afetividade socialista, que acho fundamental." (CANDIDO, 1988b, p. 1). Trata-se de uma concepção diferente, não oposta nem alternativa, mas complementar ao socialismo propriamente político, resultado de uma atuação coordenada, coletiva, orientada por princípios ideológicos e atividades dirigidas, algo a que Antonio Candido se acostumou também devido às amizades, especialmente a de Paulo Emílio Salles Gomes: "Ele foi a grande influência que sofri. Da nossa turma, era o único que tinha verdadeira experiência e verdadeira consciência política." (CANDIDO, 1988b, p. 4). Anos mais tarde, no rescaldo da ditadura e sua rede de repressão e desmobilização, deveu a outro companheiro sua filiação ao Partido dos Trabalhadores:

Eu entrei no PT sobretudo por causa dos meus amigos mortos, por causa do Paulo Emílio [Salles Gomes] e do [Febus] Gikovate. O Gikovate, pouco antes de morrer, me deu a tarefa de entrar no PT. Uma coisa muito comovente. Nós fomos vê-lo no hospital. Eu entrei, ele sentado na cama, eu disse: "Meu chefe, vim aqui transmitir a você um convite. Estão cuidando de formar um partido e estão nos convidando. Mas eu não vou", eu disse para ele. E ele me disse: "Você faz muito mal. Você deve ir. Porque este partido é finalmente a realização de nossos ideais. Porque é um partido socialista, independente, com base operária. [...] E eu peço mais, peço a você que vá e que diga às

pessoas que estiverem lá que eu não vou porque estou indo para outro lugar." Morreu no dia seguinte. (TRÊS ANTÔNIOS, [1993]/2017).

Esse episódio explica uma ponderação recorrente de Antonio Candido a respeito de sua atuação política: "Eu sou um mal político, apenas segui os meus amigos." (CANDIDO, 1988b, p. 1). Não obstante a sinceridade crua, sem afetação de modéstia e despintando uma imagem que se consolidou em torno de sua pessoa, Candido traça um perfil mais completo ancorado em sua visão de mundo e personalidade: "Não tenho vocação política. Para mim, a participação foi sempre um dever moral, despertado pelo sentimento de justiça e a convicção de que o socialismo é a melhor fórmula para organizar a sociedade." (CANDIDO, 1988b, p. 10). Nessas palavras, ficam registradas as lições de "afetividade socialista" de D. Teresina. A contraparte vem de um acentuado grau de instrução política, algo que Antonio Candido aprendeu a realimentar na experiência universitária.

Como vimos, as primeiras leituras socialistas não "calaram fundo". Ao se estabelecer em São Paulo para completar os estudos secundários, como admite, ficou seduzido pelos atrativos da cidade grande, as livrarias, os teatros, os bares de chope (CANDIDO, 1988b, 2001b). Mas, ao ingressar no curso de Sociologia na Universidade de São Paulo, a cultura política dos livros passa a concorrer com o sentimento socialista para compor um universo intelectual voltado para as pessoas em sociedade. Entre professores mais ou menos progressistas, mais ou menos conservadores, as referências bibliográficas, o método de aprendizagem e reflexão se diversificavam. Na lista de autores lidos por Candido, constam nomes como Adam Smith, Malinowski, Weber, Durkheim e, ainda, Radcliffe-Brown, que influenciou sua ideia de estrutura como algo dinâmico.

Mas o autor que parece ter marcado mais profundamente Antonio Candido foi Karl Marx, influência condicionada em parte também pela experiência universitária com Maugüé: "O professor que mais me influenciou foi o de História da Filosofia, Jean Maugüé, um marxista aberto." (CANDIDO, 2002, p. 157). A apropriação do marxismo por parte de Candido, no entanto, aparece controversa nas entrevistas: são muitas as passagens nas quais assume uma influência decisiva de Marx e outras em que afirma o contrário (em todo caso, é uma raridade não encontrar referências explícitas a Marx ou ao marxismo). Sirva a seguinte passagem de exemplo dessa atitude dúplice: "Portanto repito: sofri a influência do marxismo e basta ler o que escrevo para ver isso; mas nunca fui marxista propriamente dito e nunca quis me dizer marxista, para guardar essa liberdade, sobretudo no campo da arte." (CANDIDO, 1996, p. 16). A ambiguidade aparente da frase é superficial e esconde uma composição mais complexa, dependente da realidade histórica, da configuração do marxismo no período entreguerras e de sua recepção no Brasil.

Para compreender melhor do que se trata e não fabricar um falso problema, convém lembrar que Candido se refere sempre a um momento histórico preciso – décadas de 1930 e 1950 – e a uma determinada concepção do marxismo, que previa obediência às diretrizes táticas de ação que predominavam nessa época. Sob essas condições, originou-se no Brasil uma ideologia pragmática carente de reflexão sobre as particularidades do País e fraca em organização de classe, uma combinação de efeitos deletérios. 10

Só com má-fé se poderia ver uma recusa indiscriminada do marxismo por parte de Antonio Candido; suas críticas são delimitadas e pontuais: "No meu tempo o marxismo

372

¹⁰ Ver Konder (1988) e Moraes (1995).

parecia frequentemente uma coisa religiosa, abrangente demais." (CANDIDO, 1996, p. 15). Mas a situação muda com o aprofundamento dos avanços do capitalismo no Brasil, durante o governo de Juscelino Kubitschek, e com a decorrente interpretação criteriosa da obra de Marx promovida por um grupo de jovens professores e estudantes de esquerda pertencentes aos quadros da Universidade de São Paulo. Antonio Candido, que conviveu com muitos membros do grupo, não o frequentou, o que evidentemente não o impediu de reconhecer-lhe o mérito, admitindo que "as gerações que vieram depois são muito mais informadas [em marxismo]." (CANDIDO, 1996, p. 15). Quanto ao aspecto mencionado por ele acima, referente à concepção de arte veiculada no marxismo, trata-se de uma questão de método, sobre o qual falaremos adiante.

Seja como for, o marxismo se mostra uma contraparte teórica aproximativa do sentimento solidário, ajudando a consolidar, por outros meios, uma inclinação subjetiva. A esse quadro se soma ainda dois outros fatores, interligados pelas mediações históricas presentes. Primeiro, uma guinada de perspectiva das ciências humanas na faculdade em que atuava, o que o levou junto com sua geração à produção de trabalhos acadêmicos voltados para a análise da estrutura social brasileira, despertando interesse crítico pelos trabalhadores, negros, índios,

Ver depoimentos de alguns integrantes desse grupo em Nós que amávamos tanto "O capital" (SCHWARZ et al, 2017) e em Retrato de grupo (MOURA; MONTERO, 2009). Um pouco depois, formaramse grupos com os mesmos interesses no Rio de Janeiro, a reunir Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Neto, entre outros, e em Minas Gerais, em torno do professor José Chasin.

Este é um problema que precisa ser circunstanciado; segundo as interpretações de Roberto Schwarz (1989), Paulo Arantes (1992) e Leopoldo Waizbort (2007), Antonio Candido representa um tipo de crítico marxista exigente e refinado, embora não faça praça da filiação.

caiçaras e caipiras (CANDIDO, 2002), ou seja, as classes subalternas que estavam sofrendo uma mutação em decorrência do avanço do capitalismo no Brasil. Segundo, o processo de modernização capitalista ele mesmo, que alinhava uma pequena fração das classes dominantes ao mundo desenvolvido e deixava a grande massa presa às iniquidades do progresso, situação de aguda desigualdade social, contra a qual, como vimos, Candido se opunha de maneira inflexível. Daí a gestação dentro dele do que chamou de "pensamento radical" (CANDIDO, 1992b, p. 234-235): uma impregnação dos instrumentos de crítica voltada para as contradições do mundo social abrangendo a economia, a política, a cultura e as artes e que foi abraçada por um segmento progressista da classe média ilustrada e urbana.

3 Senso do concreto

A postura ideológica de Antonio Candido pressupõe uma compreensão da realidade histórica como processo heterogêneo, complexo, contraditório e, sobretudo, coerente, o que o leva a entender a desigualdade social, que tanto incomoda o socialista, não como imperfeição ou deformidade lateral, mas como parte essencial das leis de reprodução do sistema capitalista. Ora, esse tipo de aproximação para com o objeto corresponde aos postulados marxistas que delimitam um modo de reflexão baseado em conceitos pertencentes à ordem do real. Mesmo quando Antonio Candido não o chame pelo nome, trata-se de marxismo o modo como sua análise procura implicar a realidade histórico-social e as formas literárias, por exemplo, ou quando recorre às providências políticas e educacionais para superar a assimetria de classes. Em outras palavras, as reflexões de Antonio

Candido possuem uma feição essencialmente materialista, uma percepção que abraça diversas frentes de atuação. Comentando a prática de pesquisa, ele faz um balanço: "Se há uma orientação geral da minha atividade, tanto no campo da sociologia como no da literatura, eu diria que é a paixão do concreto." (CANDIDO, 2002, p. 126). Apenas para ilustrar rapidamente, lembremos Os parceiros do Rio Bonito: o quadro de referências inclui autores das áreas de sociologia e antropologia, mas a inspiração e a orientação da pesquisa não vieram de conceitos formulados em livros e, sim, da observação da prática social de uma comunidade específica. Os resultados obtidos se destacam menos pela manipulação conceitual do objeto do que pelo vai e vem dialético entre a condição material de vida de uma certa camada social no interior paulista, o processo de transformação perpetrado pelo desenvolvimento mundial do capitalismo e seus reflexos no Brasil. O modo como esses âmbitos interagem no curso da história, ou seja, sua existência no âmbito do real, engendram os conceitos e esquemas de pensamento a partir dos quais Candido fundamenta suas análises. No caso de Formação da literatura **brasileira** – enquanto estudo historiográfico –, o materialismo não se encontra no levantamento de obras, autores, documentos e fatos, mas na estruturação do material, na ênfase do princípio explicador, no modo como a literatura vai entrelaçando temas e formas no decorrer do desenvolvimento histórico. As obras – independentemente da qualidade – não são vistas como fatores isolados no mundo das letras, mas como produtos sociais:

Como dizia Mário de Andrade, o importante é uma literatura média, por que o gênio surge até no deserto do Saara, num oásis pode surgir a **Odisseia**. O gênio é uma coisa, a literatura é outra. A literatura é um processo histórico, de natureza estética, que se define pela inter-

relação das pessoas que a praticam, que criam uma certa mentalidade e estabelecem uma certa tradição. (CANDIDO, 1997, p. 19).

A coloquialidade – linguagem característica da entrevista - não oblitera o foco da explicação, que é buscar compreender os fenômenos particulares em função de seu encadeamento objetivo, histórico. Esse procedimento se completa no método utilizado para análise do texto literário individual, que, em fase já amadurecida, é designado de "redução estrutural": 13 "Esta perspectiva me levou a refletir sobre o processo que estrutura a estrutura, que converte determinado aspecto social em obra literária." (CANDIDO, 1980, p. 5). O procedimento que "estrutura a estrutura" é dialético e depende, por sua vez, da estruturação histórica, um método incomum nos estudos praticados no Brasil na década de 1970 (quando esse conceito vai se consolidando na prática de análise literária de Antonio Candido a partir dos estudos sobre Memórias de um sargento de Milícias e O Cortiço), 14 mas afinado com a acepção marxista exigente:

O interesse pela funcionalidade [Candido se refere à "fórmula através da qual o externo se torna interno"¹⁵]

¹³ Formulação apresentada no "Prefácio" de **O discurso e a cidade** para explicar melhor o princípio de análise empregado nos ensaios ali reunidos, dando a eles, que tratam de assuntos muito diversos, uma unidade. Ver Candido (1993, p. 9-10).

Referimo-nos a "Dialética da malandragem" (CANDIDO, 1993, p. 19-54), estudo sobre o romance de Manuel Antônio de Almeida publicado a primeira vez em 1970, e "A passagem do dois ao três" (CANDIDO, 1974), "Literatura-sociologia" (CANDIDO, 1976) e "De Cortiço a Cortiço" (CANDIDO, 1993, p. 123-152), sobre o romance de Aluísio Azevedo, publicados em 1975, 1976 e 1991, respectivamente.

¹⁵ Viés de análise apresentado pela primeira vez no II Congresso de crítica e história literária (1961) e reformulado para publicação com o título "Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento)". Ver Candido (1985, p. 3-15).

leva ao interesse pela estrutura, num sentido diferente dos estruturalistas, pois o que se indaga é como a estrutura se estrutura. Talvez tenha havido aí alguma influência do Lukács, que li em traduções italianas no começo do decênio de 1950. Mas posso dizer que não estava consciente dela quando pela primeira vez formulei aquela preocupação. (CANDIDO, 1992b, p. 233).

Trechos como esse jogam luz sobre questões difíceis de decidir, porque são de foro íntimo e raramente anunciadas em textos acadêmicos, e nos leva a intuir até que ponto afinidade de método e projeto de influência se diferenciam. Servem, ademais, para calibrar a inserção de Antonio Candido na tradição marxista: se, por um lado, ele revela leituras e acusa a inspiração, por outro, faz restrições bem pensadas. Vejamos no âmbito da crítica literária.

Como vimos, Candido possuía leitura de Lukács, com o qual expressa certa identidade – e isso, por si só, tem sua relevância, pois ele é recorrentemente citado nas entrevistas. Para situar a complexidade do caso, lembremos que durante um depoimento ele comenta a obra de Lukács a partir de perspectivas diferentes: "Nunca adotei a crítica marxista, acho, por exemplo, a crítica do Lukács, como crítica, lamentável." (CANDIDO, 1997, p. 17). Pouco adiante, refaz o juízo: "Minha ambição foi sempre fazer uma certa coisa e depois eu a vi bem formulada no Lukács." (CANDIDO, 1997, p. 21). Em jogo, uma apreciação meticulosa a respeito do encaminhamento de análise da transfiguração da realidade realizada no processo de formalização estética. Candido adere e rebate certas formulações de extração marxista, mas as pratica ele mesmo ao viabilizar os princípios mais caros àquela corrente de pensamento. A chave para essa aparente dubiedade está na diferenciação entre a concepção que sustenta o marxismo e a análise propriamente dita que ela põe em funcionamento. Diante disso, Candido toma partido a favor da análise de compreensão, censurando a concepção quando se mostra abrangente:

Nós [os grupos políticos a que pertencia na mocidade] nunca nos declaramos propriamente marxistas porque o marxismo é uma filosofia abrangente, muito grande, que exige quase que uma adesão para explicar todos os setores da vida. Agora, se nós concebermos o marxismo como método, ele se torna de uma flexibilidade e de uma riqueza que, ao meu ver, continua tendo muito futuro. (CANDIDO, 1997, p. 8).

A "paixão do concreto" dá forma ao materialismo inerente às reflexões e condutas de Antonio Candido – um materialismo dinâmico, autotransformador, transfigurado, e não um empirismo estático e pré-determinado.

No tocante à política, vimos que o posicionamento ideológico se deu igualmente de modo empírico, pelo exemplo de pessoas próximas a quem admirava, e de modo teórico mediante as leituras socialistas. A esses fatores podemos também acrescentar a "paixão do concreto", na medida em que a experiência com a realidade social do País forma outra dimensão de seu posicionamento de esquerda: "Fui ao nordeste [1957] e fiquei espantado de ver que aquilo que eu considerava miséria em São Paulo, era abastança no interior do Ceará. [...] Aí eu fiquei com uma visão mais materialista do Brasil." (CANDIDO, 1997, p. 25).

A formação em sociologia decerto ofereceu a Antonio Candido instrumentos de compreensão da realidade brasileira, o que contribuiu para sua tomada de posição, mas não se pense que ela é a responsável pela acuidade dirigida às desigualdades; na

verdade, foi o senso de desigualdade da realidade brasileira que o levou aos estudos da sociologia: "Optei pelas Ciências Sociais porque desejava entender a sociedade brasileira e porque achei que elas me punham perto do socialismo." (CANDIDO, 2006b, p. 26). Podemos fazer uma equação (em âmbito restrito) entre sociologia e ideologia: não restam dúvidas de que a primeira depurou o sentido da segunda, mas foi esta que levou àquela.

No âmbito da teoria, esse senso do concreto se desdobra em uma formulação conceitual, ou melhor, a reconstrução conceitual corresponde a uma configuração objetiva, sendo, portanto, a materialidade do fato (histórico ou literário) que determina o modo como encaminha a análise e não o contrário. Tome-se o exemplo do conceito de "estrutura" – como dissemos. de ampla circulação nas universidades brasileiras naquela época e usado livremente por historiadores, sociólogos, linguistas, críticos literários, filósofos, antropólogos, comunicólogos etc. (fato que se deve ao prestígio da escola estruturalista francesa que estava na moda). Antonio Candido travou contato com o termo "estrutura" antes, nos anos 1940, a partir dos estudos do antropólogo Radcliffe-Brown, e o usou em sua tese de sociologia. A partir do momento em que se dedica mais à crítica literária, ele conserva a funcionalidade do termo e o incorpora como o instrumento de análise: "Me apeguei ao conceito de estrutura, que depois transpus da antropologia para a crítica literária" (CANDIDO, 2001b, p. 19). Dando nome ou não de "estrutura", o certo é que a noção é usada com propósito bem definido, o que o leva ao conceito de "redução estrutural" e à estruturação de Formação da literatura brasileira, como vimos antes. Mas a peculiaridade desse conceito nesses casos se encontra menos no manuseio que Candido faz dele e mais decididamente no caráter histórico e dialético que lhe atribui: "Estrutura para mim não é a dos estruturalistas. É o equilíbrio dinâmico das relações internas do texto, formando o substrato da camada aparente. Vista na dimensão da história, a estrutura poderia ser concebida como sistema [...] válido para compreender a Literatura como conjunto de obras." (CANDIDO, 2006b, p. 26-27).

Notemos, primeiro, que o uso flexível do conceito garante abrangência e praticidade, fundamentando, por outro lado, o papel do conceito de "sistema", sem o qual se perde a chave de sua obra magna; segundo, que ambos adquirem valor de explicação de casos particulares, não como conceitos a priori; ato contínuo, a justeza de seu uso obedece a premissas materialistas. Vale lembrar que, por mais de um motivo, sua apreensão corresponde às descobertas marxistas, especialmente em A ideologia alemã, com que lida com gosto e proveito: "O materialismo dialético [...] me revelou a importância das obras de juventude de Marx, como A ideologia alemã, que li mais tarde e foi o texto marxista do qual recebi maior influência". (CANDIDO, 1988b, p. 4). Apenas para situar, lembre-se de que se trata do primeiro livro propriamente marxista de Marx, no qual analisou as esferas de infraestrutura e superestrutura como categorias (da ordem do real!) antagônicas e complementares, e a partir das quais se revela a lógica dialética de uma determinada formação social.

Por outro caminho, voltamos à questão do método. O leitor que conhece os escritos de Antonio Candido, ou que acompanha suas entrevistas atesta sem dificuldade que se trata de um expositor versátil que usa disciplinas diferentes sem forçar a barra. Nos estudos literários, por exemplo, realiza incursões pelo formalismo, pelo *New Criticism*, pela estilística, pela sociologia etc., mas o ponto de apoio e de fuga aos impasses é um tipo específico de materialismo matizado, reflexivo e mediador, que o método dialético é capaz de explicar:

Procuro sempre aperfeiçoar a minha relação com a empiria, quer dizer, no nosso caso é o texto, é o texto crítico, é o fato histórico na História Literária, sempre ligado ao empírico, ao concreto. E o concreto me fez sentir a sua diversidade. Repito: para poder interpretar o concreto do texto, o concreto do fato literário histórico, eu procurei sempre raciocinar como é que o oculto explica o aparente, como é que os contrários tem que ser levados em conta. Aí está uma presença constante do método dialético. (CANDIDO, 1997, p. 17).

Tudo somado, o conjunto revela o traço constitutivo da reflexão de Antonio Candido, aquilo que ele chamou de "crítica integrativa" (CANDIDO, 2006a, p. 36), baseada na variação de perspectivas para alcançar melhor a variedade dos objetos, uma atitude, por si só, materialista, pois atenta ao caráter autotransformador do concreto.¹⁶

CONCLUSÃO

Por tudo o que ficou dito, temos uma figura que se projeta devido à coerência das ideias, à postura ética, profissional e política, à contribuição intelectual de ponta, como se não bastassem os livros e artigos que vêm marcando gerações seguidas de pesquisadores e estudiosos de literatura, história, sociologia, educação etc. Contudo, como dissemos no início deste artigo, nosso interesse não é promover o culto da personalidade, como se pudéssemos esgotar em um único indivíduo um caudal intenso de tendências, encaminhamentos e respostas. Por essa escolha, sem dúvida, a contribuição de Antonio Candido estaria bem demarcada e sua pessoa reconhecida pelo trabalho e pelas conquistas; mas isso poderia incorrer em uma espécie

¹⁶ Ver a "Introdução" de **Grundrisse** (MARX, 2011, p. 79-64).

de efeméride contrária à índole discreta do personagem, além de desdizer o método de análise que ele conseguiu depurar, baseado na inserção do objeto em seu contexto correspondente e significativo, pois tão importante quanto o tema de reflexão é o processo no qual ele se insere.

Analisando-se as entrevistas de Antonio Candido, percebese que ele próprio toma recuo de sua pessoa e a situa no jogo de forças (pessoais, históricas, políticas etc.) da época vivida, pontuando a dialética entre obra, vida e mundo de maneira despretensiosa, fazendo parecer natural o que na verdade é um resultado de forças dirigidas: "Sou um homem dependente do decênio de 1930" (CANDIDO, 1997, p. 14).17 Ora, como se sabe, a década de 1930 foi palco de mudanças tremendas, que levavam a uma superação mais seletiva e definitiva dos resíduos oitocentistas que sobreviveram à passagem do século, resquícios que souberam, no entanto, contornar as consequências de grandes eventos, como a abolição da escravidão e a proclamação da República, que, afinal, não se confirmaram como tão grandes assim. 18 Também no âmbito da cultura, o verniz da Belle Époque e a eclosão do modernismo não foram suficientes para superar as iniquidades políticas e econômicas da modernização de molde burguês-capitalista que representavam.¹⁹

É comum encontrar, nas entrevistas, referências à década de 1930 e sua influência sobre Antonio Candido e sua geração. Em uma dessas passagens, lemos: "O decênio de 1930 foi de fermentação e de opções drásticas para a mocidade, levando-nos a nos politizarmos, não apenas em função do Brasil, mas dos acontecimentos internacionais. [...] Havia uma onda de radicalização que percorreu todo o decênio de 1930 e da qual tenho saudade. Muita saudade, mesmo, porque parecia que as coisas iam dar certo. Que íamos lutar contra o fascismo, íamos derrubá-lo e abrir caminho para o socialismo." (CANDIDO, 2001b, p. 7). Ver também, "Literatura e cultura de 1900 a 1945" (CANDIDO, 1985, p. 109-138).

¹⁸ Ver Oliveira (2018).

¹⁹ Ver Prado (2010).

A década de 1930 trouxe uma série de condicionantes que um indivíduo sensível às demandas de uma sociedade desalinhada saberia aproveitar. Mais do que isso, as ocorrências do período se sedimentaram nas múltiplas dimensões da vida, fazendo confluir o interesse intelectual (sem ser necessariamente acadêmico) e a atividade política (sem ser necessariamente partidária) no fluxo das transformações do País e do mundo; além disso, atravessam e dão lastro às linhas de força que delimitam um raio de ação e que foram nosso objeto de análise: a opção pela clareza (na medida em que sacudia fora o ranço bolorento da linguagem "especializada"),²⁰ o viés de esquerda (premido pela disputa ideológica entre fascismo, socialismo e liberalismo, que se formalizou no período entreguerras) e o pendor materialista (atitude realimentada pela urgência de pensar os impasses do desenvolvimento social brasileiro).

Estamos diante da reprodução peculiar (porque o contexto e a personalidade são outros) daquele "sentimento íntimo" de que falava Machado de Assis:²¹ cabe ao intelectual interessado na realidade apresentada por seu tempo e País tomar providências, mesmo quando a sociedade como um todo não dá por elas.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. O mestre dos grandes mestres. In: ABRAMOVICH, Fanny. **Quem educa quem?** São Paulo: Círculo do livro, 1990. p. 105-136.

O que se deve em grande parte a publicações que impressionaram aquela geração, como Casa grande & senzala e Raízes do Brasil. Ver Candido (2006e).

²¹ Assis (2008).

ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira:** dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ARRIGUCCI JR., Davi. Movimentos de um leitor. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (org.). **Dentro do texto, dentro da vida:** ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Sales, 1992. p. 181-204.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: ASSIS, Machado de. **Obras completas em quatro volumes.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 3, p. 1203-1211.

CANDIDO, Antonio. A passagem do dois ao três (contribuição para o estudo das mediações na análise literária). **Revista de história**, São Paulo, v. L, n. 100, p. 787-799, out./nov., 1974.

CANDIDO, Antonio. Literatura-Sociologia: análise de "O cortiço" de Aluísio Azevedo. **Cadernos da PUC,** Rio de Janeiro, n. 28, p. 121-134, 1976.

CANDIDO, Antonio. La literatura de América Latina: unidad y conflicto. [Entrevista cedida a] Beatriz Sarlo. **Punto de Vista**. Buenos Aires, n. 8, mar./jun. 1980, p. 3-9.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento). In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 7 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. p. 3-15.

CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero.** São Paulo: Edusp, 1988a.

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido: a militância por dever de consciência. [Entrevista cedida a] Eder Sader e Eugênio Bucci. **Teoria & Debate**. São Paulo, n. 2, mar., 1988b, p. 1-11. Disponível em: https://teoriaedebate.org.br/1988/03/01/a-militancia-por-dever-de-consciencia/». Acesso em: 6 fev. 2019.

CANDIDO, Antonio. Teresina e seus amigos. In: CANDIDO, Antonio. **Teresina etc**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992a. p. 13-73.

CANDIDO, Antonio. Entrevista. CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992b. p. 229-246.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CANDIDO, Antonio. Marxismo e militância. [Entrevista cedida a] José Pedro Renzi. **Praga:** revista de estudos marxistas, São Paulo, n.1, set./dez. 1996, p. 5-26.

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. [Entrevista cedida a] Aldo Lima *et al.* **Investigações**: linguística e teoria literária, Recife, v. 7, set., 1997, p. 7- 39. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/issue/view/92. Acesso em: 8 fev. 2019.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula:** caderno de análises literárias. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudos sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. 9 ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001a.

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. [Entrevista cedida a] Heloísa Pontes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, out. 2001b, p. 1-31. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092001000300001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 fev. 2019.

CANDIDO, Antonio. Entrevista. In: JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida:** Os parceiros do rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: UFMG. São Paulo: Fapesp, 2002. p. 125-176.

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido. [Entrevista cedida a] Luís Augusto Fischer. **Literatura e sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 12, dez., 2006a, p. 28-37. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25198/26984. Acesso em: 6 fev. 2019.

CANDIDO, Antonio. A experiência hispano-americana de Antonio Candido. [Entrevista cedida a] Pablo Rocca. **Literatura e sociedade.** São Paulo, v. 14, n. 12, dez., 2006b, p. 18-27. Disponível em: www.revistas.usp.br/ls/article/view/25197/26983. Acesso em: 6 fev. 2019.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos, 1750-1880. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006c.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006d.

CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006e. p. 235-250.

CANDIDO, Antonio. A literatura é uma transfiguração da realidade. [Entrevista cedida a] Luís Augusto Fischer *et al.* **O eixo e a roda:** Revista de literatura brasileira, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, jan./jun., 2011a, p. 157-162.

CANDIDO, Antonio. O socialismo é uma doutrina triunfante. [Entrevista concedida a] Joana Tavares. **Brasil de fato**, Rio de Janeiro, ago., 2011b, p. 1-7.

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. [Entrevista cedida a] Jorge Coli. **Aurora:** revista de arte, mídia e política. São Paulo, v. 10, n. 32, jun./set., 2018, p. 172-183. Disponível em: http://ken.pucsp.br/aurora/article/view/39695/27033. Acesso em: 10 fev. 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique. Um ex-aluno. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (org.). **Dentro do texto, dentro da vida:** ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Sales, 1992. p. 37-40.

CARVALHOSA, Modesto. Educação, universidade e movimento docente. In: AGUIAR, Flávio (org.). **Antonio Candido:** pensamento e militância. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 219-236.

CHIAPPINI, Ligia. Um mestre no ensino e no ensaio. In: AGUIAR, Flávio (org.). **Antonio Candido:** pensamento e militância. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 52-60.

CLARO, Sílvia Mussi da Silva. O ensaio e aula. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (org.). **Dentro do texto, dentro da vida:** ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Sales, 1992. p. 213-217.

DANTAS, Vinícius (org.). **Bibliografia de Antonio Candido.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. 2 v.

FERNANDES, Florestan. O mestre exemplar. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (org.). **Dentro do texto, dentro da vida:** ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Sales, 1992. p. 33-36.

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858; esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MORAES, João Quartim de. A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros. In: MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil:** os influxos teóricos. Campinas: Unicamp, 1995. v. 2, p. 45-100.

MOURA, Flávio; MONTERO, Paula (org.). **Retrato de grupo:** 40 anos do Cebrap. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

OLIVEIRA, Francisco de. O adeus do futuro ao país do futuro: uma biografia breve do Brasil. In: OLIVEIRA, Francisco de. **Brasil:** uma biografia não autorizada. São Paulo: Boitempo, 2018.

PRADO, Antonio Arnoni. **Itinerário de uma falsa vanguarda:** os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo. São Paulo: Ed. 34, 2010.

SCHWARZ, Roberto *et al.* **Nós que amávamos tanto "O capital":** leituras de Marx no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2017.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de "Dialética da malandragem". In: SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 129-155.

TRÊS ANTÔNIOS e um Jobim (1993). Direção: Rodolfo Brandão. Produção: Augusto Casé. Entrevista: Zuenir Ventura. Rio de Janeiro: Elipse Televisão & Cinema, 2017. (Média-Metragem).

WAIZBORT, Leopoldo. A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Entrevista de Antonio Candido sobre Jurandir Ferreira

Ludmila Menezes Zwick*

Sua alma é altruísta e modesta, condescendente e discreta [...] essas qualidades nada trazem de bom ao indivíduo que as possui, visto como, por serem tão extraordinárias, passam sempre como coisas absurdas às quais os homens que se consideram esclarecidos jamais prestam a menor atenção. As qualidades realmente superiores são inacreditáveis ou todos procuram obscurecê-las, quando não procuram tirar delas o melhor partido para si (FERREIRA, 1972, p. 99).

A força real e verdadeira está no coração e na palavra dos bons. Com ela todos os prodígios são realizáveis. Até mesmo esse milagre de salvar o Brasil, tão inverossímil, tão escandaloso, mesmo como simples enunciação de uma probabilidade remota (FERREIRA, 1991, p. 36).

Muitos dos aspectos primitivos e das belas condições de vida em Poços de Caldas o boi bebeu e estão bebidos para sempre (FERREIRA, 1991, p. 245).

^{*} Mestre em Estética e História da Arte e doutora em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo (USP).

Apresentação

Era ainda o período em que, para mim, o senhor Antonio Candido integrava apenas o restrito conjunto de pessoas¹ a quem entrevistei para minha pesquisa de iniciação científica acerca do escritor poços-caldense Jurandir Ferreira (1905-1997).² Assim sendo, conversei com ele tal como vinha fazendo com os demais entrevistados, quase todos pertencentes à sua geração; alguns deles, caros amigos seus, caso de Resk Frayha (1915-2008).

Num finzinho de tarde do início de 2001, toca o telefone em minha casa, em Poços de Caldas; era o próprio senhor Antonio Candido. Eu já havia agendado a visita a ele, em São Paulo, e ele havia ligado porque percebera que não me seria fácil chegar ao endereço que me indicara (nesse período, estudantes como eu não tinham computador pessoal e somente pouco acesso à internet, e eu havia ido a São Paulo apenas uma única vez com outros estudantes a fim de visitar o Museu do Ipiranga). Disse-me, pois, para apanhar papel e caneta e anotar cada pormenor – as estações do metrô e as ruas que levariam à sua casa. Tratava-se de um tipo de generosidade e percepção muito próprias a todos os que eu estava entrevistando naquele período. Pouco tempo depois, com

Além de Antonio Candido, entrevistei Graciema Ferreira (irmã de Jurandir), o médico Benedicto Cauby Ferreira (sobrinho do autor), o engenheiro de minas Resk Frayha, o escritor Chico Lopes, as professoras Olga e Beatriz Monteiro (primas da esposa de Jurandir), Marcos Vinícius de Moraes (da Academia Poços-caldense de Letras), o médico Benedictus Mário Mourão e o historiador Odilon Nogueira de Matos. Geralmente à tarde, seguia sozinha, munida de um pequeno gravador, para obter informações sobre Jurandir Ferreira; cada entrevistado preencheu pelo menos uma fitinha cassete. Com a maioria deles estive em mais de uma ocasião e, visto que todos possuíam conhecimentos substanciais sobre muitos assuntos, nossas conversas foram, para mim, muito enriquecedoras. Apesar da distância de gerações, alguns dos entrevistados se tornaram meus amigos; cito, em especial, dona Graciema.

² A respeito do autor, há o trabalho de referência e fôlego Viana (2007).

genuíno refinamento, o senhor Antonio Candido recebeu-nos em São Paulo (nesse caso, meu orientador, o professor Gérson Pereira Filho, fez questão de me acompanhar), ocasião em que me deu quatro de seus livros, autografando um deles, sem que eu chegasse a solicitá-lo.

Passados alguns meses, recebo outro telefonema, era o senhor Antonio Candido me informando que estava em Poços e que, como havia combinado, me avisava para que continuássemos a conversa. Tanto em Poços como na vez anterior em São Paulo, falamos um par de horas, tarde afora; eu, sem qualquer traquejo acadêmico. Falamos sobre política e sobre autores mineiros, sobre autores como Euclides da Cunha e sobre o Rio Pardo, e, claro, também sobre Jurandir Ferreira. Não gravei ou filmei essas conversas, coisa que nem me ocorreu. Mais tarde compreendi que ele ouvia as opiniões literárias de uma jovem com intuito de fazer o que faz o bom professor: aproximar o leitor do autor, não tornar a literatura algo inalcançável. Ouvia sem qualquer vestígio de desdém aquelas minhas observações de leitora comum. Falamos também de pessoas que ambos conhecíamos, sem que essas conversas ainda tivessem relação com a entrevista apresentada aqui, feita via correspondência, já que Antonio Candido preferiu responder por escrito.

Naquele tempo, meu fascínio ainda ingênuo me fazia perambular pelos arquivos de Poços de Caldas; frequentava o acervo do Museu Histórico e Geográfico para ler os jornais com as crônicas de Jurandir Ferreira — pretendia traçar um roteiro turístico extraído de sua obra—e consultava variados documentos, como os das Thermas Antonio Carlos. Lá, certa tarde, depareime com um documento referente ao pai do professor Antonio Candido, Aristides Mello e Souza. No documento, porém,

constava Aristides **Souza e Mello**, do que deduzi que seria essa, então, a ordem correta dos sobrenomes de Antonio Candido. Ao me dar conta do equívoco, tratei de esclarecê-lo, mas o professor já enviara a resposta a minhas perguntas, na qual constava: "Anote que o meu sobrenome é Mello e Souza, não Souza e Mello. Mas, curiosamente, você deu sem querer a versão correta. O pai de meu bisavô se chamava Souza Mello, mas ali pela altura da Independência, ocorreu uma inversão, não se sabe por que... De modo que ao errar você acertou". Mais tarde, em conversa, ele ainda brincou com esse acerto do meu erro.

u melhor nos textos curtos, de maneira que não espanta do Rio em <u>Correspondência de uma estação de cura</u>. Valeria a pena c o fato de ter Fido mais éxito no conto que no romance. O romance reparar a vida descrita, por exemple en Un ceu entre nontachan, com o quer folego mais extenso e pressupõe un sounulo de informação que coritmo atual do turismo caldense. lide com o neu gosto pela mintene e o golpe de vista - rápido. Unbora haja muitas qualidades em livros como <u>Un séu entre montanhan</u> e Telemaco (sendo o princiro un retrato ficcional de Popos). O ladrão de guarda chura me parece afielhor obra meste gênero, justamente porque mo mais um conto longo do que romance propriamente dito. Creio que Cara Lubnila: as muas nelhores realizações ficcionais estão on narrativas breves, di vai o que orie pedia. Beixei le responsar como "Noite de Natal", que tiros prêmio no concurso de contos do Paàs propunter Seb Lo 12 Bloss raná e está no volume Saja branca. to entherista poque tarion muito traballo. 5. Se você fonce... anche que o mese volveneme i Nella Source R. A difficil diser. Talves as suas afinidades sejas com escritores minão Souve e Mello. Mas covirsamento, voci se sen que neiros que são, como ele, sobrios, corretos e buriladores, caresterisalos por uma mabedoria que faz evitar os extrenos e contemplar a vida Gridricas de um Escalo maio deseccentado, como Gridricas Mangel, est a service correto. O pai he men livari en chamero Source Mello, man, eli pole alhers so Tadepostincio, Eduardo Frieiro, Ciro dos Anjos. operer uma inversas, não se sake por que ... be moto 6. 0 que Poços poderia... que as ever vois a certain. R. Jurantir fot um dos poçoscaldenses que mais fineran para exprimir e defender a realidade propria da cidade. Ele merece o recombocim Forendo roto de bom trabalho, cumpo:coletivo e o seu nome deveria ser dado a una instituição cultural ou ducacional, a una rua, a un prenio, etc. Coissa assin. Sen falar que ner sce un husto, como seu padrinho Jedro Banches de Lesos, figura tu-Autorio Cantilo telar da cidade. mais 42001 Finalizando: o tema indicado me parces viável, embera eu mão temba refletido a respeito. No meu tempo, quando os visitantes de Poços costumavam ficar pelo memos vinte e um diass, e inexistia o turisme fin-de-scoars, os sais cultos procuravas ler para ocupar o tempo. Isso explica / xistoncia de uma livraria como a Vida Social. Imaginando que qued vai a loços possa tambés querer ler, de livros de Juraniir estariam naturalmente indicados. Quanto a quem deneja estudar, como você, a amálime dos mesmos se impõe, porque Jurandir foi dos raros escritores a captar a atmosfera das estações de água, como fez João

Figura 1. Última página da carta

Fonte: Acervo pessoal

Transcrição da entrevista datilografada

Primeiro bloco

Ludmila Menezes Zwick: Fale sobre sua relação e de sua família com a cidade de Poços de Caldas:

Antonio Candido: Meu avô materno, José de Carvalho Tolentino, médico no Rio, foi um dos sócios da Empresa que arrendou do governo de Minas a exploração das águas de Poços de Caldas, e que transformou o pequeno povoado em estação termal a partir de 1882. Ele morou em Poços com a família no período em que foi diretor, nos anos de 1880 e, depois, de 1891 a 1896, quando terminou a construção do segundo balneário (Macacos), vendeu as suas ações (era o maior acionista) e voltou ao Rio, morrendo logo depois. Minha mãe nasceu em Poços no ano de 1893. Por coincidência, quando o governo de Minas resolveu explorar diretamente as águas e efetuou a grande transformação da cidade a partir de 1926, sob a direção de Carlos Pinheiro Chagas, meu pai, Aristides de Mello e Souza, que clinicava na sua terra, Cássia, no Sudoeste de Minas, foi contratado para dirigir os novos serviços termais, de modo que veio a fazer mais ou menos o mesmo que meu avô fizera em caráter privado. Ele dirigiu as termas de 1930 a 1936 e a seguir voltou à clínica particular. Chegamos a Poços em janeiro de 1930, ele morreu no começo de 1942, mas conservamos a casa e sempre a frequentamos, até vendê-la em 1989, tendo-a, portanto, ocupado por quase sessenta anos. Como vê, a nossa ligação com Poços durou mais de um século.

Ludmila Menezes Zwick: Descreva a visão de Poços de Caldas em seus vários aspectos de quando o Sr. ali viveu:

Antonio Candido: Poços era uma pequena cidade encantadora quando chegamos. Tinha 12 mil habitantes e um ritmo agradável: nos meses de "estação", quando vinham os "banhistas", como se dizia, ficava movimentada, cheia de gente de fora, figurões, grã-finos, moças e rapazes alegres que enchiam os hotéis, dançavam, passeavam. O jogo movimentava tudo, havia orquestras e salas de baile, concursos hípicos, corridas de automóveis, etc. Isso, mais ou menos de dezembro a abril. No resto do ano, pouco movimento, vida pacata, num ambiente bonito entre os morros. Era um mundo incomparável para jovens como eu e meus amigos, mas para os pobres podia ser muito duro nos meses do chamado "intervalo", quando os que viviam do movimento de forasteiros ficavam sem meios de ganhar a vida. Nós tínhamos em casa um termômetro disso, pois então apareciam meninos e rapazinhos pedindo alimento e minha mãe lhes fornecia diariamente de 6 a 8 almoços servidos no terraço. Mas quando começava a "estação" e suas oportunidades, todos desapareciam e só voltavam no próximo "intervalo".

Ludmila Menezes Zwick: Viver em Poços influenciou de alguma forma sua carreira acadêmica e literária? Como?

Antonio Candido: Para mim, viver em Poços foi antes de mais nada viver na casa de meus pais, retirada então do centro, favorável ao tipo de vida que levávamos, com poucas relações e muito convívio íntimo. Meus pais tinham uma biblioteca (em parte doada para a Faculdade de Poços) e se preocupavam em

nos iniciar nos conhecimentos literários, históricos e científicos. Além disso, havia na cidade uma livraria notável, a Vida Social, na rua Bahia, atual Prefeito Chagas, onde era possível comprar não apenas livros brasileiros, mas também franceses e ingleses. Era uma verdadeira mina, porque meu pai nos deixava comprar à vontade. Devo dizer também que o colégio onde estudamos, e depois foi dado aos maristas, era modesto, mas estimulante, e nele tive alguns ótimos professores, dos quais quero mencionar Edmundo Gouveia Cardillo, grande mestre do português, e dona Maria Ovídia Junqueira, senhora de grande cultura, que me iniciou na bibliografia de língua inglesa e exerceu sobre mim grande influência. A minha adolescência em Poços foi muito agradável. E até 1989 a nossa casa continuou para mim um lugar de estudo e trabalho intelectual, com a sua biblioteca e por assim dizer a inspiração de meus pais. Como eu passava nela as férias e ia frequentemente durante o período letivo, às vezes todos os fins de semana, creio que, somando tudo, ficava anualmente em Poços de 3 a 4 meses.

Ludmila Menezes Zwick: O Sr. soube que a casa em que residiu sua família na Rua Capitão Afonso Junqueira em Poços de Caldas foi demolida, embora houvessem iniciativas para preservá-la como patrimônio cultural? O que pensa sobre isso?

Antonio Candido: Soube e não fiquei abalado. Ela estava tão maltratada e desfigurada, que quando recebi a notícia senti certo alívio, como se fosse a morte libertadora, pondo um termo ao seu martírio.

Segundo bloco

Ludmila Menezes Zwick: Como foi seu relacionamento com o escritor poços-caldense Jurandir Ferreira?

Antonio Candido: Lembro de Jurandir desde 1930, quando fomos morar em Poços. Ele trabalhava na Farmácia Santa Teresinha, de Martinho Mourão, na rua Junqueiras, e logo depois fundou a Farmácia Rosário, na rua então denominada Paraná, atual Assis Figueiredo, esquina de Pernambuco. Mais tarde vendeu-a e estabeleceu um laboratório de análises. Durante muito tempo só o conheci de vista, inclusive porque era bem mais velho do que eu. Guardo a lembrança de ver na rua um rapaz discreto, de ar severo e concentrado, muito elegante, vivendo meio à parte com a sua senhora, a benemérita Elza Monteiro Ferreira. Lembro também que sempre teve preocupação com assistência social, tanto assim que idealizou a Gota de Leite, ideia assumida pelo prefeito Figueiredo e realizada a seu pedido por dona Maria Ovídia Junqueira à frente de um grupo de senhoras, entre as quais minha mãe, Clarice Tolentino de Mello e Souza. Mais tarde Elza e Jurandir criaram o S.O.S., organização que foi realmente exemplar. Só comecei a ter relações com eles quando minha família já não morava na cidade, depois da morte do meu pai em 1942. Creio que Elza e Jurandir se interessaram por mim quando me tornei crítico literário da Folha da Manhã, em 1943. Nas férias de julho de 1944 me procuraram e a partir de então formamos uma boa amizade, que durou enquanto viveram, com muito afeto recíproco. Eu os via geralmente nas estadias mais longas do período de férias. Devo dizer que essas relações tinham um precedente: o maior amigo de Jurandir, se não me

engano, foi meu primo João de Mello Macedo, bom poeta e seu colega na Faculdade de Farmácia de Pouso Alegre. Por falar em parentesco, acho oportuno dizer que Jurandir tinha um primo muito culto e inteligente, Leopoldo Ferreira, que morreu relativamente moço. Com pseudônimo de Leo Ferrer, ele fazia semanalmente uma crônica denominada "Prosa Bárbara" no jornal **Revista de Poços de Caldas**. Isso foi na primeira metade dos anos de 1930.

Ludmila Menezes Zwick: Fale sobre Jurandir Ferreira, a pessoa, o amigo:

Antonio Candido: Jurandir era um homem finíssimo, discreto, que ouvia com muita deferência e falava de maneira natural, pausada e serena. Era de aspecto tranquilo e equilibrado, mas de temperamento forte, e muito decidido quando se tratava de afirmar os seus pontos de vista. Amava profundamente a sua cidade e procurava defendê-la pela ação e a escrita sempre que houvesse ameaça à sua integridade e ao teor da sua vida. Assim foi que escreveu com veemência contra o teleférico, o calamitoso e acintoso monotrilho, o abuso desnecessário de prédios altos e muita coisa mais, como se pode ver nas suas crônicas. O seu convívio era um raro prazer.

Ludmila Menezes Zwick: Fale sobre Jurandir Ferreira, o escritor:

Antonio Candido: Jurandir era um mestre da língua. Pouca gente a usou tão bem, com tanta correção, elegância

e expressividade. Pertencia à família dos buriladores, que consagram um esforço tenaz para conseguir a expressão exata e bem torneada. Isso tinha raízes na sua extensa cultura, começada desde muito moço e desenvolvida pela vida afora por meio de leituras constantes. A sua obra tem vários aspectos e vários níveis. Eu diria, simplificando, que foi poeta e romancista apreciável, contista de muita qualidade e verdadeiro mestre da crônica. Creio que uma de suas forças foi não ter ficado escravo das modas literárias. Ele formou a sua maneira própria desde bem moço, com base nos escritores clássicos e nos que eram modernos no começo do século. Por meio deles forjou um estilo sem compromissos de escola, capaz de manifestar a sua visão do mundo e dos seres.

Ludmila Menezes Zwick: Sabemos que Jurandir Ferreira sempre oferecia ao Sr. seus livros autografados, como prova de amizade e confiança em sua crítica. Quais livros dele o Sr. considera mais valiosos do ponto de vista literário?

Antonio Candido: Ficou implícito no que acabo de dizer que acho as crônicas a sua produção mais sólida. A crônica é um gênero muito brasileiro, com praticantes de alta qualidade, desde Machado de Assis e Olavo Bilac até Rubem Braga e Rachel de Queiroz, sem falar nos grandes poetas modernistas: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Carlos Drummond. Jurandir se enquadra honrosamente nessa linha, porque soube usar a nota breve para transmitir mensagens condensadas, elegantes e sugestivas. Neste terreno, repito, é de fato magistral. Essas observações sugerem que se realizou melhor nos textos curtos, de maneira que não espanta o fato de ter tido mais êxito no conto que no romance. O romance requer fôlego mais extenso e pressupõe

um acúmulo de informação que colide com o seu gosto pela síntese e o golpe de vista rápido. Embora haja muitas qualidades em livros como **O** céu entre montanhas e Telêmaco (sendo o primeiro um retrato ficcional de Poços), Um ladrão de guardachuvas me parece a sua melhor obra nesse gênero, justamente porque é mais um conto longo do que romance propriamente dito. Creio que as suas melhores realizações ficcionais estão em narrativas breves, como "Noite de Natal", que tirou prêmio no concurso de contos do Paraná e está no volume **Saia branca**.

Ludmila Menezes Zwick: Se fosse estabelecer um paralelo entre Jurandir e outro representante da literatura brasileira, com qual seria?

Antonio Candido: É difícil dizer. Talvez as suas afinidades sejam com escritores mineiros que são, como ele, sóbrios, corretos e buriladores, caracterizados por uma sabedoria que faz evitar os extremos e contemplar a vida de um ângulo meio desencantado, como Godofredo Rangel, Eduardo Frieiro, Ciro dos Anjos.

Ludmila Menezes Zwick: O que Poços de Caldas poderia fazer para prestar um justo reconhecimento a Jurandir Ferreira? Em sua opinião, acha viável o vínculo entre turismo e literatura, o turismo literário?

³ Passado o tempo, pude perceber em conversa com o senhor Antonio Candido que o conto em questão na verdade chama-se "As estrelas".

⁴ Primeiro Concurso Nacional de Contos, realizado em Curitiba, em 1968. Ao lado de contos de autores como Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Flávio José Cardozo, Luiz Vilela e Dalton Trevisan, o texto de Jurandir Ferreira foi publicado naquele mesmo ano no volume Os 18 melhores contos do Brasil.

Antonio Candido: Jurandir foi um dos poços-caldenses que mais fizeram para exprimir e defender a realidade própria da cidade. Ele merece o reconhecimento coletivo e o seu nome deveria ser dado a uma instituição cultural ou educacional, a uma rua, a um prêmio, etc.⁵ Coisas assim. Sem falar que merece um busto, como seu padrinho Pedro Sanches de Lemos, figura tutelar da cidade.

Finalizando: o tema indicado me parece viável, embora eu não tenha refletido a respeito. No meu tempo, quando os visitantes de Poços costumavam ficar pelo menos vinte e um dias, e inexistia o turismo fim-de-semana, os mais cultos procuravam ler para ocupar o tempo. Isso explica a existência de uma livraria como a Vida Social. Imaginando que quem vai a Poços possa também querer ler, os livros de Jurandir estariam naturalmente indicados.

Quanto a quem deseja estudar, como você, a análise dos mesmos se impõe, porque Jurandir foi um dos raros escritores a captar a atmosfera das estações de água, como fez João do Rio em **Correspondência de uma estação de cura**. Valeria a pena comparar a vida descrita, por exemplo em **Um céu entre montanhas**, com o ritmo atual do turismo caldense.

Na ocasião ainda não havia sido inaugurada a Biblioteca Jurandir Ferreira, no Instituto Moreira Salles. Além da biblioteca pessoal, o autor deixou documentos como as correspondências com Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, André Maurois, Anatole France e com o próprio Antonio Candido.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Jurandir Ferreira**. Poços de Caldas-São Paulo, mai. 2001. Entrevista concedida a Ludmila Menezes Zwick. 6 p. datilografadas. Não publicada.

FERREIRA, Jurandir. **Saia branca**. São Paulo: Duas Cidades, 1972

FERREIRA, Jurandir. **Da quieta substância dos dias**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1991.

VIANA, Huendel Junio. **Jurandir Ferreira**: o escritor escondido - biografia, seleção de textos e catálogo bibliográfico. 2007. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-22052007-135951. Acesso em: 20 nov. 2019.

Antonio Candido. Entrevista concedida a Joana Tavares¹ "O socialismo é uma doutrina triunfante"

Brasil de Fato: Nos seus textos é perceptível a intenção de ser entendido. Apesar de muito erudito, sua escrita é simples. Por que esse esforço de ser sempre claro?

Antonio Candido: Acho que a clareza é um respeito pelo próximo, um respeito pelo leitor. Sempre achei, eu e alguns colegas, que, quando se trata de ciências humanas, apesar de serem chamadas de ciências, são ligadas à nossa humanidade, de maneira que não deve haver jargão científico. Posso dizer o que tenho para dizer nas humanidades com a linguagem comum. Já no estudo das ciências humanas eu preconizava isso. Qualquer atividade que não seja estritamente técnica, acho que a clareza é necessária inclusive para pode divulgar a mensagem, a mensagem deixar de ser um privilégio e se tornar um bem comum.

Brasil de Fato: O seu método de análise da literatura parte da cultura para a realidade social e volta para a cultura e para o texto. Como o senhor explicaria esse método?

Antonio Candido: Uma coisa que sempre me preocupou muito é que os teóricos da literatura dizem: é preciso fazer isso, mas não fazem. Tenho muita influência marxista – não

¹ CANDIDO, Antonio. O socialismo é uma doutrina triunfante. [Entrevista cedida a] Joana Tavares. **Brasil de Fato**, Rio de Janeiro, n. 435, 8 ago. 2011. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/node/6819/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

me considero marxista, mas tenho muita influência marxista na minha formação e também muita influência da chamada escola sociológica francesa, que geralmente era formada por socialistas. Parti do seguinte princípio: quero aproveitar meu conhecimento sociológico para ver como isso poderia contribuir para conhecer o íntimo de uma

obra literária. No começo eu era um pouco sectário, politizava um pouco demais minha atividade. Depois entrei em contato com um movimento literário norte-americano, a nova crítica, conhecido como new criticism. E aí foi um ovo de colombo: a obra de arte pode depender do que for, da personalidade do autor, da classe social dele, da situação econômica, do momento histórico, mas quando ela é realizada, ela é ela. Ela tem sua própria individualidade. Então a primeira coisa que é preciso fazer é estudar a própria obra. Isso ficou na minha cabeça. Mas eu também não queria abrir mão, dada a minha formação, do social. Importante então é o seguinte: reconhecer que a obra é autônoma, mas que foi formada por coisas que vieram de fora dela, por influências da sociedade, da ideologia do tempo, do autor. Não é dizer: a sociedade é assim, portanto a obra é assim. O importante é: quais são os elementos da realidade social que se transformaram em estrutura estética. Me dediquei muito a isso, tenho um livro chamado Literatura e sociedade que analisa isso. Fiz um esforço grande para respeitar a realidade estética da obra e sua ligação com a realidade. Há certas obras em que não faz sentido pesquisar o vínculo social porque ela é pura estrutura verbal. Há outras em que o social é tão presente – como **O cortiço** [de Aluísio Azevedo] – que é impossível analisar a obra sem a carga social. Depois de mais maduro, minha conclusão foi muito óbvia: o crítico tem que proceder conforme a natureza de cada obra que ele analisa. Há obras que pedem um método psicológico, eu uso; outras pedem estudo do vocabulário, a classe social do autor, uso. Talvez eu seja aquilo que os marxistas xingam muito que é ser eclético. Talvez eu seja um pouco eclético, confesso. Isso me permite tratar de um número muito variado de obras.

Brasil de Fato: Teria um tipo de abordagem estética que seria melhor?

Antonio Candido: Não privilegio. Já privilegiei. Primeiro o social; cheguei a privilegiar mesmo o político. Quando eu era um jovem crítico, eu queria que meus artigos demonstrassem que era um socialista escrevendo com posição crítica frente à sociedade. Depois vi que havia poemas, por exemplo, em que não podia fazer isso. Então passei a outra fase em que passei a priorizar a autonomia da obra, os valores estéticos. Depois vi que depende da obra. Mas tenho muito interesse pelo estudo das obras que permitem uma abordagem ao mesmo tempo interna e externa. A minha fórmula é a seguinte: estou interessado em saber como o externo se transformou em interno, como aquilo que é carne de vaca vira croquete. O croquete não é vaca, mas sem a vaca o croquete não existe. Mas o croquete não tem nada a ver com a vaca, só a carne. Mas o externo se transformou em algo que é interno. Aí tenho que estudar o croquete, dizer de onde ele veio.

Brasil de Fato: O que é mais importante ler na literatura brasileira?

Antonio Candido: Machado de Assis. Ele é um escritor completo.

Brasil de Fato: É o que senhor mais gosta?

Antonio Candido: Não, mas acho que é o que mais se aproveita.

Brasil de Fato: E de qual o senhor mais gosta?

Antonio Candido: Gosto muito do Eça de Queiroz, muitos estrangeiros. De brasileiros, gosto muito de Graciliano Ramos... Acho que já li São Bernardo umas 20 vezes, com mentira e tudo. Leio o Graciliano muito, sempre. Mas Machado de Assis é um autor extraordinário. Comecei a ler com 9 anos livros de adulto. E ninguém sabia quem era Machado de Assis, só o Brasil e, mesmo assim, nem todo mundo. Mas hoje ele está ficando um autor universal. Ele tinha a prova do grande escritor. Quando se escreve um livro, ele é traduzido, e uma crítica fala que a tradução estragou a obra, é porque não era uma grande obra. Machado de Assis, mesmo mal traduzido, continua grande. A prova de um bom escritor é que mesmo mal traduzido ele é grande. Se dizem: "a tradução matou a obra", então a obra era boa, mas não era grande.

Brasil de Fato: Como levar a grande literatura para quem não está habituado com a leitura?

Antonio Candido: É perfeitamente possível, sobretudo Machado de Assis. A Maria Vitória Benevides me contou de uma pesquisa que foi feita na Itália há uns trinta anos. Aqueles magnatas italianos, com uma visão já avançada do capitalismo, decidiram diminuir as horas de trabalho para que os trabalhadores pudessem ter cursos, se dedicar à cultura. Então perguntaram:

cursos de quê vocês querem? Pensaram que iam pedir cursos técnicos, e eles pediram curso de italiano para poder ler bem os clássicos. A **Divina Comédia** é um livro com 100 cantos, cada canto com dezenas de estrofes. Na Itália, não sou capaz de repetir direito, mas algo como 200 mil pessoas sabem a primeira parte inteira, 50 mil sabem a segunda, e de 3 a 4 mil pessoas sabem o livro inteiro de cor. Quer dizer, o povo tem direito à literatura e entende a literatura. O doutor Agostinho da Silva, um escritor português anarquista que ficou muito tempo no Brasil, explicava para os operários os diálogos de Platão, e eles adoravam. Tem que saber explicar, usar a linguagem normal.

Brasil de Fato: O senhor acha que o brasileiro gosta de ler?

Antonio Candido: Não sei. O Brasil pra mim é um mistério. Tem editora para toda parte, tem livro para todo lado. Vi uma reportagem que dizia que a cidade de Buenos Aires tem mais livrarias que em todo o Brasil. Lê-se muito pouco no Brasil. Parece que o povo que lê mais é o finlandês, que lê 30 volumes por ano. Agora dizem que o livro vai acabar, né?

Brasil de Fato: O senhor acha que vai?

Antonio Candido: Não sei. Eu não tenho nem computador... as pessoas me perguntam: qual é o seu... como chama?

Brasil de Fato: E-mail?

Antonio Candido: Isso! Olha, eu parei no telefone e máquina de escrever. Não entendo dessas coisas... Estou

afastado de todas as novidades há cerca de 30 anos. Não me interesso por literatura atual. Sou um velho caturra. Já doei quase toda minha biblioteca, 14 ou 15 mil volumes. O que tem aqui é livro para visita ver. Mas pretendo dar tudo. Não vendo livro, eu dou. Sempre fiz escola pública, inclusive universidade pública, então é o que posso dar para devolver um pouco. Tenho impressão que a literatura brasileira está fraca, mas isso todo velho acha. Meus antigos alunos que me visitam muito dizem que está fraca no Brasil, na Inglaterra, na França, na Rússia, nos Estados Unidos... que a literatura está por baixo hoje em dia. Mas eu não me interesso por novidades.

Brasil de Fato: E o que o senhor lê hoje em dia?

Antonio Candido: Eu releio. História, um pouco de política... mesmo meus livros de socialismo eu dei tudo. Agora estou querendo reler alguns mestres socialistas, sobretudo Eduard Bernstein, aquele de quem os comunistas tinham ódio. Ele era marxista, mas dizia que o marxismo tem um defeito, achar que a gente pode chegar no paraíso terrestre. Então ele partiu da ideia do filósofo Immanuel Kant da finalidade sem fim. O socialismo é uma finalidade sem fim. Você tem que agir todos os dias como se fosse possível chegar no paraíso, mas você não chegará. Mas se não fizer essa luta, você cai no inferno.

Brasil de Fato: O senhor é socialista?

Antonio Candido: Ah, claro, inteiramente. Aliás, eu acho que o socialismo é uma doutrina totalmente triunfante no mundo. E não é paradoxo. O que é o socialismo? É o irmão-

gêmeo do capitalismo, nasceram juntos, na revolução industrial. É indescritível o que era a indústria no começo. Os operários ingleses dormiam debaixo da máquina e eram acordados de madrugada com o chicote do contramestre. Isso era a indústria. Aí começou a aparecer o socialismo. Chamo de socialismo todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade e ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... tudo isso. Esse pessoal começou a lutar, para o operário não ser mais chicoteado; depois, para não trabalhar mais que doze horas; depois, para não trabalhar mais que dez, oito..., para a mulher grávida não ter que trabalhar, para os trabalhadores terem férias, para ter escola para as crianças. Coisas que hoje são banais. Conversando com um antigo aluno meu, que é um rapaz rico, industrial, ele disse: "o senhor não pode negar que o capitalismo tem uma face humana". O capitalismo não tem face humana nenhuma. O capitalismo é baseado na mais-valia e no exército de reserva, como Marx definiu. É preciso ter sempre miseráveis para tirar o excesso que o capital precisar. E a mais-valia não tem limite. Marx diz na Ideologia Alemã: as necessidades humanas são cumulativas e irreversíveis. Quando você anda descalço, você anda descalço. Quando você descobre a sandália, não quer mais andar descalço. Quando descobre o sapato, não quer mais a sandália. Quando descobre a meia, quer sapato com meia e por aí não tem mais fim. E o capitalismo está baseado nisso. O que se pensa que é face humana do capitalismo é o que o socialismo arrancou dele com suor, lágrimas e sangue. Hoje é normal o operário trabalhar oito horas, ter férias... tudo é conquista do socialismo. O socialismo só não deu certo na Rússia.

Brasil de Fato: Por quê?

Antonio Candido: Virou capitalismo. A revolução russa serviu para formar o capitalismo. O socialismo deu certo onde não foi ao poder. O socialismo hoje está infiltrado em todo lugar.

Brasil de Fato: O socialismo como luta dos trabalhadores?

Antonio Candido: O socialismo como caminho para a igualdade. Não é a luta, é por causa da luta. O grau de igualdade de hoje foi obtido pelas lutas do socialismo. Portanto ele é uma doutrina triunfante. Os países que passaram pela etapa das revoluções burguesas têm o nível de vida do trabalhador que o socialismo lutou para ter, o que quer. Não vou dizer que países como França e Alemanha são socialistas, mas têm um nível de vida melhor para o trabalhador.

Brasil de Fato: Para o senhor é possível o socialismo existir triunfando sobre o capitalismo?

Antonio Candido: Estou pensando mais na técnica de esponja. Se daqui a 50 anos no Brasil não houver diferença maior que dez do maior ao menor salário, se todos tiverem escola... não importa que seja com a monarquia, pode ser o regime com o nome que for, não precisa ser o socialismo! Digo que o socialismo é uma doutrina triunfante porque suas reivindicações estão sendo cada vez mais adotadas. Não tenho cabeça teórica, não sei como resolver essa questão: o socialismo foi extraordinário para pensar a distribuição econômica, mas não foi tão eficiente para efetivamente fazer a produção. O

capitalismo foi mais eficiente, porque tem o lucro. Quando se suprime o lucro, a coisa fica mais complicada. É preciso conciliar a ambição econômica – que o homem civilizado tem, assim como tem ambição de sexo, de alimentação, tem ambição de possuir bens materiais – com a igualdade. Quem pode resolver melhor essa equação é o socialismo, disso não tenho a menor dúvida. Acho que o mundo marcha para o socialismo. Não o socialismo acadêmico típico, a gente não sabe o que vai ser... o que é o socialismo? É o máximo de igualdade econômica. Por exemplo, sou um professor aposentado da Universidade de São Paulo e ganho muito bem, ganho provavelmente 50, 100 vezes mais que um trabalhador rural. Isso não pode. No dia em que, no Brasil, o trabalhador de enxada ganhar apenas 10 ou 15 vezes menos que o banqueiro, está bom, é o socialismo.

Brasil de Fato: O que o socialismo conseguiu no mundo de avanços?

Antonio Candido: O socialismo é o cavalo de Troia dentro do capitalismo. Se você tira os rótulos e vê as realidades, vê como o socialismo humanizou o mundo. Em Cuba, eu vi o socialismo mais próximo do socialismo. Cuba é uma coisa formidável, o mais próximo da justiça social. Não a Rússia, a China, o Camboja. No comunismo tem muito fanatismo, enquanto o socialismo democrático é moderado, é humano. E não há verdade final fora da moderação, isso Aristóteles já dizia, a verdade está no meio. Quando eu era militante do PT – deixei de ser militante em 2002, quando o Lula foi eleito –, era da ala do Lula, da Articulação, mas só votava nos candidatos da extrema esquerda, para cutucar o centro. É preciso ter esquerda e direita para formar a média. Estou

convencido disso: o socialismo é a grande visão do homem, que não foi ainda superada, de tratar o homem realmente como ser humano. Podem dizer: a religião faz isso. Mas faz isso para o que são adeptos dela, o socialismo faz isso para todos. O socialismo funciona como esponja: hoje o capitalismo está embebido de socialismo. No tempo que meu irmão Roberto – que era católico de esquerda - começou a trabalhar, eu era moço, ele era tido como comunista, por dizer que no Brasil tinha miséria. Dizer isso era ser comunista, não estou falando em metáforas. Hoje, a Federação das Indústrias, Paulo Maluf, eles dizem que a miséria é intolerável. O socialismo está andando... não com o nome, mas aquilo que o socialismo quer, a igualdade, está andando. Não aquela igualdade que alguns socialistas e os anarquistas pregavam, igualdade absoluta é impossível. Os homens são muito diferentes, há uma certa justiça em remunerar mais aquele que serve mais à comunidade. Mas a desigualdade tem que ser mínima, não máxima. Sou muito otimista. [pausa]. O Brasil é um país pobre, mas há uma certa tendência igualitária no brasileiro − apesar da escravidão − e isso é bom. Tive uma sorte muito grande, fui criado numa cidade pequena, em Minas Gerais, não tinha nem 5 mil habitantes quando eu morava lá. Numa cidade assim, todo mundo é parente. Meu bisavô era proprietário de terras, mas a terra foi sendo dividida entre os filhos... então na minha cidade o barbeiro era meu parente, o chofer de praça era meu parente, até uma prostituta, que foi uma moça deflorada expulsa de casa, era minha prima. Então me acostumei a ser igual a todo mundo. Fui criado com os antigos escravos do meu avô. Quando eu tinha 10 anos de idade, toda pessoa com mais de 40 anos tinha sido escrava. Conheci inclusive uma escrava. tia Vitória, que liderou uma rebelião contra o senhor. Não tenho senso de desigualdade social. Digo sempre, tenho temperamento conservador. Tenho temperamento conservador, atitudes liberais e ideias socialistas. Minha grande sorte foi não ter nascido em família nem importante nem rica, senão ia ser um reacionário. [risos]

Brasil de Fato: A Teresina, que inspirou um livro com seu nome, o senhor conheceu depois?

Antonio Candido: Conheci em Poços de Caldas... essa era uma mulher extraordinária, uma anarquista, maior amiga da minha mãe. Tenho um livrinho sobre ela. Uma mulher formidável. Mas eu me politizei muito tarde, com 23, 24 anos de idade com o Paulo Emílio. Ele dizia: "é melhor ser fascista do que não ter ideologia". Ele que me levou para a militância. Ele dizia com razão: cada geração tem o seu dever. O nosso dever era político.

Brasil de Fato: E o dever da atual geração?

Antonio Candido: Ter saudade. Vocês pegaram um rabo de foguete danado.

Brasil de Fato: No seu livro Os parceiros do Rio Bonito o senhor diz que é importante defender a reforma agrária não apenas por motivos econômicos, mas culturalmente. O que o senhor acha disso hoje?

Antonio Candido: Isso é uma coisa muito bonita do MST. No movimento das Ligas Camponesas não havia essa

preocupação cultural, era mais econômica. Acho bonito isso que o MST faz: formar em curso superior quem trabalha na enxada. Essa preocupação cultural do MST já é um avanço extraordinário no caminho do socialismo. É preciso cultura. Não é só o livro, é conhecimento, informação, notícia... Minha tese de doutorado em ciências sociais foi sobre o camponês pobre de São Paulo – aquele que precisa arrendar terra, o parceiro.

Em 1948, estava fazendo minha pesquisa num bairro rural de Bofete e tinha um informante muito bom, Nhô Samuel Antônio de Camargos. Ele dizia que tinha mais de 90 anos, mas não sabia quantos. Um dia ele me perguntou: "ô seu Antonio, o imperador vai indo bem? Não é mais aquele de barba branca, né?". Eu disse pra ele: "não, agora é outro chamado Eurico Gaspar Dutra". Quer dizer, ele está fora da cultura, para ele o imperador existe. Ele não sabe ler, não sabe escrever, não lê jornal. A humanização moderna depende da comunicação em grande parte. No dia em que o trabalhador tem o rádio em casa ele é outra pessoa. O problema é que os meios modernos de comunicação são muito venenosos. A televisão é uma praga. Eu adoro, hein? Moro sozinho, sozinho, sou viúvo e assisto televisão. Mas é uma praga. A coisa mais pérfida do capitalismo – por causa da necessidade cumulativa irreversível – é a sociedade de consumo. Marx não conheceu, não sei como ele veria. A televisão faz um inculcamento sublim[in]ar de dez em dez minutos, na cabeça de todos – na sua, na minha, do Sílvio Santos, do dono do Bradesco, do pobre diabo que não tem o que comer – imagens de whisky, automóvel, casa, roupa, viagem à Europa - cria necessidades. E claro que não dá condições para concretizá-las. A sociedade de consumo está criando necessidades artificiais e está levando os que não têm ao desespero, à droga, miséria... Esse desejo da

coisa nova é uma coisa poderosa. O capitalismo descobriu isso graças ao Henry Ford. O Ford tirou o automóvel da granfinagem e fez carro popular, vendia a 500 dólares. Estados Unidos inteiro começou a comprar automóvel, e o Ford foi ficando milionário. De repente o carro não vendia mais. Ele ficou desesperado, chamou os economistas, que estudaram e disseram: "mas é claro que não vende, o carro não acaba". O produto industrial não pode ser eterno. O produto artesanal é feito para durar, mas o industrial não, ele tem que ser feito para acabar, essa é coisa mais diabólica do capitalismo. E o Ford entendeu isso, passou a mudar o modelo do carro a cada ano. Em um regime que fosse mais socialista seria preciso encontrar uma maneira de não falir as empresas, mas tornar os produtos duráveis, acabar com essa loucura da renovação. Hoje um automóvel é feito para acabar, a moda é feita para mudar. Essa ideia tem como miragem o lucro infinito. Enquanto a verdadeira miragem não é a do lucro infinito, é do bem-estar infinito

Quem é

Antonio Candido de Mello e Souza nasceu no Rio de Janeiro em 24 de julho de 1918, concluiu seus estudos secundários em Poços de Caldas (MG) e ingressou na recémfundada Universidade de São Paulo em 1937, no curso de Ciências Sociais. Com os amigos Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado e outros fundou a revista Clima. Com Gilda de Mello e Souza, colega de revista e do intenso ambiente de debates sobre a cultura, foi casado por 60 anos. Defendeu sua tese de doutorado, publicada depois como o livro Os Parceiros do Rio Bonito, em 1954. De 1958 a 1960, foi professor de literatura na Faculdade de Filosofia de Assis. Em 1961, passou a

dar aulas de teoria literária e literatura comparada na USP, onde foi professor e orientou trabalhos até se aposentar, em 1992. Na década de 1940, militou no Partido Socialista Brasileiro, fazendo oposição à ditadura Vargas. Em 1980, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Colaborou nos jornais **Folha da Manhã** e **Diário de São Paulo**, resenhando obras literárias. É autor de inúmeros livros, atualmente reeditados pela editora Ouro sobre Azul, coordenada por sua filha, Ana Luisa Escorel.